

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — BAPTISTA PEREIRA: *Figuras do Imperio e outros esboços* — 2.ª edição.
- 2 — PANDIÁ CALOGERAS: *O Marquez de Buriacena* — 2.ª edição.
- 3 — ALCIDES GENTIL: *As idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo)*.
- 4 — OLIVEIRA VIANNA: *Ruça e Assimilação* — (1.ª edição augmentada).
- 5 — AUGUSTE LE SAINT-HILAIRE: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822)* — Trad. e pref. de Affonso de R. Taunay — 2.ª edição.
- 6 — BAPTISTA PEREIRA: *Visões e episodios do Brasil* — 2.ª edição.
- 7 — BAPTISTA PEREIRA: *Directrizes de Ruy Barbosa* — (Segunda textos recolhidos) — 2.ª edição.
- 8 — OLIVEIRA VIANNA: *Populações Meridionaes do Brasil* — 4.ª edição.
- 9 — NINA RODRIGUES: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — OLIVEIRA VIANNA: *Evolução do Povo Brasileiro* — 3.ª edição (illustrada).
- 11 — LUIZ DA CAMARA CASQUO: *O Conde d'Eu* — Vol. illustrado.
- 12 — WANDERLEY PINHO: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Vol. illustrado.
- 13 — VICENTE LICINIO CARDOZO: *A margem da Historia do Brasil* — 2.ª ed.
- 14 — PEDRO CALMON: *Historia da Civilização Brasileira* — 3.ª edição.
- 15 — PANDIÁ CALOGERAS: *Da Hegemonia á queda do Homem* — 3.º volume da série "Relações Exteriores do Brasil".
- 16 — ALBERTO TORRES: *A Organização Nacional* — 3.ª edição.
- 17 — ALBERTO TORRES: *O Problema Nacional Brasileiro* — 2.ª edição.
- 18 — VISCOUNT DE TAUNAY: *Pedro II* — 2.ª edição.
- 19 — AFFONSO DE E. TAUNAY: *Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII)* — 2.ª edição.
- 20 — ALBERTO DE FARIA: *Minaú* (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — BAPTISTA PEREIRA: *Pelo Brasil Menor*.
- 22 — E. ROQUELLE-PINTE: *Frenios de Antropologia Brasileira*.
- 23 — ERANISTO DE MORAES: *A escravidão africana no Brasil*.
- 24 — PANDIÁ CALOGERAS: *Problemas de Administração*.
- 25 — MARIA MADRUGUEIRA: *A Hogue do Nordeste*.
- 26 — ALBERTO RANDEL: *Ruínas e Perspectivas*.
- 27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: *Populações Paulistas*.
- 28 — GENERAL COSTO DE MAGALHÃES VIAGEM AO AROGUAYÁ — 4.ª edição.
- 29 — JOSÉ DE CASTRO: *O problema da sustentação no Brasil* — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — CAP. FERDINICO A. RONSON: *Pelo Brasil Central* — Ed. illustrada — 2.ª ed.
- 31 — AZEVEDO AMARAL: *O Brasil em crise actual*.
- 32 — C. DE MELLO-LEITÃO: *Visitantes do Primeiro Imperio* — Ed. illustrada, (com 19 figuras).
- 33 — J. DE SANTIAGO FERRAZ: *Methodologia Brasileira*.
- 34 — ANOLETE COSTA: *Introdução á Archeologia Brasileira* — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. SAMPAYO: *Phytogeographia do Brasil* — Ed. illustrada — 2.ª edição.
- 36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — 3.ª edição.
- 37 — J. P. DE ALMEIDA PRADO: *Principios Povoadores do Brasil* — (Ed. illustrada).

- 28 — RUY BARBOSA: Mocidade e Exílio (Cartas inéditas (Preliminares e anotadas por Americo Jacobina Loucobo — Ed. illustrada.
- 39 — F. ROQUEITE-PINTO: Rondônia — 1.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — PEDRO CALMON: Historia Social do Brasil — 1.º Tomo — Espirito da Sociedade Colonial — 2.ª ed.ão.
- 41 — JAG-MARIA BRILLO: A intelligencia do Brasil — 3.ª edição
- 42 — PANDIÁ CALOGERAS: Formação Historica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mapas fora do texto).
- 43 — A. SABOYA LIMA: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — ESTEVÃO PINTO: Os indigenas do Nordeste (com 16 gravuras e mapas) — 1.º volume.
- 45 — BASILIO DE MACALUËS: Exposição Geographica do Brasil Colonial.
- 46 — RENAULT MENDONÇA: A influencia africana no progresso do Brasil — Ed. illustrada.
- 47 — MANUEL BONFIM: O Brasil — Com um a nota explicativa de Carlos Maut.
- 48 — URCINO VIANNA: Bandeiras e sertanistas bayanos.
- 49 — GUSTAVO BARBOSA: Historia Militar do Brasil — Ed. illustrada, com 50 gravuras e mapas — 2.ª edição.
- 50 — MARCO TRAVASSOS: Projecção Continental do Brasil — Prefacio do Patria Calogeras — 3.ª edição amplada.
- 51 — OCTAVIO DE FREITAS: Duques africanos no Brasil.
- 52 — GENERAL COSTO DE MACALUËS: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Topy-guany.
- 53 — A. J. DE SAIPAIC: Hogeographia diarchica.
- 54 — ANTONIO GONLHO DE CARVALHO — Calogeras.
- 55 — HILBERRANDO ACCIOLY: O Rescuhocimento do Brasil pelas Estados Unidos da America.
- 56 — CHARLES EXPLAY: Mulheres e Costumes do Brasil — Traducção, prefacio e notas de Gastão Pennha.
- 57 — FLACIANO RODRIGUES VALLE: Elementos do Folklore musical Brasileiro.
- 58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820) — Traducção de Carlos de Costa Pereira.
- 59 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — PAULO RIVASSEAU: A vida dos Indios Guaycurus — Edição illustrada.
- 61 — CONDE D'EU: Viagem Militar no Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fricus) — Edição illustrada.
- 62 — AGRNON AUGUSTO DE MIRANDA: O Rio São Francisco — Edição illustrada.
- 63 — RAYMUNDO MORAES: Na Planície Amazonica — 1.ª edição.
- 64 — GILBERTO FREITAS: Sobrados e Mocumbos — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Edição illustrada.
- 65 — JOÃO DORNAS FILHO: Silva Jardim.
- 66 — PRIMITIVO MOACIR: A Instrucção e o Imperio (Subsidios para a historia de educacão no Brasil) — 1823-1853 — 1.ª volume.
- 67 — PANDIÁ CALOGERAS: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e Pela Provincia de Goyaz — 1.ª parte — Traducção e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 69 — PRADO MATA: Atravez da Historia Naval Brasileira.
- 70 — AFFONSO ABINS DE NELLO FRANCO: Conceito da Civilização Brasileira.
- 71 — F. C. HOENNE — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuções).
- 72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE — Segunda viagem no interior do Brasil — "Espirito Santo" — Trad. do Carlos Madeira.
- 73 — LUCIA NIMMEL-PEREIRA: Machado do Assis — (Estudo Critico-Biographico) — Edição illustrada.
- 74 — PANDIÁ CALOGERAS — Estudos Historicos e Politicos — (Res. Noites ...) — 2.ª edição
- 75 — AFFONSO A. DE FREITAS: Vocabulario "Nheengatu" (vencaluzando pelo portuguez (inludo em S. Paulo) — Livro 1.º TOPY-GUANY
- 76 — GUSTAVO BARBOSA: Historia ecologica do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento a abdicacão do Pedro I" — Edição illustrada — 3.ª edição.

- 77 — C. DE MELLO-LEITÃO: Zoologia do Brasil — Edição ilustrada.
- 78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Província do Ceará — 2.º tomo — Tradução e notas do Cldo Ribeiro Lessa.
- 79 — CHAVEIRO COSTA: O Visconde do Itaimbu — Sua Vida e sua actuação na política nacional — 1813-1835.
- 80 — OSVALDO R. CABRAL: Santa Catharina — Edição illustrada.
- 81 — LEMUS DANTAS: A Gloriosa Sotaina do Primeiro Imperio — Pre' Caneca — Ed. illustrada.
- 82 — C. DE MELLO-LEITÃO: O Brasil Visto pelos Inglezes.
- 83 — PEDRO CALMON: Historia Social do Brasil — 2.º Tomo — Espirito do Sociedade Imperial.
- 84 — ORLANDO M. CARVALHO: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição illustrada.
- 85 — WASHINGTON PINHO: Cotegije e seu tempo — Ed. illustrada.
- 86 — AUGUSTO PINHEIRO: A Margem do Amazonas — Ed. illustrada.
- 87 — PRIMITIVO MOACET: A Instrucção e o Imperio — (Subsídios para a Historia da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1551-1888.
- 88 — HELIO LENO: Um Varão da Republica: Fernando Lobn.
- 89 — CORONEL E. LOURVAL DE MOURA: As Forças Armadas e o Destino Historico do Brasil.
- 90 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: A Evolução da Economia Paulista e seus Causas.
- 91 — ORLANDO M. CARVALHO: O Rio da Unidão Nacional: O São Francisco. — Edição illustrada.
- 92 — ALBERTANTE ANTONIO ALVES CAMARA: Etnia Sobre as Construções Navies Indigenas do Brasil — 2.ª edição illustrada.
- 93 — SERAPHIM LEITE: Páginas do Historia do Brasil.
- 94 — SALDANHA DE VAZCONCELLOS: O Fico — Minas e os Mineiros da Independencia — Edição illustrada.
- 95 — LOUI AGASSIZ e ELIZABETH CATY AGASSIZ: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Eduard Sussckind de Mendonça — Edição illustrada.
- 96 — OZORIO DA ROCHA DINIZ: A Politien que Convém ao Brasil.
- 97 — LIMA FIGUEIREDO: Oeste Paranaense — Edição illustrada.
- 98 — FERNANDO DE AZEVEDO: A Educação Publica em São Paulo, — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paul" em 1929).
- 99 — C. DE MELLO LE TJO: A Biologia do Brasil.
- 100 e 100-A — ROBERTO SIMONSENS: Historia Economica do Brasil. — 2 vols.
- 101 — HERBERT BALEES: Ensaio de Etnologia Brasileira — Prefacio de Affonso de B. Taunoy. — Ed. illustrada.
- 102 — S. FIDELIS ADREU: A riqueza mineral do Brasil. — Edição illustrada.
- 103 — SOUZA CARNEIRO: Mitos Africanos do Brasil — Edição illustrada.
- 104 — ABRAO LIMA — Amazonia — A Terra e o Homem.
- 105 — A. C. TAVARES BASTOS: A Provincia — 2.ª edição.
- 106 — A. C. TAVARES BASTOS: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.
- 107 — LUIZ DA CAMARA CASCOLO: O Marquez de Olinda e seu tempo (1703-1870) — Edição illustrada.
- 108 — PADRE ANTONIO VIEIRA: Por Brasil e Portugal — Serões comicus lidos por Pedro Calmon.
- 109 — GEORGES RAEBENS: D. Pedro II e o Conde de Gulesena (Correspondencia inédita).
- 110 — NINA RODRIGUES: As ruças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — WASHINGTON LOIZ: Copitunia do São Paulo — Governu do Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — ESTEVÃO PINTO: Os Indigenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indigenas do nordeste brasileiro).
- 113 — GASTÃO CHIELI: A Amazonia que eu Vi — Objeos — Tumucumaque — Prefacio de Roque-Pinto — Illustrado — 2.ª edição.
- 114 — CARLOS SUSEKIND DE MENDONÇA: Sylvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliographica — Ed. illustrada.
- 115 — A. C. TAVARES BASTOS: Cartas da Sultaria — 3.ª edição.
- 116 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: Estudos Paulistaenses — Ed. illustrada.

- 117 — GABRIEL SOARES DE SOUZA: *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* — Comentários de Francisco Adolpho Varnhagen — 3.ª Edição.
- 118 — VON SPIX e VON MARTIUS: *Atenas da Bahia* — Excerptos de "Reino in Brasileira" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — SON MENNVOGI: *O Pecuário do Abolicionismo* — Luiz Gama — Ed. illust.
- 120 — PEDRO CALMON: *O Rei Phyladelphus* — Vida de D. Pedro II.
- 121 — PRIMITIVO MOACYR: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — Volume 3.º — 1864-1890.
- 122 — FERNANDO SABOTA DE MEDeiros: *A Liberdade de Navegação do Amazonas* — Relações entre o Império e os Estados Unidos da America.
- 123 — FERMANN WITZEN: *O Normto Colonial Hollandex no Brasil* — Um Capitulo da Historia Colonial do Seculo XVII — Tradução do Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — LOIZ NORRON: *A Corte do Portugal no Brasil* — Notas, documentos diplomaticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição illustrada.
- 125 — JOÃO DORNAS FILHO: *O Pedrao e a Igreja Brasileira.*
- 126 e 126-A — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: *Viajem pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes* — em dois Tomos — Edição illustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lencas.
- 127 — ERNESTO ENNES: *As Guerras nos Palmares* (Subsídios para a sua historia) 1687-1700 — 1.ª Vol.; Dominjon Jorge Velho e a "Troya Negra" Prefacio de Afonso de E. Tournay.
- 128 e 128-A — ALBIRANTE CESTRODIO JOSÉ DE MELLO: *O Governo Provisório e a Revolução de 1893* — 1.ª Volume em dois tomos.
- 129 — AFRANIO PEIXOTO: *Clima e Suveto* — Introdução Dito-graphica e Civilização Brasileira.
- 130 — MAJON FREDERICO RONDON: *No Rondonia Occidental* — Ed. Illustrada.
- 131 — HILDRBRANDO ACCIOLY: *Limites do Brasil — A Fronteira com o Paraguay* — Edição illustrada com 8 mappas fora do texto.
- 132 — SERAFTIÃO PAGANO: *O Cande das Arcos e a Revolução de 1817* — Edição illustrada.
- 133 — HEITOR LYRA: *Historia do Dom Pedro II* — Vol. 1.º "Ascensão" — 1820-1870 — Edição illustrada.
- 134 — PANDA CALOGERAS: *Geologia Economica do Brasil* — (As Minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º — Distribuição geographica dos depositos auriferos. — Edição refeudida e actualizada por Djalmá Guimarães.
- 135 — ALBERTA PIZANIO JACOMINA: *Dias Carneiro* — (O Conservador) — Edição illustrada.
- 136 — CARLOS FONTES: *Tiveros Negros* — (Aureliano Candido) 1830-1875.
- 137 — ANIBAL MATTOS: *Profilaxia Brasileira* — Varios Estudos — Edição illustrada.
- 138 — GUSTAVO DODT: *Descrição da Riva Parahyba e Gurury* — Prefacio e notas de Gaspar Barroso — Edição illustrada.
- 139 — ANOTONE COSTA: *Migrações e Cultura Indigena* — Ensaio de ethnologia e ethnologia do Brasil — Edição illustrada.
- 140 — HERMES LIMA: *Tobias Porteto* — A Epoca e o Homem — Edição Illustrada.
- 141 — OLIVEIRA VIANNA: *O Idealismo da Constituição* — 2.ª edição augmentada.
- 142 — FRANCISCO VERNANCIO FILHO: *Euriden da Cunha e seus Amigos* — Edição illustrada.
- 143 — BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: *O Visconde de Albuquerque* — Edição illustrada.

EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 - São Paulo

HOMENS E FACTOS
DE
MEU TEMPO



AURELIO PIRES

AURELIO PIRES
(DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAES)



HOMENS E FACTOS
DE
MEU TEMPO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
S. PAULO • RIO DE JANEIRO • RECIFE • PORTO-ALEGRE

1939

INDICE

PROLOGO	11
PREFACIO	13
Mestre Aurelio entre as rosas	15
I — Vida errante	19
II — Em Diamantina.	23
III — Em Ouro Preto (1. ^a vez).	53
IV — No Rio de Janeiro	71
V — Em Ouro Preto (2. ^a vez).	79
VI — Ainda em Ouro Preto.	179
VII — Em Bello Horizonte.	225
VIII — Ainda em Bello Horizonte.	263
Postfacio.	307
O ultimo perfil de Mestres de outrora	309

PROLOGO

- I — *Palavras Preliminares*
- II — *Mestre Aurélio entre as Rosas (poema)*
por Pedro Nava.

PREFACIO

Palavras Preliminares

DE uma vida vibrante de idealismo e plena de trabalho alegre e corajoso, Aurelio Pires deixou preciosas memorias, que constituem menos uma autobiographia do que um resumo fidelissimo e intelligente de uma longa época da historia de Minas Geraes em que elle foi protagonista ou observador arguto e carinhoso.

Escreveu-as quando completava setenta annos de uma existencia exemplar.

Sobreviveu seis annos á conclusão desse testamento litterario e civico.

Apezar de ter continuado a cultivar o espirito e a escrever, até o ultimo mez dessa vida longa e bem vivida, não quiz accrescen-

tar mais nada áquellas memorias terminadas a 23 de Março de 1931, tendo elle morrido a 25 de Fevereiro de 1937.

Allegava que nada mais de util tinha a dizer, pois penetrára, segundo repetia frequentemente, na zona crepuscular em que, para o velho, tudo é silencio e incompreensão, fóra do seu dramatico "diálogo com a eternidade".

Não obstante essa attitude de retrahimento e de solitaria meditação, compôz, ainda, nesse periodo, duas bellas paginas que foram, depois de sua morte, aproveitadas e incorporadas ao seu estudo auto-biographico, e que são os perfis por elle admiravelmente traçados de seu avô materno -- o Barão de Guaiculy (Josephino Vieira Machado) --, e de seu contemporaneo, parente e companheiro de toda a vida -- Francisco Sá.

Á guiza de proemio e como perfeito retrato psychologico do mestre inextinguivel, abriremos este livro com a transcripção de um poema de um de seus antigos discipulos, escripto quando Aurelio Pires se abeirava dos setenta annos e trazia, na physionomia, um halo de espiritualidade e de doçura que o fazia comparavel a um santo.

Nas serenatas de Junko na rua do Vintém
a saliva gelada pingava das flautas
gota a gota
e fugia das flautas
nota a nota
a valsa dolorosa
enchendo de saudade
a cidade cheia de névoas
cheia do choro dos Inconfidentes,
dos estudantes bêbados
das moças dormindo, dos pecados acordados
e dos velórios merencórios
a que a ilusão do conhaque
do violão e do romantismo
davam o esplendor imperioso
e o luxo literário
do festim de Manfredo...

Mestre Aurélio não ouve os próprios passos,
não ouve os ventos,
não ouve nada.
Seus ouvidos finos estão ouvindo
os outros passos que já pararam
as outras bocas que já calaram
e uma voz comprida
que soluça a "Saudade de Ouro Preto"
numa flauta desmesurada...

Uma voz desmesurada
numa flauta desmesurada...

Uma flauta cada vez maior cada vez mais preta
que atravessa Minas Gerais
de Sul a Norte
de Leste a Oeste,
soprada por um anjo de pau, atlético e eterno,

que, enquanto morrem poetas
calam-se bocas
branqueiam as barbas
cessam passos, param corações,
espelha no tempo pela voz do vento
eternamente a mesma valsa
da mesma amargura
da mesma saudade
vibrando tão longe,
cantando tão alto
que sua voz abafa
o canto secundo das metralhadoras.
Das metralhadoras reivindicadoras
que meu amigo Carlos Drummond de Andrade
ouviu "Diante do Doze"
acionadas por outros anjos
que Mestre Aurélio não quer ver
não quer ouvir
não quer sentir.

Entre as rosas brancas
Mestre Aurélio pensa no passado
e entre as rosas brancas sua alma desliza
mais branca que sua barba.
E seu coração cada vez mais cheio de doçura,
mais cheio de perdão, quasi transbordando,
vai batendo mais manso, mais devagar
batendo, batendo,
tão só
tão boa
tão bom
tão só...

(Da *Anthologia de Poetas Modernos*)

Je ferai comme ceux qui, avant de partir pour un long voyage, vont dire adieu à des tombeaux chers. Moi, avant de mourir, je reviserai mes rêves.

GUSTAVE FLAUBERT, "Correspondance"

CAPITULO I

Vida Errante

(1862 - 1875)

SUMARIO: § 1.º - Nascimento, filiação, foicea electrica. — § 2.º - Aprendizagem de primeiras letras.

§ 3.º - Em Santa Luzia do Rio das Velhas.

*Treceis-me a imagem do ditoso dia
E dahi se ergue muita sombra amada.*

COELHO, Introdução do "Fausto".

§ 1.º

NASCI na ancã cidade do Serro (Estado de Minas Geraes), a qual foi, primitivamente, *Arraial das Lavras Velhas do Serro*, erigido, em 1714, em *Villa do Principe do Serro Frio*, pelo governador D. Braz Balthazar da Silveira, feita, depois, cidade pela lei mineira n.º 93, de 6 de Março de 1838.

Sou filho de um magistrado, já fallecido, o dr. Aurelio A. Pires de Figueiredo Camargo, que exerceu sua judicatura naquella cidade e nas de Formiga, do Curvello, do Pará, de Sete Lagoas, de Diamantina, de S. Luiz do Maranhão e de Ouro Preto, onde se aposentou, em 1891, no cargo de desembargador da respectiva Relação, após trinta e tres annos de serviço publico.

Como se vê, não era dado a filhos de magistrados das antigas provincias realizarem o ideal de Sainte Beuve

"Naitre, vivre et mourir dans la même maison".

Quando nos transportavamos da cidade do Serro para a da Formiga, deu-se como se, em caminho, um facto tragico, que constitue a reminiscencia mais remota, que conservo, de minha infancia. Surprehendidos por temerosa tempestade, nas proximidades do Arçal de Cajurú, desabou sobre nossa comitiva uma foice electrica, matando a duas pessoas da mesma, e ferindo gravemente meu irmão mais velho Antonio Olyntho.

§ 2.º

Aprendi primeiras letras *un peu partout*, aqui, alli, acolá em aulas de ensino publico de diversas cidades por onde iam peregrinando, na tarefa penosa e despremiada que coube a meu saudoso pae, de distribuir justiça aos povos das diversas comarcas que perlustrou.

Tenho, porém, a impressão de que, si cheguei a aprender a ler e a escrever aos sete annos de idade, não foi, propriamente, naquellas aulas, confiadas, em geral, a professores brutos e ignorantes, mas graças ás pacientes lições que me eram dadas, em casa, por meu pae e por minha mãe, Maria Josephina dos Santos Pires, cujos nomes pronuncio sempre com a mais enternecida recordação, e perante cuja memoria bemfazeja me curvo, *agradecido e reverente*, no escrevel-os, com mão tremula de emoção, na primeira pagina deste livro de saudades.

§ 3.º

Tendo eu concluido o curso primario e achando-nos residindo em Sete Lagoas, onde não havia professor publico de letim e francez (que era o primeiro leite de ensino secundario que nos davam a beber), meu pae collocou-me, como interno, na casa de um mestre dessas dis-

ciplinas, da cidade de Santa Luzia do Rio das Velhas, afim de proseguir o estudo das mesmas, encetado na cidade do Pará.

Foi cruel, para mim, a separação dos meus! Eu tinha, apenas, onze annos de idade e nenhuma pratica da vida, — o que me fez soffrer muito. Eja, entretanto, desse tempo, duas figuras suaves e meigas, das quaes nunca me esquecerei, porque foram como aijos tutelares que lançaram um pouco de conforto e de alegria nos dissabores e nas tristezas de minha solitaria infancia, torturada em um meio tão diverso daquelle onde a mesma, até então, transcorrêra. Essas figuras, cuja memoria ainda hoje abenço, são: D. Chiquinha de Oliveira, esposa de meu professor, e D. Maria Candida Vianna Teixeira da Costa (Sinhá), casada com o futuro senador Manoel Teixeira da Costa. Bondosas creaturas!

Havendo meu paé sido transferido, como juiz de direito, da comarca de Sete Lagoas para a de Diamantina, tive de interromper os estudos que fazia em Santa Luzia e, ao deixar essa cidade, trouxe commigo, e ainda o conservo, o seguinte attestado:

“Attesto que o Sr. Aurelio Egydio dos Santos Pires” (era assim que eu me assignava) “durante o tempo que frequentou minha aula, fê-lo sempre com assidua applicação e muito aproveitamento, distinguindo-se sempre entre os seus condiscipulos, tanto por seu talento, como por um comportamento digno de todo elogio, não só na aula, como em minha casa, onde morou dous annos, pouco mais ou menos. O referido é Verdade, e eu o attesto em obsequio ao Merecimento.

Santa Luzia, 14 de Julho de 1875.

Francisco de Paula Oliveira

(Professor Publico de Latim e francez)

Apesar, porém, de tão rasgados elogios, dizia-me a consciência que eu pouco aprendêra, não por falta de esforços meus e de meu mestre, mas pela imperfeição do método de ensino adoptado, o qual consistia, quasi exclusivamente, em decorar regras de grammatica, sem explicação pratica, e em repetil-as servilmente e sem assimilal-as, sendo a memoria, nessa operação, não raro, aguçada e estimulada pelo espocar odioso dos *bolos* applicados pela horrenda palmatória.

CAPITULO II

Em Diamantina

(1875 - 1881)

SUMMARIO : § 1.º - Innocencio Augusto de Campos. — § 2.º - No Seminario de Diamantina: Padre Antonio Perrin; Padre Manoel d'Assunção Ribeiro. — § 3.º - No Externato de Diamantina. — § 4.º - *A Mocidade e Idéa Nova* (jornaes). § 5.º - Josephino Vieira Machado (Barão de Guicuby). — § 6.º - Francisco Sá. — § 7.º - João Nepomuceno Kubitshck.

On aime les lieux ou l'on a aimé.
Ils semblent nous conserver notre coeur d'entrelois et
nous le tenent intact pour aimer encore.

LAMARTINE, *Les Confidences*.

§ 1.º

EM julho de 1875, fomos para a encantadora cidade de Diamantina, núcleo de minha família, berço de meus paes, empório intellectual do norte de Minas.

Ahi estávamos entre parentes queridos e entre vellos amigos de minha gente —, pelo que começou a sorrir-me uma vida nova, mais feliz, mais aprazível, mais proveitosa e mais variada.

Era intenção de meu pae internar-me no Seminario daquella cidade, onde já havia estudado preparatorios meu irmão Antonio Olytho dos Santos Pires. Como, porém, tal instituto se achasse fechado, em férias, e para

que eu não perdesse tempo, fui frequentar, por alguns mezes, a aula avulsa de latim e francez, do proecto educador Innocencio Augusto de Campos. Ali encontrei uma pleiade de rapazes estudiosos e de talento, em cujo convívio verifiquei, euvergonhadio, a minha profunda ignorancia, principalmente da lingua francez. Foi benefica e duradoura a impressão produzida em meu espirito de adolescente pelos poucos mezes que demorei na aula de mestre Innocencio: tão duradoura e tão persistente, que, quarenta e oito annos depois, isto é, em 1923, ainda sob o influxo da lembrança daquelles tempos longinquos, escrevi o seguinte perfil de meu saudoso professor, o qual foi por mim publicado, juntamente com os de outros, sob o titulo: "Mestres de outr'ora". E' o

INNOCENCIO AUGUSTO DE CAMPOS

In illo tempore. — como se diz em estylo biblico, — o governo imperial mantinha, nas principaes cidades do Brasil, aulas avulsas de latim e francez, para o aperfeçoamento da cultura nacional. Taes aulas eram regidas por professores subsidiados pelos cofres publicos, com a quantia, hoje irrisoria, de cem mil réis (100) mensaes.

Na aprazivel cidade de Diamantina, — 'Athens risonha da verde e saudosa Minas, rainha dessas collinas que banha o Jequitinhonha' — distribuia o ensino daquellas duas linguas o professor Innocencio Augusto de Campos.

Foi isso ha quasi meio seculo, e eu, nessa época, mal entrava na encantada e melindrosa quadra da puberdade.

Ah! quanta razão teve aquelle poeta que disse serem todas as puberdades tristes!... Dir-se-ia, — acrescenta elle, — que, ao chegar a essa idade perigosa, a criança tem uma antevisão e uma presenção do que vai soffrer na vida: como que a sua alma se recolhe, hesitante, numa angustia vaga, numa timidez doctin, procurando alguma cousa que a proteja e console. Nessa crise do

corpo e da alma, é preciso que o cérebro receba uma excitação saudável, que lhe active a germinação da força creadora. A razão virá depois: nessa idade, o que precisa de desenvolvimento é a imaginação.

Ora, o que mais desenvolveu a minha imaginação, e o que consou as vagas e indefiníveis tristezas de minha adolescência, foi a aula do mestre Innocentio Campos, que frequentei no anno remoto de 1875.

Trazendo de alhures umas vagas noções de latim, e já tendo traduzido o "Epitome historie sacre" e as "Fabulas" de Phaedro, entendi em esse paciente professor que eu poderia acompanhar a classe que estava estudando as "Bucolicas" de Virgilio.

Oh! essas "Pastoraes", abraçadas pelos raios d'ouro do genio, barulhadas de tão riscaulo optimismo, repassadas de tanta ternura, harmonia e doçura iullica: rescando com zumbidos de abelhas e gritos de cigarros; vastamente coloridas pelos tons maguados do crepusculo e da placida estrella da tarde; ressendo a lirios, a palidas violetas, a alente lineas e a rosaninho suave; estrogingido com os soluços respeitadores da mãe de Daphnis que, abençoando o cadaver do filho, accusa a crueldade dos astros e dos deuses; oh! tudo isso exerceu em minha alma de adolescente influencia decisiva e inextinguivel...

Ninguém que a tenha saboreado, jámais se esquecerá da frescura das seguintes palavras do amante da perfida Nisa, recordando sua infancia venturosa:

Sapphus in nostris parvum te rosca mala
(Dux ego vester eram) vidi cara matre legentem;
Alter ab undecimo tum mo jam ceperat annus;
Jam fragiles poteram a terra contingere ramos.
Ut vidi, ut perit!...

(Bucolicas, VIII, 38-42).
(Vi-te, tão pequenina ainda, com tua mãe, guiada por mim, colhendo em nossos pomares, as maçãs orvalhadas pela aurora; tinha eu, então, doze annos, e já alcançava, com um pulo, os frageis ramos. Ai! quando te vi, morri de amores!...)

Da mesma forma, gravou-se-me indelévelmente, na memória, aquella passagem em que o poeta recomenda ás crianças o culto do amor ás mães :

Incipe, parve puer, risu cognoscere matrem :
 Matri longa decem tulerunt fastidia menses.
 Incipe, parve puer ; qui non risere parentes,
 Nec deus hunc mensa, dea nec dignata cubili est.
 (Bucolicas, IV).

(Começa, ó pequenino, a manifestar, por meio do riso, o reconhecimento a tua mãe ; que, por espaço de dez mezes, costou, por tua causa, longos padecimentos : começa-o ; os filhos que não sorriem ás maes, são indignos de partilhar o convívio dos deuses).

Com que entusiasmo sagrado, com que intinativa proselytista, com que vivo interesse, se esforçava Innocencio Campos por introduzir e fixar todas essas bellezas na retentiva escotegeada da maioria de seus alumnos !

Hoje, á hora melancolica dos cabellos brancos, com a neve pela serra, ó com recordação commovida que revejo, ampliada pela saudade e illuminada pela gratidão, a figura bendita do professor amigo, alto, corpulento, de larga fronte espaçosa e calva, onde sorriam, de emaranhado da longa barba de escandinavo, dous olhos azues, cheios de mansidão e de bonança.

Abençoando sua memoria, com carinho tanto mais enternecido, quanto, durante o breve tempo em que frequentei suas aulas, nunca a ignobil catadura da palmatoria sinistra produziu o arrepiado terror e o medo encolhido nas almas em flor dos meninos do meu tempo.

Rara avis in terris...

Julho — 1923'.

§ 2.º

No dia 5 de Outubro de 1875, entrámos para o Seminario de Diamantina, eu e meu mallogrado irmão Josephino Pires, e ahí permanecêmos até julho de 1878.

Esse collegio, no meu tempo, com poucas excepções, não primava pela excellencia de seus professores e pela efficacia de seus methodos de ensino, bastando dizer que não mantinha o mesmo uma cadeira da lingua portugueza.

Durante minha permanencia no Seminario, por indicação do padre superior, fiz meu primeiro discurso, em publico, na festa ahí celebrada por motivo da elevação, ao throno pontificio do Papa Leão XIII.

E' penosa a recordação que guardo, de minha clausura naquelle educandario, pois era uma cousa horrível a vida nos internatos, pelas deficiencias dos processos pedagogicos de então.

Entretanto, como pyrilampos que reízem na escuridão de noite caliginosa, duas figuras perpassam, luminosas, por entre os vastos salões e os longos corredores daquella casa de tristezas. Eram ellas: o padre Antonio Perrin, notavel por sua bondade, e o padre Manoel d'Assumpção Ribeiro, celebre por sua alegria, aos quaes voltarei em outro ponto destas memorias.

§ 3.º

Concluido o ultimo anno do curso do Seminario, em julho de 1878, dalli sahimos, eu e meu irmão Josephino, para nos matricularmos no Externato de Diamantina, instituto de ensino secundario, fundado pelo governo provincial, em virtude da lei n.º 2.342, de 12 de julho de 1876.

O Externato de Diamantina era um estabelecimento de ensino de primeira ordem, dispoendo de optimos

professores, taes como Theodomiro Alves Pereira, os irmãos Correia Rabello (Francisco e Sebastião), João Nepomuceno Kubitschek, Innocencio Campos, Alexandre Gomes, etc.; sua installação, porém, era modesta e pobre: funcionavam com material escolar escasso, num casarão colonial, no Largo da Sé, onde fôra a Camara Municipal e onde está hoje installado o Grupo Escolar daquela cidade.

Bom tempo aquelle! Com que saudades relembro hoje aquella quadra feliz, em que, ao lado de Josephino Pires, Francisco Sá, Arthur Napoleão Alves Pereira, Gustavo Alves Pereira, Juscelino da Fonseca Ribeiro, os irmãos Neves (José e Vicente), Carlos Prates, Epaminondas Pires, os irmãos Ferreira Brant (José e Francisco) e tantos outros, estudavamos com emulação e brio, cheios de esperanças de um largo futuro, com a alma aberta a todas as aspirações e o coração cheio de todos os enthusiasmos! Bom tempo aquelle!

§ 4.º

Nessa época, a 22 de Dezembro de 1878, tendo eu dezeseite annos incompletos, publiquei o meu primeiro artigo num jornal de estudantes, intitulado — A MOCIDADE —, sob a redacção de José Ferreira de Andrade Brant Junior. Esse artigo, epigraphado — *Escola Normal* —, versava sobre a fundação da Escola Normal de Diamantina.

Data, tambem, desse tempo, o jornal republicano, intitulado — *IDÉA NOVA* —, mantido em Diamantina (1879 - 1881), por mim, Francisco Sá, Josephino Pires, Gustavo de Almeida e outros.

§ 5.º

JOSEPHINO VIEIRA MACHADO

(Barão de Guaicuhy)

1812 - 1879

"... Tentanda via est, qua me quoque possim
Tollere humo, victorque virum volitare per ora".

(“Outro caminho deve tentar, por onde possa erguer-se do pó, e verjar, triunfante, nas bocas dos homens”)

(Vianello, “Georgicas” Livro 3.º, Versos 8 e 9)

Definindo o papel dos grandes homens, Carlyle os compara a uma fagulha que corta o espaço e baixa seintillante sobre a massa inerte e indifferente dos outros homens, inflammando-a e fazendo-a deflagrar no seu contacto incandescente, como se inflamma e detona, tocada de combustivel, a materia comburente.

Ao meio social ineerto, vacillante e inconsistente, do Tijuco, hoje cidade Diamantina, da primeira metade do seculo passado, teve, guardadas as proporções, plena applicação a expressiva imagem do escriptor inglez.

Bastou que surgisse alli um homem dotado de qualidades excepcionaes, de forte querer, para transformar o meio amorpho e incongruente em que se debatia, então, a maioria dos habitantes da cidade dos diamantes.

Quem foi esse homem? Josephino Vieira Machado, de origem ignorada e mysteriosa, sem laços conhecidos que o prendessem ás familias poderosas e representativas da época, sem credencias que o recommendassem á sociedade de então, trabalhada de exigencias e cívica de preconceitos.

Qualquer que tenha sido a sua origem, o que se sabe, com certeza, é que, pelo proprio esforço, o mofoino caixeiro de açougue, que elle foi, em seus primórdios, caminhou, com passos seguros e firmes, do berço ignorado e obscuro á posição elevada em que vivêra, como homem intelligente, educado, prestigioso, chefiando com elevação e clarividencia o partido liberal de Diamantina.

Como chefe de partido, elle se dirigia, de igual para igual, aos grandes politicos do Imperio, como o attesta a copiosa e variada correspondencia, que mantinha com os mesmos, e que se achava conservada e catalogada, quando elle falleceu.

Desde menino, revelou-se Josephino Machado possuidor de character varonil e firme, de intelligencia vivaz e aguda, de physionomia attrahente e insinuante, audaz e emprehendedor em negocios, de acção prompta e decidida, de sympathia envolvente, que communicava á sua presença um encanto especial e prendedor. Tinha a linba physica e as qualidades intellectunes da raça franceza, e o character rijo e dominador de algum guarda-mór, depositario da confiança dos senhores da terra.

Josephino não cursou aulas, a não ser a primaria; muito joven ainda, resolveu-se a vir para o Rio de Janeiro, afim de empregar-se no commercio, — o que fez em companhia de seu amigo e, mais tarde, cunhado Antonio Felicio dos Santos. Para esse fim, pobres, como eram, reuniram as poucas economias amalhadas, e compraram, de sociedade, um cavallo (nesse tempo, vinha-se a cavallo, da Diamantina ao Rio), no qual montavam alternadamente, andando um delles a pé, quando o companheiro, por se achar muito fatigado, cavalgava a montaria.

Á custa de economias ferozes, grangearam os dous um pequeno capital, e regressaram a Diamantina, onde constituiram uma sociedade commercial, entrando, cada um, com quatrocentos mil réis (400\$000). Compra-

vam e vendiam diamantes, e chegaram a adquirir grande fortuna, que foi profundamente abalada com a descoberta dos diamantes do Cabo da Boa Esperança, na Africa do Sul, entre 1869 e 1870.

Tendo ido ao Rio de Janeiro, como fazia todos os annos, para vender os diamantes que compravam em Diamantina e na Bahia, não encontrou Josephino, como não o encontraram outros negociantes diamantinoses, do mesmo genero, preços regulares para as *partidas* que levavam. A conselho e a instancias de Josephino, resolveram ir vendel-os na Europa. Para esse fim, embarcaram para a França cinco negociantes de diamantes de Diamantina: Josephino Machado, José Bento de Mello, Seraphim Moreira da Silva, Sebastião Rabello e José Ferreira Rabello. Nenhum delles falava o francez, nem o inglez, pelo que tiveram de recorrer a interpretes que os auxiliassem. Não encontraram preços para os diamantes em Paris, porque o commercio estava fechado para as pedras em bruto, á vista da enorme abundancia dos diamantes africanos; o mercado de Londres, para onde seguiram, estava igualmente fechado; foram a Amsterdão, na Hollanda, tentar lapidar seus diamantes, e uma outra surpresa desagradavel os aguardava alli: — todas as fabricas de lapidação estavam arrendadas aos inglezes, para a lapidação dos diamantes do Cabo.

Nestas apertadas circumstancias, e estando a vencerem-se os creditos que lhes havia permitido levar tão grandes *partidas* de diamantes brutos, viram-se os negociantes diamantinoses na contingencia de vender sua mercadoria por preço baixo, arruinando-se completamente. Ao regressarem da Europa, um dos companheiros de viagem, José Bento de Mello, suicidou-se, atirando-se ao mar. Seraphim Moreira da Silva reuniu os restos de sua fortuna e estabeleceu em Diamantina a primeira fabrica de lapidação de diamantes, trazendo

da Hollanda, para montal-a e dirigit-a, um tecnico holandez.

Josephino Machado foi casado com Maria Sylvana dos Santos, irmã de Antonio Felicio dos Santos, seu primeiro socio, como já dissemos, de D. João Antonio dos Santos, primeiro bispo da diocese de Diamantina, e do notavel jurisconsulto Joaquim Felicio dos Santos. Daquelle consorcio, houve es quatro filhos seguintes: Maria Josephina dos Santos, que foi mãe de dezeseis filhos, entre os quaes o auctor destas linhas; Josino, que se formou em engenharia em Paris, e morreu moço, deixando dous filhos; Virginia, que falleceu em Fortaleza (Estado do Ceará), como Irmã de Caridade, com o nome de Irmã Viçencia; Agostinha, que teve cinco filhos, entre os quaes Francisco Sá.

De origem obscura e ignorada, como vimos, constituiu-se, entretanto, Josephino Machado, tronco de numerosa e acatada familia, que tem fornecido no serviço da patria descendentes illustres e de valor, bastando citar: entre os netos, Antonio Olyntio dos Santos Pires e Francisco Sá; entre os bisnetos, David Rabello, Gudesteu Pires, os Irmãos Sá Lessa, Carlos Sá e Francisco Sá Filho.

Amando, enternecidamente, a todos os netos, houve um no qual elle empregou, de preferencia, suas melhores complacencias, e com bastante razão para isto: tal neto foi Francisco Sá, a cuja orphandade elle amparou, a cuja criação e educação elle proviu, e ao desabrochar de cuja intelligencia brilhante e precoce testemunhou, com a alma e o coração transbordantes da mais justificada ufania.

Chefe politico de enorme e indisputado prestigio, como já vimos, dirigia por espaço de muitos annos, e até ao seu fallecimento, o partido liberal do Município diamantinense; presidente da Camara Municipal local, por muito tempo, prestou á Diamantina, nesse largo pe-

riodo, os mais assignalados serviços; mansueto e conciliador, era elle uma especie de nume tutelar da cidade, cujos habitantes o amavam e o reverenciavam como a figura central daquelle região norte-mineira.

Fundou alli, com outros, o jornal intitulado O JEQUITINHONHA, que viveu mais de dez annos; e, mais tarde, O MONITOR DO NORTE. Escrevia com correecção, clareza e elegancia, apesar de não haver frequentado collegios, nem academias. A nós outros, seus netos, costumava dizer-nos: "Eu, com minhas primeiras e unicas letras, percorri diversas capitães européas, e nunca soffri privações ou difficuldades, nas mesmas, apesar de não ter estudado os respectivos idiomas"

No commercio de diamantes (já o dissémos), Josephino ganhou e perdeu fortunas, a ultima das quaes sobrou no fracasso da viagem á Europa, em 1874.

De volta dessa desastrosa odysséa, quasi arruinado, desfez a sociedade que mantinha com seu cunhado Antonio Felício dos Santos, e, já bem entrado em idade, pois contava sessenta e tantos annos, não se deixou abater pelos revézes soffridos, — ao contrario, com o espirito varonil e o coração cheio de esperanças, ainda tentou refazer-se, chegando a arrendar o serviço de Navegação do Rio S. Francisco, de que cuidava, pessoalmente, quando adoeceu, de grave malária, no porto de Santo Hipólito, sobre o Rio das Velhas. Regressando a Diamantina, conseguiu restabelecer-se, graças á sua robusta compleição, aos cuidados da familia, á dedicacão dos amigos e á pericia reconhecida de seu medico assistente, dr. Onofre Pereira da Silva; apesar, porém, dos protestos e dos rōgos de quantos se interessavam por sua saude, elle, como que impellido por cruel predestinacão, regressou á região onde contrahira a malária. Reinfectando-se, e já bastante alquebrado pelo primeiro assalto da molestia, foi, novamente, conduzido, em uma réde, á Diamantina, onde já chegou moribundo, sendo pro-

fundamente commovedor o afan com que o novo, á distancia da cidade, disputava os varaes da rêde, para carregar, por um pouco, o patricio bem-amado, prestes a morrer. Naquelle mesmo dia, 22 de novembro de 1879, á uma hora da tarde, fechou Josephino os olhos para sempre, levando na pupilla, já sem luz, uma nêsga do céu maravilhoso que se arqueava sobre a cidade, que tanto amou e tanto dignificou.

No anno anterior ao de seu fallecimento, com a ascenção do partido liberal, foi agraciado com o titulo de Barão do Guaicuhy, em homenagem aos serviços notaveis e assignalados que elle prestou á causa publica.

O enterro do Barão de Guaicuhy, feito nas Carnieras da Igreja do Carmo de Diamantina, a 23 de novembro de 1879, foi de grandiosidade imponente e impressionadora. Dir-se-ia que a cidade, em peso, affluu ao antigo Largo da Cavahada Nova, hoje Praça Barão do Guaicuhy, donde se deu o sahimento, para prestar a seu pranteado benefeitor a homenagem do seu amor, de sua saudade e de sua gratidão. Todas as casas commerciaes cerraram suas portas; os sinos de todas as igrejas dobraram a finados; liam-se em todos os semblantes, por onde passava o cortejo funebre, a consternação e a dôr; a imprensa local, em prosa e em verso, em sentidos necrologios, celebrou as excelsas virtudes do grande morto, que foi, por mais de meio seculo, o impulsionador activo, desinteressado e incansavel do progresso e do bem-estar do Municipio e da cidade, onde nasceu, onde viveu e onde morreu. Um dos oradores que lhe teceram o elogio funebre, Manoel Ricardo Pires de Figueiredo Camargo, comparou o seu trespasse ao final de um dia cheio de formosura, desenvolvendo, com eloquencia, o verso do poeta francez: "Rien ne trouble sa fin, — c'est le soir d'un beau jour".

Apezar das acirradas e incandescentes luctas politicas e religiosas que abalaram, por vezes, a tranquilli-

dade e a harmonia da familia diamantireense, Josephino, ao morrer, não deixou um desafecto, nem sequer um indifferente.

Espalhando, em tórno de si, essa força potente e mysteriosa, que nasce da confiança no proprio esforço; animando os que trabalham; despertando os tibios; erguendo os desfallecentes; perdoando os mal agradecidos; apaziguando as discordias; harmonizando os desavindos; compassivo e bondoso, tolerante e, ao mesmo tempo, energico,—elle foi no consenso geral, “um grande homem”, um grande patriota, espelho de virtudes, modêlo de perfeição, — enfim, uma dessas criaturas que honram a especie humana.

Sabendo, como soube, inculcar no espirito e no coração de seus descendentes os primores de seu espirito gentil e as excellencias de seu coração mimoso, elle deixou em todos elles, mórmente no neto que criou, isto é, Francisco Sá, um continuador de seus primorosos attributos intellectuaes e moraes.

Em summa, Josephino Vieira Machado soube, como poucos, seguir, á risca, o conselho legado pela antiguidade classica, a qual pela penna de Plinio, o Moço, recommendou que “uma vez que não nos é dado viver uma longa vida, deixêmos, ao menos, alguma cousa com que provemos ter vivido”. (“Quátenus nobis denegatur diu vivere, relinquamus aliquid quo nos vixisse testemur”).

Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1936.

(1).

(1) Este capitulo foi acrescentado depois da terminada da *Memoriae*, tendo sido escrito primitivamente para uma publicação avulsa, que não chegou a ser feita.

§ 6.º

FRANCISCO SÁ

O ninho da Águia

(Sua infancia e adolescencia na cidade de Diamantina)

1870 - 1880

(Capitulo de um livro, a varios pennes, em elaboraçãõ)

Salva Athenas risonha
 Da verde e saudosa Minas,
 Rainha dezas collinas
 Que banha o Jequitinhonha.

AURELIANO LESSA.

“Athenas risonha !” Que metaphora feliz e apropriada ! A cidade mineira de Diamantina, durante o decennio transcorrido de 1870 a 1880, foi um dos mais opulentos empórios de letras e de bom gosto. Aliás, tal disposiçãõ para as cousas de espirito não era mais do que a continuaçãõ daquillo que já se notava no “Tijuco” colonial (chrysalida donde emergiu a Diamantina actual), quando cincoenta e tres annos antes, isto é, em 1817, foi essa encantadora regiãõ visitada pelo insigne naturalista francez, grande sabio e grande amigo do Brasil, Saint-Hilaire (Auguste François César Provençal de Saint-Hilaire), o qual, em seu livro “Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas-Geracs”, fixou a impressãõ ali recebida nas seguintes palavras: “Encontrei em Tijuco mais illustraçãõ do que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela litteratura, e um amor mais vivo pela instrucçãõ”.

Foi na cidade Diamantina dessa época que, orphão de pae, abi chegou, em companhia de sua mãe viuva e

de mais quatro irmãos, crianças como elle, vindos do longinquo municipio de Grão-Mogol, Francisco Sá, esse menino predestinado, em cuja viveza de olhar e em cuja face irradiante de sympathia, já se poderiam ler os prodromos da gloria de quem viéra ao mundo talhado para grandes cousas — “ad majora natus”.

NO SEMINARIO DE DIAMANTINA

Nosso avô materno (pois eramos primos germanos), Josephino Vieira Machado, mais tarde Barão de Guai-cuby, para cuja companhia viéra o orphãozinho, internou-o, com doze annos de idade, no Seminario Episcopal daquella cidade fundado pelo santo varão D. João Antonio dos Santos, primeiro bispo da diocése de Diamantina, e tio avô do novel seminarista.

Tal educandario não primava, nessa época, pela excellencia de seus methodos de ensino e de seus processos pedagogicos.

Entretanto, entre as poucas cousas que alli se aprendia bem, havia uma que se aprendia de modo especial: o latim, com um curso de tres annos, equivalentes a seis, pois havia duas aulas diarias daquella materia. Deslembrados, porém, do que dizia Montaigne: “Savoir par coeur n'est pas savoir” — os padres-mestres de então faziam appello quasi exclusivo á memoria, predominando, no ensino, a mais absoluta decoraçào (“Facheuse suffisance, qu'une suffisance pure livresque!” — ainda Montaigne). Havia alli um dos professores da lingua de Cícero que obrigava os alumnos a decorar diariamente, além das lições de traducção, vinte folhas da saporifera Syntaxe Latina do Padre Dantas, ficando celebre um outro que, certa vez, déra como castigo, a um de sua

aula, a tarefa de decorar um longo trecho da Grammatica de Coruja, *com todos os pontos e virgulas!*

Francisco Sá, cujo tirocinio na difficil lingua de Tacito foi completo, tornando-o um dos mais-perfeitos latinistas da epoca, teve como collegas de aula, entre outros, sendo elle, porém, o "primus inter pares", Sabino Barroso, mais tarde orador empolgante e politico de vistas largas, Josephino Pires, uma esperanza mallograda, e o obscuro autor destas linhas.

Foi com o latim ali aprendido, e graças, tambem, em maxima parte, a seu proverbial autodidactismo, que, mais tarde, indo elle prestar exame de preparatorio dessa materia, no Rio de Janeiro, surprehendeu, de tal modo, os examinadores, pela copia de conhecimentos exhibidos e pelo ineditismo do acontecimento, que levou um delles a exclamar, maravilhado, após o exame: "Rara avis in terris"! E taes examinadores chamavam-se: um delles, Antonio de Castro Lopes, autor do "Novo systema para estudar a lingua latina", e o outro, Lucindo Passos, traductor, do allemão, da bem conhecida Grammatica latina de Clintoek.

Como pequena amostra da facilidade com que Francisco Sá vertia para a poesia portuguesa a poesia latina, aqui deixo a seguinte traducção feita por elle:

"SOLVITUR AGRIS HYEMIS ..

(Horacio, Ode IV do Livro 1.º)

Já se despede a invernosa
Aspera e crua estação:
Volta a gracil primavera,
Sopra branda viração.

O rebanho deixa o aprisco,
O lavrador deixa o lar,

Pois não vêem, da branca neve,
O extenso prado alvejar.

Seus côros dirige Venus
Ao luar ; e graciosas
Dançam as graças e as nymphas,
Saltando cadenciosas :
Arde o fogo dos cyclopes
Nas tendas laboriosas.

E', pois, tempo de cingirmos
As cabeças perfumadas
Com verde myrtho, com flores
Da terra desbrochadas.

E' tempo de ao bosque umbroso
A Faun ir sacrificar
Ou uma ovelha ou um bode,
Si bode mais lhe agradar.

A pallida e triste morte
Caminha com passo igual
Para a choupana do pobre
E para o paço real.

Para que longa esperança,
Si a vida tão pouco dura !
Depressa os manes te chamam
Para a eterna noite escura.

Não esperes, rico Sestio,
Que, na casa de Plutão,
De presidir os banquetes
Tu tenhas occasião.

Como eu disse linhas atrás, o Seminário de Diamantina não era um collegio padrão. Entretanto, destacando-se de sua mediocridade ensinante, houve allí figuras de relevo, educadores de pólpa, taes como, entre poucos mais, o Superior Francisco Xavier Bartholomeu Sipolis, Padre Antonio Perrin e Padre Manoel d'Assumpção Ribeiro. O primeiro, francez de origem, baixote, calvo, com seus oculos de aros de ouro a faiscarem na face rubicunda como uma cereja, ex-alumno do Seminário de S. Sulpicio de Paris, era um grande sabedor, que manejava, com maestria igual, a lingua propria e a portugueza, sendo reputado um orador imaginoso e disertto: lembra-me bem, ainda hoje, a impressão profunda que produziu, no auditorio, a oração fúnebre que elle pronunciou, na Sé de Diamantina, em 1878, por occasião das exequias solemnes allí celebradas, em homenagem á memoria do fallecido papa Pio IX, ao qual applicou, desenvolvendo-o, o texto de S. Paulo: "Bonum certamen certavi, pugnam pugnavi, cursum consumavi — post hoc reposita est mihi corona justitiæ".

Ao segundo, Padre Antonio Perrin, natural da Alsacia, ainda lhe sangrava viva, quando frequentámos o Seminário, a ferida que o desmembramento da patria lhe produzira no coração patriota. Todavia, sabia recalcar, no mais recondito da alma, a dôr, que lhe ficára, do ultraje feito a sua amada França pelo estrangeiro invasor.

Um sereno sorriso optimista brincava perenne, naquelles labios sinceros, que só se descerravam para dar passagem á verdade, irmã-gemea da limpida bondade, a qual, no conceito de um philosopho, para hora de nossa especie, illumina tudo quanto é verdadeiro, assim como a sombria tristeza entenebrece, lugubre excepção á risonha natureza, tudo quanto é, no mundo, fundamentalmente erroneo e falso.

Alvas farripas circumdavam-lhe a parte posterior do crânio, de uma coroa nevada, a qual attestava gloriosamente que os gêlos de setenta invernos se haviam accumulado sobre aquella cabeça veneranda, sem, entretanto, vergal-la — tal era o calor do sol interior que illuminava e aquecia aquella formosa alma de apóstolo.

De estatura mediana, valentado de fôrmas, de larga frente aberta, onde alvejava ampla calva veneravel, tendo nos olhos castanhos uma doçura infinita, na bocca um riso acolhedor e bom, com os braços sempre abertos em attitude de amplexo, o padre Antonio era o idolo da criança, que, durante os recreios, o cercava, o envolvia irreverentemente, numa ronda alegre e gritadora, a disputar as fructas e guloseimas, que elle distribuia, enternecido, como um velho avô dádivo e paciente.

Nosso professor de Francez e de Historia, o seu ensino era proveitoso e bem acceto, porque de seus labios nunca desceu sobre nossas almas tingradas uma palavra aspera; nunca, em suas aulas, um grito de colera fez pulsar mais depressa nossos corações assustadiços. Elle realizava integralmente o preceito que, annos depois, Anatole France fixou em seu admiravel livro — “Le crime de Sylvestre Bonnard”: “On n’apprend qu’en s’amusant. L’art d’enseigner n’est que l’art d’éveiller la curiosité des jeunes âmes pour la satisfaire ensuite, et la curiosité n’est vive et saine que dans les esprits heureux”.

As materias que elle profeccionava eram estudadas com prazer e apprendidas sem constrangimento, o que demonstra, mais uma vez, que a palmatoria nunca esclareceu a menor questão de grammatica ou de qualquer cousa, e que os hóllos, então em moda, as taponas, os pontapés nunca ensinaram a collocar uma virgula em seu logar, nem a distinguir um adjectivo verbal de um participio presente.

O padre Antonio Perrin a todos nós conquistava e de todos nós se fazia amado, porque era manso de coração, de accordo com a maxima biblica: "Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram".

Quanto ao terceiro, padre Manoel d'Assumpção Ribeiro, fomos conhecê-lo em Outubro de 1876, tendo elle trinta e dous annos e nós ambos (eu e o Sá) quatorze, — época em que desceram de seus labios ao nosso cerebro em formação as primeiras noções de Mathematica.

Alto, esgrouviado, de côr negra, tendo no olhar, de vivacidade extranha, e nas mãos, sempre buliçosas, movimentos incoordenados, — pródromo, talvez, da molestia medular, que, por tantos annos, lhe tolhera a locomoção — o padre Manoelzinho, como, então, lhe chamavamos, era desses mestres cuja figura se grava, pela vida inteira, na alma e no coração de seus alumnos.

Intelligentissimo, de grande cultura, orador eloquente, excellente musico, *optimo* cantor, a todos, dentro e fóra do Seminario, captivava por sua bondade, por sua paciencia, por sua simplicidade e, acima de tudo, por sua alegria communicativa e sã.

De origem humilima, as suas virtudes o elevavam ao fastigio da "*existimatio publica*", sendo-lhe confiada, naquella cidade, a educação artistica e litteraria de muitas jovens das principaes familias a'li residentes.

Vendo-o tão querido, tão acatado, tão disputado, lembrava-me sempre o que lêra, em um historiador portuguez, a respeito do modo pelo qual o catholicismo soube inaugurar a sociedade mais popular, mais accessivel, mais equalitaria. No meio da barreira levantada diante da plebe pelos privilegios do sangue — conta-nos aquelle escriptor — a Igreja foi sempre o portico de todos os grandes talentos e de todas as elevadas ambições: o papa Urbano VI, filho de um sapateiro, edificava a Igreja de São Urbano e expunha nella, bordado em rica tapeçaria, o retrato de seu pae fazendo sapatos.

A 6 de Agosto de 1922, com setenta e nove annos de idade, adormeceu para sempre esse querido mestre, na remota cidade de Paracatú, sua terra natal, em cuja Escola Normal, mesmo enfermo, ainda espalhou, por muitos annos, os beneficios de seu proveitoso ensino.

Todos aquelles tres professores foram grandes amigos do orphão seminarista, cujas precoces qualidades de talento, de caracter e de coração não passaram despercebidas á argueia de taes educadores.

Em contacto com o espirito de cada um delles, o espirito de Francisco Sá se aperfeiçoou; ao alimo calor do coração dos mesimos, o seu coração se inflammou nas fráguas do amor do proximo, que foi sempre um dos mais fulgidos apanágios de sua alma seráphica, a qual tão altamente soube comprehender e praticar o preceito evangelico: "Amare-vos uns aos outros, como eu vos ameí (Diligite invicem, sicut et ego dilexi vos)".

NOS DOMINIOS DO JORNALISMO E DA ORATORIA

No decennio decorrido de 1870 a 1880, a que se refere o presente escripto, floresceu em Diamantina, nos arraiaes da publicistica, a imprensa evangelizadora, a imprensa nobilitadora, aquella que bem interpreta e melhor applica a sabia maxima de Buffon: "Bien écrire c'est à la fois bien sentir, bien penser et bien dire".

Tal imprensa — proclamo!-o com ufania — nunca se transformou em fóco de pestilencia e de intoxicação, nunca vehiculou idéas falsas, nunca semeou eizantias, nunca assoprou vaidades, nunca engendrou calumnias, nunca cultivou mentiras, nunca vestiu a libré das opiniões placitadas, nunca se postou em posição genuflexa, a balançar o thuribulo da lisonja perante os poderosos. Trabalhando bem a lingua em que vasava seus escriptos,

imprimindo-lhes quilate vernaculo, a imprensa daquella época soube dar a seus leitores aquillo a que Albalat considerava factores primordiaes da magia do estylo, a saber, condensação, força, originalidade, relevo.

Chamavam-se os jornaes desse tempo "O JEQUITINHONHA", "O MONITOR DO NORTE", "O CATHOLICO," "A MOCIDADE", O "JESUITINHA", "A IDÉA NOVA", alguns delles de vida ephemera, outros, como "O JEQUITINHONHA", com o passado glorioso de mais de dez annos, e onde terçaram armas os dois Felicio dos Santos (Joaquim e Antonio), Theodomiro Alves Pereira, Francisco Corrêa Rabello, Josephino Vieira Machado, José Christiano Stockler de Lima, Carlos Ottoni, João Julio dos Santos e outros.

N'A IDÉA NOVA, que surgiu em 1879, Francisco Sá revelou-se, além de poeta inspirado e i maginoso, jornalista integral, doutrinador, manejando uma ironia de fino sabor gaulez, fixando no papel os quadros mais flagrantés, quentes, coloridos, palpaveis, vivos. Quando escrevia, dir-se-ia que Francisco Sá ouvia sempre aquella vozinha interior, a que allude Bourget, a quem parecia verosimel que o dom de escrever se acompanhe sempre desse outro de ouvir essa intima inspiração, que dicta a phrase. Fazer passar o accentto dessa voz nas palavras, — eis o que é ter estylo, o qual já é, por si, uma maneira de pensar, sabindo a phrase tanto mais sonora e tanto mais harmonica, quanto mais pura e quanto mais bella fór a idéa, e isto a tal ponto que, no "Traité des Psau-mes," Santo Hilario de Poitiers, segundo a citação de Remy de Gourmont, diz que "o mau estylo é peccado".

A erudição, verdadeiramente assombrosa, que revelava em seus escriptos e em seus discursos aquelle joven de dezasete annos, foi adquirida e accumulada á custa de leituras diurnas e bem assimiladas de quasi todos os livros de historia, de philosophia e de literatura, que havia na pobre bibliotheca municipal da cidade, bem como

de livros que lhe emprestavam aquelles dois grandes mestres e amigos dos moços, Theodomiro Alves Pereira e Francisco Corrêa Rabello, os quaes proporcionaram áquelle incansavel e insatisfeito devorador de leituras, as obras de Thiers, de Victor Cousin, de Lamartine, de Victor Hugo, de Byron, de Cesar Cantú, donde elle extrahia e manipulava no cerebello, paciente e diligentemente, o mel dulcissimo de seu estilo arrebatador e magico.

Apesar da precariedade dos triumphos oratorios — a ponto de Lacordaire dizer que “o orador e o auditorio são dois irmãos que nascem e morrem no mesmo dia”, — a arte da palavra falada foi cultivada com desvelo e com amor na terra dos diamantes.

Houve ali, de 1870 a 1880, oradores notaveis, sendo os mais conhecidos e proclamados os seguintes: no Seminario, o padre Sipolis, o padre Manoel d'Assumpção e os dois alumnos do seminario maior, Pedro Celestino Chaves e Juca Paracatú; entre os seculares, Theodomiro Alves Pereira, o maior de todos, os dois irmãos Corrêa Rabello (Francisco e Sebastião), José Christiano Stockler de Lima e mais alguns outros. Os ultimos, entretanto, distinguiram-se, especialmente, na tribuna judicaria, que é, hoje, uma cratera extincta.

NO EXTERNATO DE DIAMANTINA

Confirmando o aserto de Saint-Hilaire a respeito do vivo amor pela instrucção por parte dos diamantinos, havia ali, em 1879, todos elles desfructando largo prestigio, diversos estabelecimentos de ensino: um Seminario Episcopal; um Collegio para meninas, dirigido por Irmãs de São Vicente de Paulo; uma aula avulsa de latim e francez; uma Escola Normal mixta e um Externato para ensino secundario, sendo os tres ultimos mantidos pelo governo da Provincia.

O Externato possuía um corpo docente selecto e luzido, dentre cujos membros destacavam-se: Theodomiro Alves Pereira, professor de Historia, cujas preleções eram verdadeiras conferencias, feitas naquellê colorido tom oratorio que elle sabia communicar até mesmo á sua conversação ordinaria: Francisco Corrêa Rabello, professor de Philosophia e de Rhetorica (ainda se estudava a Rhetorica!), o qual, com seu perfil aquilino, e naquelle tom de voz cavo, compassado e intimativo, nos ensinava a sciencia de Platão e Aristoteles, por intermedios das Postilas de Victor Cousin e dos Compendios de Jules Simon, Aimédée Jacques e Emile Saisset. Essa luzida pleiade de brilhantes professores era completada por Sebastião Corrêa Rabello e João Nepomuceno Kubitschek.

O penultimo, em pleno fastigio de seus viçosos vinte e tres annos: baixinho; de tez rosada a realçar, ainda mais, a vivacidade de seus olhos cheios de intelligencia e de bondade; com a cabeça bem conformada, emoldurada por farta cabelleira luzidia e preta; dono de voz vibrante e quente, audivel a grande distancia — foi quem inaugurou, em Diamantina, naquelle anno de 1879, o ensino da Lingua Portuguesa.

Sim, foi elle o precursor de tal ensino naquellas bandas tão gabadas, por seu amor á instrucção, pelo grande Saint-Hilaire.

O precursor — repito — porque, só depois de inaugurado o Externato de Diamantina, que floresceu de 1879 a 1890, e a Escola Normal, em cujo corpo docente estreou Sebastião Rabello, como professor da lingua de Camões e de Vieira, só depois disso é que começou a fazer-se o ensino official do vernaculo, naquella cidade. Entretanto, ouçamos o que disse Saint-Hilaire, a respeito do conhecimento que, do Francez, possunham os velhos tijuquenses, antepassados dos actuaes diamantinoses: "Muitas pessoas, possuidas de nobre emulação, ali aprenderam

o Francez, sem mestre; conhecem os nossos melhores autores e alguns, depois de um longo exercicio consigo mesmo, conseguiram poder falar nossa lingua de modo intelligivel, só com o auxilio de uma grammatica imperfeita”.

Não se ensinava ali a lingua patria, até á epoca a que me referi, porque as gerações de então se abeberavam na farta apojadura da lingua mãe, o latim, a poder de muito rapé, sorvido pelos professores, e de muitas palmatoadas estaladas nas mãos tremulas dos alumnos bisonhos. A fundação do Externato de Diamantina (nunca é demais repetil-o) assignala, pois, o inicio do estudo de Portuguez, na cidade dos diamantes, cuja orientação espiritual estivera, até essa epoca, a cargo de congregações religiosas que não se preoccupavam com tal estudo.

Sebastião Rabello que, ainda muito joven, conquistara, em concurso, a respectiva cadeira daquelles dois institutos, pôde e deve, como eu disse, ser aclamado o precursor desse ensino, no Norte de Minas, do qual a cidade de Aureliano Lessa era, a justo titulo, considerada a capital intellectual.

Era coisa notavel como esse saudoso mestre possuia, em grau tão elevado, as qualidades sobrelevantes, que devem ser o apanagio do educador: conhecimento da materia e leccionar e gosto de fazel-o; clareza de idéas e eloquencia no enuncia-las; temperamento affirmativo; voz communicativa e cálida; paciencia com os alumnos de comprehensão morosa; tolerancia para com os desatentos; bondade compassiva; sympathia calorosa; limpeza de coração; espirito de justiça; serenidade socratica; limpidez e inteireza de character.

Quanto a João Nepomuceo Kubitschek, quem ha, ali, que não conheça, ao menos de nome, o autor da “Hermengarda”, esse bellissimo poema inspirado pelo “Eurico” de Alexandre Herculano, — poema esse milhares de vezes recitado pelas gerações de jovens de ha mais

de meio seculo passado nos salões resplendentes de festas e de cordialidade de Diamantina, ou nas saudosas serenatas daquellas noites ouropretanas, de doce luar nostalgico ou de aspera "garôa" penetrante, serenatas que enchiam de magia ineffavel aquelles arcos amados, onde, até hoje, parece pairar o genio da poesia, desde que a voz de Dirceu e dos poetas da Inconfidência por ali passou.

Era isso naquella epoca já desaparecida, em que os moços tinham as boccas cheias de risos e de versos, as almas abrasadas de largos ideaes, os corações tumidos de amor e de lyrismo. — João Nepomuceno Kubitschek, autor desse formoso poema "Hermengarda", foi nosso professor de Inglez, no Externato de Diamantina.

Lembra-me, ainda hoje, a funda emoção paterna com que elle leu, no dia de nosso exame dessa materia, no fim do anno, os maravilhosos alexandrinos com que Francisco Sá traduziu os vinte primeiros versos do "Paraiso Perdido", de Milton, que nos couberam por sorte, na prova escripta.

E como o mestre estimava e admirava tal discipulo ! Como os outros professores se orgulhavam por terem como alumno aquelle joven cuja facilidade de assimilação era tão fôra do commum que, como disse Castilho a respeito do Padre Manoel Bernardes, "parecia mais recordar do que aprender".

E' ainda dessa época tão fecunda a sua lapidar traducção da Ode 24, livro 3.º, de Horacio, que começa com o famoso verso, — "Exegi monumentum aere perennius. . ." e cujas primeiras estrophes são as seguintes :

"Mais perenne que o bronze ; que as pyramides
Nus quæ habitam reis, mais elevado,
Um monumento ergui.

Nem a chuva roaz, nem vento irado.
Annos sem conta, fugitivo tempo
O arrancarão daqui.

Não morrerei eu todo : grande parte
De mim, á voraz morte lia de escapar.
Hei de sempre crescer na gloria postera
E na gloria crescendo, remoçar”.

PARTIDA DE DIAMANTINA

Chegou, entretanto, o momento de Francisco Sá deixar sua amada cidade, primeiro theatro dos seus primeiros e promissores triumphos oratorios e jornalisticos.

Havendo fallecido, em Novembro de 1879, nosso avô, Barão de Guaicuby, em cuja companhia elle morava, impunha-se a sua partida para alhures, onde pudesse desenvolver suas aptidões nativas. Foi assim que, em principios de 1880 com o coração valado de saudades e a mente povoada de esperanças, partiu, a principio para o Rio de Janeiro, onde prestou seus primeiros exames geraes de preparatorios, e, logo depois, para Ouro Preto, afim de estudar na respectiva Escola de Minas.

Com que enlevada admiração elle penetrou na velha Capital mineira !, pois ao bisecular Ouro Preto, onde tão intensamente palpita a ancestral alma mineira, poder-se-hia, guardadas as proporções, applicar aquillo que Cicero dizia de Athenas, isto é, que a cada canto em que se puzesse o pé, surgia uma recordação historica (“quacumque ingredimur, in aliquam historiam vestigium ponimus”) ! . . .

Assim, pois, chegou o jovem mineiro áquella “cidade eterna, cidade berço, cidade escola, cidade fortaleza, cidade templo, patria do povo mais livre, mais morigerado, mais solidario, que os dois ultimos seculos tem visto”,

— na phrase de Diogo de Vasconcellos. Para ahí chegar, partiu a aguia de seu berço de pedra, tapizado de ouro e enrustado de diamantes, e partiu para remigios sustidos e amplos no céu do pensamento, no céu da sciencia, no céu da politica, no céu das letras, no céu da eloquencia, de accôrdo com a aspiração por Francisco Sá manifestada, aos dezeseite annos, em uma de suas mais arrojadas poesias, assim começada :

“Eu quizera, nas azas das chimeras,
Além, o adejo d’aguia, além soltar.
Nos plainos das rosadas primaveras,
Os languidos perfumes respirar ! . . .”

(Publicado no JORNAL DO COMMERCIO de 17 de Maio de 1936.
— Transcripto nos Annaes da Camara dos Deputados, por occasião das homenagens prestadas a Francisco Sá -- DIARIO DO PODER LEGISLATIVO de 28 de Janeiro, 1937. pag. 25.877).

§ 7.º

Antes de encerrar o presente capitulo, quero deixar aqui a homenagem que, quarenta e sete annos depois de haver deixado o Externato de Diamantina, prestei a um de seus professores que mais concorreram para o cultivo de meu espirito. Tal homenagem é a seguinte :

JOÃO NEPOMUCENO KUBITSCHK

“There’s a great spirit gone !”

SHAKESPEARE *Antony and Cleopatra*. Act I, Scene II.

“Homenagemda ! Quei grande.
De Faviola a nobre filha,
Das Hespanhas matavilla,
Mimoso esmero de Deus !

Ousei construir-lhe um templo
De adoração, na minha alma,

"Sonhei a vista tão calma,
Vendo o céu nos olhos seus..."

É esta a primeira estrophe do bellissimo poema inspirado pelo *Eurico*, de Alexandre Herculano, e composto por João Nepomuceno Kubitschek — poema esse milharedo de vezes recitado pelas gerações de jovens de ha quasi meio século, nos salões festivos de Diamantina.

João Nepomuceno Kubitschek, auctor desse formoso poema *Homençada*, foi meu professor de inglez no Externato de Diamantina, Instituto de ensino secundario, mantido pelo governo provincial, e que alli floresceu de 1879 a 1890.

Foi elle quem, primeiro, durante dous annos (1879-1880), me iniciou nos segredos e me revelou as bellezas da lingua de Shakspeare, "the foremost man in all literature, the greatest master of the language most widely spoken among men".

Devo, pois, a esse mestre inolvidando o beneficio incalculavel, o dom precioso de poder ler, no original, as principaes tragedias do assombroso tragico, de quem disse Flaubert: "Quand je lis Shakspeare, je deviens plus grand, plus intelligent et plus pur. Parvenu au sommet de ses oeuvres, il me semble que je suis sur une haute montagne, tout disparaît et tout apparaît".

Foi aquelle saudoso mestre que, com seu saber, com seu bom gosto, com sua paciencia, me habilitou a, mais tarde, em 1888, traduzir e publicar esse poema de ouro, chamado "Evangelina", do incomparavel poeta norte-americano, H. W. Longfellow, cuja imagem de marmore a Inglaterra, em um impulso de gratidão, collocou no meio dos seus mortos glorificados, na sombra e no recolhimento do Canto dos Poetas do Westminster; a quem Portland, sua cidade natal, e Cambridge, onde elle viveu e morreu, erigiram estatuas, mas cujos monumentos mais bellos e mais duraveis se encontram na lembrança e no coração daquelles a quem elle encantou e consolou.

O professor Kubitschek leccionou, tambem, Pedagogia na Escola Normal de Diamantina: exerceu, de 1883-1885, o cargo de

inspector geral de instrução publica da então provincia de Minas; seus serviços prestiosos e seus meritos, realmente notaveis, foram aproveitados na politica, havendo sido senador no Congresso Mineiro, — mandato que exerceu com elevação e proveito para a causa publica, tendo sido elle um dos principes enlavoradores da sabia lei n. 41, de 3 de agosto de 1892, que reorganizou o ensino publico em Minas, sobre bases largas e estaveis.

Numa ascensão natural e merecida, chegou ao cargo electivo de vice-presidente do nosso Estado, no quadriennio de 1894-1898.

Silviano Brandão, seu grande amigo, e admirador entusiasta, no assumir a presidencia de Minas, em 1898, convidou-o para o cargo de director da Imprensa Official e redactor do *Minas Gerais*.

Foi neste ultimo posto que a morte veio colhe-lo, a 3 de junho de 1899, sendo victimado por uma pneumonia essencial, que triumphou de sua organização atletica, matando-o aos cincoenta e quatro annos de idade.

A triplex corôa de professor, de poeta e de jornalista, que lhe cingiu a fronte victoriosa, scintilla, com brilho equal, illuminando-lhe a memoria abençoada e impediudo que as sombras do esquecimento se adensem sobre seu tumulo.

Sempre que, no Cemiterio do Bomfim, me abceiro desse tumulo (e faço-o frequentemente, em muda homenagem de agradecida amizade), me occorrem as palavras da tragedia de Shakspeare que epigrapham este perfil, e repito, com funda saudade enternecida: "Foi um grande espirito que desapareceu!" *There's a great spirit gone!*...

Junho — 1928.

Em Ouro Preto (1.^a vez)

(1881 - 1882)

SUMARIO: § 1.^o - Ouro Preto de ha cincoenta annos. — § 2.^o - Visita imperial. — § 3.^o - Republica das Lages. — § 4.^o - Concurso na Directoria da Fazenda Provincial. — § 5.^o - Exames de preparatorios. — § 6.^o - Bernardo Guimarães. — § 7.^o - Professores do Lycéo Mineiro: I Affonso de Britto; II Eduardo Machado de Castro; III Randolpho José Ferreira Brêtas. — § 8.^o - Partida para o Rio de Janeiro.

Cidade eterna, cidade burço, cidade escola, cidade forteza, cidade templo, patria commum do povo mais livre, mais moderado, mais solidario que os dous ultimos seculos têm visto.

DIogo DE VASCONCELLOS.

§ 1.^o

“Cidade escola!” Nada mais expressivo, nada mais acertado.

O Ouro Preto de ha cincoenta annos era, com effeito, um antigo burço escolastico, de recolhimento pensativo e de paz estudiosa, do qual se poderia dizer o que se disse de uma outra cidade, parecida, tambem, como uma dessas velhas cidades universitarias allemãs, em que se encontravam a vaguear, pelas ruas silenciosas, sabies pensativos e estudantes sonhadores, isto é, poderia dizer-se que era uma cidade de pensamento: havia idéas

pelo ar, em um commercio silencioso e indefinivel. Em cidades assim é que, na quietação da natureza e dos homens, o pensamento se crystalliza, as creações da mente tomam corpo, vivem, substituindo-se á realidade. Não póde haver, em outra parte, ambiente mais próprio para as longas abstracções, em que só o espirito trabalha, não havendo ruido que perturbe a formação da idéa, nem agitações que possam desviar o curso da reflexão.

Foi para o Ouro Preto dessa época que fui em 1881, para esse Ouro Preto, o qual, como a cidade de São Paulo de teu tempo, e que, tão lindamente decantaste em teu verso de ouro, ó meu doce Olavo Bilac, era, tambem, uma cidade pequena, feia e escura; mas naquelles dias de pouco sol e naquellas noites de muita garôa, ampliava-a a nossa mocidade; aquecia-a o calor de nosso sangue; illuminava-a o clarão de nossa jovialidade.

§ 2.º

Foi a esse Ouro Preto de ha cincoenta annos que cheguei, em uma tarde radiosa de um dos ultimos dias de março de 1881. Encontrei a velha capital fremente de entusiasmo e palpitante de alegria, pela proxima chegada do Imperador D. Pedro 2.º e de sua real consorte, a qual se realizou a 31 desse mez, em meio de regosijos e acclamações que a fizeram vibrar por alguns dias.

§ 3.º

Fui morar na rua das *Lages*, na tradicional *republica* de estudantes, que tinha o nome daquella rua, e que era constituida dos seguintes moradores: Antonio Olyntho, Domingos Rocha, Affonso Baeta Neves, Domingos Gontijo e Simplicio Villaça (Ai de mim! Sou, hoje, o unico sobrevivente de toda essa esperançsa mocidade!).

§ 4.º

Fiz o concurso que me levou a Ouro Preto e obtive um dos logares vagos, de terceiro official interino da Directoria de Fazenda Provincial, para o qual fui nomeado pelo então Presidente da Provincia, Senador João Florentino Meira de Vasconcellos, a 16 de Maio de 1881, — dia esse em que iniciei a minha vida publica. Tinha eu, então, dezenove annos, idade em que comecei a viver sobre mim. Muito me auxiliou, na obtenção daquelle emprego, o desembargador Carlos Honorio Benedicto Ottoni, que exercia, nessa época, o Cargo de Chefe de Policia da Provincia de Minas. Á memoria desse prestimoso amigo, fallecido, em Bello Horizonte, a 21 de Julho de 1919, deixo consignado, nesta pagina, o tributo sincero de minha agradecida estima.

§ 5.º

Estando eu empregado, comecei a fazer exames de preparatorios, havendo prestado os seguintes: em julho de 1881, — portuguez, francez, latim e inglez; em dezembro do mesmo anno, — rhetorica, arithmetica e geometria; em março de 1882, — historia.

§ 6.º

No exame de rhetorica, foi-me dada a honra de ter como examinador (que, por signal, me approvou com distincção) o grande romancista e inspirado poeta Bernardo Guimarães. Era este, então, idolo da cidade e o maior amigo dos estudantes. Orgulho-me de haver merecido a sympathia e a amizade de tão egrégio patrio, o qual, além dos predicados que lhe grangearam logar de relêvo

na literatura nacional, era repentista notavel, apreciadissimo por seus improvisos humoristicos.

Certa vez, estando elle, pela manhã, em nossa casa, como o creado perguntasse, em presença do poeta, si podia servir o almoço, Bernardo Guimarães incumbiu-se de responder-lhe e encarregou-me de escrever, a lapis, a resposta rimada, que figura, fornecida por mim, no excellento livro de Basilio de Magalhães, intitulado — *Bernardo Guimarães (Esboço biographico e critico)*, e que é a seguinte :

“Traga já esse almoço,
Moço !
E não faça como a indigente
Gente,
Que traz, em vez de pipóte,
Póte,
E bebe, com grande magua,
Agua !
Do que gosto é de cerveja,
Veja !
Tambem tomo, com deleite,
Leite,
E como fructas maduras
Duras.
Traga já qualquer quitanda,
Anda !
Que a gente lambisqueira
Queira
Semelhante gulodice...
Disse”.

Trinta e quatro annos depois de haver eu sido examinado, em rhetorica, pelo maravilhoso vate, prestei-lhe, em uma das pobres chronicas com que collaborava em um dos jornaes de Bello Horizonte, esta pallida homenagem de minha saudade :

"Fez agora, no dia 19 de março, trinta e um annos que emudeceu para sempre a lyra de ouro de Bernardo Guimarães, o poeta dos "Cantos da Solidão".

A geração actual, no torvelinho febril que é arrebatada, não se deteve um instante perante esta data, porque não conheceu o insigne vulgarizador das virtudes da terra mineira; e, por não haver-o conhecido, não o ama como elle merecia ser amado.

Seja, pois, um dos superstítos da geração dos moços que directamente receberam o influxo de seu sentir e a irradiação do seu pensamento; seja eu que venha lembrar aos de agora quem foi aquelle que, na "Historia da litteratura brasileira", de Sylvio Romero, figura como uma das mais nitidas encarnações do espirito nacional.

Nascido em Ouro Preto, no anno agitado de 1827, e fallecido na mesma cidade, em 1884, Bernardo Guimarães possuia sómente a segunda daquellas duas qualidades eminentes que Eça de Queiroz attribuia a Ramalho Ortigão, qualrindes essas, — segundo o primeiro desses escriptores —, por serem raras, de grande resultado moral: não ser bacharel e ter saude.

Quasi isto dizer que elle foi bacharel como toda gente, e, como tal, exerceu a magistratura na longinqua cidade de Cutalão, em Geyaz.

Foi tambem jornalista, tendo redigido, no Rio de Janeiro, com Flavio Farnéze e Lafayetto Rodrigues Pereira, a "Actualidade", folha politica, de doutrina liberal.

Não foram, porém, seus titulos de bacharel ou de juiz municipal, nem tão pouco suas qualidades de jornalista e de professor que o ergueram ao pinaculo da gloria.

Foi sua obra litteraria, — abundante, rica, variada, elevada e nobre, — representada pelos seguintes livros:

Poesias: "Cantos da Solidão" (1853); "Inspirações da tarde" (1858); "Poesias" (1865); "Novas poesias" (1876); "Folhos de cutorão" (1883).

Romances: "O Ermitão do Muquem"; "Lendas e Romances"; "O Semiarista"; "O indio Affonso"; "A escrava Isaura"; "O Pão de ouro"; "A Ilha Maldicta"; "O Garimpeiro"; "Mau-

ricio ou os Paulistas em São João d'El-Rey"; "Rosaura, a engeitada" e "Historias e tradições da Provincia de Minas".

Como Victor Hugo, e como Eça de Queiroz, que, ainda do tumulo, nos mandavam, de vez em quando, volumes e mais volumes, Bernardo Guimarães, após sua morte, ainda nos tem enriquecido com a divulgação de novos thesouros conquistados ao seu espolio litterario, os quaes, como alguém já disse das obras posthumas do genial creador dos "Misericordias", a estufada esterilidade dos modernos escriptores inéditos costuma desdenhar, com absoluta confiança na sua impotencia creadora.

Ainda o mez passado, nessa deliciosa primeira conferencia sobre "Lendas e tradições brasileiras", feita em S. Paulo, por Affonso Arinos, este apaixonado esquadrihador do nosso passado reproduziu aquella linda bandeirante dos "Tupás brancos", que Bernardo Guimarães vulgarizou com tanta graça em um dos seus livros. Referindo-se a esse nosso fecundo romancista e inspirado poeta, affirma Arinos que a sua figura ha de avultar ainda na historia do pensamento brasileiro.

Para dar pequena amostra do modo de sentir e de dizer do poeta mineiro, que tanto enfevou as gerações que precederem a actual, deixo aqui transcripta a parte final de seu grandioso *Hymno á tarde*:

"Adeus, formosa filha do Occidente,
Virgem de olhar sereno, que meus sonhos
em doces harmonias transformavas;
Adeus, ó tarde! — já nas frouxas cordas
Rouqueja o canto e a voz me desfallece...
Mil e mil vezes rainarás ainda
Nestes sitios saudosos, que escutaram
De minha lyra o desleixado accento;
Mas, ai de mim! ... uns solitarias veigas
Não mais escutarás a voz do bardo,
Hymnos casando ao sussurrar da brisa
Para saudar teus magicos fulgores!"

.....

Não! Tua vez não deixará de ser escutada, porque os mortos ainda falam!

Durante a vida, serviste nobremente a Arte, e esta, pela palavra de um de seus mais elevados cultores, disse a seus eleitos com firmeza e certeza:

"Tu não morrerás inteiramente. Teu pensamento, manifestação melhor e mais completa de tua vida, permanecerá intacto, sem que contra elle prevaleçam todos os vermes da terra; teu riso de um momento reviverá nos risos que fôr despertando, e tuas lagrimas não seccarão, porque farão correr outras lagrimas..." — "Bello Horizonte, 1915".

De alguns de meus examinadores de preparatorios, tracei, annos depois, ligeiros perfis, que reuni, como já disse, sob a designação generica de — *Mestres de outr'ora*.

Reproduzo aqui tres desses perfis, do modo que se segue:

§ 7.º

I

AFFONSO DE BRITTO

Vi-o, pela primeira vez, em Ouro Preto, no "Lyceu Mineiro", numa fria manhã de 2 de julho de 1881.

Nesse dia, fiz eu o meu primeiro exame de preparatorios, o de latim, tendo como examinador esse *feroz* latinista, reputado, então, um segundo Attila, *açoute de Deus*.

Eramos seis os examinandos do referido dia, e fomos approvados, simplesmente, dous: eu e Lafayette Barbosa Rodrigues Pereira. Os demais exhibiam victimas da rusca inaplacavel.

Era isto naquelles remotos tempos passados, em que a lingua, na qual cantou o "Cysse de Mantua" e na qual gemeu o exilado do "Ponto", se estudava em tres annos, no minimo, e em que, aos

colégios, métrmente nos de padres, andava em p'eno vigor a maxima dolorosa "Litterae non intrans sine sanguine".

Alto, magro, mettido em comprida sobrecasaca pretá; de rosto alongado, tornado ainda mais fino pelo respeitavel *cavaignac* que o arrebatava; de t'êz bronzçada, olhar energico e severo, — havia no todo de Affonso de Britto um quer que fosse que impunha respeito e quasi mettia medo.

Inacessivel a empenhos; de uma impassibilidade olympica perante o pallido terror dos estreitantes, — era notoria a sua inflexivel justiça. Dir-se-ia que adoptára, na vida, como divisa, o lema: "Fiat justitia, ruat caelum."

Conta-se delle que, uma vez, um estudante esperto, sabendo do profundo amor que o mestre dedicava a sua veneranda mãe, dirigiu-se a esta, pedindo-lhe uma carta de empenho para o filho. Bondosa e acolhedora, a respeitavel matrona lle'a deu.

Confado em tão valiosa protecção, o examinando astuto alinhavou, mal, mal, a prova escripta, e lá se foi para o vestibulo do "Lyceu", á espera da prova oral. Decorrida meia hora, abriu-se a porta que dava para a sala de exames e assemou a mesma o vulto esguio e severo de Affonso de Britto. "Qual dos senhores ali se chama F.?" — perguntou friamente, o mestre. "Sou eu", respondeu, lampeiro e ancho, o interessado. "Pois bem; venho communicar-lhe em attenção á carta que me trouxe, que a sua prova escripta está sómente *passima*, e que é escusado entrar na prova oral".

Nada o demovia dessa norma de procedimento. Abroquelado com sua coherencia, — couraça de triplice bronze (*aes triplex*), — arrojava elle lições, blandicias, doctos, arengas, cartas anonymas e até aggressões physicas.

Além de seus predilectos classicos latinos, teve uma outra grande paixão na vida: a extincção do aptivo ro.

Foi um estrenuo propagandista da abolição. Fundou, com o malogrado professor Samuel Brandão, um jorna' abolicionista — "A Vela do Jangadeiro", — cujo primeiro numero appareceu a 6 de abril de 1884, e foi uma estapulta tremenda contra a malotta instituição negra.

Nessa época, era irrensistissima, em Ouro Preto, a lacta a favor da libertação dos captivos. Em tórno de Archias Medrado, que empunhava o lábaro da nova crença, grupavam-se legionarios da cruzada benedicta, taes como Leonidas Damasio, Manoel Joaquim de Lemos, Antonio Olyrtho, Eduardo Muelindo de Castro, Affonso de Britto, Samuel Brandão, Joaquim Francisco de Paula, Josephino Pires, Tiberio Mineiro e tantos outros que constituíam a guarda avançada desse luzido exercito que se batia denodadamente pela causa nobilissima da abolição.

Sem ser orador imaginoso e fecundo, teve Affonso de Britto, mais de uma vez, de utilizar-se da palavra fallada, na defesa de suas crenças, a cujo serviço empregou, com exito, o ardor de suas convicções e as energias de sua alma de lutador.

Feita a libertação, passou o mestre a collaborar em jornaes filindos no partido liberal, que se publicavam na velha Capital, como o "Liberal Mineiro", e, mais tarde, o "Jornal de Minas", tendo adoptado como norma, conforme, uma vez, me declarou, a maxima de Plinio, o Antigo: "Nul'a dies sine line'a".

Proclamada a Republica, e reformada a instrucção do Estado, por decreto de 1.º de dezembro de 1890, do presidente Bias Fortes, desapareceu o "Lyceu Mineiro", onde se haviam emplumado tantas aguias, para possantes remigios, sendo o mesmo convertido em "Gymnasio", desdobrado em "Internato", com séde em Barbacena, e "Externato", funcionando em Ouro Preto.

Por essa época, isto é, em janeiro de 1891, tive a honra de ser nomeado professor de Portuguez e de Literatura nacional desse ultimo instituto de ensino, de modo que vim a ser collega de magisterio daquelle que, dez annos antes, fôra meu examinador.

Data desse periodo o estreitamento de nossas relações e o meu conhecimento completo da inteireza do seu character inamol-gavel e rigido.

Como Reitor do Externato do Gymnasio Mineiro, a elle se deve a primeira organização dessa casa de ensino, de que tanto se orgulha o Estado de Minas, e onde se têm apparelhado tantas gerações de moços para as porfias de talento.

Quer como administrador, quer como professor, quer como secretario da instrucção publica, nunca se desviou um só ápice do aprumo em que mantinha sua estatura moral. Não cedia um só passo, uma só linha, daquillo que reputava ser o seu dever, e, dentro da couraça dessa coherencia consigo mesmo, atravessou a vida. Soffreu muito, é certo, por não saber ser accommodatico, nem condescendente. De encontro ao aço da intrasigencia de sua alma de espartano, muitos interesses, muitas pretensões se chocaram, por vezes, ferindo-o, contundindo-o, mas sem abalal-o.

Como Juvenal o disse naquelles versos "de sonoridade e brilho metallicos", — o saudoso latinista considerava que o maior crime é preferir a vida á honra, e, por causa da vida, perder os prazeres de viver.

"Summum crede nefas animam proferre pudori,
 Nec, propter vitam, vivendi perdere causas".

Em outubro de 1897, mudei-me de Ouro Preto para Bello Horizonte. Fui despedir-me de Affonso de Britto, que eu sabia estar de cama, com uma pneumonia, havia dois dias. Encontrei-o febril e abatidissimo: a mão escaldava-me, e a respiração era offegante. Entretanto, reconheceu-me, para receber logo no subletrario em que se debatia. Proferia algumas palavras, em voz mal audível, das quaes percebi que elle se referia ao Gymnasio, que era sua preocupação dominante; depois, pronunciou ainda algumas phrases latinas, desconnexas, e mergulhou-se novamente no terrivel sopôr das molestias graves.

Afastei-me de seu aposento e os bicos dos pés, como quem sáe do quarto de um moribundo, e com a alma enluctada pela certeza de que o não veria mais.

De facto, no dia seguinte ao de minha chegada a Bello Horizonte, recebi uma carta de meu pae, annunciando-me o fallecimento do meu primeiro examinador de preparatorias, e, posteriormente, collega de magisterio.

E, assim, foi elle colhido pela morte, como aquella personagem do Iliá, sob aquella fórma que Cesar sempre apeteceira, — *inopi-*

natam atque repentinem. Morreu sem haver tido tempo de ter medo da morte, conforme o preceito de Seneca, no Tratado "De brevitate vitae": "*Optanda mors sine metu mortis mori*".

A b r i l - - 1 9 1 6 .

II

EDUARDO MACHADO DE CASTRO

O notavel medico portuguez, Julio de Mattos, escrevendo, certa vez, sobre o extraordinario docente da "Escola Medica de Lisboa", Souza Martins, estabeleceu, com muita justeza, a distincção entre o "professor" e o "mestre" propriamente dito.

Saber muito, — disse elle; conhecer na sua historia e nas suas ultimas acquisições a sciencia ensinada; ter um profundo sentimento das difficuldades que ella reserva aos que começam; utilizar com egua' facilidade os recursos da analyse e da synthese, — taes são as preciosas e raras qualidades indispensaveis ao professor. Mas, no mestre, outras têm de integrar-se ainda, excepcionaes, essas, e absolutamente inacessiveis no esforço da vontade: taes são a originalidade especulativa, que suggestiona os espiritos e brevemente illumina horizontes novos da sciencia, a critica iniciadoro, que resulta de uma aystematização pessoal de doutrinas; a eloquencia, que é a espontanea identificação da palavra com a idéa; enfim, abraçando e dominando tudo, um profundo e vasto amor da mocidade. Porque, si as relações entre o "professor" e o "aluno" se interrompem e se suspendem, transpostas as aulas, as do "mestre" com o "discipulo" são incessantes e suppõem uma afinidade intellectual que a natureza humana difficilmente comporta sem uma larga base affectiva.

Pois bem; "esse profundo e vasto amor da mocidade, essa larga base affectiva", foram os predicados que sempre destacariam Eduardo Machado de Castro dentre o luzido corpo docente do "Lyceu Mineiro", da "Escola Normal" e da "Escola de Pharmacia de Ouro Preto", onde elle leccionou

Tão vasto e tão profundo era esse amor, que, não fôra a escrupulosidade de atleta com que a natureza o dotára, difficilmente se diferenciaria o mestre dos discipulos, por occasião daquellas formidaveis patisendas que enchiam de canções, e, ás vezes, de bordoadas, as nevocentas noites arropiadas do frigidó Ouro Preto da ultima década da monarchia.

De dia, no velho "Lyceu", o estimado Liliuz (como, então, lhe chamavamos) leccionava, com proficiencia e paciencia, Historia e Geographia, a rapazes que, attentos e respeitosos, recebiam o seu ensinamento, de cuja solidéz e de cuja elevação são traços evidenciadores as monographias que escreveu, taes como "Epanaphoras Mineiras", "Historia da Conjuração Mineira", etc. A' noite, porém, á hora propicia ás serenatas e ás cantas aquoeedoras, era de ver-se o sentimento poetico com que o mestre, cercado de discipulos sentados nos degraus musgosos das egrejas ancianas, ou nos bancos de pedra das pontes seculares da velha capital, ao som das flautas modulas e dos violões gementes, recitava poesias de Fagundes Varella e de Castro Alves, atirando para as alturas os longos braços de birpetes rijos; e, logo depois, o denodo pantagruelico com que arrostava os bifos assassinos da tarefa tradicional do "Passa bem". E' a essa época, provavelmente, que se referem aquelles formosos versos de Lucio de Mendonça :

"Minas é a terra das manhãs brumosas,
Das longas noites de ideal poesia.
Como a Allemanha legendaria e fria,
Minas é a terra das canções saudosas".

Dir-se-ia que o Ouro Preto desse tempo era uma edição brasileira da velha Coimbra, e que nos estudantes do então, idealistas e sonhadores, que enchiam a velha Capital de rumor e de alegria, se poderiam applicar as palavras de um dos mais finos escriptores portuguezes, quando, referindo-se á universitaria cidade de seus dias, disse :

"Em cada estrella, plantavamos uma tenda, onde dormiamos e sonhavamos um instante, para logo a erguer, galopar para outra

clara estrella, porque eramos verdadeiramente, por natureza, ciganos do Ideal. Mas o Ideal nunca o dispensavamos, e nem as sardinhas assadas das tias Caméllas nos saberiam bem, se não lhes juntassemos, como um sal divino, migalhas de *Metaphysica* e de *Rhetorica*. A prúdega mesmo era idealista. Ao segundo ou terceiro decilitro de carrascão, rompiam os versos. O ar de Coimbra, de noite, abava todo fremente de versos. Por entre os ramos dos choupos, mal se via com a névoa de nossas chimeras...

.....

Era alto, espadado, moreno de olhos grandes e vivos, testa ampla, bocca francamente rasgada, onde alvejavam duas fileiras de dentes de um esmalte impecavel, que tornavam mais claro seu riso horachilino e amigo; — a face gorlameluda e fresca e o alentado corpanzil latino do Lillie lembravam o todo anafado e prospero de um conego de prebenda inteira.

Trajava-se com apurado esmero; e, nos dias solennes dos institutos onde funcionava, bem como nas noites de theatro e de conferencias (pois era, tambem, orador fluente e imaginoso), Machado de Castro apresentava-se, invariavelmente, de alta cartola luzidia, amplk sobrecasaca bem tallada e livas pretas.

Nunca se irritava; nas aulas, e por occasião dos exames, era de tolerancia magnanima; dirigia a pergunta ao alumno ou ao examinando, e punha a mão em ceneha, atraz do pavilhão da orelha, porque era um pouco surdo. Si a resposta era disparatada, elle, quando muito, a sublinhava com uoa de seus gargalhadas es-tentoricas.

Conta-se, entretanto, que teve raiva uma vez: foi numa banca examinadora de *Geographia*, da qual faziam parte elle e o dr. Costa Senna, mais tarde director da "Escola de Minas". O examinando era de ignorancia acintosa. O dr. Senna, porém, paternal e bondoso, esforçava-se por salvá-o, propondo-lhe questões elementarissimas. Ao perguntar-lhe, certo momento, qual era o rio que bacia a cidade de Paris, o estudante embuteou; o dr. Senna, para evivar-lhe a memoria pérra, fez-lhe ver que, na banca, havia alguém que tinha o nome desse rio. O examinando, depois de crumngir os olhos lentos pelos tres examinadores, demorou-os, por

um instante, em Machado de Castro, e, como si recebesse o lume da inspiração, respondeu, impavido: "E' o rio Lílíca!" Este, como se ouvisse uma allusão pessoal, deu, sobre a mesa, um rijo murro que fez saltar a tinta do tinteiro.

Fóra disto, e nas horas de folga, era, apenas, o mais velho dos estudantes: alegre, despreocupado, bohemio, generoso e amigo da boa pilheria.

Quando, por decreto n. 500, de 2 de janeiro de 1893, foi creado o curso de Bacharelado em sciencias naturaes e pharmaceuticas, anexo á "Escola de Pharmacia de Ouro Preto", Machado de Castro, já entrado em idade, — pois tinha bem mais de quarente annos, e sendo, ha muito, pharmaceutico, — defendeu, com grande brilho, perante a congregação daquelle instituto, uma these interessantissima sobre — "Veneno opíldico" —, a qual lhe valeu não só o título de Bacharel, como de professor do curso recentemente creado.

Foi por essa época que ouvi suas lições, depois de haver sido, annos antes, seu examinando de diversos preparatorios.

Em 1912, estando eu morando, temporariamente, no Rio de Janeiro, li, em uma linda manhã, no "PAIZ", com surpresa e magua, a noticia de seu fallecimento inesperado, naquelle capital, onde tinha ido em visita a uma filha casada, alli residente.

A hora em que tive a triste nova e a distancia da casa em que se deu o oíxto, não me permittiram ir acompanhá-lo á derradeira morada e lançar sobre o corpo inerte do querido mestre a minha pá de terra.

De xolhe, porém, aqui, nesta pagina incolor, o tributo de minha saudade.

Pobre Lílíca! . . .

Elle era bem dos espiritos selectos de Bourget, "daquelles que datam e marcam um descobriemento novo na sciencia de provar amarga e docemente a vida, no que, talvez, se reduza toda arte".

D'elle, tambem, poderá dizer-se o que foi escripto a respeito de um jornalista e ex-professor, ha pouco fallecido, isto é, que, si na sua estatura alguém descobriu pelliculas de barro humano pegado ao ouro, si nas pregas de manto divisar avessos, perdõem os pec-

cados venias, si é que os teve, no que transitou tamanha via com a inteireza de um justo, perdoem, porque muito amava o que mais deve amar-se — porque muito amou a sua Arte, porque muito amou a sua Terra. Viveu e morreu nessa religião e nessa fé...

Maio — 1916''.

III

RANDOLPHO JOSE' FERREIRA BRÉTAS

Na manhã de hoje, de um azul immaculado, alegrada pelo aflat das azas e o chilreio dos pardacs, sob a inclemencia de um ceo bochornoso e ignescente, — telendo *Noves d'antanho*, do Conde de Sabugosa, occorreu-me aquella celebre phrase que o famoso Talleyrand, Principe de Benevente, disse, certa vez, a Guizot :

“Qui n'a pas vécu dans les années voisines de 1790, ne sait pas ce que c'est le plaisir de vivre”.

Outro tanto poderá dizer a encanecida e aposentada geração a que pertenco, relativamente ás ultimas décadas do seculo dezenove.

Foi no principio do antepenultimo decennio desse seculo, isto é, na segunda metade de anno do 1881 (a 16 de julho desse anno, posso precisar a data), que conheci, em Ouro Preto, um professor que produziu impressão indelevel em meu espirito assustadiço de adolescente.

Nesse dia, fiz eu meu exame de francez, no Lyceu Mineiro, tendo como examiuador Randalpho Brétas, mestre dessa materia em tal Lyceu e na Escola Normal da velha Capital, desde 1874.

Estavamos em vespervas dos dous grandes acontecimentos que viriam transformar radicalmente a sociedade brasileira : a abolição do captiveiro e a proclamação da Republica.

Havia, pois, em nossas almas do estudantes, a grande luz de um ideal alaudorado a illaminá-las, e, em nossos corações, os anseios de um enthusiasmo crepitante a aquecê-las.

Quantas vezes, fechavamos, repentinamente e de estalo, nossos livros de estudo, e íamos atrear as pacatas ruas ladeirantes e frígidas da cidade unciã, com nossos bérros de abolicionistas e de republicanos imberbes, tanto mais sinceros quanto mais inoffensivos, com as quaes suppunhamos abalar o mundo!...

Voltando, porém, ao ponto de partida, — foi nessa epocha que tive meu primeiro contacto com o inesquecível Professor Brétas, na banca examinadora de francez, por occasião de meu segundo exame de preparatorios.

Era esse professor uma dessas figuras que impressionam, *prima facie*, a quem dellas se aproxima.

De estatura superior á mediana, alentado de fôemas, alourado, de fronte calva, face rubicunda, olhos de myope tornados mais penetrantes pelo reflexo dos vidros dos oculos de aros de ouro, com que corrigia a deficiência visual; possuindo voz pausada e branda, tendo um andar compassado e vagaroso, usando de apuro notavel nas vestes de asseo irreprehensivel — o sou todo inspirava sympathy, infundia respeito, captivava confiança.

Tanto leccionando, como examinando, era de extrema delicadeza para com todos, indistinctamente, a ninguém humilhando, a ninguém vexando, a ninguém apavorando.

Seus julgamentos, porém, revestiam-se de inflexibilidade severa, e ai do examinando que commettesse erros graves de pronuncia e não lhe levasse, na ponta da lingua, todas as modalidades dos verbos francezes irregulares!

Seu examinando (como já disse) em 1881, fui por elle distinguido, em 1887, com um convite nobilitante para fazer parte do corpo docente do "Collegio Mineiro" que elle fundára, naquelle anno, com o proecto e prantando professor Augusto Avelino de Araujo Lima, e, durante os primeiros mezes do anno de 1891, tivo a heura de sentar-me a seu lado, na congregação do Externo do Gynnasio Mineiro, até a sua aposentadoria, que lhe foi concedida a 3 do junho daquelle anno.

Relembrando hoje, nesta manhã fuscante e calida, a figura fidalga e austérra do professor Brétas, ouço cantar-me nos ouvidos

essa mysteriosa voz dos tempos, de que falava Machado de Assis, a qual dá alicia ás reminiscencias antigas e, com a linguagem natural das ruínas, que é a da caducidade das cousas, nos faz, em dado caso, velar, em tuas ruínas, um pouco de nós mesmos.

Janeiro — 1930".

§ 8.º

Em março de 1882, parti de Ouro Preto para o Rio de Janeiro, afim de matricular-me na Faculdade de Medicina, daquela capital.

No Rio de Janeiro

1882 - 1884

SUMARIO: § 1.º - Chegada no Rio de Janeiro. — § 2.º - Febre amarella — § 3.º Matricula na Faculdade de Medicina. — § 4.º - Periodo de soffrimentos. — § 5.º - Professorado particular. — § 6.º - No commercio. — § 7.º - Ida para o Maranhão. — § 8.º - Solidão moral. — § 9.º - A Filha da Miséria.

Tous les changements, même les plus subitès, ont leur mélancolie, car ce que nous quittons, c'est une partie de nous mêmes; il faut mourir à une vie pour entrer dans une autre.

ANATOLE FRANCE, *Le crime de Sylvestre Bonnard*.

§ 1.º

Havendo partido de Ouro Preto, em demanda do Rio de Janeiro, afim de, como disse, matricular-me na respectiva Faculdade de Medicina, cheguei a essa cidade a 25 de Março de 1882, ás nove horas da noite.

Nessa epoca, consumiam-se, na viagem da velha capital mineira á Côte (como se dizia, então), tres longos dias estafantes, sendo dous a cavallo e um em estrada de ferro.

Desembarquei do trem da Estrada de Ferro D. Pedro 2.º, que me levára de Carandáhy ao Rio, sózinho, sem que houvesse encontrado, na respectiva estação, um rosto amigo que me dêsse as boas-vindas. Tomei um

"tilbury", que me conduziu, morosamente, durante quasi uma hora, atravez de ruas estreitas e mal illuminadas; ao bairro distante, onde fui hospedar-me.

Deitei-me logo, estrompado, movido pelos sacolêjos do trem e do "tilbury", com o corpo cheio de pó e os olhos cheios de carvão. Tive um somno agitado e nada reparador, atravessado de pesadelos, nos quaes me apparecia, frequentemente, um monstro borrendo, de guélas hiantes, a devorar-me.

§ 2.º

Levantei-me cedo e fui para a janella da frente, do sobrado onde pernôitára. A's sete horas, o sol já abrasava, pois estavamos em um dos verões mais escaldantes. Um maravilhoso céo luzente se arqueava, do alto, immaculadamente azul, sobre a cidade que me patenteou, então, toda a sua grandeza e majestade.

Chamou-me logo a attenção a quantidade de carros furerarios que, desde cedo, — com grande acompanhamento, uns, — solitarios, outros, — começaram a deslizar, ás dezenas, em demanda do Cemiterio de S. João Baptista. Eram victimas da febre amarella, que assolava, então, a cidade, em uma das epidemias mais mortíferas.

Vendo estender se diante de meus olhos de provinciano deslumbrado aque'la metropole ferrosissima, onde a arte e a natureza, quaes fadas benignas, se deram as mãos, para cumular-a de ercantos arrebatadores, e enriquecel-a de bellezas sem par; vendo-a, assim, flagellada pelo açote impiedoso, que lhe dizimava a população indefesa, occorreu-me aquillo que lêra em um dos "Sermões" do padre Antonio Vieira, isto é, que, indo a Roma, nos tempos de sua maior opulencia e grandeza, um embaixador de Pyrrho, rei dos Epirotas, não

fazia fira de admirar o que o poder e a arte tinham junto naquella empório de riquezas e delicias. E, perguntado pelos Romanos, si achava algum defeito na sua cidade: — “Sim, acho”, respondeu o embaixador. “E qual é?” “Que, tambem em Roma, se morre”.

§ 3.º

Estando assim, pasmado, a observar aquelle contraste chocante, do movimento crescente da vida das ruas com os enterros que se succediam, alguém, que viajava em um dos bonds puxados por burros, que passava, re-conhecendo-me, apeiou e veio ter comigo. Encontro providencia! Era um antigo condiscipulo, dos tempos de Ouro Preto, o segundo-aunista de medicina, Henrique Augusto de Mello Senna, o qual se promptificou, prestimosamente, a servir-me de *cicerone*, nos primeiros passos que tinha a dar, para minha matricula na Faculdade de Medicina, a qual se realizou, nesse mesmo dia (30 de março de 1882).

§ 4.º

Dessa data em diante, começou, para mim, uma vida cheia de amarguras, de trabalhos superiores á minha idade e a minhas forças, de soffrimentos ignorados, de sacrificios inauditos, de humilhações revoltantes, de luctas asperas, de privações altivamente curtidas.

Ea era de uma timidez de sensitiva e de um orgulho indobrável, — qualidades essas que impróprias o homem para abrir caminho em meio adverso e malquerente, como é o das grandes cidades.

§ 5.º

Empreguei-me, como professor, num collegio que me fornecia casa e alimentação a trêco de tres noras de aulas diarias, de leitura adiantada e de latim. Além disso, leccionava, tambem, primeiras lettras, duas horas por dia, a dous filhos e a dous netos de um senador, para chegar á casa do qual fazia um longo percurso, quasi sempre a pé.

Cinco horas de licção por dia, mal alimentado, mal dormido e privado de conforto indispensavel a quem trabalhava !

§ 6.º

Para não continuar a sacrificar meus estudos, como iam sendo sacrificados, empreguei-me no commercio, como ajudante de guarda-livros, — o que peiorou minha situação, porque o commercio naquella epoca (pelo menos aquella parte do mesmo com que me puz em contacto) era rotineiro, atrasado, grosseiro e, por vezes, deslhonesto.

§ 7.º

Resultado : fiquei de tal modo deprauperado, e com o organismo de tal fórma combalido, que, quando meu pae, em outubro de 1884, passou pelo Rio de Janeiro, afim de ir tomar posse e entrar em exercicio do cargo, para que fôra nomeado, de desembargador da Relação de S. Luiz do Maranhão, me levou consigo, afim de equilibrar, com a viagem por mar, minha saúde abalada, por excesso de trabalho, aggravado pelo clima deprimente do Rio.

§ 8.º

O que mais me abatia, nessa quadra nefasta, era a solidão moral a que me via submettido, e que confirmava a exactidão do conhecido brocardo latino: "*Magna civitas, magna solitudo*".

Eu teria experimentado, integradamente, a amargura dolorosa da pungente exclamação do Ecclesiastes: "*Vae soli!*" (ai do que está só!), si não fôra a circumstancia de possuir alli alguns parentes generosos que se interessavam por minha sorte, e cuja casa era, para mim, oasis abençoado, onde, aos domingos, encontrava refrigerio e allivio aos soffrimentos que iam crestando a flor de minha juventude.

§ 9.º

Guardo, desse tempo, uma recordação que, annos depois, procurei fixar em uma chronica epigraphada — "*Do fundo do passado*", — publicada em uma "*Revista*" de estudantes, e que é a seguinte:

"Ha quasi quarenta annos. pois foi em 1883, deu-se no velho casarão colonial da rua da Misericordia, onde funcionava a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, um facto que tentarei recompor nestas linhas apressadas.

Havia sido recolhido ao amphitheatro de anatomia um corpo de mulher, destinado, como tantos outros, á carnificina da autopsia, "*ultima affronta da caridade official nos desherdados, por cuja miseravel carcassa pessoa alguma vae interceder*".

A magreza diaphana e exangue desso corpo, que pesava uma folha de maguólia, fazia lembrar a daquella pobre Martha, tão evocadoramente descripta por Fialho d'Almeida, nas paginas empolgantes de "*Tres cadaveres*".

A sua nudez mirrada offerencia tambem, como a da tysica, de Fialto, signaes de emaciação indescrictivel: era uma ossada nodosa e cheia de vergões sob a flacidez da pelle que a revestia cheia de ecchymoses róxas pelo dórso, nucreha, torcida e bem afastada já da gracilidade airosa d'outro tempo. O ventre, mettido para dentro, começava a encher-se do listrões de verde glauco, em que as varojeiras picavam de raspão; os seios murches, enrugados, vasio, descarnavam um collo cheio de maculas de causticos, donde o gashéto sahia num esgalgamento de girafa, — e desse corpo de martyr feminina havia alguma cousa que inspirava uma piedosa sympathia: era a cabeça, ainda bella, de uma escriptura inspirada entre os cabellos enormes, que empastára nas fontes o suor da ultima agonía.

Na macerada alvura dessa physionomia de cêra, erde a magreza desnudára os relevos osscos da mascara, patenteando o artificio anatomico das feições, a fórma do nariz tomára um afilado de estatua dolorosa.

Um exame preliminar revelára aos moços estudantes que rodeavam esse cadaver de tysica, que o corpo que iam abrir era um corpo de virgem.

Essa revelação produziu na assistencia juvenil uma dessas fundas e vivas emoções que a alma dos rapazes exalta, mais espontaneamente, talvez, que a das mulheres, e que a'guem disse ser como um perfume intimo e recondito que parece nascer da virgindade do caracter.

Um desses estudantes, então, romantico, sonhador, do alma impressionavel e de coração mimoso, possuido de subita inspiração perante a nudez sagrada da donzella morta, tomando um lapis, escreveu, nervosamente, no caderno de notas, um formosissimo soneto, todo elle repassado de suave e doce lyrismo da época.

Esse moço chamava-se Antonio Fernandes Figueira, e o soneto é o seguinte:

A FILHA DA MISERIA

Num amphitheatro de anatomia

(Improviso)

Dizem que o crime, o vicio, as impurezas erías
Costumam perocer no catro do hospital.
Mentira! Estás aqui, nas fôrmas brancas, nûas,
Mostrando á mocidade um corpe virginal.

E quantas dessas mi. donzelas que, nas ruas,
Ostentam de seu luxo o timbre oriental,
Valem menos que tu, do que as virtudes tuas,
Que affrontaram o vicio, a enfermidade e o mal!

E, enquanto que ellas vão, do sélio da riqueza,
Calcaado aspirações, matando com vileza
O esplendido porvir de nobre consciencia,

Nûa, deitada aqui, a filha da miseria,
Si não gosa da tariba a plaidez funerea,
Serve, ao menos, de força no braço da sciencia!...

Bello Horizonte — 1921.

CAPITULO V

Em Ouro Preto (2.^a vez)

(1885 - 1889)

SUMARIO: § 1.^o - Volta do Maranhão. — § 2.^o - Novamente funcionario publico. — § 3.^o - Fundação da Sociedade Fúeraria. — § 4.^o - Casamento. — § 5.^o - Fallecimento da primeira filha. — § 6.^o - Abolição do captiveiro. — § 7.^o - Tradução do poema EVANGELINA. — § 8.^o - Organização do partido republicano em Minas. — § 9.^o - Proclamação da Republica.

Como a nve que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno

LEIZ GUIMARÃES JUNIOR

§ 1.^o

Estivemos no Maranhão, eu e meu pae, de 2 de novembro de 1884 a 15 de março de 1885. Tal viagem me fez um grande bem: restituiu-me a saúde periclitante e curou-me da obsessão, que me ia matando, de ser medico, sem ter meios para isto. Aliás, não foi este o unico anhêlo de minha vida, por cuja insatisfação sendo graças aos fados benignos.

§ 2.^o

Chegados a Ouro Preto, meu pae seguiu para a Diamantina, e eu fiquei na velha Capital, onde, a 15 de abril

do referido anno de 1885, obtive pela segunda vez, e, então, independentemente de concurso, nomeação para um logar vago, de 3.º Official interino, da Directoria da Fazenda Provincial. Quem assignou tal nomeação foi o desembargador José Antonio Alves de Brito.

§ 3.º

Como funcionario, que eu era, da Directoria da Fazenda, fui, nesse anno de 1885, um dos 42 socios fundadores da "Sociedade Funcraria", estabelecida entre os empregados daquela Directoria para custear o enterro dos respectivos associados fallecidos. Tal sociedade, denominada, hoje, "Sociedade Auxiliadora dos Funcionarios Publicos da Capital de Minas", com finalidade mais ampla, conta, actualmente, mais de quinhentos membros. Dos 42 socios fundadores de tão util instituição, sobrevivemos, no momento em que escrevo estas linhas (26 de fevereiro de 1931) os cinco seguintes: Jucundino Julio Santiago, Francisco José Soares Morcira, Augusto Coutinho e Aurelio Pires. ("Como se morre depressa neste paiz de crepusculos instantaneos!").

§ 4.º

A 23 de agosto desse mesmo anno (1885) dei o passo mais acertado da minha vida, isto é, casei-me, em Diamantina, com minha prima Sásinha (Maria Olyntia de Sá Pires) que me tem sido valente companheira, bondosa e dedicada, por mais de quarenta e cinco annos.

Pósson agora, fortalecido por tão profundo e inquebrantavel amor, applicar a mim os conhecidos versos, traducção de um epigramma grego da Anthologia Palatina:

"Inveni portum; spes et fortuna, valet!
Nihil mihi vobiscum est: ludite nunc alios.

(Encontrei o porto; adeus, esperança, adeus, fortuna;
 Bastante me enganastes; brinca? agora com outros
 mortaes).

§ 5.º

Corria venturosa e tranquilla nossa existencia, em Ouro Preto, entregando-nos ambos ás lides do magisterio particular, em um modesto collegio que fundáramos, no qual eu leccionava linguas a rapazes e, minha esposa, primeiras letras a meninas (pois era uma professora de notavel preparo e aptidão, havendo exercido, com vantagem, o magisterio publico, em Diamantina); corria-nos a vida mansa e sem tropeços, quando um acontecimento luctuoso veio perturbar tanta felicidade, lançando-nos sobre os corações crepe inarrançave. Morreu-nos, a 11 de novembro de 1887, nossa primeira filha Olga, que havia nascido a 4 de junho do mesmo anno. Era para ella que viviamos e para ella que trabalhavamos.

Foi como um despedaçamento das fibras mais sensiveis de nossos corações, um desmoronamento de todas as nossas aspirações, um esvaecimento dos sonhos que nos embalavam a existencia.

Senti dôr egual áquella que arrancou, mais tarde, da penna do poeta portuguez Teixeira de Pascoaes o bem conhecido soneto angustioso, intitulado — *Junto d'Ele* — e que é o seguinte :

“Que terrivel a tragedia ver a gente
 No seu exiguo e doloroso leito
 Uma creança morta, um innocente,
 Um pequenino amor, inda perfeito !

Oh que immensa palidez tremente
 A do gélido rosto contrafeito!
 E as mãosinhas de cêra docemente
 Oh dôr! Oh dôr! cruzadas sobre o peito!

Oh Deus cruel que matas as crianças!
 Auróras para o nosso coração,
 Alegrias, alívios e esperanças!

Não sei quem és, eu não te entendo, oh Deus!
 E penso com horror na escuridão
 Desse teu Reino trágico dos Céus!..."

§ 6.º

O anno de 1888 foi assignalado, em Ouro Preto, pelo recrudescimento da propaganda a favor da abolição do captiveiro.

Desde quatro annos antes, já existiam ahí nucleos pujantes de abolicionistas, taes como — *A Libertadora Mineira* e a *Abolicionista Rio Branco*, onde se reuniam professores e alumnos da Escola de Minas, da de Pharmacia e do Lyceó Mineiro, para accordarem sobre os meios de levar-se por diante a idéa libertadora. O jornal intitulado — *A Vésa do Jangadeiro*, a que já me referi no perfil de Affonso de Britto, estampou nas columnas de seu primeiro numero, apparecido a 6 de Abril de 1884, eloquentes discursos pronunciadados por occasião dos festejos com que aquellas associações celebravam a data de 25 de março anterior, na qual a heroica provincia do Ceará quebrou a algêma nos braços de seu ultimo escravo. E' do discurso de Josephino Pires o seguinte trecho:

"A patria de Alencar, o berço da lenda poetica de Iracema, viu, um dia, o seu solo abrasado pela sêca e devastadora; nem uma gotta d'agua para miti-

gar a sêdo de seus filhos, e dar florescência a seus campos: para humedecel-o, entretanto, ella não quiz as lagrimas do escravo; preferiu o suor santo do trabalho e o orvalho fertilizador da liberdade”.

Leonidas Damasio, um dos mais valentes paladinos da abolição, finalizou o seu discurso com as seguintes palavras:

“No dia de hoje, nós que vivemos a pensar numa melhor organização social, que nos obstinamos a olhar para a frente, pedindo mais luz e mais liberdade para o Brasil, podemos realentar as nossas crenças.

A extinção total dos escravos brasileiros vem perto, e aquelles que têm como ideal religioso a marcha progressiva da humanidade feliz e livre, ajoelham-se ante a visão da patria, que surge mais pura e mais bella, para a geração que nos deve succeder”.

A 30 de novembro de 1887, por occasião do jubileu sacerdotal do querido e venerado Conego Joaquim José de Sant’Anna, vigario da freguezia de Ouro Preto e politico conceituadíssimo, foram distribuidas por elle, na Praça da Independencia, a céu aberto, centenas de cartas de alforria, que lhe foram dadivosamente offerecidas por senhores de escravos, em regosijo por aquella festa jubilar.

Durante todo o anno de 1888, a velha Capital se transformou em asylo de numerosos escravos fugidos, que desertavam as fazendas, em busca de liberdade que lhes era assegurada pelos irmãos brancos, a quem o espectáculo da escravidão se tornára odioso. De modo que, quando, a 13 de maio desse anno de 1888, chegou, a Ouro Preto, a noticia ulviçreira de que havia sido decretada pe-

governo imperial a extincção da escravidão no Brasil, a cidade inteira, como impellida por um só sentimento humanitario, fraternizou-se com os escravos alli existentes, por entre aclamações e transbordamentos de alegria, tornados mais vibrantes e mais entusiasticos pelo bimbalar de todos os sinos de todas as egrejas, e pelo estrugir de milhares de foguetes, a festejarem o decreto redemptor.

§ 7.º

Em setembro de 1888, publiquei, em 1.ª edição, nas officinas typographicas de Lombaerts & Cia., do Rio de Janeiro, uma traducção, em prosa, do commovente poema — *Evangelina* — do poeta norte-americano Henry Wadsworth Longfellow, que eu havia feito, dia a dia, para meus alumnos de inglez.

Oito annos depois, em 1896, meu irmão Antonio Olyntho dos Santos Pires mandou imprimir uma segunda edição da mesma traducção, nas officinas do *Estado de Minas*, jornal de sua propriedade, que se editava em Ouro Preto.

§ 8.º

A 15 de novembro de 1888, reuniu-se, em Ouro Preto, um Congresso Republicano, cujas decisões tiveram repercussão larga e profunda em todo o Estado de Minas.

Transcrevo, em seguida, pela importancia historica de que se reveste, um notavel trabalho que meu fallecido irmão Antonio Olyntho dos Santos Pires escreveu a proposito de tal Congresso, intitulado — *A idéa republicana em Minas; sua evolução; organização definitiva do partido republicano* — o qual foi publicado no fasciculo 1.º, do anno XXI (1927), da "Revista do *Archivo Publico Mineiro*".

“O territorio que constitue o actual Estado de Minas Geraes só começou a ser habitado dois seculos depois da descoberta do Brasil.

O extenso littoral da antiga colonia portugueza, abrangendo cerca de 7.000 kilometros de costa do Atlantico, em grande parte coberto de florestas, pujantes de vida tropical, onde dormiam inexploradas valiosas riquezas naturaes, offereceu, desde logo, aos primeiros colonos que ali aportaram não só meios furtos para saziar a sua cobiça de aventureiros, como resistencia tenaz á conquista do interior do paiz.

A estas florestas succede a Cordilheira da Serra do Mar, que, obedecendo, embora de modo geral, ás sinuosidades da costa, ora della se afasta, formando baixadas pantanosas, ora se approxima tanto que chega a entestar com o oceano, rendilhando o littoral de bahias e de enseadas, pontilhando-o de ilhas e de ilhotas, como succede desde o Paraná, ao sul, até a Bahia, ao norte.

Por traz da Serra do Mar, outras cordilheiras se aparam, como a Serra da Mantiqueira, na qual se alteiam os picos mais elevados do Brasil, e a Serra do Espinhaço, que deita ramificações pelo interior do paiz, as quaes vão morrendo em ondulações, maiores ou menores, até se fundirem nesse extenso planalto brasileiro, que corre para o norte e para o oeste, e vai sumir-se de novo nas florestas espessas e quasi desconhecidas, ainda hoje, das nossas fronteiras com a Bolivia, o Perú, a Colombia e a Venezuela.

E' exactamente por traz da Mantiqueira e onde a Serra do Espinhaço fórma as suas mais vigorosas ramificações, que fica o territorio occupado por Minas Geraes.

Não era, pois, facil aos primeiros povoadores do Brasil penetrarem até aquelles sitios, onde jaziam valiosas riquezas mineras, e cuja descoberta, aguçan-

do a rubiça dos mais audazes, para lá encaminhou, sem demora, uma robusta corrente de valentes exploradores que alli se fixaram dando origem ás cidades e aos povoados que formam o actual Estado de Minas, o mais populoso da Federação Brasileira.

Isso, porém, só se realizou a partir dos ultimos annos do seculo XVIII.

Foram, effectivamente, as explorações do ouro e do diamante, abundantemente encontrados em Minas Geraes, que guiaram os passos de seus primeiros povoadores. Alli encontraram elles um clima ameno, aguas excellentes, terreno de grande fertilidade; em summa, todas as condições necessarias para o desenvolvimento da vida e das povoações que nasceram por toda parte.

De modo que, em pouco tempo, era essa região brasileira das mais povoadas e ricas de toda a colonia.

Vivendo, porém, longe do litoral e d'elle separada por grande difficuldade de transportes, essa população só sentiu o influxo das auctoridades da metropole pelos vexames e oppressões que as leis de então auctorisavam.

Em troca dos impostos pesadissimos que pagavam, nenhuma beneficio lhes advinha; e d'aqui o espirito de revolta que essa população manifestou desde os primeiros tempos.

Montaubezes habituados a resolver por si as difficuldades que, a cada passo, encontravam na sua ardua faina, era natural que nada esperassem da acção do centro administrativo que agia muito de longe, para lhes fazer sentir o seu beneficio influxo.

Assim sendo, foi d'alli que partiram as primeiras vozes reclamando a emancipação da colonia, e, antes do primeiro decennio da edificação dos primeiros povoados, começavam a rebanpear neles ilhas de li-

berdade e de autonomia; e, menos de um século depois da descoberta de Minas Geraes, já lá se agrupavam os homens mais adiantados e illustres da época e planejavam a organização de uma Republica independente, desligada da metropole portugueza, regendo-se e governando-se pelos principios de democracia.

A aspiração republicana nasceu, pois, em Minas Geraes, com a fixação dos primeiros bandeirantes que povoaram o seu sólo.

O desenvolvimento da população, aggreminada em nucleos onde florescia as minas, determinou a fundação dos primitivos arraiaes que se tornaram, com o correr dos tempos, as villas e, depois, as cidades mineiras.

Estes embryões de sociedade, que se agitavam no meio das maiores difficuldades materies e entrelaçados pelos mais variadas interesses, não se podiam corporificar, nem mesmo viver, sem o influxo da autoridade que os congregasse na defesa commum e definisse os direitos de cada um, no caso de onde surgiram.

Tal função não podia ser exercida á distancia, com absoluto desconhecimento das condições locais, como o fazia o governo portuguez. De modo que as povoações nascentes foram reconhecendo a conveniencia, se não a necessidade de constituirem autoridades suas, com pessoal sabido do seio dellas, com regimens peculiarmente seu e com processos expeditos para a solução das questões que frequentemente appareciam.

Foi assim que, tendo começado a edificação dos primeiros arraiaes mineiros em 1698, já em 1707, isto é, nove annos depois, explodiu em Minas a guerra dos "Lanboabas", que pôz em cheque a auctoridade da Metropole. Durante mais de dois annos, Manoel Nunes Vianna exerceu, no territorio de Minas,

auctoridade de que foi investido pela vontade popular, sem beneplacito dos governos de Lisboa, ou do Rio de Janeiro. A' frente de seu improvisado exercito, Manoel Nunes expulsou de Minas, em 1700, o governador geral, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, que tinha marchado do Rio para alli restabelecer a ordem; e só se submetteu, voluntariamente, ao governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, quando este se apresentou em Minas com o animo de obter a deposição dessas armas pelos meios suaves.

Não fôra a prudencia, o tino e a comprovada capacidade de Antonio de Albuquerque, já experimentado no governo de outras capitancias, e difficilmente conseguiria a metropole portugueza reconquistar o seu prestigio e auctoridade naquelles esctôes, que se desenvolviam de dia para dia. Nomeado governador da nova capitania de S. Paulo e Minas do Ouro, desmembrada da do Rio de Janeiro, Antonio de Albuquerque teve presa em passar-se para o sertão das minas, onde apazigou os animos, organizou a administração local, elevando a villas os mais importantes povoados e acautelando os direitos individuaes á sombra de uma magistratura regular.

As vexações e a ganancia das auctoridades do despotismo, porém, accenderam de novo, no coração viril dos habitantes das Minas, o facho da rebeldia, si não o da independencia.

O successor de Antonio de Albuquerque, no governo da capitania de S. Paulo e Minas Geraes, D. Braz Balthazar da Silveira, procurando regular a cobrança dos quintos do ouro, teve como seu primeiro cuidado dividir em comarcas o territorio da Capitania.

Essa divisão determinava o rateio do pagamento á metropole portugueza das 30 arrobas de ouro,

que pagava de impostos, segundo a capacidade tributaria de cada uma, e mediante ajuste entre ellas. A Metropole, porém, insaciavel, e pretendendo regular, de longe, de Lisboa, um assumpto cuja solução só as condições locais poderiam determinar, não se conformou com este ajuste e, determinou que se voltasse á cobrança do *quinto por bateias*, systema ultravexatorio contra o qual já os povos haviam protestado. E o governador, querendo mostrar-se ainda mais dedicado nos interesses do seu rei, resolveu criar novas contribuições, em ajuda do *quinto*, estabelecendo os *direitos de entrada*, que começaram a ser cobrados immediatamente, mesmo sem haver recebido a approvação de Lisboa. Nada mais absurdo que esses direitos, numa Capitania, onde todas as actividades se voltavam para a exploração das minas e onde todos os generos de consumo, mesmo os de primeira necessidade, tinham de ser importados! Lavrou d'ahi um descontentamento geral nos povos das tres comarcas, em que se dividia a capitania, e lembraram-se elles de que, já uma vez, haviam expulsado de seu sólo um governador atrabiliario e proclamado, para governal-os, um homem capaz de fazel-o e conhecedor de suas necessidades. Aos habitantes do arraial de Morro Vermelho, da comarca de Villa Nova de Rainha, Coethé hoje, coube dar o braco de revolta, insurgindo-se, á mão armada, contra taes tributos. A sedição do Morro Vermelho extendeu-se rapidamente no Coethé, ao Sabará, a Villa Rica, ao Carmo e a toda a Capitania, obrigando o governador a capitular, para, mais tarde, se vingar, quando o povo estivesse calmo, e elle tivesse força para obrigar-o e punil-o.

Seguiu-se a conspiração do Rio das Velhas, a mais turbulenta das comarcas da Capitania; e, nesse tempo, já o ouvidor de Sabará sabia defender, com

ntivez e independência, a integridade e o prestígio do alto cargo que exercia, deixando de cumprir ordens do governador, que lhe pareciam illegaes.

A D. Braz Balthazar da Silveira succedeu, no governo de Capitania, D. Pedro de Almeida, o Conde de Assumar, nome igualmente feito na carreira das armas e conhecido por sua energia e razão.

Reconheceu elle, em pouco tempo, quanto era levantado o animo dos habitantes das Minas e quanto aspiravam a sua independência os audazes desbravadores daquelles sortões. Pouco mais de um anno após sua chegada alli, em officio dirigido ao Rey, no anno de 1719, dizia elle: "Esse governo não é governado por Vossa Magestade, nem pelos governadores, como executores de suas Reaes Ordens, senão pela Divina Providencia, a cujo poder nada se limita".

Um dos intimos amigos do Conde de Assumar, que escreveu a sua defesa por crimes que lhe eram imputados quando governador da Capitania, exprimiu-se em relação a Minas e ao seu povo nestes termos cheios de rancor e de pittoresca ingenuidade: "a terra parece que evapora turbantos; a agua exhala motins; o ouro tosse desaforos; distillam liberdades os ares; vomitam insolencia as nuvens; influem desordens os astros; o clima é tumba da paz e berço da rebelião; a natureza anda inquieta consigo e amotinada lá por dentro, é como no inferno. Bramam graves trovões continuamente, de onde se precipita o raso ardente.

Sendo assim, necessariamente havemos de confessar que os motins são naturaes das Minas e que é propriedade e virtude do ouro tornar inquietos e buliçosos os animos dos que habitam as terras onde elle se cria.

.....

A razão que ha para que quantos pisam terras, que desabafam por veias de ouro, sempre anhelem avididades e nunca abraçam o seu socogo me parece que é porque o ouro encerra e occulta em si muitas fezes e muitos males, dos que sabem, como da terra, vapores, certas fumaças que corrompem este ar, que por toda parte nos cerca, o qual penetrando por olhos, narizes e bocca e outros póros até os mais interiores, e introduzindo juntamente consigo as más qualidades de que está infeccionado, faz que, dos venenos que envolvem, resulte nos individuos a que se commoem, os effeitos, porque não me persuadirei eu tambem que, nas Minas, são naturaes os molins, e que o malito que a terra de si lança e emette por tantas catas e socavões os está communicando e refundindo nos animos de seus lucradores?"

Este original conceito, emitido por um lettauo da época, revela a corrente de idéas então reinantes quanto á causa do espirito da rebellião e da independencia que fervilhavam, sem cessar, entre os habitantes das Minas.

Diversos disturbios occorreram durante o governo do Conde de Assumar: — a sedição do S. Francisco, a insurreição dos escravos, a sedição de Pitangui e, finalmente, a má's formidável e tragica de todas, a revolta de Villa Rica, em Junho de 1720, a qual teve a sua victima heroica na pessoa de Philippe dos Santos, commandante e organizador das forças que enfrentavam as do governador: depois de levar este cedido a todas as imposições do povo e faltando a suas palavras e compromissos marchou contra Villa Rica, arrasou e queimou uma parte da povoação, o *Morro do Ouro Pôdre*, que se chamou dali em diante o *Morro da Queimada*, para ver si conseguia supplantar a influencia que na população exer-

ciam Paschoal da Silva Guimarães, Sebastião da Veiga Cabral, Manoel Mosqueira Rosa e outros.

Para attenuar estes surtos de independência que agitavam as numerosas populações nascentes no território das Minas, julgou o governo da Metrópole conveniente a criação dessa nova Capitania, com administração própria, desligada da do Rio ou de S. Paulo, a cuja jurisdição estivera presa até então.

A Capitania cresceu, povoou-se e enriqueceu-se; e, embora a acção da autoridade se fizesse prompta, sempre que era necessario, ella se excedia, frequentemente, de modo a se tornar mais temida do que respeitada e mais odiada do que querida. Os abusos se tornaram tão frequentes e as extorsões tão iniquas que o povo começou a ver nos delegados da Metrópole um flagello que era necessario conjurar. Para supprimir, porém, a acção vexatoria desses propositos, era necessario emancipar-se do dominio estrangeiro; e dahi as aspirações de independência que nasceram e escalaram os espiritos mais ardentes dos mais adiantados nucleos de população formados. Nas sédes das comarcas, nas villas que brotavam daquelle sólo virgem e exuberante pela força do trabalho; na capital, antiga Villa Rica, que hombreada por sua população, riqueza, luxo e adiantamento com as melhores cidades da Colonia, tornava-se, de dia a dia, mais intensa a corrente pela emancipação politica e administrativa da Capitania, quasi, de todo o Brasil. Depois de longa evolução essas idéas se corporizaram, em fins do seculo XVIII, na memoravel Conjuração Mineira, que reuniu sob o mesmo pálio os melhores espiritos da Capitania e teve o seu expoente maximo no inelito Tiradentes, o martyr irremovido á Liberdade pela tyrannia da Metrópole.

Entrava nos intuitos da Conjuração Mineira como é sabido, não só a emancipação da colonia, co-

mo o estabelecimento de um governo autonomo, sob a forma republicana.

Fracassada esta tentativa, não se extinguiu, porém, em Minas, o espirito liberal que a aviventava, de modo que os legionarios da campanha da Independencia do Brasil encontraram alli o terreno perfeitamente apropriado ao cultivo e desenvolvimento da idéa.

Quando se proclamou a independencia, — acceitaram os mineiros a organização do imperio, porque, na epoca, outra não poderia medrar; mas, tendo o primeiro imperante esquecido de suas promessas e, cego pela paixão, propria de seu temperamento, attentado contra a Constituição e a liberdade individual, mostraram-lhe — aquelles montanhoezes, de modo inequivoco, sua formal desapprovação a tal conducta.

Os lobres dos sinos que encheram os ares, no dia da entrada de Pedro 1.^o na capital mineira, carpavam o attentado inominavel do assassinio do jornalista liberal Badaró, e trouseram ao despota imperante a convicção de que não podia mais elle contar com a tolerancia e a benignidade que o haviam cercado até então. Não hesitou o primeiro imperador em abdicar a coroa e os seus direitos na pessoa de seu filho, criança ainda acolhido pelo generoso coração brasileiro, que afastou de seu berço o sopro revolucionario que agitava todos os espiritos.

A aspiração que então pairava sobre o Brasil, era a Republica, a qual só não foi proclamada, attentas as circunstancias especialissimas em que se collocaram os espiritos dirigentes da opinião nacional.

A idéa, porém, já tinha penetrado fundo nas camadas populares; e as revoluções que sacudiram algumas provincias, como a de 1833 e a de 1842 em Minas Geraes, si não tinham por movel directo o es-

estabelecimento da Republica, lá chegariam si fossem victoriosas, porque era o espirito liberal levado ao extremo, que as havia determinado.

A guerra do Paraguay, em 1865, congregou, porém, todas as actividades patrioticas em torno de defesa da patria; e nos cinco annos que perdurou esse estado de guerra, não se pensou no Brasil se não em cercar a auctoridade do necessario prestigio e dos meios materiaes para levar de vencida o inimigo audaz que o havia affrontado.

O contacto, porém, com as Republicas do Sul, a que nos obrigou a campanha do Paraguay, abriu novos horizontes para o espirito nacional. O cotejo que grande numero de brasileiros poude, então, fazer das instituições republicanas do Prata com o regimen monarchico que tinhamos, mantendo a eservidão que attentava contra os sentimentos de humanidade, a centralização administrativa atrophante, uma numerosa nobreza feita exclusivamente pela vontade ou pelos caprichos do imperador, e, portanto, ridicula, o desequilibrio constante entre os poderes constituídos pela preponderancia do poder moderador, — tudo isso recendeu de novo as velhas aspirações liberas que se concentraram na campanha republicana, a que deu forma o manifesto de 1870, e, mais ardentemente, na campanha abolicionista que foi rapidamente avassallando todos os espiritos.

Affectando mais directamente ao sentimento, a campanha abolicionista devia empolgar a sociedade brasileira, antes da campanha republicana, de que aquella seria um proeminio. E assim o comprehendiram os proprios republicanos que se enfileiraram, em massa, entre os batallhões da causa abolicionista.

Em todos os pleitos electoraes em que se batiam liberas e conservadores, ou dissidentes de qualquer

desses partidos, com programma francamente abolicionista, os republicanos tomavam parte na lucta, esfileirando-se no lado do candidato abolicionista. Por mais de uma vez, essa attitude dos republicanos determinou a victoria; e vem a proposito lembrar uma dessas campanhas com um caso pessoal occorrido na Capital mineira, em 1856.

O partido conservador, que se achava no poder, apresentou a candidatura do dr. Feliciano Penna, que era pela manufenção do estado servil; deu-se uma dissidencia no partido que, igualmente, apresentou o seu candidato, o Dr. Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcelos, o qual, nesse particular, coadunava as mesmas idéas do seu contendor; o partido liberal, em minoria no districto, apresentou a candidatura do Dr. Manoel Joaquim de Lemos. Este era um dos batalhadores da grande causa, mais em evidencia na Capital mineira; era mesmo o presidente de uma sociedade secreta que agia na sombra para dar maior effieacia á sua acção; e quando senhores do escravos se vinham procurar em Ouro Preto, onde o numero dos fugitivos se contava por milhares, acoitados pelas differentes sociedades abolicionistas alli existentes, em essa sociedade secreta que se incumbia de frustrar as providencias dadas pelas auctoridades policieiras, a maior parte das quaes, aliás, pertencia áquelle aggregração humanitaria.

Collocada a questão das candidaturas no terreno abolicionista, nós, os republicanos dr. Capital de Minas, que não eramos muito numerosos, mas que pesavamos na balança eleitoral, naquella epoca de eleitorado de censo alto puzemo-nos ao lado do dr. Lemos e lhe demos grande de causa, em segundo escrutinio, visto terem, neste, comparecido 55 eleitores mais do que no primeiro o ter o dr. Lemos alcança-

do 556 votos entre os 1.010 eleitores que concorreram ao 2.º escrutínio.

Lembro com prazer esse episodio da vida do partido republicano nascente em Ouro Preto, porque, já uma vez, essa attitude me foi atirada em rosto, dizendo-se que "enquanto, em Minas, os propagandistas forjavam os fuzos capartellos com que pretendiam derrocar as instituições monarchicas, eu ainda condescendia em votar com o partido liberal em Ouro Preto".

Não votei, nem voteiros, os republicanos da Capital mineira, naquela epocha, com o partido liberal, mas num correio eleitoral abolitionista! E esta foi sempre a conduta dos republicanos, que viam na extirpação da escravidão o desaparecimento de um dos maiores obstaculos á proclamação da Republica.

Até 1888, o partido republicano em Minas não teve uma organização definitiva, — grupos partidarios se formavam aqui, alli, em toda a parte; surgiam orgãos republicanos here redigidos em differentes localidades; mantendo-se colozas e fortes, essas embryonarias organizações lutavam em lucta com os outros partidos, conseguiram vencer por mais de uma vez; porém, desfaziam-se e quasi desapareciam para reapparecerem mais pujantes em outros pontos da provincia. Era uma nebulosa em evolução, que se concentrava, ás vezes, formando nucleos, para se dissolver depois, em movimento constante, dividindo-se, fragmentando-se, avolumando-se, mais tarde, pelo encontro desses elementos dispersos, até que se condensou definitivamente, dando origem a nucleos de constituição solida, que continuaram a gravitar, submettendo-se a influencias converças e inevitaveis, para formarem um corpo definitivo, harmonico, obedecente ás mesmas leis e dirigindo-se para o mesmo

objectivo, que era a transformação das instituições nacionaes.

Entre os jornaes, accentuadamente republicanos que orientavam a opinião, gosando de incontestavel prestigio num elevado circulo de leitores, em Minas Geraes, destacaram-se, além de numerosos outros que tiveram vida ephemera, dous, publicados, um, ao norte, e outro ao sul, da provincia :

— O **JEQUITINHONHA**, de Diamantina, que, por muitos annos, sob a redacção do dr. Joaquim Felício dos Santos e do proprietario da folha coronel Josephino Vieira Machado, teve a collaboração dos mais brilhantes talentos que então viviam naquella cidade norte-mineira, como os drs. Antonio Felício dos Santos, Theodomiro Alves Pereira, Carlos Honorio Benedicto Ottoni, José Christiano Steukler de Lima, Francisco Ferreira Corrêa Rabello, João Nepomuceno Kubitschek e outros. Ao lado de artigos de doutrina, de commentarios dos acontecimentos do dia e de noticias subordinadas ao programma democratico da folha, publicou o **JEQUITINHONHA** a "Historia do Brasil no anno 2.000", phantasia da lavra de Joaquim Felício, a qual era a prophécia do futuro do Brasil sob a forma republicana, hombreado com as mais adelantadas civilizações do mundo, sendo occupando o primeiro logar entre as nações cultas e conquistando a hegemonia de toda a America.

O outro foi O **COLOMBO**, da Campanha, que se publicou ininterruptamente, desde 1879 até 1885, sob a redacção dos drs. Francisco Honorio Ferreira Brandão e Lucio de Mendonça e do proprietario da folha, Manoel de Oliveira Andrade.

Era um dos jornaes mais bem redigidos e lidos em Minas Geraes, naquella epocha. Alguns trechos de seus artigos doutrinaarios que, em seguida, vão transcritos, patenteiam a bella orientação daquella

organ e nos auxiliam este historico da evoluçõ da ideia republicana entre nós.

Sob o titulo A REPUBLICA PELA MONARCHIA, escreveu Lucio de Mendonça o seguinte, em março de 1879 :

"Está por todos os lados ameaçando ruina o monumento constitucional, o monstruoso casarão construido ha uns cincoenta e tantos annos, pelos dez architectos do sr. D. Pedro I.

Bem se via e bem se disse que a tal edificação apparatusa, enlevo de basbaques, não era coisa solida, não era sequer decente. Não resistia á critica, e em resistiria no tempo. A analyse severa e honesta fatigou-se de lhe apontar os defeitos e os perigos: tinha materias pódres, carcenaides de seculos, tinha portas falsas e alçapões fraudulentos, e, sobretudo, não tinha unidade de estylo; era autocratica, era jesuitica, era democratica; tinha coisas de antes do diluvio e coisas de depois da revolução; depositaram-lhe debaixo da pedra fundamental um cajado de patriarcha, uma das botas de Luiz XIV, um sanbenito e uma carepuça de "sans-culotte" — uma pagina da Biblia, outra das Ordenações do Reino e um pedaço rôto da Declaração dos Direitos do Homem. Arguimassuram nos alcerces uma tabua da arca de Noé com este dizer: — A pessoa do imperador é inviolavel e sagrada; — um velho sino que tocou talvez o rebate de S. Bartholomeu, com esta inscripção — A religião catholica, apostolica, romana, continuará a ser a religião do imperio; — e, de envolta com isso, um fragmento de lava do vulcão de 89 com esta legenda; — Todos os poderes são delegações da nação. — E no alto dessa móle informe, architectada de

principios fósseis e de rebotalhos historicos, palpítam galhardamente as bandeirolas vermelhas do art. 179.

Ha de ruir por terra, inevitavelmente, a Bastilha sinistra em que a nossa covardia deixou encarcerar-se o futuro da patria brasileira. Mas como? Por uma commoção do solo, por uma revolução do povo. Não a conhecem os que esperam transformal-a a pouco e pouco, sem luta e sem abalo, entrando ceremoniosamente pelas portas que ella franqueia, depois de revistados os bolsos.

Sem metaphora : pe'os meios que faculta, nunca a nossa carta constitucional se poderá reformar no sent do republicano. E' pouco vidente, ou é pouco sincero, quem, deante da nossa organização politica, affirma a possibilidade de chegar á republica pela monarchia. Não podendo crêr que espiritos esclarecidos se deixem tomar por illusão tão grosseira, somos forçados a pôr em duvida a boa fé dos republicanos que pretendem alcançar a victoria da democracia alliando-se aos liberais: não ha, para nós, triumpho satisfactorio e honesto, que mereça a adhesão de nossa consciencia e a contribuição de nossos esforços, senão a fundação da republica; e a republica, entre nós, não se pódo fundar pelo meio legal e pacifico das reformas constitucionaes: dependem estas estreitamente da vontade imperial, o é insensato esperar do proprio imperador a destruição do systema que o sustenta; e não pódo o partido liberal, por sua indole de partido monarchico, proceder contra as essenciaes prerogativas do monarcha. Não podemos, pois, os republicanos - com os li-

beras e pela legalidade — chegar ao fim supremo de nossas aspirações”.

Em abril do mesmo anno, avivando a lembrança dos acontecimentos politicos que se deram no Brasil por occasião da queda do partido liberal, em 1868, e resumindo a evolução democratica que aquelle acontecimento despertou em toda nação, publicou o COLONNO um bello artigo, no qual se encontram os seguintes trechos :

“A” bofetada imperial de 16 de Julho de 1868 respondeu um estrequecimento de indignação em todo o partido liberal do Imperio; grande soma de interesses contrariados, legítimas aspirações cortadas de uma revéz do sceptro omnipotente, a desillusão completa dos que já duvidavam do liberalismo do monarcha, produziram o geral descontentamento e a renção que se pronunciou em 1869. Então, no seio do velho partido onde fraternizavam todos os amigos da liberdade, operou-se um notavel movimento de desaggregação; com o nome de — radicacs —, destacaram-se os mais adeantados pensadores da doutrina liberal, sem que, contudo, quebrassem inteiramente a solidariedade com a massa retardataria do partido, mais numerosa e mais presa aos interesses do momento do que ás tendencias progressivas de sua escola. Na imprensa e na tribuna das conferencias populares, principalmente em S. Paulo e na Córte, a crença democratica teve nos radicacs propugnandistas enthuasiastas e eloquentes: na Córte, o “Opinião Liberal”, redigida por Limpo de Abreu, Rangel Pestana e Monteiro de Sousa, e as conferencias radicacs na Phoenix, onde oraram Silveira da Motta e Silveira Mar-

tins: em S. Paulo, o "Radical Paulistano", onde escreviam Americo de Campos, Ruy Barbosa, Bernardino Paraplona de Menezes, Eloy Ottoni e outros; as conferencias radicaes, onde fallavam Quirino dos Santos, Luiz Gama, Freitas Coutinho; e, nos ultimos dias de 69, o "Ypiranga", donde Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes despediam-se do partido liberal. E' desse periodo de nossa evoluçao politica o brilhante livro "A Provincia", de Aureliano Tavares Bastos.

Pelo mais logico desenvolvimento, accelerado pela tibieza dos chefes liberaes da Corte, os radicaes pronunciaram-se francamente republicanos. Foi em 1870 Rangel Pestana e Limpo de Abreu haviam passado da Opinião para o CORREIO NACIONAL. Quintino Bocayuva, chegado do Rio da Prata, fazia conferencias no theatro S. Luiz, onde, perante um auditorio electrificado pela sua magica palavra, condemnava a monarchia representativa, "hermaphrodita e por isso esteril". Fundou-se a 3 de Novembro o Club Republicano do Rio de Janeiro, e a 3 de Dezembro apparecia o primeiro numero da REPUBLICA, com o notavel Manifesto redigido por Bocayuva, Salvador de Mendonça e Saldanha Marinho.

Mas nem todos os radicaes se declararam republicanos: dos que hoje mais avultam na scena politica, tres conservaram-se simplesmente radicaes, isto é, ainda monarchistas: Silveira da Motta, Silveira Martins e Ruy Barbosa.

Os dous primeiros s'ão actualmente, um no senado, outro na camara temporaria, liberaes

dissidentes, e a nação espera, ha dez annos, o fructo do seu radicalismo

O terceiro, Ruy Barbosa, o antigo redactor do *RADICAL PAULISTANO*, acaba de mostrar em um discurso opulento de bellezas oratorias, — que o ideal da sua politica é a — monarchia democratica —, palavras que — permittam-nos o francezismo — buscam de achar-se juntas.

O eloquente deputado bahiano, atrazado pelo menos dez annos no nosso movimento politico, pretende que tal seja a bandeira do partido liberal; mas, no mesmo discurso, combate opiniões divergentes — em pontos essenciaes — de chefes do partido e seus actuaes directores, os srs. Sinimbú e Affonso Celso. Cremos, pois, e ninguem deixará de crer, que o partido pensa antes com os seus dous ministros, e que o joven deputado é voto discrepante.

Nem por isso vale menos para nós a concepção do orador radical; sómente, parece-nos que, si a monarchia constitucional como a temos e como unicamente é possível, é um enorme attentado contra os seus principios do direito publico, a monarchia democratica, como a sonha o illustre moço, é, em theoria, uma puerilidade e, no ponto de vista pratico, uma rematada utopia".

Passando, por uma nova phase, em Julho de 1870, dizia ainda o Coronel :

"Temos inteira certeza de que a idéa republicana ha de prevalecer em proximo futuro, no espirito e nos actos de todos os bons cidadãos, porque são iniludíveis os direitos da Verdade, cedo ou tarde triumphantes.

Nesta porção do continente americano têm a liberdade e o povo amigos valorosos; a nossa propaganda patriótica encontra aqui, por toda parte, velhos corações ainda frementes de 42; o civismo é, na terra mineira, um dever comprehendido, quasi uma tradição de família. Dir-se-lia que pelas fronteiras dessa raça altiva ainda perpassa, como um alento de energia antiga, a alma errante de Tiradentes.

Já um de nós o disse e agora o applicamos a esta magnanima provincia: entre Minas e a Monarchia ha de mediar perpetuamente, como um clamor de odio insaciavel, como um rebato colerico e necessario, a memoria inulta de fillos esartejado.

Não pôde ser, não ha de ser baldada a pregção da Republica na terra da Inconfidencia, glorioso inicio que lhe foi o baptismo civico, a sação revolucionaria”.

Suspendeu sua publicação a 5 de Junho de 1885 essa brilhante folha republicana. Fazendo o retrospecto de seus seis annos de existencia, lembrou Lucio de Mendonça diversas phases da lucta pela propaganda em que se envolvera o Colombo e nas quaes os triumphos se contaram pelas refrégas.

Poz termo a esta phase jornalistica com as seguintes palavras:

“O momento politico e social em nossa patria é solemne e afflictivo: sente-se no nosso ambiente moral o peso de graves soluções imminentes.

Comprehende-se que é com pesar que nos retiramos da imprensa neste momento. Razões inéramente pessoais, como, entre outras, a mudança de um de seus redactores para fóra

da provincia, determinam a cessação do *Coromno*; mas não ha, até este ultimo instante da convivencia publica, a minima quebra, o mais leve estremecimento que seja, na completa solidariedade de idéas e sentimentos politicos de seus redactores; e cada um d'elles, por sua parte, continúa a ser soldado leal da Republica, prompto ao primeiro appello e ao supremo sacrificio.

Levamos a tranquilla certeza de que a rossa causa não perde com o desapparecimento desta folha: a poucas leguas daqui, na vizinhança de S. Gonçalo, funda-se, sem demora, outro periodico republicano, que ha de continuar na imprensa sul-mineira a propaganda que o *Coromno* teve a fortuna e a honra de iniciar, ha dez annos.

E, por varios pontos do Brasil, notavelmente na Capital, no Rio Grande do Sul e em S. Paulo, a imprensa republicana diaria, activa, esforçada, brillantissima, conta as discussões por triumphos e levanta o espirito nacional a toda a altura de seus grandes deveres.

A salutar agitação produz-se por toda a parte, — no parlamento e na imprensa, na magistratura e no magisterio, no proprio seio da classe militar.

O esplendido ideal da justiça democratica fascina já todos os espiritos; não ha hoje intelligencia culta que se atreva a abertamente contradizel-o. Mais do que isto, o descontentamento, a desconfiança, a descrença dos homens e das instituições da monarchia vai invadindo e dominará, em breve, o coração popular, que já anseia por novos e desafogados destinos.

O dia da Republica não tarda.

Assim, o Colomno, expirando hoje a um canto escuro da eterna estrada, já avista, na linha do horizonte, o alvorecer da luz immortel, e a sua ultima palavra é um brado de victoria e de jubilo :

— Viva a Republica !"

Logo em seguida, fundou-se, nessa mesma zona, a GAZETA SOL MINEIRA, que se publicou em S. Gonçalo do Sapucahy e que continuou até depois da proclamação da Republica, sob a direcção de Francisco Bressane, as tradições da heita folha republicana da Campanha.

Outros jornaes republicanos foram publicados em Minas, principalmente nos ultimos annos que precederam á proclamação da Republica : — A IDÉA NOVA, em Diamantina, sob a redacção de Francisco Sá Aurelio Pires, Josephino Pres e Gustavo de Almeida ; O RENATE, em Ouro Preto, redigido por alumnos da Escola de Minas ; O CONTEMPORANEO, na mesma cidade, e, mais tarde, um outro CONTEMPORANEO em Sabará, o DIARIO DE MINAS em Juiz de Fôra, e muitos e muitos outros, por todos os recantos da provincia, onde o partido se ia formando e a propaganda crescia de dia para dia.

Quanto ás luctas eleitoraes, deve-se assignalar que, desde 1880, o partido republicano mineiro já obtinha triumpho nas urnas. A principio, taes luctas circumscreviam-se aos municipios ; extendem-se, depois, aos circulos eleitoraes ; e, antes da proclamação da Republica, na eleição de 27 de Maio de 1889, ellas transformaram-se numa verdadeira batalha campal em toda a provincia, porque foi num pleito senatorial que o partido disputou a victoria aos dois partidos monarchicos e conseguiu incluir um dos seus

candidatos na lista triplice que devia ser submettida á escolha da Corón.

Em 1880, foram eleitos tres juizes de paz, apresentados pelo partido republicano, no Municipio de Barbacena; e, bem assim, o candidato republicano Saturnino Dias Pereira de Oliveira, no municipio de Carapicaba.

Nos annos subsequentes, essas eleições tornaram-se mais numerosas em diversos municipios de Minas.

No anno de 1885, quando a provincia de S. Paulo mandava á Camara dos Deputados Geraes, como representantes seus, os laureados chefes republicanos Prudente de Moraes e Campos Salles, immergia victorioso, das urnas do 13.º districto de Minas, o nome do candidato republicano Alvaro Augusto de Andrade Botelho, para occupar uma cadeira na mesma Camara, tendo obtido 678 votos dos 1364 eleitores que concorreram ás urnas.

Pouco depois, appareciam na Assembléa Provincial de Minas, como já tinha succedido nas de S. Paulo e do Rio Grande do Sul, deputados republicanos que se apresentaram ás urnas, como taes, e disputavam aos candidatos do partido liberal e do conservador, a victoria para o partido republicano a que pertenciam. Foi assim que se asseveraram na Assembléa de Minas, em 1888, os deputados Francisco Martins de Andrade e Joaquim Leonel de Rezende Filho, eleitos ambos pelo antigo 5.º districto.

No mesmo anno, o 9.º districto elegia estrondosamente para a Camara Legislativa Geral o candidato republicano Antonio Ruanaldo Monteiro Mauo, num pleito disputadissimo, no qual a victoria do partido republicano foi de 782 votos entre 1.712 eleitores que concorreram ás urnas. Foi occasião de tomar posse de sua cadeira na Camara Geral, recusou-se o novo deputado republicano a prestar o juramento

de fidelidade á Constituição e ás instituições imperaes, o que determinou accessa discussão, da qual resultou a dispensa dessa formalidade para o deputado poder tomar assento aquella corporação.

Pouco depois, o mesmo incidente renovou-se na Assembléa Provincial de Minas. Havia sido eleito deputado o dr. Aristides Caldeira; e nós, os republicanos de Ouro Preto, fomos assistir á posse solenne daquelle coreligionario. Quando o dr. Rodrigues Campello, Presidente da Assembléa, lhe apresentou o livro dos Santos Evangelhos para elle fazer o juramento regimental, o dr. Caldeira recusou-se, dizendo que "sendo republicano" eleito por um districto tambem republicano, faltaria á sua fé politica e á dos seus committentes, si prestasse aquelle juramento de vassalagem a uma auctoridade que elle tinha o dever de combater". Os republicanos que enchiam as galerias da Assembléa proromperam em applausos, o que desnoiteou aos deputados que tomaram parte na discussão desse incidente, taes como Campello, Francisco Amaral, Veiga e outros. Durante essa discussão, na qual choviam os apartes da bananda republicana, onde já se assentavam, além de Martins de Andrade e Leonel Filho, mais Aristides Maia, José Senra e Vaz de Lima, conservou-se de pé, no meio do recinto, o dr. Aristides Caldeira.

Finalmente, este assentou-se numa das poltronas destinadas aos deputados e de lá pediu a palavra para enlambiar a discussão. Quando esta lhe foi concedida pelo Presidente da Assembléa, proromperam novos applausos e vivas pelas galerias e pelo recinto da Camara, dizendo-se que estava resolvido o incidente, por já ter o Presidente da Assembléa reconhecido deputado o dr. Aristides Caldeira, a quem deu a palavra para discutir objecto em debate naquelle recinto.

E assim ficou resolvido; e Aristides Caldeira foi occupar o seu lugar na bancada republicana daquelle corporação legislativa.

Ainda no anno de 1888, o 14.º districto de Minas elegou para a Assembléa Geral o candidato republicano Dr. Antonio Affonso Lamounier Godofredo, por 523 votos entre 975 electores que foram ás urnas.

Os republicanos mineiros eram, pois, ja numerosos por toda a provincia; — possuíam, quasi todos, os requisitos exigidos pela lei do censo alto, para se alistarem electores; e o faziam nos districtos electorales de sua residencia, apresentando-se ás urnas, scripto que se offerecia occasião. Eram, porém, forças esparsas que agiam em pontos differentes, sem outra direcção commum a não ser a dos principios doutrinaarios que as guiavam. Faltava-lhes um chefe que imprimisse unidade de acção a estes esforços isolados, que fizesse a acção commum convergir para o mesmo ponto, que determinasse a resultante dessas forças, para encaminhal-as efficaizmente no sentido da aspiração geral, que era a implantação definitiva do regimen republicano-federativo em nossa patria. Os republicanos mineiros representavam já, por seu numero, um exercito, ao qual faltava, entretanto, chefe para o commando. Os chefes locais, respeitades e queridos nas circumscripções onde agiam, não tinham nome bastante conhecido na provincia para tomarem a direcção do partido. Entre os politicos militantes dos partidos monarchicos, que gozavam de sympathia e de prestigio por toda a provincia, mais de um manifestava decidido pendor pela doutrina republicana; mantinham-se, porém, presos a seus correligionarios por laços de amizade ou de interesses pessoais, que lhes impediam de transpôr a barreira e attender á voz de sua convicção.

De um notavel politico liberal mineiro, que gozava de grande sympathia no seio de seu partido, embora sempre hostilizado por seus chefes, e que tinha, em discursos e circulares, pregado e reclamado alguma das medidas que entravam no programma do partido republicano; foi, uma vez, ouvido o seguinte conselho, que patenteia a fragilidade do apoio então por elle prestado á monarchia: — “a minha educação democratica faz-me desconhecer as barreiras que separam o partido liberal do republicano; eu, porém, só me declararia republicano si visse a Corôa chamar para seu conselho a fulano (um dos chefes de seu partido), porque, então, perderia todas as illusões, que tenho, de que ella seja capaz de fazer a felicidade do Brasil!”

A hypothese se deu, e este politico liberal, que foi o Dr. José Cesario de Faria Alvim, se declarou republicano, quando já o partido estava formado e com direcção definitiva.

Todos nós, os republicanos mineiros, mórmente os da capital, que era o centro irradiante da politica da provincia, sentiamos a necessidade imprescindivel de congregar em partido os elementos esparsos que se batiam pelo mesmo ideal em todos os cantos de Minas. Mas nenhum tinha o prestigio necessario, para tomar a direcção do partido.

Aproveitando a oportunidade de estar funcionando a Assembléa Provincial, na qual tinham assento tres deputados provinciaes — os Drs. Francisco Martins de Ardrado, Jonquim Leonel de Rezende Filho e José Candido da Costa Serra, julgaram os republiannos de Ouro Preto conveniente convocar uma reunião de seus correligionarios, para a organização do partido na Capital da Provincia. Assum se fez, e, a 4 de junho de 1898, realizou-se essa reunião da qual dá minuciosa noticia a seguinte acta:

ACTA DA PRIMEIRA REUNIÃO DO PARTIDO
REPUBLICANO DA CAPITAL DE MINAS

Presentes 34 cidadãos em casa do sr. coronel Francisco Ferreira Alves, em 4 de junho de 1888, á rua do Carmo, n. 18, foi aberta a sessão, ás 7 horas da noite, sendo aclamado para presidil-a o dr. Francisco Martins de Andrade, deputado provincial pelo 13.º distrito.

O presidente convidou para secretarios os drs. João Pinheiro e Antonio Diontho dos Santos Pires.

Em seguida, fazendo uma exposiçao de motivos da reunião, accentuou a necessidade de uma posição definida para o partido, absolutamente extremada dos partidos politicos monarchicos.

Foi dada a palavra aos cidadãos presentes, para fazerem suas propostas.

O DR. JOÃO PINHEIRO apresentou as seguintes:

1.º que fosse eicita uma commissão de tres membros para redigir os estatutos do partido republicano da capital. (Approvada por unanimidade);

2.º que esta commissão se dirigisse aos correligionarios do primeiro distrito, convidando-os a organizarem o partido nas respectivas localidades (Tambem approvada);

3.º que o partido republicano da capital enviasse um manifesto a todas as localidades da provincia, convidando os correligionarios a aggregarem-se para, sendo necessario, estarem promptos a entrar nos pleitos electoraes; que este manifesto fosse redigido e assignado pelos tres deputados correligionarios, pela grande auctoridade moral de que se achavam revestidos, como representantes da provincia.

O Sr. DR. COSTA SENNA, deputado do 3.º districto, objecta que os deputados não representam toda a provincia e, sim, alguns districtos e, por isso, não podem assumir a responsabilidade de uma medida tão geral, observando que, por parte do club republicano da capital, semelhante iniciativa torna-se mais legitima.

O DR. JOÃO PINHEIRO propõe então, que o partido republicano da capital auctoreze os tres deputados a redigirem o manifesto, caso fosse a medida approvada. São approvadas as medidas relativas ao manifesto e a auctorização aos deputados para o redigirem.

O DR. JOÃO PINHEIRO propõe, então, que o manifesto contenha, além de uma exposição de principios, e liberdade dos redactores, as seguintes medidas praticas :

1.º Lembrar aos clubs a necessidade de se entenderem, com o fim de se prestarem mutuamente consultas, auxilios e conselhos a beneficio da orientação da idéa geral e interesse commum do partido. (Approvada).

2.º Lembrar a necessidade de um congresso para o tempo e logar que forem designados pelo partido da provincia; mas, enquanto não se realizar semelhante medida, sejam feitas as communicações por escripto, offerecendo-se o Partido Republicano da capital a ser o centro das communicações, enquanto pelo partido da provincia não se determinar o contrario. (Approvada).

3.º Que se proclame, como consequencia dos principios republicanos, a autonomia do partido republicano da provincia, dos partidos das outras provincias em tudo que fôr referente

aos interesses da Patria Mineira, o que encerra a idéa de Federação. (Approvada).

4.ª Que os diferentes centros locais sejam considerados no mesmo pé de igualdade para proporem e consultarem todos os outros centros a respeito de quesequer idéas de interesse geral que devam ser acptadas pelo partido, tendo liberdade inteira na economia de seus interesses locais, o que encerra a idéa da autonomia municipal. (Approvada).

5.ª Que, junto ao manifesto, se envie uma lista para receber os nomes dos que a elle adherem, com o fim de se avaliarem as forças do partido e para a facilidade das communicações. (Approvada).

6.ª Aconselhar protecção á Imprensa Republicana, local ou provincial, como um grande meio de propaganda. (Approvada).

7.ª Que seja eleita uma commissão executiva permanente de tres membros para dirigir os trabalhos e executar as medidas votadas. (Approvada).

Em seguida, falla da necessidade de apresentação de candidatos á proxima eleição senatorial, sentindo que o tempo seja muito estreito para uma consulta prévia ao eleitorado, e lembra que os três deputados podiam apresentar os nomes dos candidatos, salvando, por este modo, os principios, como representantes da provincia, e a necessidade pratica dos factos e do momento; pois a concurrencia do eleitorado ás urnas seria um grande meio de disciplina e uma boa medida para a estatística do partido.

O DR. JUVENAL DA SILVA, fazendo considerações sobre a necessidade de se respeitarem

sempre as leis normaes da democracia, diz ser mais curial uma consulta ao eleitorado.

Sobre este assumpto, fallaram os drs. Leonel Filho, Costa Senna, Antonio Olyntho e Martins de Andrade, e é adoptado o projecto da consulta prévia. E' suspensa a sessão por quinze minutos.

Reaberta, o dr. Joaquim Francisco de Paula pede a palavra e propõe que os republicanos, absolutamente estranhos dos partidos monarchicos, a nenhuma delles se allie, para nenhum effeito, e que isto fique consignado claramente, para contrariar os boatos infundados, que correm, da alliança dos deputados provinciaes republicanos com o partido liberal. Ha protestos genes, lembrando o dr. Leonel Filho o seu discurso na primeira sessão da assembléa provincial, e dizendo o dr. Martins de Andrade que irá protestar contra as asserções do conselheiro Affonso Celso no Senado a este respeito.

Em seguida, o sr. presidente convida os socios a assignarem a declaração que está junto a esta.

São recebidas 31 assignaturas.

Procedendo-se á eleição para a commissão de Estatutos e a executiva, foi este o resultado

Commissão executiva permanente

Francisco Ferreira Alves	30	votos
Dr. João Pinheiro da Silva	29	„
Dr. Leonidas Damasceno	28	„
João Alves dos Santos	4	„
Dr. Pedro Baptista	1	„

Dr. Domingos Rocha	2	votos
Dr. Ferreira e Costa.	1	"

Commissão de Estatutos

Dr. Francisco de Paula Ferreira e Costa	27	votos
Dr. J. Oliveira Santos.	24	"
Dr. Antonio Olyntio.	18	"
Dr. Domingos Rocha	4	"
João Alves dos Santos.	1	"
Leonidas	3	"
Dr. João Pinheiro	2	"
Dr. Pedro Baptista	2	"
Dr. Leonel	1	"

O sr. PRESIDENTE declarou cícitos, por maioria de votos, para a commissão permanente executiva os srs. Francisco Ferreira Alves, dr. João Pinheiro da Silva e dr. Leonidas Botelho Damasio.

Para a commissão de Estatutos os srs. :

Dr. Antonio Olyntio, dr. Francisco de Paula Ferreira e Costa e dr. Joaquim de Oliveira Santos.

Em seguida, pede a palavra o dr. Oliveira Santos e lembra a necessidade de se tratar dos meios materiaes para execução das medidas votadas, as quaes devem ser executadas com rapidez.

Approvada pela casa, foi decidido que os estatutos marcassem os limites pela determinação da concorrência dos socios.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente levanta a sessão, convidando os socios a uma nova reunião para o primeiro domingo, 10 de junho.

DECLARAÇÃO

Nós, abaixo assignados, residentes nesta cidade de Ouro Preto, declaramos adherir ao convite para a organização do partido republicano no 1.º districto, assumindo toda a responsabilidade e accellando todos os deveres, sem restricção, que sejam consequencias de nossa declaração de republicanos (Vai assignada com a lettra do proprio punho dos subscriptores).

Ouro Preto, 3 de junho de 1888.

João Pinheiro da Silva. — Leonidas Botelho Damazio. — Francisco de Paula Ferreira e Costa. — Antonio Olyntho dos Santos Pires — Domingos José da Rocha. — José Cupertino de Siqueira. — Carlos Leopoldo Prates. — João Antonio Felício dos Santos. — Juvencal de Sá e Silva. — Joaquim Augusto de Oliveira Santos. — João Alves dos Santos. — José Izidro Drummond. — Antonio de Freitas Diriz. — João Calogeras. — Nicésio Macedo. — Aurelio Pires. — Nicolau Bertholini. — Eurico Jacy Monteiro. — Affonso Monteiro de Barros. — Pedro Baptista do Andrade. — Eduardo Machado de Castro — Adolpho Julio Tymburibá. — Mariano Guarnieri. — Zeferino Chaves. — João Prudé. — Luiz Izidoro da Silva. — João José Alves. — Joaquim Francisco de Paula. — Francisco Jo Assis Barcellos Correia. — Antonio José Netto. — Francisco Ferreira Alves.

Tambem adherem, não tendo podido comparecer á reunião, os seguintes eleitores :

Francisco d'Avila Ferreira. — Padre Alfredo José das Neves. — João Baptista do Sou-

za Coutinho. — Antonio Joaquim da Silva. — Roci a Lagoa. — Olympio Ferrer. — João Souto — Augusto Justino de Jesus. — José Januario Rodrigues Gansim. — Theotônio José Rebouças. — Americo Moretzsch de Oliveira Castro. — José Caetano Aleixo. — Carlos Joaquim da Silva. — Luiz Augusto Soares de Magalhães. — João Carlos Ferreira Prado. — Emygêio Rodrigues Vieira. — Alfredo Catta Preta Santos. — Othuel José de Carvalho. — Arthur Alves de Brito.

Para a convocação de um congresso, como já o faziam os republicanos do Rio e de S. Paulo, faltava-nos um nome bastante conhecido, uma voz bastante forte, que pudesse ser ouvida por todos os republicanos mineiros.

Essas observações fazíamos, João Pinheiro e eu, no seio de nossos correligionarios.

Uma tarde, porém, resolvemos tentar a aventura de reunião de um Congresso Republicano em Ouro-Preto. De combinação com João Pinheiro, transmitti ao *Paz*, do Rio de Janeiro, folha de que eu era então correspondente, um telegramma em que noticiava que o partido republicano mineiro deliberára fazer a convocação do Congresso, sem nomear, entretanto, os nomes dos convocadores.

Essa noticia foi como a scintilla lançada sobre inflammavel accumulado. Diariamente, recebiamos, dirigidas á "Commissão do Congresso Republicano de Ouro-Preto", cartas de adhesão e de consulta sobre detalhes do mesmo, e, por nosso lado, tratámos de fazer a idéa se alastrar por todos os recantos de Minas. Por uma coincidência, realmente notavel, havíamos marcado a reunião desse Congresso para o dia 15 de Novembro de 1888, sem presumirmos que

essa data ia se tornar a mais notável epheméride republicana dahi a um anno!

No dia aprazado, com grande surpresa nossa, apresentaram-se em Ouro-Preto os mais notaveis chefes locais para tomarem parte no Congresso. Nas sessões deste, que se realizaram nos dias 15, 16, 17 e 18 do Novembro de 1888, estiveram representados quarenta e sete municípios da provincia. As sessões foram presididas pelo Dr. Leonidas Botelho Damasio, lente da Escola de Minas, o qual tinha como secretarios o Dr. João Pinheiro e o Cel. Francisco Ferreira Alves. O Congresso discutiu e votou o projecto da organização do partido e da sua lei organica, regulamentos especiaes para a Caixa do partido e para o jornal, cuja criação foi determinada; e, bem assim, nomeou uma commissão para redigir a Constituição politica do futuro Estado de Minas, a qual ficou composta dos Drs. Joaquim Felício dos Santos, Pedro Augusto Carneiro Lessa e Francisco de Paula Ferreira de Rezende.

O Congresso dirigiu ainda á provincia um manifesto, redigido pelos Drs. João Chagas Lobato, Eduardo Ernesto da Gama Cerqueira, Arthur Itabirano de Menezes e por mais; e nomeou a Commissão Central Permanente do partido, com séde em Ouro-Preto, composta dos Drs. João Pinheiro da Silva, Leonidas Botelho Damasio, Dominges José da Rocha, Cel. Francisco Ferreira Alves e da minha pessoa. Foram eleitos supplementes os Snrs. Pedro Baptista de Andrade e Francisco de Paula Ferreira e Costa. A' Commissão Permanente foi confiada a direcção geral do partido e a redacção do jornal, que lhes servisse de organo na imprensa da provincia.

O manifesto dirigido aos mineiros pelo Congresso republicano de Ouro-Preto, depois de fazer uma synthese da vida da monarchia no Brazil e dos esforços

dos democratas para a substituição das instituições políticas, então vigentes, pela forma republicana, termina com estas palavras: — "Nós, os mineiros, já temos feito muito, mas não está tudo feito; o Congresso, levantando, bem alto, a bandeira da República, não pôde deixar de proclamar a seus comprouvianos, todos filhos da terra tradicional da liberdade, que não parem nem durmam sobre os louros das recentes victorias.

Agir, sempre agir, nunca parar, é a nossa missão, será a de amanhã, a de todos os dias, até que sejamos vencedores.

Este manifesto tem as seguintes assignaturas:

Bacharel João das Chagas Lobato (Capitalista). — Eduardo Ernesto da Cunha Cerqueira (Advogado formado). — Antonio Olytho dos Santos Pires (Engenheiro). — Arthur Itabirano (Advogado formado). — Joaquim Verissimo da Costa Lago (Pharmaceutico). — Bacharel Aristides de Araujo Maia (Deputado Provincial). — Henrique Augusto de Oliveira Diniz (Medico). — Arthur de Rezende (Fazendeiro). — Carlos Pereira da Silva (Advogado provisionado). — Bernardo Cysneiro da Costa Reis (Medico). — Cincinato Sarmiento (Pharmaceutico). — Eurico Jacy Monteiro (Agrimensor). — Antonio Pedro Cysneiro da Costa Reis (Medico). — Archias Medrado (Engenheiro). — Nicesio Macedo (Commerciante). — Antero Dutra de Moraes (Medico). — D.ogo Pereira de Azevedo (Pharmaceutico). — Eduardo Limpo de Abreu (Engenheiro). — Nicesio José Tavares (Medico). — Arthur Alves d'Alcantara Campos (Fazendeiro). — Quintiliano Nery (Engenheiro). — Zeferino Chaves (Pharmaceutico). — José Rodrigues Dias Primo (Capitalista). — Bernardo Munso M. da

Costa Reis (Fazendeiro). — Juvenal de Sá e Silva (Agrimensor). — Arthur da Costa Guimarães (Engenheiro). — José Cupertino de Siqueira (Agrimensor). — João Carneiro Pestana de Aguiar (Advogado formado). — Henrique Raphael Schmidt (Dentista). — Antonio Alves de Araujo Artunes (Commerciante). — Graciliano Martins Sobrinho (Proprietario). — João Julio Proença (Fazendeiro). — Francisco de Assis Barcellos Cerrêa (Advogado formado). — Carlos Leopoldo Prates (Agrimensor). — Francisco Ferreira Alves (Capitalista). — Domingos José da Rocha (Engenheiro). — Pedro Baptista de Andrade (Lente da Escola de Pharmacia). — Gomes Freire de Andrade (Medico). — Joaquim Augusto d'Oliveira Santos (Advogado formado). — Leonidas Botelho Damasio (Lente da Escola da Minas). — A. Monteiro de Barros (Agrimensor). — Eduardo Machado de Castro (Lente do Lyceo Mineiro). — Luiz Orsini (Commerciante). — João Prud (Commerciante). — João Antonio Felício dos Santos (Agrimensor). — João Pinheiro da Silva (Advogado formado). — Francisco de Paula Ferreira e Costa (Advogado formado.)

Entre as questões inextinguíveis que, naquela epocha, quasi dividiram os republicanos militantes, debatia-se o modo como se devia preparar o advento da Republica, — si pela *evolução* da idéa, doutrinando o povo, de modo a se obter a substituição do regimen pela adhesão gradativa dos espiritos esclarecidos e quasi pela votação de uma lei regular, — ou si se devia precipitar os acontecimentos, pregando-se, desde logo, a *revolução*, de modo a não protellar a implantação do unico regimen que julgavamos compativel com o progresso do Brasil e com a dignidade americana. Do primeiro grupo, era chefe Quintino Bocayuva, espirito calmo, apostolo doutrinario; e o segundo era dirigido por Silva Jardim, temperamento

ardente, orador inflamado, que tinha o dom de transmittir aos seus ouvintes o enthusiasmo que lhe ardia na alma, dominado pela natural immaciencia dos moços que desejam ver logo realizado o ideal que concebem.

Silva Jardim tinha partidarios devotados entre os congressistas que se reuniram em Ouro-Preto; mas Quintiao, tambem, contava adeptos; de modo que tivemos grande cuidado, os organizadores do Congresso, para evitar que penetrasse nas nossas discussões esta ou outra das questões que ameaçavam nos dividir no meio da luta.

No dia em que se findaram as sessões do nosso Congresso, nós, os republicanos de Ouro-Preto, offerecemos aos correligionarios, que alli tinham ido, um *lunch*, á hora da despedida. Nesse *lunch*, João Pinheiro, empunhando uma taça de *champagne*, pronunciou o seguinte brinde synthetico que reunia todas as opiniões presentes: -- "Meus amigos, o momento é antes de acção do que de paavras e de discussões; estudemos o advento da Republica, pela evolução ou pela revolução!"

E foi no meio das mais ruidosas aclamações á Republica que nos despedimos, uns dos outros, os congressistas de 15 de novembro de 1888.

Poucos dias depois, começou a agir a Commissão Permanente do Partido, expedindo a todos os correligionarios da provincia a seguinte circular:

CONCIDADÃO

"Em cumprimento do que foi votado pelo Congresso Republicano da Provincia, de 15 de novembro, transmittimos a V. S., como membros da Commissão Central Permanente do Partido, as suas deliberações,

esperando de vosso patriotismo toda a solicitude no cumprimento dellas, de maneira que, no mais breve prazo possível, conforme determinou o Congresso :

1.º esteja o partido organizado em todas as paróchias ;

2.º estejamos nós habilitados a levantar uma estatística completa do mesmo partido em toda a provincia, devendo, para isto, nos mantermos, sem demora, as informações do movimento politico nas respectivas circumscripções ;

3.º auxiliar-nos, desde já, na manutenção da imprensa do partido, cujo orgão, por prescripção do Congresso, sahirá á luz, nesta Capital, nos principios do anno vindouro.

E' evidente a necessidade de um jornal, como meio permanente e systematico de propaganda, o qual bem defina os principios republicanos, de modo a tornal-os conhecidos de todos em sua verdade e simplicidade.

Precisamos demonstrar ser o governo que aspiramos, governo de ordem e de paz, e não de anarchia, conforme tem espalhado a ignorancia ou a calumnia.

Um orgão do partido foi creado pelo congresso para satisfazer este "desideratum" : solicitamos, para este orgão, a vossa attenção e apoio

Junto a esta circular, encontrará V. S. a exposiçõ resumida dos trabalhos do Congresso, um exemplar da lei organica e das leis especiaes pelo mesmo votadas e o seu manifesto.

O patriotismo — eis o movel unico do partido que se levanta.

E' na partido de sacrificios, de todos e para todos. Entretanto, estamos certos de que o desinte-

resse, a abnegação e o amor dedicado da patria. derão nos republicanos a força necessaria para o empreendimento de uma lucta, atíva, facil. É grande o desanimo que lavra no seio dos dous partidos monarchicos.

Contra nós, é sómente o pequeno numero dos que exploram o estado actual de cousas.

Unamo-nos no sentimento, no pensamento e na acção, e teremos cumprido o nosso dever, trabalhando para a felicidade do Brasil.

Ouro-Prato, 22 de novembro de 1888.

Da Comissão Central Permanente do Partido Republicano Mineiro. — João Pinheiro da Silva. — Antonio Olyntho dos Santos Pires. — Francisco Ferreira Alves. — Domingos José da Rocha. — Pedro Baptista de Andrade".

§ 9.º

O anno de 1889 foi decisivo nos destinos de Minas Geraes, como nos de todo o paiz.

Após um trabalho acerrimo de propaganda tenaz, substituiu-se o regimen monarchico pelo republicano, a 15 de novembro desse anno.

Ora, um dos ideaes que, naquella epoca, nos enchia a alma, e nos abrazava o coração, e nos punha, nas fronte juvenis, uma pallidez scismadora, era o grande sonho dos Inconfidentes, — a implantação do regimen republicano em nossa patria.

Imagine-se, pois, o alvoroço incoercivel, a alegria douda, o entusiasmo sagrado de nossa parte, a contrastar com a estupefacção, o despeito, a colera mal contida

de outros, — com que, naquella noite, tão humida e tão nevoenta, de 15 de novembro de 1889, estourou em Ouro Preto, inopinada e fragorosamente, qual meteóro formidável, o seguinte acontecimento estupendo :

Fôra recebido na redacção d'O MOVIMENTO, organ republicano fundado por João Pinheiro e Antonio Olyntho, um telegramma-circular do tenente do exercito José Augusto Vinhaes, do Rio, communicando que o povo, o exercito e a armada haviam installado, na capital do paiz, um Governo Provisorio, para consultar á nação sobre a fórma republicana que haviam proclamado, e que se convocaria, para isto, uma assembléa constituinte.

O conteúdo desse telegramma, communicado, em boletins, á população da velha capital mineira, provocou os mais oppostos sentimentos : de jubilo, por parte dos republicanos, representados, em sua maioria, pela mocidade das escolas e por muitos dos respectivos professores ; de apprehensões sombrias, si não de repulsa declarada, pelas classes conservadoras, que viam, no throno, o unico penhor da paz e da ordem.

Divulgada, pois, a noticia alvicaireira e grata, para nós, republicanos, — sabimos todos, sem atueção á chuva, que cahia, e sem receio de uma possível reacção por parte dos representantes do regimen decahido, que dispunham da força publica, sabimos todos, de cabello ao vento, atroando as ruas adormecidas do vetusto Ouro Preto, com as aclamações estrejitosas de nosso ardor indomavel.

Ai de nós ! Na ideal frescura de nossas almas, não endurecidas ainda pelos rudes contactos da experiencia e da desconfiança, não conheciamos aquella verdade proclamada por um altissimo espirito, de que a liberdade, bem como a civilização, se não decreta ; só há um meio de alcançal-a : é merecel-a. Não tinhamos ainda aprendido, com Aristóteles, que é das profundidades demagogicas que saem sempre á periphéria social os tyrannos, e

que o despota começa no demagogo. Não havíamos, sequer, lido Emerson, em cujos *Ensaíos*, se encontra que nenhuma instituição pôde ser melhor do que o instituidor. (*No institution will be better than the institutor*).

Acudindo ao appello caloroso, á voz evangelizadora de João Pinheiro, abandonando nossos estudos e esquecendo nossos poetas, corremos todos, em massa, a alistar-nos, como soldados, em uma *Guarda Cívica*, que se fundára, poucos dias após a proclamação da Republica, para, de armas na mão, defendermos o novo regimen, contra uma esperada repulsa, que não se verificou, e contra projectados ataques, que não se realizaram.

Grande João Pinheiro! Com que funda saudade, com que dolorosa evocação, reí, ha dias, aquelle discurso, tão elevado e tão sincero, que elle pronunciou, nesta Capital, a 14 de janeiro de 1901, nas exéquias de Cesario Alvim!

Relembrando as luctas da propaganda e os dissabores que vieram, logo depois, turvar a limpidez da aurota triumphal, disse elle:

"Caminhávamos assim, meus senhores, por aquelles dias; a nova corrente abria leito amplo, e as mesmas resistencias eram mais promessas que obstaculos. Vivíamos em uma sociedade ébria de liberdade, sequiosa de progresso, talvez um pouco esquecida da ordem, no caminho do ideal que, pouco depois, se converteria em realidade politica, para ser a plaga dolorosa, onde a vaga das más paixões iria depôr, bem depressa, tantas plantas amargas, cavando tão fundos sulcos".

Em todo o caso, naquella noite tão humida e tão nevoenta, de 15 de novembro de 1889, nossa alegria foi sincera, nosso enthusiasmo foi vehemente, nosso jubilo foi intenso.

A recordação dessa alegria, desse enthusiasmo, desse jubilo, compensa, até certo ponto, o desapontamento das desillusões que se seguiram.

Para descrever o que se deu em nosso Estado, nessa occasião, cedo a palavra ao referido dr. Antonio Olyntio, que foi parte magna em taes acontecimentos, representando, nos mesmos, papel preponderante.

É da lavra daquelle sando-ro politico o trabalho que se segue, já publicado no Fasciculo 2.º do anno XXI (1927), da "Revista do Arquivo Publico Mineiro :

A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA EM MINAS GERAES

O 15 de Novembro em Ouro Preto

A ascensão do partido liberal ao poder, a 7 de junho de 1889, encontrou o partido republicano muito fortalecido em Minas.

Tínhamos tido, a 27 de maio, uma eleição senatorial, a ultima a que nã se procedeu durante o periodo monarchico; e a ella haviam concorrido, arregimentados, disputando a victoria, os tres partidos — liberal, conservador e republicano. Os nossos candidatos á lista triplie eram Joaquim Felício dos Santos, João Nogueira Penido e Francisco Honorio Ferreira Brandão.

O partido republicano estava tão pujante e tão coherente que, durante muitos dias seguidos, os nomes de nossos tres candidatos figuraram na frente em todas as apurações feitas pela imprensa, o que quer dizer que tivemos victoria nas cidades ligadas pelo telegrapho ou pela estrada de ferro, isto é, nas mais adiantadas. E a votação dos nossos candidatos só começou a ceder á dos nossos adversarios quando chegaram as batelias das localidades mais afastadas, subjugadas ao dominio dos mandões da politica e

onde era difficil o accesso das idéas novas. Mesmo assim, no resultado final do pleito, entrou um candidato republicano na lista triplíce e os dous outros vieram logo após.

Tal resultado foi o seguinte :

1.º Horta Barbosa - conservador. — 2.º Jonquim Felício - republicano. — 3.º Carlos Peixoto - conservador.

Seguindo-se :

João Penido - republicano. — Francisco Honório - republicano. — Cezário Alvim. - liberal, etc.

Foi assim que o partido liberal, ao subir ao poder, encontrou os republicanos mineiros. Era uma força a temer e, portanto, a combater.

O Conselheiro Affonso Celso, Visconde de Ouro Preto, ao assumir as responsabilidades do Governo, como chefe do gabinete, viu o perigo e procurou conjurá-lo ; e o fez sem perda de tempo, não só incluindo no seu programma a autonomia das provincias, com presidentes electivos, a liberdade de cultos, a temporariedade do Senado, etc., como recordando beligerante o partido nascente, que perseguiu e procurou abater, como adversario que era.

Foi das mais agitadas e notáveis, dos últimos dias do imperio, a sessão da Camara dos Deputados em que se apresentou o gabinete de 7 de junho para formular o seu programma governamental.

O deputado padre João Manoel, orador emérito e escriptor primoroso, recebeu o gabinete com uma oração vibrante, em que atacou de frente o regimen monarchico e terminou ao meio de calorosos applausos da assistencia, fazendo ecoar pela sala das sessões um entusiasmico : — *Viva a Republica!* No meio dessa agitação, levantou-se o sr. Visconde de Ouro Preto e conseguiu empolgar o auditorio com uma replica brilhante, prompta e convencida, na qual

accentuou desde logo: -- "Viva a Republica, não! Viva a Monarchia! essa Monarchia tão democratica, tão abnegada e tão patriótica, que seria a primeira a conformar-se com os votos da nação e a não lhes oppôr o menor obstaculo, si ella, por seus órgãos competentes, manifestasse o desejo de mudar as instituições. E era por isso que a servia; não era um sacrificio".

O seu discurso foi vivamente ponteadado de apertes, a que replicava com promptidão.

Declarou que não ameaçava a ninguém, que o seu programma não era de oppressão, mas, sim, de concessões; que queria doutrinar e convencer; que vinha salvar o Imperio com a bandeira de seu partido, — o programma do partido liberal, que havia sido votado em solenne congresso recentemente reunido no Rio de Janeiro.

Esse programma se resumia no seguinte:

— o alargamento do direito do voto; — a autonomia dos municipios e das provincias, sendo a base dessa reforma a eleição dos administradores municipales e a nomeação dos presidentes de provincia, mediante listas organizadas pelos votos dos cidadãos; — a liberdade de cultos e seus consecrarios; — a temporariedade do Senado; — a reforma do Conselho de Estado, que perderia o caracter politico, conservando, apenas, o administrativo; — a liberdade de ensino e o seu aperfeiçoamento; — a lei de terras — a redução de fretes; — a expansão das vias de communicação.

No seio do partido liberal, havia uma forte corrente que não se contentava com a autonomia das provincias e exigia a Federação. Essa idéa congregou 19 votos no Congresso Liberal.

O sr. Visconde de Ouro Preto, porém, nunca foi partidario da Federação; era uma voz dissonante

no seio de seu partido, o qual não incluiu essa medida, francamente, no seu programma, pela opposição desse chefe prestigioso.

Depois de amplamente debatida no Congresso Liberal, devido a opposição do sr. Visconde de Ouro Preto, o partido incluiu em seu programma — 'que ficaria livre ao primeiro organizador do Gabinete optar entre a Federação e a autonomia das provincias, conforme as circumstancias aconselhassera'.

E que a Federação era a idéa mais carinhosamente afagada pelo partido, prova-o a declaração do sr. Saraiva, outro eminente chefe liberal, quando, por occasião da apresentação do Gabinete do 7 de junho, deu conta á nação, da tribuna do Senado, do convite que teve do imperador para organizar o Gabinete, antes de ser chamado o sr. Visconde de Ouro Preto.

O sr. Senador Saraiva declarou que, fallando ao Imperador, mostrou-lhe os progressos da idéa republicana e encarecera-lhe a conveniencia de fazer a Federação; ao que retrucou o Imperador: "Sr. Saraiva, o senhor sabe que eu nunca fui obstaculo ás idéas adelantadas".

De tudo isso se conclue que a Federação era a medida mais fundamentalmente arraigada no espirito da maioria dos dirigentes do partido liberal; e que a autonomia, que figurava no programma do Ministerio Ouro Preto, ia se transformar em Federação durante as discussões parlamentares. Ninguem tinha dvidas sobre isto; discutia-se na imprensa partidaria somente a Federação, relegando todos para segundo plano a autonomia, julgada insufficiente para satisfazer as aspirações nacionaes.

Ruy Barbosa, numa das mais brilhantes fulgurações de sua penna adamantina, chegou a dizer:

— “Ou a monarchia faz a federação, ou o federalismo faz a Republica”.

O presidente do Conselho e o Ministerio da justiça, que eram as figuras de mais destaque do gabinete de 7 de junho, eram ambos senadores por Minas, onde fizera a sua carreira politica e onde tinham seus melhores amigos.

Conheciam, pois, alli, o terreno da lucta e tinham elementos para levá-la avante. De modo que a perseguição e as nuaças aos republicanos foram mais intensas em Minas do que em outras provincias, como São Paulo, Rio Gra de do Sul e Rio de Janeiro, onde tambem a propaganda republicana era tenaz, e o partido se avolumava e se fortalecia.

O Visconde de Ibituruna, nomeado Presidente de Minas, era um mineiro de tempera antiga, educado na escola severa da lealdade e da justiça.

Amigo do Imperador e do Visconde de Ouro Preto, elle cumpria, á risca, o programma que o seu partido havia traçado pelo verbo do presidente do Conselho de Ministros, de cuja confiança era o depositario fiel.

De modo que, no governo da Provincia, elle revelou immediatamente o seu proposito de não dar tréguas aos republicanos, cuja propaganda era mistér abafar por todos os modos.

Alguns actos administrativos revelaram iniludivelmente esse proposito: a exoneração de Sebastião Sette, de professor do Lyceu de S. João d'El-Rey, a do velho Coimbra de agente do correio de Mariana, etc.

Sebastião Rodrigues Sette Camara era professor de inglez e de francez no Lyceu de S. João D'el-Rey, custeado pelos cofres da provincia. Naquella cidade, dirigia elle a *Patria Mineira*, folha de propaganda republicana, a qual, como era natural, criti-

cava actos administrativos, passíveis de critica, embora usando sempre de linguagem commedida e conveniente, como geralmente o faziam quasi todos os outros orgãos republicanos mineiros.

Apezar de excellentes professor e funcionario de irreprehensivel proceder, cahiu no desagrado dos chefes liberaes locais, que reclamaram do Presidente da provincia a sua exoneração.

E, para esgarmento dos republicanos, esse acto de violencia foi feito, no mez de outubro de 1889.

Sebastião Sette o commentou na *PÁTRIA MINEIRA* com uma rebreza e uma elevação de vista notaveis, que chamaram para a sua causa pessoal e para a da propaganda republicana as maiores sympathias, mesmo de adversarios desapaixoados.

João Pinheiro, como presidente da Commissão Central Permanente do Partido Republicano Mineiro, mandou-lhe, a 31 de outubro de 1889, um officio em que lhe dizia :

"E' o fim desta levar-lhe não sei si os meus sentimentos, não sei si os meus parabens pela demissão que lhe acaba de ser dada pelo governo da provincia. Entre tantos e tão grandes serviços que o meu amigo tem prestado á causa da Republica, tornando-o um dos seus mais distinctos batalhadores, o caso dessa demissão, além de encerrar uma confissão de sua noble attivez, é, ao mesmo tempo, a sagração do seu devotamento; é uma recommendação para o reconhecimento dos 6.000 mineiros republicanos que já o distinguem ha muito tempo.

Todos sabem que, no grupo da monarchia, não encontrarão, para substituí-lo, nem illustração, nem escrúpulos tão grandes como os do amigo, no exercicio do magisterio.

Súada-o, em nome da Commissão Central, João Pinheiro".

O velho Cozimbra era agente do correio de Marianna, havia muitos annos, e servia a contento da população e de seus superiores. Nunca havia sido encontrado em falta ou em irregularidade; mas como assignou, com o filho, o manifesto republicano, foi exonerado, mal se iniciou a situação liberal.

De modo que não podíamos contar com a tolerancia dos governantes, e tínhamos razões de sobra para recuar as ameaças que chegavam ao nosso conhecimento.

Nessas condições, resolvemos transformar em *Sociedades Secretas* os Clubs Republicanos que existiam formados por muitas das localidades mineiras e cujo numero augmentava de dia para dia. Agindo ás occultas, poderíamos melhor preparar os elementos de resistencia e congregar os recursos para a lucta, que (tudo faz a presumir) ia se deslocar, do terreno pacifico da propaganda, para o da aggressão material.

Combinada, em Ouro Preto, pela Commissão directora do partido, a organização das *Sociedades Secretas*, e fixado um código para nossas communicações, foi João Pinheiro incumbido de ir pessoalmente se entender com os directores da politica republicana nas trais importantes cidades da provincia, começando pela Matta, afim de podermos continuar a agir em communi, em qualquer emergencia que se offercesse.

Para essa missão reservada, partiu Pinheiro nos primeiros dias do novembro.

Pelos dias 10 ou 12, appareceu, na redacção do *Movimento*, um moço, procurando João Pinheiro. Eu lhe disse que este amigo se achava ausente, e que não sabia onde. O moço me disse que havia chegado do Rio na véspera e viera expressamente incumbido de trazer uma carta de Quintino Bocayuva a Pinheiro, tendo dado a sua palavra de honra do que a entrega-

ria pessoalmente e que o procuraria onde estivesse, fosse onde fosse.

Como recebíamos de tudo, não quiz lhe revelar o paradeiro do Pinheiro, e o moço não quiz também confiar a carta nem a mim, que fiquei incumbido de tudo o que se referia ao partido e ao *Movimento*, sem a Francisco Barcellos, que ficou com os negócios do escritório de advocacia de Pinheiro.

Em uma carta de preço, que o moço trazia, onde, talvez, Quintino nos puzesse a par do que occorria no Rio. Nunca pude saber-o ao certo.

De modo que ignorávamos, em Ouro Preto, tudo o que se travava no Rio para a proxima proclamação da Republica.

A não ser a passagem daquelle emissario pela Capital Mineira, não tivemos que assignalar, na primeira quinzena de novembro, outro acontecimento que nos prendesse a attenção.

O dia 15 passára sem muita novidade; foi um dia como qualquer dos que o haviam precedido. Tive, do meio dia ás cinco da tarde, na redacção de *Movimento*, e por lá me appareceram poucas pessoas, além dos amigos de todos os dias.

O Pinheiro estava ausente, na organização dos *Clubs Secretos*, de modo que eu estava só na redacção do *Movimento*. Tínhamos marcado para dezembro uma eleição provincial, a que o partido ia concorrer, na esperanza de fazer, pelo menos, vinte, dos sessenta deputados que deviam ser eleitos. As adhesões chorviam de todos os lados, entusiastas, espontaneas, firmes e resolutas, para a proxima campanha eleitoral. Eu me ocupei, nesse dia, quasi exclusivamente, com o serviço de adhesões: lendo a correspondencia dos correigionarios e as folhas republicanas que nos eram enviadas; extractando dellas o que se relacionava com o partido; seleccionando o que devia ser

publicado; redigindo as noticias e commentando o que daquellas leituras devesse sel-o.

Pouco depois das cinco horas da tarde, deixei a redacção do MOVIMENTO, onde trabalhavam só os compositores, e fui para casa. Nada de anormal havia pelas ruas que atravessei, ruas Direita, de Tira-dentes, Largo da Alegria, rua do Rosario, até a Agua Limpa, onde residia.

A's 6 horas, comecei a jantar, em companhia de minha familia e do meu irmão Aurélio Pires, que encontrei em nossa casa.

Ainda não tinhamos terminado, quando bateram á porta e eu proprio fui receber, na escada, das mãos de um dos nossos empregados da typographia, do MOVIMENTO, um telegramma assignado por *José Augusto Vinhaes, director dos Telegraphos*, no qual se nos communicava que "O Povo, o exercito e a armada haviam proclamado a Republica". Era laconico e expressivo esse despacho telegraphico; — li-o e reli-o três de uma vez no decurso de um minuto; e foi tal a minha emoção que minha mulher me perguntou, assustada:

— Alguma coisa há em casa, no Rio?

— Não, disse-lhe eu, e acrescentei — está proclamada a Republica!

— Isso é alguma caçoadá do Pinheiro, retrucou ella.

— Não pode ser, respondi-lhe. O telegramma é assignado pelo Vinhaes, como director dos telegraphos; e a repartição telegraphica não o transmittiria, si fôsse mera brincadeira.

Nessa epoca me communicava assiduamente com o Tenente Vinhaes, porque eu era o correspondente telegraphico d'O PAIZ, em Ouro Preto, e o Tenente Vinhaes era o encarregado da secção telegraphica na redacção daquella folha do Rio.

Não quiz terminar o jantar. Sali immediatamente com Aurelio Pires e fomos ver o que se passava pelas ruas. Fui me encontrando, pelo caminho, com amigos ou meros conhecidos que inquiriam de mim ansiosos :

— Que ha de novo ?

— A Republica proclamada, respondia-lhes laconicamente. E continuava a caminhar em direcção á rua de Tiradentes, ou de S. José, que era propriamente o centro da Cidade, da reunião de grupos e dos commentarios. Antes de lá chegar, ouvi os clarins do corpo de Policia que tocavam *promptidão* em todas as quebradas que circumdam a velha capital mineira.

Na rua de S. José, já encontrei diferentes grupos formados que commentavam os acontecimentos.

— É verdade — inquiriam de mim, quando passava pôr elles, — é verdade o que está correndo pela cidade, que o presidente da provincia recebeu telegramma do Rio, noticiando tumultos, que o exercito havia proclamado a Republica e que o Ministerio está preso ?

— Sim, é verdade, — respondia com segurança. Não sei o que o Presidente recebeu ; mas eu tive telegramma noticiando a proclamação da Republica.

— Proclamação da Republica, como ? exclamavam os mais exaltados.

Isso é invenção dos Republicanos ! Canailhas !

Serenamente, ouvi algumas dessas explosões de nossos adversarios e, sem lhes retrucar, continuava a andar, já em companhia de alguns amigos, rematando a minha prosa nesses grupos sempre com a mesma phrase, dita com segurança de quem está conhecedor de uma situação que eu prezunia apenas :

— Sim ; a Republica está proclamada, apoiada no exercito e na armada, que são republicanos ; e o

Imperador não tem elementos nem dedicações para destruir a nossa victoria.

Deixava os grupos onde se commentava de modo mais variô a minha proposição, e me dirigia para a estação telegraphica, na Rua Nova, e depois, para a rua Direita, onde estava a redacção do *MOVIMENTO*.

Antes de lá chegar, encontrei-me com os Drs. *Francisco Barcellos e Quintiliano Nery*, que iam á minha procura.

Eram dous correligionarios, o primeiro compunheiro de escriptorio de João Pinheiro, e o segundo engenheiro que estava executando, por empreitada, o serviço de aguas e esgotos de Ouro Preto. Depois de uma ligeira palestra, em que trocámos felicitações e commentarios pelos successos, o Barcellos seguiu commigo, e o Nery foi pôr de promptidão o seu pessoal, trabalhadores portuguezes e hespanhecs, em numero de cerca de quatrocentos, para acudir a qualquer emergência que se tornasse necessario.

Nas proximidades da redacção do *MOVIMENTO*, encontrei grande grupo formado, na sua totalidade, de correligionarios, de estudantes da Escola de Minas, da de Pharmacia, e de outros amigos.

Os *Vivas á Republica* eram inintermittos, apesar da prohibição policial, que, havia mais de um mez, punia com severidade taes "gritos sediciosos"!

Demorei-me pouco na redacção, que deixei entregue nos cuidados de João Froença, Calógera, Cupertino de Siqueira, Joaquim Santos, e de outros amigos que lá estavam e que conheciam onde guardavamos alguns explosivos que alli tinhamos, para o caso de um ataque á typographia. Esses rapazes, que eram quasi todos alumnos do curso superior da Escola de Minas, pernottaram no *MOVIMENTO*.

Fui para casa, onde Domingos Porto, Henrique Renault, Francisco Alves e outros correligionarios já

se achavam commeatando, no meio da maior expansão e alegria, os acontecimentos do Rio, que outros telegrammas recebidos já detalhavam melhor.

Não sahi mais de casa, e lá estiveram diversos amigos até cerca de meia noite. Já sahiamos então que Deodoro era o Chefe do Governo Provisorio e os nomes de todos os Ministros; que Cezario Alvim havia sido nomeado Governador da Provincia de Minas e que Deodoro telegraphára ao Visconde de Ibituruna appellando para o seu patriotismo, afim de se conservar no Governo da Provincia até chegar o Delegado do Governo Provisorio; que os chefes conservadores de Ouro Preto, confraternizando com os seus adversarios, os liberais, tinham ido juntos para o Palacio do Governo insistir com o Visconde de Ibituruna, para que resistisse e não entregasse o governo da Provincia aos republicanos; que lá a discussão era acalorada e apaixonada; que os republicanos de Juiz de Fóra e de Barbacena já estavam senhores do governo local, etc.

A noite de 15 para 16 foi passada em grande ansiedade. Trovejava e chovia. Diversas vezes, durante a noite, bateram á porta, para entregar telegrammas urgentes que me eram dirigidos. Por mais de uma vez, supuz que ia ser preso por ordem do governo ou atacado por alguma adversario exaltado. A nossa casa ficava no bairro da Agua Limpá, que era mal illuminado por lampões de petróleo, muito distanciados uns dos outros, e o negror da noite excitava a imaginação, para dar nascimento a essas phantasias. Quando, ao romper do dia, abri as janelhas da casa, divisei o Antonio Paparajo, esgrouviado estafeta dos telegraphos, que sympathisava com a nossa propaganda republicana e que, de longe, me accitava com um feixe de telegrammas e falava, na sua meia lingua ntripalhada, cousas que eu só pude compre-

bender depois que o fiz repetir com calma. Disse-me que, quando elle foi entregar ao Visconde de Ibituruna o telegramma de Deodoro, em que este lhe communicava a proclamação da Republica e a nomeação de Cezario Alvim para Governador da Provincia, Ibituruna exasperou-se e ameaçou de prisão o estafeta e o telegraphista, por estarem a fazer pilherias do mau gosto e perigosas, e dizia que ia telegraphar ao Barão de Capanema, director dos Telegraphos, para exonerar-os. Foi Antonio Papagaio quem o chamou á razão, retrucando que o seu chefe já não era mais Capanema e, sim, Vinhaes, por cuja ordem elle tinha ido fazer a entrega do telegramma em questão.

Papagaio contou-me diversos episodios occorridos com os personagens politicos mais era evidencia e me disse, em nome do chefe da estação telegraphica, que este recebera ordem do Director dos Telegraphos para que não entregasse nem expedisse telegrammas sem o meu visto. Não excusado dizer que declinei de exercer esta censura, recommendando, apenas, que detivesse, para nosso melhor exame, os telegrammas alarmantes que pudessem comprometter a causa das instituições nascentes.

Durante o dia, entre as numerosas visitas que tive, fui procurado pelos Srs. Antonio Carlos de Araujo Bastos Junior e Henrique da Silva Borges, agente e fiel da estação de Ouro Preto, da Estrada de Ferro de D. Pedro 2.^o, hoje Central do Brasil, os quaes declararam que eram republicanos de ha muito e que vinham pôr á minha disposição os seus prestimos e os serviços do pessoal da Estrada sob suas ordens; que eu ficasse tranquillo pelo lado da Estrada, que estava por elles vigiada, inclusive o Tunnel do Tripuliy, que se dizia ia ser destruido, para impedir que chegassem a Ouro Preto o Delegado e as forças que o Governo Provisorio mandasse.

O Palácio do Governo continuou cheio, no correr de todo o dia e toda a noite de 16. A entrada era franca a todos, — liberais e conservadores, que lá iam saber dos sucessos, comentar-lhos, alvitrar planos de resistencia á implantação da Republica, etc. Nós mesmos destacavamos, de vez em quando, alguns dos nossos, dos menos conhecidos, que penetravam no Palácio, ouviam as discussões e vinham contar-nos planos de resistencia que alli eram tramados. Em toda essa emergencia, o Sr. Visconde de Ibiturama conservou a calma, o bom senso e o equilibrio que sempre revelou na vida.

Quando os próceres da politica monarchista em Ouro Preto lhe diziam que a autoridade não tinha o direito de capitular deante do levante de Quartéis e que lhe cumpria resistir a todo transe á Republica, não cedendo o governo ao Delegado nomeado pelo Governo Provisorio, o velho titular respondia com palavras unguidas de patriotismo e cheias de bom senso mais ou menos nesses termos :

— “Pelo Imperador, de quem sou amigo, e pela monarchia de que sou adepto fervoroso, daria, de boa vontade, tudo o que me resta de energia e dedicação, e até a propria vida ; mas não se trata disso, presentemente. Que adiantaria ao Imperador e á monarchia a nossa resistencia aqui ? Poderia ella livrar o velho imperante do exilio, ou contribuir para restaurar a monarchia, que não encontrou uma dedicação, quando lhe faltou o apoio das classes armadas ? A nossa acção, de longe e isolada, seria puramente platonica ; ella se traduziria, apenas, pelo sacrificio de algumas vidas, — desses moços que, durante a propaganda, não hesitavam em offerrecel-as á sua causa e que hoje, mais do que nunca, as dariam na hora do seu triumpho.

E eu não tomo a responsabilidade do derramamento inútil desse sangue, porque a elle seguir-se-iam a remessa, para aqui, de batalhões, mais sangue e mais desgraças, até a realização do que os Senhores pensam que nós podemos evitar”.

Graças ao bom senso desse velho servidor da monarchia, não tivemos a lamentar aquelles males; e os intempestivos atrevidos dos improvisados conselheiros dituiram-se nos successos subsequentes, para se crystallizarem em adhesões ao novo regime, dahi a dias.

Nós, por nossa vez, os republicanos de Ouro Preto, exultavamos de alegria, nos preparativos para a recepção do Delegado do Governo Provisorio, que os telegrammas do Rio nos diziam ser o Dr. Cezario Alvim. Da typographia do Movimento, fizemos sair diversos boletins, que eram furtivamente distribuidos pelas ruas, dando noticias das occorrencias do Rio e das provincias, e dos primeiros decretos e actos do Governo Provisorio.

A's 4 horas da tarde, recebi, do dr. Antonio Felício dos Santos, um telegramma, procedente do Rio, no qual elle me communicava que seguia para Ouro Preto, levando o Governador de Minas e perguntando se era necessario levar força, pedindo resposta urgente para a Estação de Entre Rios. Respondi que os animos estavam apparentemente calmos, sendo desnecessario vir força, si já não estivesse de marcha, e que nós necessavamos pela chegada do Governador, para a implementação da Republica em Minas.

O dr. Felício, depois de uma longa e proveitosa excursão eleitoral pelo antigo 6.º districto de Minas, por onde o partido republicano havia apresentado sua candidatura, regressára para o Rio no dia 14. Foi meu hospede, em Ouro Preto, de 13 para 14 de novembro, e eu lhe expuz toda a situação de nosso

partido, inclusive a ausencia do Pinheiro, na organização secreta dos nossos Clubs.

De modo que o dr. Felício assistiu a proclamação da Republica no Rio, teve ensejo de falar aos membros do Governo Provisorio e de esclarecer a situação de Ouro Preto; e como o dr. Cezario Alvim não tivesse telegraphado communicando haver-se empossado do governo, o dr. Aristides Lobo, Ministro do Interior, encarregou ao dr. Felício de ser portador de um officio para mim, mandando que eu assumisse, immediatamente, o governo, caso o dr. Alvim não o tivesse feito ainda. Este officio, provavelmente, teria sido mandado a João Pinheiro, si elle não se achasse, na época, ausente de Ouro Preto, como foi dito.

Dello foi portador o dr. Felício, que viajou para Ouro Preto, em trem especial, na noite de 16 para 17, trazendo em sua companhia o dr. Aristides Maia, activo propagandista da Republica e deputado republicano na Assembléa Provincial de Minas.

Tendo noticiado, em boletim, a chegada do Governador para a manhã de 17, fizemos os preparativos para recebê-lo, certos de que era o dr. Cezario Alvim que chegaria. Encomendámos um almoço para lhe ser offerecido no Hotel Martinelli, que era o melhor de Ouro Preto; comprámos todos os foguetes e bombas de dynamite que havia em Ouro Preto; convidámos os nossos correligionarios, alumnos da Escola de Minas e da de Pharmacia, para, encorporados, irem, com seus respectivos estandartes, receber o governador na estação e armámo-nos todos para resistir a qualquer aggressão ou ataque que, constava, seria feito aos republicanos e ao Governador, por occasião de sua chegada.

Pela noite, os alumnos não se achavam calmos; havia movimento desordenado nas ruas; esvoaçavam pela cidade boatos, ameaças e enthusiasmos; nos grupos

commentavam-se, com calor e diversamente, os acontecimentos; o corpo de policia continuava em rigorosa promptidão; não havia em Ouro Preto nenhuma força de linha, porque, pouco antes e por motivos politicos, havia sido de lá retirado o 9.º batalhão de Cavalaria, deixando, apenas, o tenente Espindola e o Alferes Benevenuto Magalhães, que ficaram, por doentes.

Os republicanos que representavam minoria no seio da população, achavam-se, porém, aparelhados para o caso de qualquer conflicto, que não provocariam, aliás, em nenhuma hypothese.

De modo que, para mim, foram de grande trabalho e de cansaço o dia e a noite de 16. Recolhi-me á casa tarde, porque estive grande parte da noite na redacção do MOVIMENTO, combinando e preparando o que fosse necessario para a solenne recepção do Governador, que esperavamos ás 7 horas da manhã do dia 17.

O dia 17 era domingo. A manhã estava radiante de sol; as montanhas se destacavam azues na atmosphera diaphana, que envolvia a velha capital mineira; o Itacolomy emergia do fundo, descoberto, sera una nuvem a empanar-lho o vulto, e dominava o panorama, como que desejoso de assistir ao epilogo do grande drama que começava a desenvolver-se a seus pés, em Villa Rica, um seculo antes, e de que elle fôra testemunha, desde o primórdio.

Antes das 7 horas, estavamos a postos: — na plataforma da estação, nos achavamos, os directores do partido e da imprensa republicana e quasi todos os correligionarios de Ouro Preto; a parte posterior da estação estava occupada pela Escola de Minas e o pela de Pharmacia, encorporadas; e nos mórros circumvisinhos achavam-se amigos de confiança para acudirem a qualquer emergencia que se dêsse.

Havia na estação muita gente estranha ao nosso grupo; na multidão que alli se agglomerava, vimos numerosos adversarios de nosso credo, o que confirmava as nossas suspeitas de aggressão; e quasi todos os officiaes de Policia alli estavam á paisana, inclusive o *Commandante*, o Cel. Victoriano de Moura, espadado, alto, gordo e de olhos escuros, como sempre.

O trem só chegou ás 9 horas; quando elle apitou para annunciar a sua approximação, saudámo-lo com calorosos e repetidos vivas á Republica, ao Governo Provisorio, ao Dr. Cezario Alvim, ao exercito e á armada. Os *hurras* que rebouaram sem cessar, nas quebriadas casavam-se com o estrogir de milhares de foguetes e de bombas de dynamite, atiradas de todas as eminencias que dominam a estação.

Ao saltar do trem, o Dr. Felicio dos Santos pedia silencio e leu, em voz alta, o seguinte officio, fazendo-me, era ser vida, entrega do mesmo:

‘Illmo. Sr. — E’ portador deste officio o dr. Antonio Felicio dos Santos, que segue para aki em uma commissão delicada.

V. S. deve saber que o dr. José Cezario de Faria Alvim foi investido de chefe politico da Provincia, pelo Governo-Provisorio da Republica.

Como, porém, até esta data, não nos tinha elle communicado ter assumido as funcções de seu cargo e bem possa ser que o não tenha feito, pelo presente officio fica V. S. nomeado, provisoriamente, emquanto não se expede o competente decreto, para substituir aquelle digno cidadão nas funcções que, como primeiro director politico, lhe cumpria exercitar.

Assim, pois caso se verifique a prevista hypothese, V. S. assumirá, immediatamente, a direcção dessa Provincia e o seu governo.

Nesta data, expede o Ministerio da Guerra ordens ao commandante da força de linha ahí estacionada para que faça recolher a essa capital todos os contingentes esparsos da mesma força, afim de ficarem sob as ordens de V. S. — Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1889 — Ilmo. Sr. dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires — (assignado) Aristides da Silveira Lobo".

A leitura desse officio foi uma grande surpresa para mim e para todos os que ali nos achavamos. Fimda a mesma, ouviram-se mais vivas e aclamações, enquanto eu recebia abraços de congratulações do povo que enchia literalmente a plataforma da estação. O Coronel Victoriano Moura, commandante da Policia, rompendo a multidão, foi ao local onde eu me achava e, depois de pedir-me licença, correngou-me e atravessou conmigo a estação, indo ao local onde estavam postados, em fila dupla, os classes correligionarios, alumnos da Escola de Minas e da de Pharmacia. Suspeitei, a principio, que o cel. Moura me tivesse prendido e pensei em reagir, mas cobrei immediatamente a calma, que tão necessaria se tornava naquella hora, e esperei o desfêcho dos acontecimentos. Com grande surpresa, vi, então, que o cel. Moura me erguia sobre a multidão, exclamando :

— Meus senhores, viva o Governador da Provincia, aqui presente ! Viva o senhor Governador da Provincia

E continuou a levantar os mesmos vivas, até ser ouvido por todos e ser por todos correspondido.

Eu, então, lhe agradei a adhesão do corpo de policia á causa das novas instituições.

— Não posso hoje fallar pelo corpo de policia, replicou elle. Aqui estou ás suas ordens e commigo alguns outros officiaes dessa policia.

Agradei-lhes, a todos, a sua adhesão á nossa causa e lhes pedi que se conservassem ao meu lado.

Pouco depois, puzemo-nos todos a caminho, em direcção ao *Palacio Presidencial*, para dar cumprimento ás ordens do *Governo Provisório*; e esse trajecto foi feito no meio das mais entusiasticas acclamações e a pé, pois não havia, em *Ouro Preto*, outro genero de locomoção. Pelas ruas em que passavamos, eramos recebidos com vivas, ás vezes com palmas, e, de algumas janelas, atiraram flôres sobre o préstito.

Chegámos á *Praça da Independencia* pouco antes das 10 horas; e já o nosso grupo era muito grande, por se terem a elle aggregado muitas pessoas que aguardavam os successos de esse trajecto.

Ao chegarmos á *Praça*, no meio sempre de vivas e acclamações, divisamos as janelas do *Palacio Presidencial* pejudas de gente que parecia nos aguardar alli. Um dos nossos amigos, que vinha daquelle direcção, chegou-se a mim e me disse, á meia voz:

— "E' uma imprudencia voêz irem agora ao *Palacio*. Os animos por lá estão exaltados; e, provavelmente, o pessoal que lá está não os deixará entrar.

E' mais conveniente d'apersarmo-nos aqui e irmos, depois do almoço, nos entender com o *Presidente*, porque, até lá, é possível que essa excitação se acalme".

Não quiz aceitar esse conselho, porque julgava que era urgente implantar-se a *Republica* em *Minas*; não queria que, por uma hesitação minha, isso se demorasse um minuto mais do que devia.

Resolvêmos fazer uma volta em tórno da colunna alli erecta em memoria de *Tiradentes*, como homenagem ao ideal dos *Inconfidentes* ora realisado; e o *Dr. Felicio dos Santos* fez parar o préstito por

alguns minutos, assignalando aquella homenagem, em bella e entusiasticas phrasas, que fizeram brotar em todos os peitos um espontaneo e entusiastico :

— Viva a memoria dos primeiros martyres da Republica no Brazil !

Quando passámos pela frente do edificio da cadeia, o cel. Moura deu uma ordem a um dos officiaes de policia á paisana, que se achavam a nosso lado ; este foi ter até o corpo de guarda e, immediatamente, formou-se em continencia e contingente de policia alli postado, e o clarim tocou a marcha batida.

Foi a primeira homenagem official, prestada na capital mineira, ao representante do governo revolucionario.

Seguimos, depois, para o Palacio, tomando a direcção da porta principal, que dá para a Praça, e resovidos a penetrar alli por qualquer fórma. Fômos detidos por alguns minutos, quando subiamos a rampa, por um discurso de saudação de Zoroastro Pires, o qual me offereceu uma pequena caneta, com penca de ouro, para assignar os primeiros actos republicanos em Minas.

Ao enfrentarmos o portão largo, onde havia guarda dobrada, que hesitava em nos permittir a entrada, o Cel. Moura, que ainda não tinha sido visto pelos soldados, bradou-lhes com voz clara e emocionada :

— Camaradas, prestem continencia ao Sr. Governador da Provincia !

Os soldados apresentaram armas, e eu transpuz o largo portão e, conmigo, todo o grande grupo que me acompanhava. Ao penetrarmos no pateo do Palacio, ouvimos rumores de passos apressados, que pareceriam de pessoas que haviam abandonado as janellas e se dirigiam para as escadas. Retardámos um pouco os nossos passos, affim de encontral-as antes da subida, quando avistámos o vulto respeitavel e sobran-

ceiro do dr. Visconde de Ibituruna, que vinha ao nosso encontro, cercado de diversos amigos e tendo ao lado o seu Secretario, Dr. Benjamin Arocira.

Quando nos defrontámos, saudai ao Sr. Visconde e entreguei-lhe o officio do Dr. Aristides Lobo, pedindo que o lêsse e tomasse na devida consideração. Até então, nunca havia eu trocado uma palavra com o Visconde de Ibituruna.

Fômos então convidados a entrar; subindo as escadas em companhia do velho Presidente e de seus amigos, fômos ter ao grande salão nobre, que ficou litteralmente cheio, não cessando, no meio da multidão que entrava, os vivas e as acclamações, que não se finham, até então, emudecido, desde a estação da estrada de ferro.

O Sr. Visconde de Ibituruna convidou-me, em seguida, e a alguns de seus amigos, para acompanhá-lo ao seu gabinete de trabalho, que ficava contiguo ao salão, no qual o povo continuava a victoriar a Republica, a Deodoro, ao Governo Provisorio, ao exercito, á armada e a Minas Geraes, e alli leu, em voz baixa, o officio que eu lhe entregára e, escreveu, no tampo do mesmo, o seguinte :

“Em cumprimento do presente officio, entreguei o Governo desta Provincia ao Ilmo. Sr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires. — Ouro Preto, 17 de Novembro de 1889. - - Dr. Visconde de Ibituruna”.

Depois disso, o velho Presidente leu de novo e em voz alta, para seus amigos alli reunidos, o officio e o despacho e me fez entrega do mesmo.

Seguiu-se uma ligeira palestra, de alguns minutos, sobre os acontecimentos do dia e sobre medidas administrativas em andamento, dizendo-me o Sr. Visconde de Ibituruna que, apesar de monarchista e de amigo do Imperador e do Presidente do Conselho

decahido, elle era mineiro, muito mais velho do que eu e, portanto, julgava-se no direito de dar-me alguns conselhos. Fallou-me sobre o inconveniente de conservar em Ouro Preto força de linha com força de policia, depois dos lamentaveis acontecimentos, pouco antes occorridos e que determinaram a retirada precipitada do 9.º de Cavallaria, da Capital Mineira. Tranquillizei-o sobre este ponto, asseverando que ia sustar a vinda do batalhão de S. João del Rey para Ouro Preto, porque me sentia de tal forma no seio da população ouro-pretana, onde havia vivido desde menino, que não necessitava de soldados de linha para me garantirem alli. Pedi ao Dr. Benjamin Aroeira que continuasse como meu Secretario, afim de haver continuidade nas medidas administrativas iniciadas. O Dr. Aroeira objectou-me que não podia aceitar o meu convite, porque nunca havia militado nas fileiras republicanas. Eu lhe disse que isso não era razão, pois não se tratava da queda do partido a quo elle servira, mas de instituições que não voltariam; apellei para o seu patriotismo, para a nossa amizade desde a infancia e, finalmente, solicitei a intervenção do Sr. Visconde de Ibituruna para vencer os escrúpulos do Dr. Aroeira, afim de não haver quebra notavel entre a administração que terminava e a que se iniciava. As palavras do venerando mineiro fizeram com que o Dr. Aroeira aceitasse o meu convite. Declarei ao Sr. Visconde de Ibituruna que S. Ex. poderia permanecer no Palacio o tempo que quizesse, visto ser minha intenção não transferir para alli a minha residencia e puz á sua disposição um carro especial para quando tivesse de se retirar de Ouro Preto, o que S. Ex. me declarou que seria nesse mesmo dia, á tarde.

Despedime-nos em seguida, e eu fui para o compartimento onde funcionava a Secretaria do Gover-

no, de onde transmitti telegrammas ao commandante do batalhão estacionado em S. João del Rey, sustentando a sua marcha para Ouro Preto, e a todas as autoridades judicias e administrativas da Provincia, communicando que havia assumido o governo e recommendando que velassem pela ordem publica e sollicitassem as providencias necessarias para abafar qualquer tumulto que a mudança de instituições pudesse occasionar.

Tendo encontrado pedido de exoneração de todos os chefes de serviço provinciales, respondi-lhes communicando a minha pôsse e insistindo para permanecerem em seus postos, appellando para o seu patriotismo, afim de me auxiliarem nos primeiros dias do novo governo, si não pela causa da Republica, que estava feita, ao menos pela do bem publico, a que todos deviamos servir.

Nomeei chefe de policia o Dr. Aristides Maia, que começou immediatamente a agir no sentido de garantir a ordem publica, lavrei as nomeações do Dr. Benjamin Aroeira para Secretario do Governo e do Tenente Espinola para ajudante de ordens. Mandei aquartellar, no quartel de linha, que estava desoccupado, os rapazes da Escola de Minas e da de Pharmacia e outros moços partidarios das novas instituições que se apresentaram para formarem a "guarda civica da Republica".

Dadas essas primeiras providencias, fomos almoçar no Hotel Martinelli, onde foram feitos numerosos discursos, congratulações e saudações reciprocas, tendo fallado o Dr. Felicio, o Dr. Aristides Maia, o Sr. Luiz Orsini e alguns correligionarios que haviam tomado o trem especial nas estações intermediarias.

Quando regressei ao Palaeo encontrei-o cheio de amigos de diversos credos politicos e numerosos telegrammas de muitos pontos do Estado, comman-

cando o modo festivo como haviam sido recebidas as noticias da proclamação da Republica e do estabelecimento do novo governo em Minas.

De alguns pontos noticiavam receios de ataques da *guarda negra* aos republicanos e pediam providencias; e nós aproveitámos a oportunidade para distribuir por essas localidades o corpo de policia, que continuava aquartellado e de promptidão.

Suppria-o, no policiamento da Capital e, principalmente, na guarda dos edificios e das repartições publicas, a guarda civil, dos meios republicanos, á qual foram distribuidas carabinas Corblain, com as respectivas munições, que era o melhor armamento então existente na provincia.

O resto do dia passámos em Palacio, recebendo felicitações, telegrammas e adhesões de toda parte onde chegavam noticias dos acontecimentos.

A tarde, o Sr. Visconde de Ibituruna retirou-se para o pequeno Hotel Corvalho, proximo á Estação d. Estrada de Ferro, a fim de tomar o trem que devia partir pouco depois das quatro horas. Alli recebeu elle cumprimentos e despedidas de seus amigos, tendo sido acompanhado até a Estação de Rodrigo Silva por alguns daquelles e por uma commissão composta do meu Secretario, do chefe de Policia, do meu ajudante do ordene e outros cidadãos que nomeei expressamente para isso.

Permanecemos em Palacio até tarde da noite, expedindo ordens e providencias, recebendo e respondendo telegrammas, attendendo a numerosas pessoas; e nos achavamos de tal modo confraternizados que ninguem suspeitaria, si o não soubesse, de mudança de radical nas instituições vigentes.

Entreguei, nessa occasião, ao dr. Diogo de Vasconcellos, que era o redactor da *União*, organ que publicava os actos officiaes do governo, não só te-

telegrammas, como diversas noticias e um manifesto que dirigi aos mineiros, os quaes foram publicados n'O ESTADO DE MINAS, organo que substituiu á A UNIÃO, e cujo primeiro numero' sahio a 20 de novembro.

O manifesto dizia assim :

"Cidadãos !

Resurge a nação victoriosa da lucta secular pelo triumpho das instituições democraticas.

O povo brasileiro, no exercicio solenne dos direitos da soberania nacional, congregado no pensamento da reconstrucção da Patria sob o regimen da liberdade, vem de sellar, com o cunho de sua adhesão espontanea, o grandioso movimento operada a 15 de novembro de 1889.

A Republica Federativa dos Estados Unidos do Brasil está proclamada !

Sob a bandeira da Republica, passarão para o dominio da Historia os velhos partidos e, aclamando o renascimento da consciencia nacional. — só brasileiros se grupam em torno do altar da Patria, defendendo, como a fé inabalavel de sua confiança no governo instituido, o pensamento democratico que dormitava no seu seio.

Nesta phase de organização, é necessario, para o complemento do grande acto popular, que se congreguem todos os cidadãos, para a consolidação do regimen de liberdade que é o symbolo da paz e da confraternização nacional.

Esta provincia, que é hoje o Estado de Minas Geraes, se orgulha de contemplar, após um seculo de luctas indefessas pela causa democratica, a glorificação de seus filhos martyres

do despotismo monarchico da casa de Bragança, erguendo, ao lado do patibulo de Joaquim José da Silva Xavier, o throno onde se assenta a Magestade popular da Patria Brasileira.

O regimen federal vae emancipar as velhas provincias, ligando-as solidariamente na Patria Unida, grande e cheia de confiança nos destinos auspiciosos que se rasgam ao horizonte do futuro.

O Governo Provisorio acclamado saberá manter firme este regimen.

Sem odios, sem vinganças, sem outra aspiração que não seja o respeito pela legitima manifestação dos direitos de cada um, fará justiça, inoculando no espirito publico o sentimento que domina a nação, galardoando o merecimento real e mantendo, inalteravel, o patrimonio santo de todos os direitos adquiridos em face da lei.

Cidadãos! o progresso, em todas as suas manifestações da vida moderna, e a civilização, fructo do trabalho de nossos paes, nos impõem um dever sacratissimo — a união de todos os mineiros para a sua realização, nesse novo periodo que se lhe abre, tão cheio de esperanças.

Unamo-nos, portanto, em nome da Patria, confraternizada.

Viva a Republica Federativa dos Estados Unidos do Brasil.

Viva o Estado de Minas Geraes!

Viva o Governo Provisorio!

Viva o Exercito!

Viva a Armada!

Antonio Olyntho dos Santos Pires, governador interino do Estado de Minas Geraes".

Regressei para minha casa, depois da meia noite, tendo sido acompanhado pelo commandante de policia e por diversos amigos. Lá encontrei uma força de policia commandada por um official, guardando a minha residencia, o que immediatamente dispensei.

No dia 18, pela manhã, foi-me buscar em casa o cel. Victoriano Moura, e acompanhou-me até o Palacio, para onde fomos, a cavallo.

A cidade tinha o seu aspecto normal.

Cheguei no Palacio ás 8 horas da manhã e já encontrei algumas pessoas á minha espera. Entre ellas, achava-se o sr. Barão de Saramenha, chefe liberal prestigioso, proprietario do orgão do partido na imprensa, capitalista e presidente da Camara Municipal. Communicou-me elle que havia convocado, para aquelle dia, uma sessão extraordinaria da Camara, afim de me dar posse do governo, como era de praxe; e, bem assim, que convocára a população para dar solemnidade áquella sessão, e, depois, aclamarem-me Governador da Provincia, como facultava o dec. n. 1 do Governo Provisorio.

Respondi-lhe que a posse do governo, dada pelo Camara, era uma formalidade dispensavel, visto eu já haver exercido actos de Governo, como delegado, que era, de um governo revolucionario, o qual tinha nhatido pela base as instituições até então vigentes e, como tal, todas as autoridades por estas constituídas.

Entretanto, em homenagem áquella corporação popular, eu acquiescia, de boa vontade, em ir á sessão solemne da Camara, como si tivesse de ser por esta empossado do governo de facto, que eu já exercia desde a vespera.

Fra meu intuito, com isto, constatar a adhesão da Camara ás instituições republicanas, desde que ella se reunia, espontaneamente, para dar posse do

Governo da Provincia ao delegado do Governo Provisorio da Republica. Declarei, pois, ao sr. Barão de Saramenha que iria á sessão da Camara; mas declarei, tambem, que não podia permittir a aclamação do Governador da Provincia, que ella pretendia fazer, porque já hevi sido, para esse cargo, designado o dr. Cezario Alves, pelo Governo Provisorio, de que era eu o delegado naquelle momento, e cujas resoluções eu faria respeitar por todos os meios ao meu alcance. Muito embora me ponderasse o sr. Barão que aquillo era o exercicio de um direito permittido pelo primeiro decreto do Governo Provisorio e uma demonstração de apreço á minha pessoa e ao acto do mesmo Governo que me havia designado para iniciar, em Minas, as novas instituições, eu declarei, peremptoriamente, que não poderia permittir essa aclamação, que seria um acto sedicioso, deante da nomeação já feita pelo Governo.

A aclamação do Governador poderia ser respeitada, si ella houvesse sido feita no acto de ser conhecida em Ouro Preto a noticia da proclamação da Republica ou do aludido decreto do Governo Provisorio; naquelle momento, ella era tardia e extemporanea, mórmente depois de fraccassada a tentativa para se impedir a transmissão do governo ao delegado republicano, primeiramente designado. Deante dessa minha attitude resoluta, não se falou mais em aclamação do Governador.

Apenas se retirou o Sr. Barão de Saramenha, dirigi á Camara Municipal da Capital Mineira o seguinte officio:

“Palacio do Governo do Estado de Minas
Geraes. Ouro Preto, 18 de Novembro de 1889.

Senhores Presidente e mais Vereadores da
Camara Municipal de Ouro Preto.

Communico, para vosso conhecimento o devida intelligencia, que hontem, em virtude da nomeação que me foi conferida pelo Governo Provisorio da Republica Federativa Brasileira, constante do officio do Ministro do Interior, de 16 do corrente mez, assumi o exercicio de Governador interino deste Estado. Apellando para o patriotismo dessa Camara e de seus municipales, espero que auxiliario o Governo com lealdade e dedicacão á causa publica. Saude e Fraternidade. Antonio Olyntho dos Santos Pires”.

Pouco depois, recebi da Camara a seguinte resposta :

“Paço da Camara Municipal de Ouro Preto, 18 de Novembro de 1889.

Ao Illustre Cidadão Antonio Olyntho dos Santos Pires.

A Camara Municipal de Ouro Preto, reunida em sessão extraordinaria, acaba de receber o officio em que lhe communicaes que, em data de hontem, assumistes o exercicio interino de governador deste Estado, por nomeação conferida pelo governo provisorio da Republica Federativa Brasileira. Congratulando-se com vosso, com os municipales e os demais habitantes das circunscripções mineiras, por essa escolha, que tão solomnemente affirma a vossa benevolencia, reconhecida e proclamada unanimemente por todos os nossos concidadãos, a Camara convida-vos a vir prestar perante ella o vosso juramento.

No vosso distincto patriotismo, põe a Camara a mais ansiosa esperanca de que, quanto em vós couber, haveis de manter desveladamente

a paz publica em todo o vasto territorio mineiro, promovendo, ao mesmo tempo, o bem commum, em todas as relações de nossa vida social que ora se inicia. Saúde e fraternidade. Barão de Saramenha¹².

Da sessão extraordinaria, convocada pelo presidente da Camara Municipal de Ouro Preto para me dar posse do governo do Estado, lavrou-se a seguinte acta :

“Aos dezoito dias do mez de Novembro de mil oitocentos e oitenta e nove, reunida, em sessão extraordinaria, no Paço Municipal, a respectiva Camara, foi lido o officio, da mesma data, em que o illustre cidadão Doutor Antonio Olytho dos Santos Pires communicou-lhe haver, na vespera, assumido o exercicio de governador interino deste Estado, por nomeação conferida pelo Governo Provisorio da Republica Federativa Brasileira, pelo que deliberou a mesma Camara convidar-o a vir prestar, perante ella, o seu juramento. Pouco depois, comparecendo o mesmo Illustre Cidadão, proferiu sobre o livro dos Santos Evangelhos, o juramento do teor seguinte : — *Juro promover e desenvolver o progresso do Estado, respeitar em todas as circumstancias a liberdade e reconhecer sempre os direitos e as soberanias do povo.* E, para constar, lavrou-se este termo. Eu, Francisco Julio Henrique Malard, servindo de Secretario interino, o subscreevi.

Antonio Olytho dos Santos Pires — Governador interino do Estado de Minas.

Barão de Saramenha, presidente da Camara — Joaquim Cypriano Ribeiro, vereador. — Antonio Pereira de Faria, vereador. — Antonio

José de Sousa, vereador. — Jacintho Dias Coelho, vereador. — Claudino Pereira da Fonseca, vereador. — Manoel Pires de Figueiredo Camargo, vereador. — Severo Barbosa de Oliveira, vereador. — Dr. Francisco de Paula Ferreira Velloso, vereador. — Joaquim Lourenço Machado, vereador. — Serapim Francisco Gonçalves, vereador. — Aristides de Araujo Maia, chefe de policia interino. — Benjamin Aroeira. — José Victorino de Oliveira Moura. — Francisco Neves. — Antonio Augusto Celso Noqueira, Promotor Publico da Comarca de Ouro Preto. — Benjamin do Miranda Lima. — Eduardo Machado de Castro. — Dr. Atabalipa Americano Franco, 1.º Cirurgião. — João Dias de Freitas. — José Fernandes de Miranda Junior. — Trajano Procopio de Almeida Monteiro. — Joaquim M. de Oliveira Rocha. — Josaphat Bello. — J. Antonio de Almeida. — João Victor da Cunha. — Horacio R. Meirelles. — Antonio Dias de Paula. — Manoel Teixeira de Sousa Monteiro. — Osorio R. Meirelles. — Antonio Ferreira da Costa. — Samuel da Silva Caldas. — Antonio Aggripino. — Augusto M. da Costa Lima. — Benício Marcondes. — Dr. Henrique de Freitas Araujo, 2.º Cirurgião do Exercito. — José Coelho Linhares. — Antonio Cesario de Lima. — Americo Vespucio Ribeiro e Sousa. — Carlos Prates. — José Cupertino de Siqueira. — Theotonio Gonçalves Pereira e Silva. — Olympio Camillo de Assis. — João Cancio de Azevedo Sampaio. — Manoel Ozzori. — Henrique de Paula Castro. — Dr. Sizio Ribeiro Pontes. — Venancio Saturnino Gonçalves Mól. — Miguel Muzzi de Abreu. — Severo Barbosa de Oliveira Jor. (Fiscal da Camara). — Ernes-

to Epaminondas de Castro. — João Baptista de Sousa Coutinho (3.º Official dos Correios). — Aurelio Pires. — João Antonio Duarte (1.º Official da Secretaria do Governo). — Pedro Gomes Vieira Ferreira. — Adolpho Julio Timburibá. — Dr. Virgínio Roemberg Bhering. — Oscar Augusto da Silva Bessa, official da Fazenda. — João José Alves de Resende (Tenente honorario). — João Pandiá Calogeras. — Marciano Pereira Ribeiro. — Joaquim de Souza Vieira. — Eduardo Sanchez. — Raul de Oliveira. Pedro Augusto Tassara de Padua.

Terminada a sessão solenne com que a Camara Municipal me deu posse de um Governo que eu já exerceia de facto, havia mais de 24 horas, agradecei aquelle acto de adhesão da Camara da Capital da Provincia e assisti em seguida á organização regular da guarda civica, feita na Praça da Independencia, onde se inscreveram, como soldados, os republicanos alli presentes, em livro especial, collocado ao lado da columna commemerativa de Tiradentes; depois pronunciaram inflammados discursos João Pinheiro, que havia chegado naquelle momento, e Aristides Main, e qual terminou a sua formosa oração com essas palavras memoraveis, lembrando a acção do exercito na proclamação da Republica:

“Desde que o soldado se tinha feito cidadão, não era demais que o cidadão tambem se fizesse soldado”.

Retirei-me, em seguida, para o Palacio, onde, como na vespera, estiveos vigilantes, expedindo ordens e dando providencias, recebendo e transmitindo telegrammas e agradecendo as adhesões á Republica, do individuos e de corporações, que, a todo mo-

mento, chegavam, ou pessoalmente, ou por officios, cartas e telegrammas.

A guarda civil recolheu-se ao quartel de linha, que lieva proximo no Palacio; acclamou seu commandante ao alferes do exercito Benvenutó Magalhães e se ntirou a exercicio de manobras, que se seguiram ininterruptamente, até depois da chegada do dr. Cezario Alviz, que a dissolveu.

Os dias subsequentes foram, como era natural, cheios de trabalho e de apprehensões; mas tivemos a felicidade de transpor-os sem a menor alteração da ordem e no meio de congratulações e de adhesões successivas á nova ordem de cousas.

Logo que os affazeres o permittiram, visitei todas as repartições publicas, para agradecer aos respectivos chefes haverem acquiescido ao meu pedido, de permanecerem á testa de seus serviços, e nos funcionarios a sua adhesão á causa republicana. Em todas as repartições, foram lavradas notas de minha visita, mais ou menos, como esta, da Directoria da Fazenda :

"Aos dezenove dias do mez de novembro de mil oitocentos e oitenta e nove, compareceu, em visita a esta repartição, o primeiro Governador do Estado Mineiro, dr. Antoulo Olyntho dos Santos Pires, investido de semelhante cargo pelo Governo Provisorio, organizado na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no dia quinze do mesmo mez, — a mais memoravel de todas as datas para o predestinado povo brasileiro, pelo triumpho incomparavel da democracia, que surgiu pujante e redemptora entre flores e applausos geraes, ao inverso de todos os paizes do mundo, onde o seu apparecimento e definitivo imperio tem, custado rios de sangue e martyrios dolorosos. Para constar, eu, José

Felicíssimo de Paula Xavier. 2.º official, de ordem do director, cidadão Serafim Francisco Gonçalves, lavro o presente termo neste livro, que, dora em diante, servirá para o registro das visitas de honra feitas a esta repartição. — Antonio Olyntho dos Santos Pires, governador interino. — Ariáldes de Araujo Maia, chefe de policia interino.

José Victoriano de Oliveira Moura. — Capitão Bibiano José Teixeira Ruas. — João Barbosa Espindola. — Paulo Antonio Romeire Veredas. — Serafira Francisco Gonçalves. — Joaquim Cypriano Ribeiro. — Jucundino J. Santiago. — Zoroastro Pires. — Carlos Meirelles. — Affonso Moreira da Silva. — Galdino Augusto da Luz. — Antonio Rodrigues de Barcellos. — José Jacintho de Azevedo Baeta. — José Bernardes de P. Aroeira. — Affonso José de Oliveira. — José Rodrigues Pombo. — Augusto Continho. — Antonio Nicolau Tolentino de Paula Felicissimo. — Bernardo Augusto da Rocha Nunan. — Vicente de Souza Neves. — Arthur Rosenburg. — Aurelio Pires. — Avelino Francisco Maximo de Jesus. — Francisco de Paula Barcellos. — Eloy Prado. — Antonio Carlos Felicissimo. — Antonio Bandeira. — Joaquim Emygdio da Rocha Couto. — Oscar Augusto da Silva Bessa. — Joaquim Teixeira de Souza. — Ernesto Augusto de Oliveira. — Carlos Joaquim da Silva. — Euzabio Carlos de Coura. — Agostinho Gonçalves Pereira. — Ovidio Saraiva Fidelis. — Ezequiel Bandeira. — Roberto Ferreira Constantino. — Alberto Dias dos Santos. — Miguel Archanjo Teixeira Ruas. — Contrado Ribeiro de Araujo. — Candido Eloy Tassara de Padua. — Antonio Pe-

reira Soares. — José da Costa Lima. — Florencio dos Santos Godinho. — Hippolyto Fernandes Braga. — Galdino Lopes de Oliveira. — Custodio Vieira de Brito. — José Felicissimo de Paula Xavier''.

O unico chefe de serviço que o abandonou de vez e não quiz attender ao meu pedido de permanecer no seu posto, em sua repartição, foi o dr. João Guaberto, que exercia o cargo de administrador dos Correios.

E assim se passaram os dias, sem grande alteração dos anteriormente descriptos, até que chegou a Ouro Preto o sr. Governador effectivo, dr. José Cezario de Faria Alvim.

Sua recepção foi festiva, na tarde radiosa de 25 de novembro. Aguardava-o, na Estação, uma multidão compacta, onde estavam representadas todas as classes sociais; a guarda civica prestou-lhe as devidas continencias, com garbo e enthusiasmo.

E o dr. Cezario Alvim recebeu o governo ao meio da mais completa calma, como si nada de anormal houvesse occorrido por Minas e pelo Brasil.

Tres dias depois de haver assumido o governo, dirigiu elle, ao povo mineiro, o seguinte manifesto:

MANIFESTO AOS MINEIROS

Mineiros! Meus prezados concidadãos!

Quando, na memoravel e solemmissima sessão da camera temporaria de 11 de julho do corrente anno, eu recibi o infeliz e ultimo gabinete da monarchia com a profissão de fé francamente republicana, estava muito longe das minhas cogitações a idéa de que, em prazo tão breve, vies-

se a ser chamado, como ajudante de mestre de obras, ao theatro dos desmoronamentos, para esse exame perigoso e tremendo de escombros que ainda se desconjunctam, e sob os quaes ficaremos, todos os companheiros da arriscadíssima jornada, inevitavelmente, sepultados, si os reflexos da nossa lampada guiadora allumiarem outro lemma do nosso escudo que não seja: — tudo pela patria! — crininho á tolerancia, á abnegação pessoal, á fraternidade e á justiça!

Os acontecimentos de 15 deste mez, que ainda estamos a fixar no espirito, e cuja realidade tememos que se avnia qual fóra um bom sonho em alma attribulada, encontraram-me virtualmente entregue nos trabalhos agricolas, que amo com paixão.

Só um dever imperioso, qual o que sou chamado a cumprir, me arruacatia para o tumultuar das paixões, do saudosissimo canto de terra que foi sempre a minha força em politica; porque sendo a sua paz e manuseamento o meu supremo bem, nenhuma posição social, fóra delle, seduziu-me jámais, no ponto de sacrificar, para alcançal-a, o que eu entendia ser justo, nobre, digno.

Eu havia renunciado, temporariamente, ao menos, a vida publica, no que ella tinha de aparentemente proveitosa para mim, não por egoismo ou desalento, mas para, como que chamavam as minhas loucuras ou excentricidades, convencer, de vez, a opinião, de que eu não era especulador, quando tomára, em 1887, por programma, com o qual fui ás urnas mineiras naquella occasião, a causa da federação, que eu acreditava compativel com a monarchia, a cujo representante, dadas as condições conhecidas

de sua alma bondosa e patriótica, não repugnaría presidir a aprendizagem dos seus compatriotas para o regimen da democracia pura, que elle proprio sentia, havia dominar em toda America.

Infelizmente para si e para os seus, escaparam no seu alto espirito, conturbado pela enfermidade, os manojos de ambições criminosas, que, ás occultas, se lho ajustavam em derredor, para irromperem triumphantes e dominadoras, quando a obra da corrupção e da violencia tivesse de todo abatido a alma nacional.

Mal orientada antes, do que perversa, irreflectida e subjugada, talvez, pela vertigem das alturas, a politica que subverteu de subito a causa da monarchia, á qual pudera presta" os melhores serviços, attenta a capacidade dos seus representantes, viu, acredite, com as mais pungentes commoções, o resultado da sua triste imprevidencia: - machina arrebentada, por tapamento quasi completo de valvulas.

Mineiros! meus prezados concidadãos!

Por precisat, hoje mais do que nunca, da vossa cordura, desinteresse e tolerancia na aprezição da politica, que de accordo pleno com o inelyto chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil e seus illustres auxiliares eu vou observar, permittir-me dizer-vos o que em outras circumstancias eu não teria a indelicadeza de fazer.

A acceptação, por mim, do elevado e temeroso posto de governador deste nosso querido e importante Estado, nas condições presentes da minha vida, será, tenham por certo, a prova mais penivel de todas quantas haja o destino de impôr-me ainda, como toque á pu-

reza e resistencia de minha gratidão para convosco!

Em taes circumstancias, dai-me vós todos, meus prezados concidadãos, o alento e amparo de que tanto preciso para honrar a confiança do Governo Provisorio, manter a coherencia da minha longa e trabalhada vida publica e, o que é de mais relevancia, assegurar, com a vossa fortuna, a estabilidade do governo verdadeiramente livre nesta vastissima região dos Estados Unidos do Brasil.

Esperando o concurso de todos, leal, solícito e vigilante, uma vez que é geral, no Estado inteiro, a adhesão sincera á causa republicana, reputo-me com direito de ser mais exigente junto dos seus vellos batalhadores, meus companheiros heroicos, que, nos maravilhosos successos de 15 de novembro, viram coroados os seus mais ardentes anhelos!

Aos que, na maior pujança do regimen imperial, batiam-se intemeratos e abnegados pela sua fé, aos que, verdadeiros Colombos do mundo que acaba de ser descoberto, só sabiam que esse mundo devia existir quando lançaram-se resolutos nos mares tempestuosos — eumínio do levante, acha-se, de preferencia, confiada hoje missão mais ardua do que a que viram cumprida, graças, principalmente, ao patriotismo, devemos-nos recordar sempre dos bravos soldados do exercito e armada nacionais, aos quaes é força que timbremos em provar que não jogaram as suas ultimas cabeças por cidadãos incapazes de bem comprehender e executar o regimen da paz, amor, fraternidade e justiça, cujo largo portico elle s nos abriram!

Si está de ante-mão conjurado o perigo de uma restauração monarchica, não nos podemos ainda repular fóra do alcance do perigo, não menos grave, qual a do enfraquecimento pela desunião, desta grande Patria!

Dando cada Estado o exemplo de cordura entre os seus habitantes, de esforço commum e abnegação pelo adiantamento e fortunada collectividade, conseguiremos, nesta santa circunção dentro de poucos annos, alcançar do universo o respeito e a consideração a que se impuzeram os Estados Unidos Norte-americanos, para os quaes a Providencia não foi tão prodiga em seus divinos dons!

Mineiros! meus prezados concidadãos!

A novidade da era não pôde, não deve limitar-se simplesmente á mudança de nome de seu regimen politico.

A' fórma deve corresponder a essencia.

Na instituição deposta, para cujos representantes teve o Governo Provisorio palavras de bizarra gentileza e actos da mais fina fidalguia, a divisa era: — tudo pelos partidos vencedores e nada pela Patria!

Quebremos esse molde fatal, se pretendemos, como é do nosso dever, evitar a maldição da historia!

Como sabeis, achavam-se sob o regimen decabido, subordinadas ás conveniencias partidarias, caprichosas e varias, como é o interesse dos homens, todos os serviços da publica administração.

Na instrucção publica, viação, arrecadação das rendas, sua applicação, distribuição de justiça, enfim, em todas as manifestações ou nodalidades do nosso viver social ou politico nada

se fazia antes de conhecidas as influencias ás quaes aproveitasse ou prejudicasse a solução administrativa requerida.

Estudar, de preferencia, essas questões, resolvê-las ou encaminhá-las bem, no sentido exclusivo da conveniencia publica, eis a missão de que encarregou-me o Governo Provisorio e que me será gratissimo poder desempenhar; porque, concorrendo para a consolidação do regimen republicano em bases tão firmes que possam desafiar a impetuosidade de quaesquer correntes contrarias, renderei assignalndo serviço ao Estado de Minas Geraes, do qual não sou um governador com poderes quasi discretionarios para fazer respeitade e temida a minha vontade, mas um filho cheio de gratidão e amor, a quem confiaram elementos sobejos para preparar a obra de sua futura grandeza!

Mineiros! meus prezados concidadãos!

Si a preocupação exclusiva do inclyto marcehal chefe do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil e dos honrados cidadãos do seu conselho é levantar sobre as ruinas do Imperio, que se esboroou, uma nova patria que continue a assombrar o mundo com as suas prodigiosas evoluções no caminho da liberdade e do bem, a minha é exclusivamente, tambem, ver o Estado de Minas Geraes tão effieizmente organizado pela liberdade e para a liberdade, que sejam as nossas hercicas e bonditas plagas o refugio seguro e generoso para quantos, fóra de seus limites, se vejã acossados pelo infortunio e pela oppressão!

JOSÉ CESARIO DE FARIA ALVIM

Ouro Preto, 28 do novembro de 1880.

A imprensa era, naquella época, representada, em Ouro Preto, por quatro jornaes de regular circulação por toda a provincia: — **O LIBERAL MINEIRO**, organ do partido liberal, de propriedade do Barão de Sarmeneta, tendo como redactor chefe o dr. Bernardo Pinto Monteiro, o qual reunia em torno de si uma pleiade de bellos talentos de que era rico o partido na velha capital mineira. — **A PROVINCIA DE MINAS**, organ conservador, brilhantemente redigido por José Pedro Xavier da Veiga e que gozava de incontestavel prestigio no seio do mesmo partido.

A UNIAO, antigo organ conservador, que se tornou neutro por ter o contracto para a publicação de actos officiaes, que conservou, mesmo durante a situação liberal, de junho a novembro e, depois, sob o governo republicano; era de propriedade do Comendador Francisco de Paula Castro.

Finalmente, **O MOVIMENTO**, organ do partido republicano, creado pelo Congresso do mesmo partido em 1888, e cuja redacção estava confinada a João Pinheiro e a mim.

A' excepção do **MOVIMENTO**, todos esses jornaes suspenderam momentaneamente a sua publicação, depois de 15 de novembro; poucos dias, porém, durou essa situação, pois que antes de fim de novembro, elles reapareceram, sob outras denominações e com outra orientação, embora sob a mesma redacção. **A UNIAO** transformou-se no **ESTADO DE MINAS GERAES** e continuou neutro; **O LIBERAL MINEIRO** passou a denominar-se **JORNAL DE MINAS**, e **A PROVINCIA DE MINAS** passou a ser **A ORDEM**, com os seguintes grammas:

“A’ hora em que chegar a nossa folha ao ponto mais afastado do territorio mineiro, já serão conhecidos, em todos os angulos deste vasto paiz, os graves acontecimentos do dia

15 do corrente, que trouxeram como consequencia a deposição da dynastia de Bragança, a retirada da familia imperial para a Europa, a proclamação da Republica Federativa Brasileira e a formação de um governo provisório, que se constitue depositario da soberania nacional, até a definitiva organização do novo regimen.

Representantes de um grande partido democratico, acreditando que as fórmulas de governo não passam, para as nações, de puro accidente, e accetaveis desde que garantam a liberdade em todas as relações da vida civil e politica, a prosperidade e bem-estar dos povos, entendemos cumprir, um dever, imposto pelo patriotismo, que nos animou em todas as lutas, dizendo aos nossos amigos, aos que ao nosso lado mourejavam na defesa das ideas liberas para a conquista das reformas democraticas, o que pensamos sobre o novo regimen, a posição que o patriotismo assigna a cada um.

Pensavamos que, dentro da monarchia constitucional, havia lugar para todas as aspirações democraticas, e que a evolução, lentamente, operaria a mudança, sem odios, sem abalos e sem quaesquer outros inconvenientes.

A revolução, entretanto se fez incoerente, mudou-se a fórmula de governo; e, ou porque o povo já se achasse preparado para essa grande reforma, ou porque o patriotismo dos brasileiros não tem limites, o certo é que se tem mantido a ordem e a tranquillidade e á curta resistencia do primeiro momento substituiu a geral acquiescencia.

Não fôra a dor que nos produz a lembrança, que não nos deixa, da contrariedade, dos des-

gostos de amigos que acreditavam ser possível ainda a permanência da monarchia por algum tempo e que, de boa fé, se empenhavam em mantel-a, convencidos de que ia nisso o bem da patria, e não seríamos dos retardatarios na manifestação da nossa adhesão á nova ordem de cousas, mantidas e respeitadas as promessas do Governo Provisorio na sua proclamação.

Sonhavamos com a prosperidade e o engrandecimento do territorio mineiro pela federação das provincias: pugnavamos pela liberdade individual, pela liberdade de pensamento, pela liberdade eleitoral, pela real co-participação do povo no governo da Nação e pelo consequente alargamento do voto até no suffragio universal, e pensavamos que, no momento, era o bastante para operar a evolução.

Fez-se, porém, a Republica sem as imaginadas reformas reputadas basicas: passou-se rapidamente de um para outro regimen e não ha como contrariar a vontade do povo, que já acceitou o facto consumado pelo assentimento expresso de uns e tacito de outros.

Si a fórma de governo é puro accidentena vida das nações; si acreditamos que o novo regimen, que se vai definitivamente constituir, pôde garantir a liberdade e a paz, a ordem e o progresso em perfeita harmonia, nós que nunca fomos idolatras de fórmas de governo, a tudo sobrepondo o bem da Patria, não temos outro conselho a dar nos nossos concidadãos, sinão:

Que concorram, franca e kalmemente, para que se mantenham — a tranquillidade a paz, a união de todos os Estados, não sacrificados os interesses de nenhum, porque só assim a republica fará o bem da Patria, concorrerá para que

o Brasil continue grande e poderoso e, pelo desenvolvimento crescente dos seus recursos, se imponha á estima, á consideração e ao respeito das outras nações.

Neste melindroso período de transição, quando as relações politicas estão abaladas até á raiz e tudo está por fazer, porque o que há é provisório, o patriotismo aconselha muita prudencia, muita discreção e completo esquecimento de todos os odios e antigas divergencias.

No momento, só nos deve occupar o espirito a todos, mineiros ou não, brasileiros, enfim, a idéa da patria grande, forte, poderosa; a idéa dos Estados Unidos do Brasil organizzação definitiva e constitucionalmente no mais breve prazo, ao molde das mais adelantadas republicas federativas.

E a nós, especialmente, mineiros, pela posição geographica do nosso Estado, pelos abundantes recursos com que prodigamente nos aquinhoou a natureza, votadas ao olvido as magoas e os desgostos que nos ficaram das antigas lutas partidarias, o que nos cumpre é empenhar tudo de que é capaz o nosso conhecido e proclamado patriotismo no desenvolvimento, prosperidade e engrandecimento do nosso Estado, que, para se tornar, em breves dias, o mais notavel da União, não precisa sinão do esforço patriotico e combinado dos seus filhos.

E foi o desejo de votar no eterno esquecimento as antigas lutas, as accentuadas divergencias, que nos levou a substituir o titulo do nosso folha

E' para que não mais nos lembremos, mineiros de todos os credos politicos no antigo regimen, dos velhos odios e resentimentos, que

damos por finda a missão do — LIBERAL MINEIRO — e fazemos apparecer o — JORNAL DE MINAS”.

D'O JORNAL DE MINAS.

Ouro Preto, 27 de novembro de 1889.

“Nas circumstancias actuaes do paiz, creadas pelos recentes e extraordinarios acontecimentos politicos, já conhecidos em quasi todas as provincias, não teria mais razão de ser a continuação da PROVINCIA DE MINAS, que, durante cerca de onze annos, mantivemos nesta capital, em luta quasi ininterrupta contra os desmandos dos governos e abusos da publica administração. Por isso, cessou ella sua publicação.

Seria, porém, egoismo e fraqueza reprehensíveis, si, no periodo de crise e de effervescencia social em que entramos na nova e memoravel phase da vida nacional, — nos recolhessemos ao silencio da indifferença, furtando-nos ao dever patriotico de cooperar dedicadamente com os que lidam intrepidos em bem do paiz, e da sorte de nossos amigos, antigos correligionarios e concidadãos em geral, a quem devemos innumeras e generosas provas de estima pessoal e de confiança politica, estima e confiança que nos honram e que publicamente agradecemos com legitimo desvanecimento.

Esta a razão por que, para succeder e substituir a PROVINCIA DE MINAS, ora apparece esta folha — A ORDEM —, que tem no proprio nome sua orientação e seu programma, no caminho do desconhecido em quo todos estamos.

Convulsionado o paiz inteiro pela revolução militar de 15 de novembro, que depoz a monar-

clia, proclamando a Republica dos Estados Unidos do Brasil, qualquer que seja o regimen politico afinal triumphante pelo voto soberano da "Constituinte nacional" — unico poder competente para decretal-o — ha, desde já, uma necessidade social que a todos sobrepuja, constituindo-se o vinculo sagrado entre todos os bons cidadãos, sem distincção de seus credos politicos ou aspirações patrioticas.

Esse vinculo, forte, poderoso e vital, ao mesmo tempo cheio de consolações ao presente e focando em confianças no futuro, é a — ordem — sem a qual a anarchia tudo derribará, allucinada, consternando a familia, alluindo a propriedade, abysmando justiça e moral, cobriu lo a face do paiz de destroços, de sangue e de lama, entre os gemidos das victimas e os brados ferozes dos algozes.

Sendo a — ordem — como a synthese da idéa conservadora, fundamento das republicas, como das monarchias, é ainda a — ordem, — como bem observa o profundo Cousin, a liberdade collectiva da sociedade. E si a monarchia o que niuguem em consciencia contestará, foi, sob D. Pedro II, a garantia da liberdade, podemos applicar ao nosso paiz a phrase de Thiers após o 4 de setembro em França: "A Republica será conservadora ou não subsistirá".

Em consequencia dos ultimos e extraordinarios acontecimentos, os antigos partidos, quaes se achavam organizados, desapareceram fatalmente, mas os principios conservadores — base de toda a ordem social — nunca, como agora, foram tão necessarios, tão salvadores e tão dignos de patrioticas adhesões. Trata-se da reconstrucção da patria, e si aquelles principios

não lhe forem solido fundamento — sob a fórma que dictar a sabedoria dos legisladores constituintes — ter-se-ha edifiando na areia, e a obra não resistirá á primeira lufada das tempestades.

A ORDEM, affirmando aquelles principios, venha, em momento opportuno, offerecer o seu humilde concurso a quantos, no novo e futuro Estado de Minas Geraes, quizerem, de boa vontade, sem antigas, mesquinhas e condemnadas prevenções partidarias — unidos e abnegados — se inspirar no patriotismo, unico sentimento que pôde salvar-nos na phase difficilissima e melindrosa em que nos achamos.

Esperando, mais uma vez, o apoio dos amigos, que nunca nos recusaram confiança, dos antigos e bons correligionarios, cuja causa, acreditamos, será sempre a nossa, no futuro que se desdobra ainda cheio de incertezas, e dos concidadãos em geral, a cujos legitimos direitos e justas aspirações protestamos dedicar-nos com esforço, franqueza e lealdade, não hesitamos em contar que a ORDEM merecerá do generoso povo mineiro acolhimento benevolo, animação cordial e apoio efficaz.

Só assim poderemos, como desejamos, desempenhar-nos da tarefa ardua que o patriotismo nos impõe”.

(Da ORDEM).

NOSSA ATTITUDE

Em face da situação, resultante de tão inopinados e extraordinarios acontecimentos, nossa attitude é traçada pelo dever, que cumpriremos, por mais custoso que elle nos seja.

Mortos, ou liquidados ingloriamente os antigos partidos, só ao amor da patria pediremos inspiração nesta crise em que se jogam a integridade nacional, a paz, o bem estar, a segurança, a liberdade, e — quem sabe? — a propria vida de nossas familias e de nossos concidadãos.

A revolução é um facto, indiscutivel em si mesmo, dominador pela força que o produziu e mantém, facto extraordinario que avassala o paiz de norte a sul, embora nas adhesões numerosas que suscita extrem por muito — triste é dizel-o — a fraqueza de caracter e a especulação de politicos sem fé, já desacreditados sob o regimen imperial.

Como o raio, a revolução feriu de subito aturdiu, assombrou; e o Governo Provisorio, que dello surgiu armado, é hoje o unico poder constituído, que o patriotismo nos manda não só respeitar, mas tambem auxiliar em seus nobres esforços, enquanto souber mostrar-se justo, prudente, esclarecido o patriota, para que o paiz não sossobre nos abysmos da dissolução social.

Si a revolução trouxe, conquanto, por ora, de caracter provisorio, um novo regimen que não podemos festejar, mas respeitamos, e cuja responsabilidade cabe inteira a seus auctores, partilhemos com estes, como bons cidadãos, a gloria de uma solução feliz, que restaure a legalidade, avivente as exigens do direito e assegure, em bases solidas, o progresso e a regeneração nacional.

Cooperando, unidos, no magno e patriotico empenho, — sem eleição de velhos partidos já aniquilados — seja nosso objectivo commum a urgente conquista constitucional.

Causas accumuladas, e que a incapacidade dos dous últimos ministerios não soube remediar, explicam o grande acontecimento de 15 de novembro. Mas ao desastrososo ministerio 7 de junho cabe, especialmente, a tremenda responsabilidade da situação de que explodiu a revolta. A historia tomar-lhe-ha contas severas. Possa o seu juizo ser ensinamento proficuo aos governos e aos povos!

Comquanto aruado de poderes dictatoriaes, o Governo Provisorio patenteou logo, nos seus primeiros actos, moderação esclarecida, patriotismo previdente e magnanimidade de sentimentos que cumpre reconhecer e louvar. A esta ultima categoria pertence o seu memoravel decreto relativo á dotação e recursos concedidos á ex-dynastia, acto que tem genuino cunbo brasileiro, pela elevação de vistas e generosidade de impulso que o caracterizam. Prosequindo por este teor, fazendo da consciencia o seu movel, do patriotismo a sua inspiração, da justiça o seu phanal, o Governo Provisorio tranquilizará os animos apprehensivos, concitará nobremente a confiança publica e abrirá caminho largo e firme ao proselytismo sincero, unico que pode salvar a Republica.

Consoante á attitude respeitavel do Governo Provisorio, — o procedimento dos antigos e convietos republicanos tem sido tambem, nesta capital e em outros logares, correcto e digno — pela moderação nos seus actos e palavras, expressão fiel dos intuitos patrioticos que os animam. Prova disso, entre muitas, deram elles no dia 17, na camara municipal no Rio de Janeiro, não consentindo no vandalismo de uma

multidão inconsciente, que alli pretendia dilacerar um quadro com a effigie do ex-imperador.

Contrastando com esses bellos exemplos de criterio, delicadeza e prudencia, alguns convertidos de 15 de novembro — operarios da undecima hora — ardem em enthusiasmos espetaculosos por idéas que nunca tiveram, agitam-se febris no vaeuo das declamações aggressivas e levam, não raro, o fervor das crenças até á provocação aos vencidos e ao insulto soez aos grandes desgraçados proscriptos!

Felizmente, os directores da nova ordem de cousas tem, por certo, bastante discernimento para cohecer que as paixões ruins e grosseiras não podem ser bom elemento para a Republica. Per outro lado, — conscios de que os governos intelligentes só devem se apoiar naquelles que intelligentemente resistem, — elles hão de garantir, nós o esperamos, as justas manifestações da imprensa honesta, que na conjunctura actual, sem partido nem preconceitos, só abmeja uma feliz e gloriosa reorganização da Patria.

Unica égide e salvaguarda dos povos livres, a dictadura, dolorosa necessidade nos periodos de transição politica, deve limitar-se a periodo breve. Pro'longar-lhe o dominio além do prazo estritamente indispensavel, fóra ludibriar o direito, escravizar a Nação e protarbir a epoca em que — obedientes á soberania do povo, expressa no Estatuto da Constituinte, — devemos ficar todos republicanos ou todos monarchistas, em sua consciencia e de frente erguida, na altivez da propria dignidade resalvada.

Em nome do povo, pois, brudamos pela Constituinte, e pela liberdade de sua eleição, liberdade verdadeira, fecunda, exemplar, sem insidias, sem fraudes, sem violencias, sem acção corruptora do Poder que tanto tem estragado, entre nós, os costumes, aviltando o caracter nacional e degradando-nos no conceito das nações.

Venha a Constituinte, e, assim organizada, assegure-lhe o Governo Provisorio plena liberdade de deliberação. Então, a ninguem mais será licito ir de encontro á vontade nacional, legal e legitimamente manifestada em acto definitivo — a constituição politica deste grande paiz.

Por enquanto, tudo é provisorio, como o proprio governo, com louvavel franqueza, reconhece e proclama. Antigos conservadores, antigos liberaes, antigos republicanos, sob o regimen da monarchia deposta pela revolução militar, hoje estamos todos como o proprio governo constituido, no dominio do provisorio apenas submissos á logica dos esperados e proximos acontecimentos, logica que será inflexivel e incontrastavel procedendo da soberania nacional.

Veja a Constituinte, e, com ella, o regimen do direito e da liberdade confiscados em nome da ordem social, e sem cuja reivindicacão chegariamos miseravelmente aos extremos affrontosos em que, na phrase de Lamennais, nenhum outro futuro resta mais á sociedade senão uma dissoluçao hedionda, uma morte inevitavel e um sepulero infame”.

(DA ORDEM).

Alguns dias depois, tendo o dr. Cesario Alvim necessidade de ir ao Rio, para se entender com os membros do *Governo Provisorio*, passou-me, de novo, o *Governo da Provincia*, que exerci de 16 a 28 de dezembro. Nesse periodo, nada occorreu de interessante; estavamos numa situação completamente normalizada.

Antonio Olyntho dos Santos Pires.

Ainda em Ouro Preto

(1890 - 1897)

SUMARIO: § 1.º - Josephino Pires. — § 2.º - Repartição de Estatística. — § 3.º - Ingresso no magisterio official. — § 4.º - Gymnasio Mineiro. — § 5.º - Escola de Pharmacia — § 6.º - Fallecimento de minha mãe. — § 7.º - Inauguração da Faculdade Livre de Direito. — § 8.º - Substituto da cadeira de Physica e Chimica. — § 9.º - Inauguração da estatua de Tiradentes. — § 10.º - Coliação de grau de pharmaceutico. — § 11.º - Perfis de professores: I José Cautano de Almeida Gomes; II Octavio do Britto; III Jovelino Mineiro. § 12.º - Affonso Arieos. — § 13.º - Mudança da Capital. — § 14.º - Partida de Ouro Preto.

A Republica, num decesso gestos de ingratição que se deparam a cada passo, na historia das revoluções victoriosas, decessu a velha Capital do Minas do primado politico que lhe coubera, desde a edade colonial.

FRANCISCO SA

§ 1.º

A 18 de Fevereiro de 1890, soffri um profundo golpe, com a noticia do fallecimento, na cidade de São Paulo, de meu inditoso irmão Josephino Pires, companheiro querido de estudos, no Seminario de Diamantina e no Externato da mesma cidade, o qual cursava, então, o quarto anno do curso juridico, na respectiva Faculdade paulistana.

Era um talento fulgurante e um grande coração. Seu companheiro de casa, seu collega de aula, seu amigo dedicado, o actual Ministro do Supremo Tribunal Federal, o dr. Edmundo Lins, por occasião do primeiro anniversario do fallecimento desse meu mallogrado irmão, dedicou-lhe um commovido necrológio, no O MOVIMENTO, de Ouro Preto, de 19 de fevereiro de 1891, — o qual vae transcripto aqui, por partir de fonte insuspeita, apesar de amiga :

JOSEPHINO PIRES

Com que saudades pungentes, destas que só os corações dos paes sabem sentir ; com que lagrimas de fé, destas que só os seus olhos sabem verter ; não é hoje lembrado, não é hoje chorado o nome que encima estas linhas, consagradas á memoria de um amigo querido, escriptas tambem entre lagrimas e saudades !

Completa-se hoje um anno que, em São Paulo, em um pobre quarto de casa de pensão, longe dos carinhos de sua distincta familia, falleceu, nos braços de um collega, Josephino Pires, — uma das intelligencias mais lucidas, um dos caracteres mais puros, um dos corações mais bondosos, que tem produzido o Norte de Minas !

Morreu inesperadamente, quasi repentinamente, como elle o desejava !

Soffria, ha dias, uma inflammacão hepatica, a que não ligava importancia alguma, a que se referia graccjando, dizendo que o seu figado, o seu velho amigo, se lembrára de lhe fazer mais uma visita.

No dia 18 do fevereiro aggravara-se-lhe o incommodo de modo a nssustar-nos, a mira e a um nosso distinctissimo patricio e amigo — dr. Josino de Quadros, e immediatamente, contra a sua vontade, chamamos um medico para examinal-o.

Este disse-nos, ás 4 horas da tarde, que o estado de nosso amigo era gravissimo, e que elle poderia viver, apenas, dous ou tres mezes !

As palavras do prognostico fatal penetraram-nos o peito como pontas de acerados punhaes !

Infelizmente, porém, ainda estavam aquom da brutal realidade, que, dahi a 12 horas veiu despedaçar-nos, sangrar-nos o coração !

Às quatro horas da madrugada do dia seguinte, Josephino Pires acordou sobresaltado, sentindo horrerosa dyspnæa.

Chamou o collega que se offerecera a passar a noite com elle, pediu-lhe que lhe dêsse um abraço de despedida, bem forte ! bem apertado ! que elle já estava morrendo !...

E, após cinco minutos de uma dolorosa e torcente agonia, em que, chorando, se lembrou de seus venerandos paes, fechou para sempre os olhos, entrando para o imperturbavel repouso da morte, para este eterno descanço do "não ser", que era, ultimamente, a sua unica aspiração !

Talento de primeira grandeza, realçado por erudição pouco vulgar, Josephino Pires matriculára-se, depois de um curso brilhante de preparatorios, em que se centavam os exames pelas distincções merecidas, verdadeiramente conquistadas.

Foi, pois, com o mais ardente, com o mais sincero enthusiasmo, que os seus amigos, tantos quantos o conheciam, saudaram o seu apparecimento em S. Paulo, dando-lhe parabens pela acertada resolução de continuar os seus estudos.

Infelizmente, porém, Josephino Pires não era mais o mesmo moço, cheio de fé, cheio de enthusiasmos, cheio de confiança em um esplendido futuro, a que ninguem mais que elle tinha direito !

Infelizmente já não era o Josephino Pires que conhecemos em Diamantina, que conhecemos nesta capital !

Seu espirito purissimo, eminentemente observador, enchera-se de nobre indignação ante o espectáculo pungente da lucta pela vida, desta lucta brutal em que servem todas as armas, desde as mais dignas até as mais ignobcis ; em que o talento é, muitas vezes, espinhado pela mediocridade ; em que o vicio triumphante tripudia, muitas vezes, sobre a virtude opprimida ; em que, muitas vezes, caracteres feitos de lama levam a palma a caracteres feitos de estrellas !

As sol da realidade, como floes de neve, foram-se desfazendo,
uma por uma, todas as suas bellissimas utopias de moço!

Fizera-se sua alma tristissimo cemiterio!

E' elle quem, lastimando, o confessa!

Deixemol-o fallar:

"Tu partiste e, debalde, hoje procuro
Metter esse passado num sudario.
Escondel-o no fundo mais escuro
De minha alma no campo mortuario."

Viera, desapiedadamente, augmentar a afflicção ao afflicto a
leitura de Shopenhauer e do Hartman, os terriveis apostolos do
pessimismo, que pintam, com negras cores, o quadro da vida como
a realização da lenda mythologica de Promethéu!

Converteu-se-lhe, então, a existencia em uma dôr continua,
em que cada dia que passava deixava-lhe no coração os vestigios
sanguinosos de uma dentada de casavel!

Caracteriza perfeitamente esse estado desclador de sua alma
a seguinte phrase, que, por vezes, lhe ouvimos:

"Si tivesse crenga, far-me-ia monge; como a não tenho, só
desejo descansar no seio grande e consolador do Nirvana!"

Caracterizam-no, perfeitamente, estes versos, escriptos pouco
antes de sua morte:

"Assim minha alma, em plase de bonança,
Viu nublar-se-lhe o céu calmo e sereno,
Que se tizna e que se cobre de veneno!

"Foi-se a minha innocencia de criança!
E agora só sei que soffro e peuo,
E que do coração foi-se a esperança!

O sorriso que, muitas vezes, lhe palrava nos labios, já não
brotava da alegria do coração.

Era um riso de escarneo, de altivo desdém, atirado á face desse mundo cruel, perfido, hypocrita, em que, a cada passo, se acovelam Satanaz, Judas e Tartufo!

Então elle repetia frequentemente, de minuto em minuto, a sua phrase predilecta: "Riamos dos mundo, antes que elle se ria de nós", como diz Santo Agostinho".

"Quom, ao menos uma vez", pergunta Alexandro Herculano, "não creu na existencia dos anjos revelada nos profundos vestígios dessa existencia, impressos num coração de mulher?"

Josephino Pires o creu.

Amou e fez-se poeta.

Ouçamol-o.

"A treva de minha alma illuminavas
Com a luz de teus olhos resplendentes,
Tão serenos, quando me fitavas,
Como gottas de pedras pendentes".

Com as outras illusões foi-se-lhe tambem o amor!

Em uma bellissima comparação, diz um poeta russo que, como a colmeia, deixando de ter mel, converte-se em ninho de cobras, assim o coração do homem, quando lhe fogem os ideaes, torna-se um covil de odios.

Não foi o que se deu com Josephino Pires.

Seu coração de ouro continuou sempre bom, sempre sincero, sempre generoso.

E' que elle vivia do passado, da lembrança saudosa do amor perdido, das illusões mortas!

Conservava-lhe a lembrança, acarinhava-as ainda, com a mesma religiosidade com que uma amante, embora trahida, embora desiludida, guarda e beija preciosa reliquia do seu primeiro amor.

E' elle quem nos o diz:

Ha tanto tempo já que tu partiste,
O' alma de minha alma desertora,
E até hoje inda canta, inda persiste
O som da tua voz conroladora.

Quão ditosa era, então, a mocidade,
 Que sorria em íntima ternura!
 Hoje n'alma só vive uma saudade,
 Daquelle doce tempo de ventura!"

Apenas vimol-o odiar uma pessoa — um lente da Academia, que lhe fizera perder um anno, votando contra um requerimento, em que pedia para ser submettido a exame.

Contra elle descarregára todo o seu odio: tinha-o como a personificação do mal.

Via-o de longe e, de colera, punha-se a tremer como uma criança.

Evitava-o para lhe não esbarrar no rosto, dizia.

Depois de sua morte encontrámos, entre os seus papeis, varios pensamentos, qual mais sarcástico, sobre o seu inimigo.

Destacaram-se os seguintes:

"Deus, um dia, quiz dar ao homem o sentimento do asqueroso e creou o sapo; este, porém, escondeu-se nos pantanos e Deus poz na sociedade F."

"No sentido lato é animal; no restricto, é mamífero; no restrictissimo, é besta".

"Na estribaria, que um dia lhe ha de servir de tumulo, escreva-se: Elle appareceu, escoiceou o morreu".

Republicano sincero, convicto; republicano desde os tempos de menino, em que, na Diamantina, com seu primo — dr. Francisco Sá, redigia a *LOJA NOVA*, era este o ultimo ideal que se lhe aninhava ainda no peito.

Durante quatro annos de uma amizade fraternal, de uma convivencia íntima, em que, sob os mesmos tectos, compartilhámos a vida amarga de estudantes pobres, só uma vez o vimos sinceramente entusiasmado: foi quando se proclamou a republica.

Realizado o ideal por que tão valentemente, tão gallardemente se batêra na imprensa, por um momento dissipou-se-lhe o nervotico pessimismo.

Seu enthusiasmo assumiu as proporções do delirio.

Ai do que ousasse pronunciar "uma palavra contra a republica!"
Seria capaz de esganal-o.

Prova-o o seguinte facto:

Acompanhavamos, no dia 16 de novembro, uma procissão civica, com que se festejava a proclamação de Republica.

De uma das sacadas do Club Republicano da São Paulo fallava um pessimo orador.

Josephino Pires ouvia-o attentiosamente, religiosamente, como o crente ouve a palavra divina.

No correr do discurso, uma pessoa do povo gritou — "ôra o caceté!"

As palavras que a outros provocavam risos, soaram a seus ouvidos como blasphemias!

Subi-lhe, immediatamente, todo o sangue ao rosto e vimel-o salar, como um louco, por meio da multidão, para o lugar donde partira o grito, com sua bengala em punho, para esbordoar o "inipio", o "blasphemo".

Custou-nos contel-o.

Era de uma molestia extrema, exaggerada, que chegava ás raías da timidez.

Escravia constantemente e atirava ao fundo da gaveta, como cousas imprestaveis, verdadeiras preciosidades litterarias.

Disse-lhe, um dia, o nosso distinctissimo analgo e companheiro de casa — dr. Francisco Brant:

"Porque V. não publica os seus escriptos? Porque não obscurece esta matula de escrevinhadores ignorantes, sem grammatica e sem estylo, que, pelo jornalismo academico, se contorcem para fazerem figura, empavezados, cicios de si?"

"Ora, Brant, pois V. quer que eu perca a minha modestia, a unica qualidade boa que possuo!" — eis a sua resposta, que nos dispensa qualquer commentario.

Com o mesmo brilhantismo, com a mesma facilidade, escrevia artigos da politica, de critica, contos, chronicas, noticias.

É, a par das vistas de água, largas e profundas, com que sabia tratar todos os assumptos, que estylo fluente, teiso, scintillante, sublime !

Seguindo um dos conselhos de Schopenhauer, tinha pela arte, e, especialmente, pela arte do estylo, o fanatismo de um crente.

Nada escrevia, nem mesmo uma carta para a familia, que não fizesse primeiro o rascunho, para passal-o a limpo, depois de muito revisto, de muito limado, de muito polido.

Tinha o culto da "Fôrma".

Havia de formular os seus pensamentos com a perfeição admiravel, com o bellissimo esmero com que os ourives de sua terra natal burilam uma joia de côco.

Sem o menor exaggero podemos-lhe applicar as palavras que O. Martins escreve sobre Anthea de Quental :

"Era requintado e exigente, como um artista; as suas lagrimas haviam de ter o contorno das perolas, os seus gemidos haviam de ser musicas.

As faculdades artisticas geradoras da estatuaria e da symphonia eram as que vibravam na sua alma esthetica".

Só depois de sua morte é que sabemos que elle compunha versos: encontrámos, dentro de sua pasta, algumas poesias muito singelas, muito naturaes, muito sentidas !

Vê-se que "nasciam-lhe, brotavam-lhe da alma, como soluços e rgoias".

Ahí vai uma, que foi escripta na ante-vespera de sua morte: foi o seu canto de cysne:

"Canta, minha alma! Não vés
Que desce a noite sombria
E que a sunve alegria
Foi-se de ti outra vez?

Do trevas cobre-se o monte,
O coração de tristezas,

E da vida nas devezas
 Não ha mais sel que desponte !

Falleceu a esperanza,
 No coração se murchou :
 Foi o pharel que se apagou
 No bravo mar sem bouança.

Tu, certo, amores não tinhas,
 Não tinhas tepido ninho,
 Não tinhas nenhum carinho,
 O' alma de's crengas molhas !

Por isso eu só pranteio
 A morte das illusões,
 Estas brilhantes visões,
 Que vinham da devancio.

Quero sondar-te o mysterio!
 Por isso te seguirei,
 E, junto a ti, dormirei,
 Na somra do cemiterio!"

Bom o querido amigo, já ha muito estavas morto !

Como teu escriptor predilecto, como Ramalho Ortigão, podemos dizer que, infelizmente, "o teu vigoroso peito singia a mortalha desde o dia em que delle se despegou, emmurehecida, a doce flor da existencia, a que uns chamam já, a que outros chamam illusão !"

Dissoste ao mundo o teu ultimo adeus : pela u'tima vez, atiraste-lle o teu nobre riso de escarneo, de altivo desdem, no dia em que elle desafivelava a mascara de Satanaz, de Jades, de Tartufo, e se revelava para ti na sua unica face verdadeira, real, sincera — no ultimo dia de carnaval !

Teu enterro foi modesto, como tua propria vida !

Apenas dous patriotas, aos quaes honravas com tua preciosíssima amizade, levamos o teu enxão á cova, e, com os olhos raxos de lagrimas, como ultimo e dolorosissimo adeus, te atiramos es dous primeiros punhados de terra!

Realisaram-se os teus votos!

Dorme, tranquillo, o somno eterno da morte! Descansa em paz no ceio grande e consolador do Nirvana, como desejavas!

Commemorando o primeiro anniversario de teu sentido passamento, O MOVIMENTO, cujas columnas foram tantas vezes abrilhantadas por tua penna de mestre, cumpre um sagrado dever de gratidão, larjando de lucto a sua primeira pagina.

E o signatario destas linhas cumpre um dever não menos sagrado — o dever do teu amigo mais sincero, o dever do maior admirador do teu riquissimo talento e de tuas bellissimas qualidades!

E, para que, ao menos, o final deste artigo seja digno de tua alma esthetica, consente que o concluamos com as palavras que, em identicas circumstancias, dirigiste a um collega e amigo:

"Pobre e desventurado amigo!

-Si a vida de além tumulo é alguma coisa mais do que uma -bella e consoladora utopia, possas tu ter nella um canto sereno e tranquillo, como era a tua consciencia pura e immaculada; e ver de lá as sanidades que deixaste aquelles que -foram teus irmaos na solidariedade dos principios, e teus -amigos na communhão dos sentimentos!"

Fevereiro — 10, 1891.

EDUARDO LINS.

§ 2.º

Em março desse mesmo anno (1890), o vice-governador do Estado, dr. João Pinheiro da Silva, exercendo funcções de governador, creou a Repartição do Serviço de Estatística de Minas, em Ouro Preto, e nomeou-me chefe de secção do mesmo serviço.

O dr. João Pinheiro teve sempre uma influencia benéfica em minha vida, como se verá no correr destas paginas. Recommendo a meus filhos que venerem sua memoria, como eu a venero.

§ 3.º

A 21 de janeiro de 1891, fui nomeado pelo governador do Estado, dr. Chrispim Jacques Bias Fortes, lente da cadeira de portuguez e litteratura nacional do Externato do Gymnasio Mineiro, com séde em Ouro Preto. Meu primo e cunhado Francisco Sá teve grande influencia nessa nomeação. Sou-lhe muito grato, por me haver auxiliado na realisação de um dos grandes sonhos de minha vida: ser professor official.

§ 4.º

O decreto que criou o Gymnasio Mineiro traz o numero 260, a data de 1.º de dezembro de 1890 e a assignatura do, então, governador do Estado, já mencionado, dr. C. J. Bias Fortes.

Dividido em externato, com séde em Ouro Preto, e em Barbacena, — o primeiro funcionou, a principio, no antigo predio do Lyceo Mineiro, criado havia trinta e nove annos antes, em 1851, e supprimido pelo referido decreto 260, juntamente com os antigos externatos existentes em diversas cidades.

O primeiro reitor do Externato do Gymnasio Mineiro foi o fallecido senador Virgilio Martins de Mello Franco, e seus primeiros professores, nomeados em janeiro do anno seguinte (1891), foram os seguintes, por ordem das respectivas cadeiras:

Aurelio Pires (portuguez e litteratura nacional); Affonso Luiz Maria de Britto (latim e grego); Randol-

pho José Ferreira Bretas (francez); Boaventura Rodrigues da Costa (inguez); João Julio Proença (mathematica elementar); Francisco Amédée Peret (geometria geral); Hugolino Maria de Albuquerque Mello Mattos (geographia); Affonso Arinos de Mello Franco (historia universal e do Brasil); Francisco de Paula Cunha (mechanica, astronomia e meteorologia); Virgínio Rollemberg Bhering (physica e chimica); Lacordaire Duarte (Biologia); Virgilio Martins de Mello Franco (sociologia, moral, noções de direito patrio e de economia politica); Estevam Silva (desenho); Antonio Luiz Deslandes (gymnastica, esgrima e evoluções militares); José Nicodemos (musica).

No primeiro anno de seu funcionamento, estiveram matriculados 161 alumnos.

Quando, em 1898, foi o Externato do Gymnasio Mineiro transferido, de Ouro Preto para Bello Horizonte, começou a ter sede vária.

O primeiro predio, em que funcionou, foi o da actual Camara dos Deputados, á Praça da Republica, por haver sido tomado pelo Tribunal da Relação, aquelle que fôra construido, expressamente, para o Gymnasio, e que é o mesmo onde, actualmente, está installada a Escola Normal Modelo.

Alguns mezes depois, transferiu-se para o predio da rua da Bahia, onde se acham, hoje, o Archivo Publico Mineiro, a Junta Commercial e uma das Colectorias Estaduaes. Releva notar que tal predio fôra, primitivamente, destinado á Imprensa Offiçal, e nelle, antes do Gymnasio, funcionou a Secretaria da Policia.

Decorridos alguns annos, mudou-se o nosso instituto de ensino secundario para o edificio da rua Piauby, onde funcionou, durante algum tempo o collegio Anglo-Mineiro.

No anno de 1931, cessou, de vez, o nomadismo a que tem estado sujeito o instituto de que se trata, pas-

sando o mesmo a funcionar, definitivamente, em prédio majestoso e vasto, adrede construído, á avenida Paraopeba, pelo preço de 1.725:000\$000.

Ahi, amplamente installado, continuará o Externato do Gymnasio Mineiro a manter com brilho, enriquecendo-as cada vez mais, as honrosas tradições que o têm acompanhado desde sua fundação, e que o tornam um dos mais bellos florões do monumento, solido e imponente, que Minas, com carinho e amor, vem erguendo ao ensino publico.

§ 5.º

Havendo-se frustrado minha tentativa de estudar medicina, conforme já relatei linhas atrás, e continuando a sentir pendor pelo estudo das sciencias biologicas e physico-quimicas, — matriculei-me na Escola de Pharmacia de Ouro Preto a 25 de janeiro de 1892.

Esta Escola, matriarca dos institutos de ensino superior do Estado, está prestes a concluir um seculo de existencia, o que se dará daqui a oito annos, pois a lei mineira, que a creou, sob n.º 140, traz a data de 4 de abril de 1839. Quem sancionou essa lei foi Bernardo Jacintho da Veiga, nomeado presidente da então provincia de Minas pelo regente Araujo Lima (Marquez de Olinda).

Depois de haver passado por diversas reformas tendentes a ampliar e a melhorar o seu curso, constitue a Escola de Pharmacia de Ouro Preto, ha noventa e dous annos, um dos mais fecundos alfôbres de pharmaceuticos, e vae sustentando, com nobreza e gallardia, o bastão de decaro das casas de ensino superior de Minas Geraes, por onde têm passado mais de 2.000 alumnos, sendo que, só de 1887 para cá, se formaram alli 1.329 pharmaceuticos, conforme uma entrevista fornecida ao "Estado

de Minas", de Bello Horizonte, em janeiro do corrente anno de 1931, por seu esforçado e provector director actual, o dr. Alberto Coelho de Magalhães Gomes.

§ 6.º

A 5 de fevereiro seguinte, perdi minha mãe Maria Josephina dos Santos Pires, fallecida em Ouro Preto, com 52 annos de idade.

Devo-lhe muito, no tocante á formação de meu caracter, de meu coração, e de minha modesta cultura litteraria. De seus labios recebi, como já disse, ensinamentos de instrucção primaria e minhas primeiras noções da lingua franceza, a qual ella manejava com segurança e desembaraço, pois fizera parte da primeira turma de educandas do Collegio de Irmãos Francezas de S. Vicente de Paulo, estabelecido na cidade de Marianna.

Foi daquellas "matronas insignemente fecundas", a que se referia Tacito, pois teve dezeseis filhos. De habitos modestos e casciros, bem se lhe póde applicar a conhecida inscripção romana, que recorda a virtude de Claudia: "*Domí mansit, lanam fecit.*"

§ 7.º

A 10 de dezembro desse mesmo anno (1892), installou-se a Faculdade Livre de Direito de Minas Geraes devida aos esforços da iniciativa particular e ao concurso patriótico do generoso povo mineiro.

No TOMO IV das "Ephemerides Mineiras" de José Pedro Xavier da Veiga, encontra-se a seguinte descripção desse notavel evento nos fastos da cultura mineira:

“No vasto salão do Congresso Mineiro, em Ouro Preto, 6 installada a Faculdade Livre de Direito de Minas Geraes. Ao acto, que esteve ao mesmo tempo solenne e festivo, concorreram distinctas familias da cidade, representantes numerosos de academias, tribunaes, escolas, associações, chefes militares e das Repartições da Capital, e avultado pessoal de todas as classes sociais, achando-se o salão caprichosamente ornamentado.

Aberta a sessão a uma hora da tarde, pelo director da Faculdade, sr. dr. Affonso Penna, S. Exc. prestou juramento desse cargo e do de docente, e em seguida empossou do cargo de vice-director o Sr. Dr. Francisco Luiz da Veiga, e recebeu a promessa ou juramento de cada um dos demais leites, os Drs. (cathedrativos): — Affonso Arios de Mello Franco, Antonio Augusto de Lima, Antonio Gonçalves Chaves, Antonio de Padua Assis Rezende, Bernardino Augusto de Lima, Camillo Augusto Maria de Brito, David Moretzsohn Campista, Donato Joaquim da Fonseca, Francisco Luiz da Veiga, Francisco Síviano de Almeida Brandão, Henrique de Magalhães Sales, João Gomes Rebello Horta, Joaquim Igracio de Mello Franco; e dos Drs. (substitutos): Aca Alberto Dias Farias da Luz, Francisco Catão, José Antonio Alves de Brito, Raymundo da Mota Azevedo Correia, Theophilo Ribeiro e Thomaz da Silva Brandão.

Só deixaram de comparecer, estando ausentes da Capital, os Drs. João Pinheiro da Silva e Eduardo Augusto Montendon, cathedrativos.

Terminado o acto da posse, as bandas musicaes do 1.º corpo de policia e do 31.º batalhão de infantaria executaram brillantemente os hymnos Nacional e da Republica, ouvidos de pé por todas as pessoas presentes.

Foi então lido pelo presidente do acto, Dr. Affonso Penna, um extenso e importante discurso, e ao concluir declarou estar installada a Faculdade Livre de Direito de Estado de Minas, no que foi saudado por grande salva de palmas. Em seguida, foi successivamente dada a palavra aos representantes de diversas e distinctas corporações, orando pela seguinte ordem os Srs.: Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, deputado federal, representando o Congresso Nacional; senador estadual José Pedro Xavier da Veiga,

representando o Congresso mineiro: desembargador Caetano Augusta da Gama Cerqueira, representando a Relação de Ouro Preto; padre Camillo de Lelis Ferreira Velloso, em nome do Exm. e Rvma. Sr. Bispo de Camacó: Dr. Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcellos, pela Câmara Municipal, de que era presidente; senador estadual Joaquim Candido da Costa Senna, como representante da Escola de Minas; deputado estadual dr. Gomes Freire de Andrade, representante da Escola de Pharmacia; Luiz Pessanha, representante da Escola Normal; Aurelio Pires, representante do Gymnasio Mineiro; Dr. Edmundo da Veiga, representante da Imprensa; Dr. Clorindo Barnier, por parte do corpo academico da Escola de Minas; Dr. Afranio de Mello Franco, como órgão do corpo academico da Escola de Pharmacia: Cleantbo Jequiriçá, representante do Lyceu de Artes e Officios; Dr. Antonio Cesario de Faria Alvim, juiz seccional, representante da justiça federal; Dr. Carlos Tinoco, em nome dos advogados do Estado, e o Sr. Dr. Antonio Gonçalves Chaves, como órgão da Faculdade Livre de Direito.

A's 5 horas da tarde foi encerrada a solemníssima sessão litteraria.

Em applauso ao auspicioso acontecimento, realizaram-se á noite do mesmo dia, tambem no vasto salão do Congresso Mineiro, magnifico concerto musical e sumptuoso baile, cuja descripção se encontra minuciosa nos jornaes ouro-pretanos da época.

Ficou assim instituida em Minas Geraes uma Faculdade para o estudo das sciencias juridicas, — justa, civilizadora e antiga aspiração dos mineiros, conforme consta de innumeros documentos e até de actos officinaes, como sejam representações e propostas do antigo Conselho Geral do Governo da Proviíncia, essa esclarecida, laboriosa e patriótica corporação que tantos serviços inolvidaveis prestou a Minas Geraes, Impulsioanda por verdadeiro amor do bem publico".

Como se viu, linhas acima, eu tive a honra de representar, na solemnidade descripta, o Externato do Gymnasio Mineiro, por designação desvanecedora da respec-

tiva Congregação. Vou reproduzir aqui o discurso então pronunciado por mim, como documentação de que, já nessa época, fazia parte de minhas cogitações a fundação, em Minas, de uma Escola de Medicina.

Ei-lo :

“M e u s s e n h o r e s .

A Congregação do Externato do Gymnasio Mineiro me confiou a honrosa incumbencia de apresentar aos promotores deste imponente festejo o seu agradecimento pela fineza do convite com que a distinguiram para se fazer representar no mesmo, e de, igualmente, trazer suas calorosas saudações aos beneméritos fundadores da Faculdade Livre de Direito, pelo grande passo que acabam de dar na senda da descentralização intellectual de nosso paiz.

Os illustres oradores que me precederam já apreciaram, cabalmente, as vantagens incalculaveis do ensino livre, como factor energico do desenvolvimento scientifico. Apropriando-me das palavras de Ferncull que, com grande proficiencia, discutiu tão importantes theses sobre o ensino, só me resta dizer, como elle, que a criação de institutos da ordem do que hoje se funda em Ouro Preto determina entre o ensino official e o ensino livre esta emulação tão fecunda e tão salutar ao progresso da sciencia, de que nos fornecem exemplo as universidades allemãs. O professor official representa, particularmente, os resultados adquiridos, a sciencia já feita, e tem por missão espalhar essa sciencia na circulação geral ; o professor livre representa as descobertas, os methodos recentes, a sciencia em via de formação. A concorrência destes dois elementos irpele sempre que o ensino se immobilize na rotina official.

Merece, pois, os maiores encomios e é digna de applausos sinceros e entusiasticos a tentativa heroica daquelles que bem mereceram deste Estado, lançando as bases da Faculdade Livre de Direito, attestado eloquentissimo do muito amor com que se cultivam as letras na terra mineira.

Entretanto, srs., o cyclo de nossa vida intellectual, apesar de já ter attingido a grande amplitude, não está, ainda, completo. Fal-

ta-nos o fêcho da abobada do templo, já bastante sumptuoso, que Minas vac arguendo ás letras. Falta-nos, ainda, uma Escola de Medicina, para que a vida scientifica circule, abundante e forte, por todas as arterias deste pujante organismo.

Não é este, por certo, o momento opportuno, para se discutir a praticabilidade dessa idéa, cuja realisação não é tão difficil como se afigura aos espiritos excessivamente tímidos.

Conforme pondera, a esse respeito, um notavel escriptor, não se pôde exigir, das academias nascentes, grande abundancia de cadeiras e grande extensão de programmas. Os programmas não se improvisam: são-lhes necessarios tempo e madureza; lembremo-nos de que a Alemanha empregou cincoenta annos para formar suas universidades e collocal-as no pé actual.

Aos competentes, pois, incumbe elucidar a questão da exequibilidade da fundação de uma Escola de Medicina, entre nós, tendo em vista a larga base que já possuímos, — a Escola de Pharmacia, — para, sobre ella, levantar-se esse outro edificio, e attender do á facilidade de excursões scientificas no Rio de Janeiro, além dos alumnos adquirirem a pratica indispensavel das diversas clinicas, nos tres ou quatro ultimos mezes de curso professado aqui, os quaes deverão coincidir com a estação mais benigna do anno.

Por enquanto, o que se impõe, como necessidade de primeira ordem, de ordem capital, é a creação do curso medico, que evite a nossos jovens patricios um inallôgro probabilissimo, expondo-se, permanentemente, no clima mortifero do Rio de Janeiro, que, Minu'auo terrivel, nos absorve, nos poucos, o melhor de nossa pujante seiva, arrojando, annualmente, á escuridão do tumulo, punkados de nossas mais caras esperanças.

Meus senhores. Innegavelmente, Minas atravessa uma phase promissora, de renovação scientifica. Ha um comic rejuvenescimento, uma transfusão de sangue novo em nosso organismo social, que se achava tão decauperado.

Envolve-nos uma atmosphera de paz e de justiça, as quaes, na phrase de Liard, são, na ordem moral, forças comparaveis á gravitação universal, na ordem cosmogonica.

O digno e preclaro chefe supremo deste Estado(1) acêba de dar-nos uma prova eloquentissima e frisante dos elevados intuitos que o animam, no tocante á instrucção publica, collocando-se á frente dos arrojados fundadores do instituto scientifico que hoje se inaugura.

Convém, agora, que todos os bons cidadãos, que os homens patriotas e de boa vontade, que os moços, que são a alma da patria, se congreguem em tôrno da benéfica administração publica, secundando-lhe os nobilissimos esforços que empenha, no sentido de constituir, em Minas, a patria intellectual dos sequiosos da sciencia.

Um publicista contemporaneo, tratando das condições do ensino na França, escreveu o seguinte: "As instituições de uma democracia liberal, necessitam, mais do que as outras, da adhesão reflectida e do concurso permanente de todos os cidadãos. Para se estabelecer, definitivamente, a Republica no dominio dos factos, é mister, como preliminar, arcomol-a nos espiritos e nas vontades, e proteger o instrumento por excellencia da mesma, o suffragio universal, contra suas proprias fluctações. Nosso systema de ensino cumpriá essa missão, ensinando ás diversas camadas de nossa sociedade o papel e as obrigações que lhes cabe n no mechanismo da democracia republicana. Ensinará ás massas populares que devem eieger livremente os poderes publicos, mas aceitar e respeitar a auctoridade de seus mandatarios; ensinará ás classes dirigentes que ellas têm a missão de governar em virtude não de um pretendido direito de nascimento ou de fortuna, mas de uma capacidade e de uma moralidade superiores, que devem ser reconhecidas e sancionadas pelos suffragios das massas populares". Tais são, entre outros, os effectos benéficos de uma instrucção largamente diffundida.

Meus senhores. O maior espirito deste seculo encarrecendo as vantagens da edução moral e de um regimen scientifico bem orientado, assim se exprime: "O futuro pertence a Voltaire e não a Krupp; o futuro pertence ao livre e não ás espaldas; o futuro pertence á vida e não á morte". Estas palavras, que encerram um tão profun-

(1) — Conscelheiro Affonso Augusto Moreira Penna.

do conceito, têm plena applicação ao nosso meio, onde se procura a conquista do futuro, não pelos meios tumultuosos e violentos da força bruta que deshonra as nacionalidades, mas pelas armas pacíficas e vencedoras da educação do caracter e do esclarecimento do espirito, confirmando-se, dest'arte, a celebre phrase de Ford Brougher, no Parlamento Inglez: "Será o professor, e não o canhão, que, doravante, dirigirá os destinos do mundo!"

§ 8.º

A 22 de junho de 1893, fui nomeado pelo Secretario do Interior do Estado de Minas, dr. Francisco Silviano de Almeida Brandão, professor substituto da cadeira de physica e chimica do Externato do Gymnasio Mineiro.

§ 9.º

A 21 de abril de 1894, inaugurou-se em Ouro Preto, na Praça da Independencia, com pompa adequada ao acto, a majestosa estatua de Tiradentes, obra do artista italiano Virgilio Cestari, no mesme lugar em que, havia pouco mais de um seculo, a tyrannia mandára expôr a cabeça do grande heroe, enforcado e mutilado no Rio de Janeiro.

Quasi nesse mesmo lugar, havia uma modesta columna de pedra, commemorativa da mesma tragedia e erecta vinte e sete annos antes pela piedade mineira, que se cotisára para tal fim. Tal columna foi demolida nas vespertas de inaugurar-se a sumptuosa estatua, que alli ostenta, hoje, a durabilidade de sua bronzea imponente.

A proposito desse sacrilegio inutil e criminoso, o ex-senador Francisco Sá traçou nas columnas do "Estado de Minas", que se editava em Ouro Preto, a seguinte pagina de brilho lapidar:

"Só tu, pobre columna abandonada, tu só não testemunharás a suprema glorificação artistica do Martyr!

A tua época findou: á idade da pedra succede agora a idade do bronze.

Envergonhava-se de ti esta geração vaidosa: só ella se privilegia com o merito da gratidão, só ella tem o direito de celebrar os ritos da liberdade, só ella se reveste com as insignias do sacerdocio augusto. E tu eras symbolo do mesmo culto, homenagem á mesma gloria.

Não tinhas a majestade do monumento excelso, que encara de frente as nossas montanhas, e pôde dialogar com ellas das tradições do povo, que assistiram a nacer; não tinhas os contornos da eterna belleza, impressão dominadora do sello divino da arte; não poderias nunca reflectir, como a superficie polida do metal, a luz radiosa do nosso céu.

Mas, feito com a pedra de nossas serranias, construido pelo obolo do nosso povo, erecto sem riqueza e sem fausto, tu tinhas, monumento mesquinho, tu tinhas a grandeza da religião que symbolizavas.

Não eras essa epopéa de bronze, que cantará, a travez dos seculos, o nome do Precursor; mas eras como a canção popular, despretenciosa e singela, na qual se perpetuam tambem as glorias do heróe, que as gerações vão contando umas ás outras, junto aos fogos do far.

Tu representavas a continuidade do espirito liberal em nossa terra; tu exprimias a perpetuidade da tradição revolucionaria, ininterrupta e viva; tu affirmavas a persistencia da vocação democratica na alma mineira.

Eras um monumento sagrado... Sacrilegio, demoliram-te; vandális no, espedaçaram-te!

Afocaras, talvez, com teu pobre vulto mesquinho, as adjacencias da formosa estatua, que hoje alli se ergue, majestosa e solitaria. Mas abater-te por isso fóra dar razão aos que julgassem dever ser eliminado aquelle, cujas rugas desgraciosas trouxessem a nota da ancianidade melancolica ao concerto festivo da mocidade.

Inutil te havias tornado, desde que de outro modo se perpetua a commemoração a que fôras votada... Não servem, porém, os monumentos, os mais pobres e singelos, só para memorar os heróes a que se consagram; tambem revivem a época que os erigiu, relembram o estado do espirito publico que os inspirou, são marcos historicos, que assignalam a peregrinação das idéas e testemunham a impressão exercida nos povos pelo pensamento que immortalizou o heróe.

E si era preciso que tudo fôsse novo debaixo do sol, não poderias tu, columna modesta, representar a homenagem do passado e a homenagem do presente? Não poderiam sobrepôr-te o busto de Alvarenga, o legislador da Republica sonhadora, ou de Gonzaga, o Tyrteu daquella Athenas, ou de Claudio, que não quiz, como Brutus, sobreviver á liberdade, ou de Muciel, a alma inspiradora da conjuração?

Não o permittiu a alavanca demolidora; e só tu, pobre columna abandonada, não testemunharás a glorificação do Martyr!

Eu a vi, lançada ao chão, decapitada, a pedra de base barbaramente quebrada, dividido o pedestal em blocos esparsos.

E daquelle cadaver de monumento vinha-me a impressão angustiosa da imagem de um morto, selvagemmente mutilado.

No pedaço do solo, onde ella se erguera, aterrado, como si fôra uma cova recém-fechada, alinhavam-se os paralelepipedos num nivelamento sacrilego. E pensei no futuro da estatua angusta, que vae hoje receber os ruidosas ovções da turba.

Quando chegará a sua vez? Si ha tambem para os monumentos uma popularidade varia, quando clinarão á lembrança do nosso patriotismo, como supprimiu nós a do patriotismo mineiro de 1866?

Não! Ha de ser mais justo e mais generoso o futuro.

A estatua majestosa atravessará os tempos, bella como a arte que a creou, eterna, como o ideal libertador que symboliza. As gerações porvindouras lembrará a inutilidade das perseguições, ensinará o perdão e a justiça para as idéas, recordará que é estúpido matar, si ha uma glorificação para o patibulo dos martyres, si

os mortos ainda podem vencer, si elles voltam sempre, um dia, para, como as sombras divinas da Héliade, pelear a peleja dos vivos.

O deserto se lhe estenderá ao redor; na planície abandonada, crescerá a herva silvestre; dos edificios ficarão as carcássas, onde se abrigarão os reptis; no pedestal de granito, ha de entreciçar-se a hera, inmarcescível primavera das ruínas; nas bronzes espadars pousarão os bandos de passaros dominadores do ermo...

Mas tu ficarás de pé, bronze glorioso, para repetir nos posteror a legenda da Liberdade imperecível..."

§ 10.º

A 18 de julho de 1894, recebi o grau de pharmaceutico pela respectiva Escola de Ouro Preto, o qual me foi conferido pelo Director de então, o professor Wilhelm Schawake.

Foram meus companheiros de turma os vinte e cinco pharmaceuticos seguintes: Carlos de Carvalho, Alexandre Campos, Henri Montandon, Epaminondas França, Antonio Generoso da Silva, Penna de Moraes, Luizbio de Britto, José Frederico Rodrigues de Andrade, Bernardine do Nascimento Moura, Candido Medeiros, Barbosa Leite, Gonçalves Filgueiras, João Baptista de Freitas, Levindo Eduardo Coelho, Lafayette Brandão, Bandeira da Rocha, Bello de Macedo, Casimiro de Souza, Pedro Luiz, José Ignacio de Araujo Lima, João de Oliveira, Bento Bittencourt, Guilberme Prado, Theodoro Louzada e José Manhães.

Fui eu o orador da turma. Foi com fundas saudades que me despedi da velha escola, onde passei tres annos de grata convivencia entre amigos e alegres camaradas e excellentes professores.

§ 11.º

Mais tarde, em épocas diversas, tracei alguns perfis desses mestres, dos quaes deixo consignados aqui os seguintes:

DR. JOSÉ CAETANO DE ALMEIDA GOMES

Entre as amadas recordações evocadoras de meus tempos de estudante, conservo, com enternecida euidade, um volume do *Tratado Elemental de Chimica Organica* de M. Berthelot, que me foi offerecido, em 1803, por esse meu saudoso e erudito professor. E, ainda agora, folheando esse livro antigo, tão valioso pelas preciosas notas que por suas velhas paginas foi espalhando o bondoso mestre, revejo, numa grata revivescencia, a figura esgrovinhada, miuda, ossificada, daquella especie de fohet, cuja vitalidade parecia concentrar-se, inteira, no cranio alongado, de fronte largamente aberta e illuminada, onde fulguravara, como no cimo de um pharol, dous olhos a que as lentes dos olhos de myope exaggeravam o brilho e communicavam vivacidade mais intensa.

O dr. Almeida Gomes era, antes de tudo e mais do que tudo, um medico; mas da ordem daquelles descriptos por Teixeira de Queiroz, os quens fazem da medicina, apesar de todos os seus erros historicos, suas theorias ephemeras, suas difficuldades de estudo, suas hesitações no caminho a seguir, — o baluarte, a torre magnifica, defensora do instincto mais que humano, pois é animal, de evitar o soffrimento. Elle, tambem, pensava não haver estudo mais digno, mais nobre e mais alevantado do que a medicina, que estuda a vida na sua gerese, no seu funcionamento, na sua extincção; que a acompanha nas turvações da doença; que procura tornal-a risonha, feliz, agradável, matando a dor, conservando a belleza da forma humana, libertando o espirito da anormalidade, para que siga no seu exercicio triumphal.

Discipulo apaixonado de Claude Bernard, em cujas obras geninas abeberára seu espirito perquiridor, era um adepto fervoroso do determinismo scientifico e um paciente e escrupuloso experimentador.

Pouco tempo depois de formado, e quando seu nome já começava a ser repetido com sympathia e applausos através dos diversos logares por onde, clinicando, ia espalhando sua acção bemfazeja, — teve de atravessar o fóco ardente da politica, accetando a

cadeira de deputado provincial, que o partido conservador lhe offerecêra, na legislatura de 1886-1887.

Terminado, porém, o seu biennio, voltou a seus doentes, a seus livros, a suas plantações, pois se dedicou, também, á agricultura, em Ponte Nova e na Barra Longa, amando a terra e a tudo quanto a ella se prendia, com aquelle grande e largo amor com que S. Francisco de Assis amava a todas as criaturas. Era tão requintado o amor que Almeida Gomes professava á natureza, que d'elle poderia dizer-se o qua foi dito do velho Affonso d'Os Muias: "Tudo o que vive lhe merecia amer, e era dos que não pisam um formigueiro, e se compadecem da s'ide de uma planta".

Em fins de 1890, tendo sido posta em concurso a cadeira de *Chimica Organica* da Escola de Pharmacia de Ouro Preto, a ella concorreu Almeida Gomes. Afim de preparar-se convenientemente para esse certamen scientifico, — conforme m'o referiu depois, — tomou, de aluguel, uma casinha em um bairro silencioso e pouco frequentado, de Ouro Preto, e ali, sózinho, como um anachorêta, longe da familia, dos amigos, dos prazeres e das exigencias sociais, entre livros, retortas e reactivos, mergulhou fundo, durante mezes, nos segredos encantadores da attrahente sciencia que pretendia professar. Quando, desse longo exilio voluntario, emergiu á luz da sociedade, estava apparelhado de conhecimentos e aperebido de armas para a luta, na qual teve de entestar concurrentes de valor.

Esse concurso, que marcou época nos annaes da velha Escola, foi assignalado por uma nota rubra e tragica.

No correr da prova oral do mesmo, realizada a 7 de novembro de 1893, falleceu subitamente, nos olhos dos collegas, dos concurrentes, dos estudantes e dos assistentes estupefactos, victimado por uma hemptyse fulminante, o presidente da banca examinadora, Lutz Barbosa da Silva, notabilissimo professor de chimica inorganica e mineralogia do instituto onde se processava o concurso.

Classificado em primeiro lugar, e nomeado professor cathedratice da materia da qual se revelára tão profundo sabedor — o seu ensino deixou sulcos inapagaveis no espirito e no coração dos moços que, durante os annos de 1891 a 1894, se assentaram nos ban-

cos da conceituada e quasi secular *Escola de Pharmacia de Ouro Preto*.

Occupou, nesse periodo, com notavel proveito para as sciencias pharmaceuticas, o cargo de director daquelle instituto, devendo-se a elle a montagem da excellente bibliotheca que o mesmo possui, e os primeiros impulsos para que a *Escola* entrasse naquella brilhante phase de reorganização, que a fez hombrlear com os melhores estabelecimentos do genero.

Foi, porém, de curta duração sua permanencia em Ouro Preto. Sua saude melindrosa e combalida não se compadecia com a aspreza do clima excessivamente frio da velha capital.

Além disto, conforme eu disse, habus atraz, elle atravessára o fóco ardente da politica, e, como é sabido, a quem assim o fez, ficam-lhe sempre algumas fagulhas delle.

Em má hora, portanto, o mestre, cuja reputação pedagogica ia crescendo e alargando-se, trocou a sua cathedra pelos amavios da fallaz reductora, a qual, na phrase de Camillo Castello Branco, é a tórpe Dalila que tosquia todos os Sansões da poesia e corta os vendouros dos melhores espiritos.

Eis, pois, o querido professor ás voltas, de novo, com a politica. Incluído na chupa do partido constitucional, por occasião das eleições de 1.º de março de 1894, foi eleito, por grande maioria, deputado pelo 1.º districto de Minas, na segunda legislatura do Congresso Federal, havendo sido o seu mandato renovado nas eleições de 30 de dezembro de 1896.

Reconhecendo, porém, por dolorosa experiência, que "os assumptos puramente politicos, em que apenas se movem conveniencias immediatas e momentaneas, nunca foram a preocupação permanente dos espiritos cultos e viris", — abjurou, de vez, todas as pompas da politica, na qual, como disse aquelle sensato Videirinha, da *Illustre Casa de Ramires*, "hoje é branco, amanhã é negro, depois, zás, tudo é nada"!

Dotado de espirito indagador, de curiosidade insatisfeita, de operosidade febril, dedicou, desde então, sua actividade assombrosa ao estudo e ás applicações de diversas industrias, com alterna-

tivas de éxito e de revézes, — exitos que o não envaideciam, revézes que não o abatiam.

A última vez que o vi, ha quatro annos, em um sobradinho, de uma alegre e pacata rua do bairro de S. Christovam, no Rio, andava elle preocupado com o estudo das applicações da fibra vegetal a diversos usos industriaes

Em fins do anno passado, tive a grande dôr de saber que elle fallecera, e dôr ainda maior de ver que o seu nome, outr'ora tão pronunciado e tão abençoado, aqui, nesta formosa e ingrata Minna, já estava quasi apagado da memoria esquecediça do povo, a quem elle tanto beneficiára com as magnificencias de seu saber, as abundancias do seu coração, a honestidade do seu labor.

A mim, é que nunca esquecerão as excellencias das lições que recebi de seus labios, e a dedicação sem limite, a ternura affectuosa, a caridade evangelica com que, durante quarenta dias e quarenta noites, — noites atravessadas de sobresaltos, dias illuminados de esperanças, — elle me ajudou a arrancar um fillo queido das garras da morte.

Tudo isso não mais me esquecerá, nunca mais!

Maio — 1916.

OCTAVIO DE BRITTO

O fallecimento do professor Octavio de Britto, occorrido a 26 do corrente, em Bello Horizonte, veio reviver, em minha mente já cançada, reminiscencias que pareciam sepultadas para sempre, sob o peso crescente das tristezas e dos desenganos, que a vida nos vai accumulando no coração.

Com esse que agora acaba de desaparecer, são seis de meus antigos mestres, na velha *Escola de Pharmacia de Ouro Preto*, cuja voz emmudeceu definitivamente: Wilhem Schwacke, Almeida Gomes, Felício Magaldi, Eduardo Machado de Castro, Sisinio Pontes, Octavio de Britto)...

De todos elles, recebi ensinamentos; em contacto com o espirito de cada um dos mesmos, meu espirito se aperfeiçoou; no convivio de cada um, aprendi um pouco a venerar a sciencia, a amar a meu semelhante, a ser compassivo com os que soffrem.

Foi isto na remota éra de 1892 - 1895.

A matriarcha de nossos institutos de ensino superior estava em seu periodo aureo.

Sob o influxo revigorante da noção fecunda do homem de governo, de visão clara e de largo descortino, como Antonio Augusto de Lima, Afonso Penna e Silviano Brandão, essa tradicional e, hoje, octogeanria *Escola* sahira de um desgraçoso pardiouro, do aluguel, onde estava funcionando, para séde propria, elegante e definitiva, que é a mesma onde, até agora, se neha installada; seus gabinetes e seus laboratorios foram dotados de instrumentos, de aparelhos, de utensilios, de material pedagogico, do mais moderno e do mais efficiente; renovára-se seu mobiliario archaico; ampliaram-se seus cursos, instituindo-se o *Bacharelado em sciencias naturaes e pharmaceuticas*; um novo sópro creador, enfim, perpassava sobre a ancestral fundação de Bernardo Jacintho da Veiga, uma éra de renascença promissora despontava para a mesma.

Foi durante esse periodo que frequentei aquella *Escola*, onde encontrei, illuminando as respectivas cáthedras, entre alguns outros, felizmente ainda vivos, os seis professores acima mencionados.

Como disse, esse instituto de ensino attingira, nessa época, a culminancia de sua prosperidade material e do seu progredimento moral.

Redigidos por moços de talento e de esperanças, partiam, então, da *Escola*, para a luz e para o grande mundo da publicidade, tres jornaes: O *ATHENEO*, *ENSAYOS* e *REVISTA DE SCIENCIAS E DE PHARMACIA*;

celebrámos, em 1893, o 55.º anniversario da fundação da mesma, com uma festa de raro esplendor, á qual concorreram representantes de todos os jornaes do Rio de Janeiro, pronunciando, por essa occasião, em nome da GAZETA DE NOTICIAS, o nosso actual representante consular junto ao Vaticano, em Roma - Carlos Magalhães de Azeredo, um dos mais formosos discursos que tenho ouvido; nossa bibliotheca enriqueceram-se com donativos valiosos; tomámos parte em nuctas reuvidas e ruidosas, a bem da saude e da vida dos habitantes da velha Capital, sendo a mais celebre aquella em que, chefiados por Campos da Paz - alma de D'Artagnan e um arcabouço de medico - abrimos campanha rija contra o commercio lícito, a proposito dos vinhos falsificados, e cujo tristissimo epílogo foi a morte de um dos contendores, varado á lula, na *Praça de Tiradentes*, por occasião de um conflicto temeroso entre estudantes e commerciantes, o qual só foi apaziguado pela intervenção de forças do exercito, aquartelladas em Ouro Preto.

Em um tempo em que as almas se aqueciam no calor ardente de ideias nobres, e em que os corações pulpitavam de amor e de enthusiasmo pelas grandes causas.

Cetavio de Britto, um dos professores mais jovens, de então, encontrava-se sempre no lado dos discipulos, em todas essas manifestações de civismo, em que se empenhava a alma attiva e generosa dos noços.

Vendo-o, agora, tombar da cáthedra, onde o collocára um porfioso concurso, é com o coração tumido de saudades que revejo, em espirito, seu perfil de roça franzino, algum tanto canhestro e de poucas fallas, mas já revelando os prédomos da energia masculina e da tenacidade bronzea que nelle haviam de explodir mais tarde.

Do alto destas colunas, onde (ai de mim!) perpassam mais tristezas do que alegrias, e em nome do princípio, segundo o qual "o culto dos mestres deve ser a religião dos que aprendem", — deixo cair na tua bráçada de flores sobre os tumulos de tantos professores e de tantos amigos queridos, cujos nomes rebranco, com respeito religioso, sob as abóbadas dos amplos salões da *Escola de Pharmacia de Ouro Preto*. — mãe espiritual de tantas gerações de moços, que para alli vão passando e derramando, pela mesma essa eterna poesia das coisas, que, na phrase do poeta, é a nossa propria alma transfundida nellas, como um raio divino da vida universal, circundando perpetuamente nas veias da primavera, eternando as espondas da natureza jovem. . .

Jaaciro — 1920."

JOVELINO MINEIRO

"L'enseignement n'est pas tout entier dans les paroles; il faut aussi qu'il se confirme par les actions et par la vie".

EDOUARD QUINET.

No segundo volume de meu "Memorial", onde tenho o habito de ir registrar do os acontecimentos proprios ou nefastos de minha obscura existencia, escrevi, ha dias, a seguinte nota:

"Novembro — 25. 1930 (6 horas da tarde).
Estou vindo do Cemiterio do Bomfim, onde fui assistir ao enterro do meu professor e amigo Jovelino Mineiro, falleo de ontem, repentinamente, de um edema pulmonar.

Foi uma bella tradiçào que se apagou, do ensino superior de Minas Geraes".

De cada vez que levo a sepultar algum companheiro da mocidade, experimento a tristeza de ver que minha roda intellectual vac-se rareando e que eu vou ficando só, como em pleno deserto; reconheço, então, quanto é amargamente verdadeira a observação de quem disse que os que vão ficando muito velhos são condemnados a assistir ás repetições geraes de sua propria morte.

Havendo obtido sua aposentadoria no cargo de professor de Pharmacologia da Escola de Pharmacia de Ouro Preto, da qual fóra, tambem, director por mais de trinta annos, o professor Jovelino Mineiro transferira, há poucos mezes, sua residencia para Bello Horizonte, onde a morte veio colhel-o daquella fórma suave, que os gregos julgavam ser a morte dos queridos dos deuses, isto é, inopinada e repentinamente.

Como eu houvera sido seu alumno, no anno remoto de 1894, conservei de seus dicções e de seu trato pessoal uma impressão que nunca mais se me apagou do espirito e do coração; de sorte que, quando dezoito annos depois de formado em pharmacia, tive a honra de ser nomeado professor de Pharmacologia da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte, recentemente creada, esforcei-me sempre por imitar, ainda que de longe, o methodo de ensino e os processos de transmissão do mesmo que havia recebido do preceptor mestre e insigne educador.

Jovelino Mineiro, na verdade, era um professor completo: conhecia a fundo a materia que ensinava durante mais de tres décadas, sabia expô-la com clareza e com intinativa, e tinha amor á profissão que adoptára em seus verdes annos. Era de assiduidade proverbial no comparecimento á cathedra, como professor, e á secretaria da Escola, como director.

No andar, no gesto, na physionomia, na palavra, mantinha sempre aquella calma imperturbavel, quasi olympica, de quem anda em linha recta e não conhece sinuosidades nem desvios.

Viveu quasi que exclusivamente do magisterio, para o magisterio e pelo magisterio. Eu disse quasi, porque a Pharmacologia que era a gana constante de seus pensamentos, teve uma rival não muito perigosa, mas, em todo o caso, uma rival: era a musica que elle cultivou com amor, com devoção, com enthusiasmo; com

seu querido violino, de que era exímio executor sabia amenizar a aridez da sciencia que professava. Aridez? Talvez eu diga mal, pois, durante os quasi quarenta annos em que preleccionou na Escola de Pharmacia, soube scilicet e transmitir a seus alumnos aquella poesia grandiosa e mystica, a que se refere Charles Nordman, e que existe no laboratorio de chimica, onde s'ão torturadas e domesticadas as energias mysteriosas dos atomos, até ha pouco indomadas, hoje obedientes e docis ao desejo humano; mostrou, aos que se inspiravam em sua palavra, como a chimica vaie realizando assombrosamente seus tres intentos principaes: reduzir todas as energias sensiveis a um pequeno numero de outras substancias elementares, que se não podem decompôr; produzir, por synthese artificial, os corpos complexos que a natureza, nos offerrece; constituir novas substancias que não existem na natureza.

O merecimento da profissão pharmaceutica foi seu ideal absorvente, — a dignificação da classe, sua paixão dominante. Era com o ardor de um apóstolo e a intransigência de um sectario, que investia sempre contra o que elle chamava as "escolinhas" e os "carimbambas".

Para nosso consólo, o ensino que elle prodigalizou com tanta proficiência e efficacia não desapareceu com o emudecimento de sua palavra falada. Os livros que elle nos deixou, — "Curso de Pharmacologia", "Pharmacia Galenica", "Reconhecimento de suas mineras e organicos", etc. — ali estão para perpetua-lo. *Quidquid ex eo amavimus, quidquid mirati sumus, manet.*

Novembro — 1925.

§ 12.º

Em julho de 1881, quando, no velho Lyceu Mineiro, de Ouro Preto, comecei a fazer meus exames de preparatorios, tive como companheiro de turma de portuguez, francez, latim e inglez, um joven de Paqueta, chamado Affonso Arinos de Melo Franco, o qual já principiava a attrahir a attenção de seus condiscipulos pela esbelteza

de seu physico desempenado e airoso, e pela agudeza de seu engenho vivaz e prompto,

Nossas relações, entretanto, foram apenas aquellas que se estabeleciam entre estudantes vindos de diversos collegios espalhados por esta vasta Minas, e que se faziam encontradiços, duas vezes por anno, em julho e novembro, na velha capital, que era, então, a unica cidade da provincia onde se realizavam exames officines de preparatorios.

O acaso, pois, nos approximou momentaneamente, e o acaso nos separou de novo, indo elle, logo depois, para o Rio de Janeiro e dahi para São Paulo, ficando eu em Ouro Preto.

Dez annos depois, em 1891, encontrámo-nos novamente nessa mesma cidade e na mesma casa onde nos vimos pela vez primeira, elle, agora, professor de historia universal, eu de portuguez e litteratura nacional, do Externato do Gymnasio Mineiro, no qual se convertera o antigo Lyceu.

Data desse tempo o estreitamento cerrado de nossas relações. Eusinando materias differentes, porém, examinando em companhia, aquellas mesmas cujos exames prestámos juntos naquellas mesmas salas do velho solar colonial da rua do Rosario, ficámos conhecendo-nos intimamente e amando-nos por toda a vida.

Em 1893, sob o tecto gasalbos do grande e inesquecido Affonso Arinos, reuniamo-nos frequentemente, conforme lembrou o nosso venerando mestre Diogo de Vasconcellos, no discurso que, a 19 de março de 1916, pronunciou em nosso Theatro Municipal, na sessão civica consagrada á memoria amada daquelle preclaro patriocio. Ouçamol-o :

“Em Ouro Preto, é facil imaginar o que foi a casa do nosso amigo. Dotado do privilegio raro de centralizar o convivio de collegas, alli se encontravam ás tardes, em palestras altas e alegres,

Raymundo Correia, Augusto de Lima, Aurelio Pires, Sabiro Barroso e outros constellares daquela phase não sei si a mais feliz da Republica, mas em todo caso a mais feliz do Paraíso Mineiro. Também allí se encontraram, como polacos da galeria de Esquiros, fugidos ao terror do despotismo vermelho, Olavo Bilac, Magalhães Azeredo, Alvares de Azevedo Sobrinho, Leopoldo de Freitas e Emilio Rouéde, que vieram homisiar-se na cidade que se diz berço da Inconfidência, e que, de facto, foi sempre a fortaleza da paz e da lealdade".

Pouco depois, isto é, nos primeiros mezes de 1896, fizemos parte da redacção do O ESTADO DE MINAS, jornal que se editava em Ouro Preto, de propriedade e sob a direcção de meu irmão Antonio Olyntho. Em tal folha, sob as iniciaes A. P., eu mantinha a secção "Traços ligeiros", e Arinos, sob as iniciaes G. C., a principio, e, logo depois, sob o pseudonymo de Gi. Cassio, publicou diversas producções litterarias, taes como "Colombina", "Blonde et Brune", "Auctores e Actores", "Historieta", "A Velhinha", "Desamparados", "Paysagem Alpestre", "Viagem ao passado", "Vianna Ribeiro", etc., além de varios artigos de fundo, sem assignatura, entre os quaes um verdadeiramente notavel sobre a criação do "Archi-vo Publico Mineiro".

Constituiam o corpo redactorial do ESTADO DE MINAS politicos de graves responsabilidades, professores provecos, graduados e modestos representantes do funcionalismo publico, e estudantes, muitos estudantes, com sua ruidosa e encantadora irreverencia.

Faziamos o jornal, alegre e um pouco tumultuariamente, entre outros, Antonio Olyntho (seu redactor chefe), Aristides Maia, Padua Rezenda, David Campista, Francisco Sá, Pandiá Calogeras, Alfredo Pinto, Costa Senna, Juscelino Barbosa, Estevão Lobo, Nelson de Senna, Ramos Arantes, Affonso Arinos e eu.

Tínhamos ainda as mãos ardentes das palmas com que victoriáramos os corypheus do abolicionismo; continuava a travar-nos, na garganta, a rouquidão com que acclamávamos o advento da redempção dos captivos; trazíamos nas faces, recente e inapagada, a pallidez da emoção com que presenciáramos o alvorecer da Republica.

Era uma época de altas idéas e de enthusiasmos frequentes, aquella época.

As attitudes eram erectas. as ambições sem calculo, os desprendimentos generosos, os sonhos alancorados, e a imprensa symbolizava, para nós, a voz da inquietação publica, ou, — na expressão p'ittoresca de Mialho, — o vetusto carvalho, a cuja veneravel sombra o jornalista, como aquelle velho rei, fazia justiça, com a nobre isenção de uma consciencia pura.

Em abril daquelle anno (1896), realizou Arinos sua primeira viagem á Europa, levando um vasto programma de estudos não só das regiões commumente percorridas pela mór parte dos viajantes, como da porção setentrional do continente europeu.

Por essa occasião, publiquei, no ESTADO DE MINAS, na minha secção habitual, a seguinte chronica de despedida :

"Galeres ventos te levem : essa Europa distante, ó meu saudoso Gil Cássio, que vaes, nesse manancial fecundo, abeberar teu espirito seculoso do ideal remontado que devora as almas sonhadoras como a tua!...

Devoto da grande Arte, tu partes, peregrino cheio de fé, para essa romaria longinqua, afim de levares ao templo da civilização, as offerendas de tua promissora intelligencia. Além das grandes capitales do sul, irás visitar a Escocia, o paiz das recordações historicas, a velha Caledonia, cujos primitivos habitantes, filhos valentes de seu riuça vigorosa dos celts, sustentaram com os Romanos, desde Agricola até Septimo Severo, aquellas luctas inolvidaveis,

á narração das quaes ainda freme o nosso espirito. Em tua imaginação potente e creadora, evocarás o seu primeiro rei Fergus que ainda passa sobre seus *lochis* sombrios, envolto na nevoa mysteriosa da lenda; com essa acuidade de que são dotados os espiritos phantasistas como o teu, ouvirás ainda, no ar, as soluços abafados da sombra gemente dessa infeliz Maria Stuart, cuja memoria, tão cara ás almas sensíveis, foi immortalizada na obra genial de Schiller.

Percorrerás, tambem, parte da Russia, esse colosso que, por si só, fórma toda a Europa oriental, visitarás sua capital, S. Petersburgo, que se desdobra em forma de leque ao longo dos braços ramificados do Nev; ahí verás a torre dourada do Almirantado, a Cathedral de Santo Isaac, com a sua cúpula toda de marmore e de granito, resplandecente de ouro, de mármolita e de mosaicos preciosos; contemplarás a columna de Alexandre, esse monolitho de vinte e tres metros de altura, que se ergue em frente do vasto palacio de inverno. A argueia de teu espirito finamente observador não passará despercebido o contraste notavel que ahí existe entre a riqueza e a pobreza, a sciencia e a ignorancia. Como cidade de estudos, diz F. Visé Reclus, — "S. Petersbourg não é igual á maior parte das cidades da Europa oriental, porque n'ó ahí se contam mais de trezentas mil pessoas completamente analfabetas; entretanto, suas altas escolas e suas corporações scientificas são das que mais contribuem para o movimento dos estudos na Europa".

Que mêsse abundante de observações e de conhecimentos não vaes colher nessa peregrinação que ora empreendes!

Não te esqueças, porém, de enfiar as impressões de tudo o que vires em cartas que nos venham mitigar a saudade acerbá que tua ausencia causa a todos nós. Que teu estylo barilado e scintillante não deixe de illuminar estas columnas onde, tantas vezes, se reflectiu a superioridade admiravel com que teu talento de escriptor tratava assumptos tão diversos e tão variados.

Privados, com tua ausencia temporaria, da camaradagem com que tanto nos compraziamos, e que tanto nos aligeirava as horas pesadas do habitar jornalístico, — vimos hoje dirigir-te o adeus saudoso de confrades e de amigos que aqui ficam atendo, no al-

tar da amizade, o fogo santo e inextinguivel que alimenta as affeições sincereas.

Que teu *organismo se retempere* com a viagem, para te atirares, de novo, á proveitosa campanha das letias, onde contas as victorias pelas lutas empenhadas.

Ao navio que te leva a seu bordo, dirigimes os votos outr'ora formuladas pelo poeta venesiano :

"Sic te, diva petens Cypri,
 -Sic fratres Helenae, lucida sidera,
 -Ventorumque regat pater,
 -Obstrictis aliis, propter Iapyga,
 -Navis, quae tibi creditum,
 Debes illum

Logo que regressou dessa primeira viagem, transferiu Arinos sua residencia para a capital de São Paulo.

E' dessa nova residencia a seguinte carta que delle recebi :

"Chacara do Carvalho

São Paulo, 17 de janeiro de 1914

Meu caro Aurelio,

Confio a esta a missão gratissima de levar a V. e Exma. Familia os meus mais ardentes votos de prosperidade no Anno Novo e reiterar-lhe os meus profundos agradecimentos, tanto por seu cartão de visita, como pela sua chronica na capital sobre este esquecido patricio. Conto voltar a Belo Horizonte antes do meu regresso á Europa para abraçar os amigos e espero passar uma noite, como aquellas de Ouro Preto, na sua intimidade, junto de V., de sua senhora e filhos, trocando idéas despreocupadamente ou lendo algum trecho inedito de prosa. Na vida febril a que me atrastou o destino, pondo-me em marcha

apressurada pelo mundo, V. não imagina quanto me sorriem os intervallos de paz nas nossas extensas solidões, em confabulação com a Natureza, ou o fugaz convívio, que me depare o acaso da jornada, de um lar feliz ao qual se applique o — *parva domus, magna quies!*

Apesar de separado das letras por outras preocupações, vou ver se posso reunir algumas ideias a proposito da minha recente viagem, pelo S. Francisco, Paracatu e rio Preto, ao alto sertão de Minas. Revi as paisagens que coloriram a minha imaginação de adolescente, revi alguns dos personagens e algumas das scenas que me abriram a carreira das letras, da qual, como tantos patricios, infelizmente, cedo me desviei.

Accete, meu caro Aurelio, num apertado abraço, os protestos de sincera amizade do patricio int.^o am.^o.

AFFONSO ARINOS".

Dessa época em diante raras vezes nos vimos, até que, em setembro de 1915, nos aproximámos um do outro, pela ultima vez, aqui, em Bello Horizonte, quando elle pronunciou, em nosso Theatro Municipal, aquella memoravel e maravilhosa conferencia, — "A Unidade da Patria", — que foi o canto do cygne com que esse glorioso filho de Minas se despediu da terra de seu amor e de seu orgulho, antes de enmudecer para sempre.

Cinco mezes depois, a 19 de fevereiro de 1916, deu-se a catastrophe dolorosa de seu fallecimento, em Barcelona... Causa singular! Todas as vezes que, no silencio de minh'alma e na saudade de meu coração, evoco a figura esculptural de Affonso Arinos, nunca o vejo morto, mas bem vivo, mas vigoroso, mas vibrante, como nos bons tempos de nossa mocidade, tal como o viu Bilac, certa vez, num sonho fugaz, ao cabo de um passeio

pela rua da Agua Limpa, em Ouro Preto, isto é, como um fidalgo reinol, dos que dançavam o minuête na côrte do Conde de Assumar, ou, então, como elle o descreveu, de certa vez a saber, — alto, robusto, elegante, de uma estatura e um ar de gigante amavel, em que se alliavam a energia e a graça, guardando no olhar e na alma o nosso céu e o nosso sol, conservando, sob a polidez de suas maneiras de fidalgo, o andar firme, um pouco pesado, o geito reservado, um pouco timido, o falar comedido, um pouco hesitante, de um sertanejo forte, andeiro e cavalheiro, caçador e pioneiro, simples e ousado.

§ 13.º

Depois de propaganda tenaz, continua e ardorosa, em que se empenhavam, pro e contra, talentos vigorosos, pennas amestradas e oradores eloquentes, — o Congresso Mineiro, reunido em Barbacena, em sessão extraordinaria, promulgou, a 17 de dezembro de 1893, a lei n.º 3, addicional á Constituição do Estado, determinando a mudança da capital de Minas Geraes para a localidade — Bello Horizonte, no prazo maximo de quatro annos.

A 7 de setembro de 1895, com grande solemnidade, lançaram-se, na futura capital do Estado, as primeiras pedras para a construcção dos palacios do Governo, do Congresso e da Secretaria do Interior.

Começa, na primeira dessas datas, e accentúa-se na segunda, o declínio de Ouro Preto. . .

E foi uma grande pena, pois foi naquelle cadinho que, através de luctas, de revezes, de soffrimentos e de triumphos, se depurou o tijo character mineiro.

Ouro Preto! Que mundo de evocações despertam esses dois vocabulos! . . .

Póde applicar-se a essa cidade mineira a phrase do poeta da Gallia devastada, o qual, falando de seus bel-

los campos deformados por guerras prolongadas, exclamou: . . . "quãa grata minus, tam miseranda magis" — quanto mais tristes, mais direito elles têm ao nosso amor!

Orçamos o que, em notavel resumo da historia da velha capital, escreveu o operoso auctor das "Ephemérides Mineiras":

"Durante dous seculs quasi, foi Ouro Preto a séde do governo mineiro, — na Capitania sob o regimen régio absoluto; na Provincia, com a organização monarchico-constitucional representativa; no Estado-autonomo, constituido consoantemente ao vigente systema republicano federativo.

No decurso desse longo periodo, — quantas vicissitudes de opulencia e decadencia em sua vida! quantos acontecimentos memoraveis em seus annos! quantas paginas sublimes, patrioticas ou commoventes, escriptas por seus poetas, por seus estadistas, ou com o sangue de seus heroes! Sua historia, — que alguém, no futuro, architectará com a lição severa dos archivos e os documentos tradicionaes que lhe vêm do passado, entre louros, — é a mesma historia de Minas Geraes. Nascem no seu solo o proprio nome de nossa terra, consagrado pelo tempo e que ha de perpetuar-se aavez das edades: — o herço politico do povo mineiro foi o primitivo *arraial das minas-geraes de Ouro Preto*, nucleo, dia a dia crescente, de sertanistas Intrepidos e exploradores ousados, a quem a auriçidia e o genio emprebendedor davam energias quasi sobre-humanas em commettimentos espantosos, ainda hoje attestados nesse solo, aquil, alli, por toda a parte, talhado, revolto, cavado até profundezas immensas, em esforços herculeos, transmittindo as mesmas ruínas a lembrança secular daquella geração assombrosamente arroçada e forte.

Em pouco, — doze annos apenas, o *arraial das minas-geraes de Ouro Preto* transformava-se em *Villa Rica*, torn da, logo depois, o maior centro de trabalho e de riqueza de todo o Brasil — colonia, mais conhecida e fallada em Portugal do que o mesmo Rio de Janeiro, séde do vice-reinado na America Portuguesa; — *Villa Ri-*

ca, predestinada a scenario de luz nos primeiros e sublimes arrôjos, em anseio pela liberdade nacional, na grandiosa *Inconfidência*, inspirada pelo immortal *Tiracuntas*, commettimento que fulge como a pagina mais esplendorosa da historia brasileira, precedida de setenta annos pela tragedia de Felippe dos Santos, como *Tirudentes*, heroe e martyr tambem; — *Villa Rica*, predestinada a illustrar por sua *Escola Mineira* os annos de letras nacionaes com o periodo mais original e mais brilhante da poesia em terras de Santa Cruz, no conceito de historiadores e literatos eminentes; — *Villa* predestinada, ainda, a ter em Claudio Manoel um poeta illustre que lhe consagra-se um poema commemorativo de sua fundação, de sua passada grandezza e de suas tradições tao poeticas e tao formosas.

No primeiro meio seculo das explorações, o ouro de suas minas attingiu a sommas colossaes — uma maravilha de riquezas, que suscitaram, ao influxo potente da fé religiosa, a erecção, em grande numero, de templos monumentaes; que opulentaram, a breve trecho, os habitantes e a terra, e que deram ao reino e aos reis portuguezes recursos espantosos para os serviços do Estado, para o luxo da fidalguia privilegiada, para o apparato e o fausto escandalosos da Corte, para a reconstrucção de cidades arruinadas ou derrocadas na metropole viciosa, e ainda para as dissipações insensatas e loucuras do fanatismo devoto de D. João V.

Depois veio-lhe o chagardo a phase sombria da decadencia, agravada pelas extorsões do absolutismo desalmado, por via do fisco implacavel e cruel.

O desespero dos opprimidos inspirou-lhes, allim, a heroica tentativa de liberdade em 1789, tão sinistramente supplantada no patibulo, nas inasmorras e no desterro de seus protagonistas benemeritos.

Então fez-se completa a grande noite do despotismo nesta terra desventurada.

J. Norberto, o poeta dos "Cantos épicos", glorificando a *Cabeça do Martyr* decapitado a 21 de abril de 1792, vestiu brillantemente em dois versos apenas o renome incomparavel de *Villa Rica* na poesia e no heroismo de seus fillos:

“Areadia do Brasil, que soube afoita,
Cantar de um povo escravo a liberdade!”

Com a Independência Nacional, despontou para Villa Rica, logo qualificada — cidade de Ouro Preto, de seu nome primitivo — a aurora de novas esperanças, cimentadas pela confiança nos estadistas, juristas, escriptores e patriotas que tão illustres e numerosos aqui tiveram seu berço natalicio, glorificador da terra e das tradições mineiras.

Entre aspirações e adversidades foram correndo os annos, nas vicissitudes do periodo imperial, tantas vezes perturbado no paiz pelas lutas e paixões politicas. Todavia, conquanto lentamente, a cidade cresce e cresce a população, com o desenvolvimento do commercio, das lettras, das artes, da sociabilidade, com a multiplicação dos labores uteis, com a fundação de novos institutos e estabelecimentos administrativos, judicarios, litterarios, beneficentes e de ensino publico em todos os seus ramos e graus, tudo impulsionando o progresso e descartinando clarosmas a uma civilização mais adiantada, abrindo largas rotas para um estado social de mais brilho, de mais conforto e de vitalidade promissora.

Cessou quasi de subito esse progressivo alento com a decretação da transferencia da sede do governo estadual, consignada primeiramente na Constituição Mineira e pouco depois, com prazo taxativo e brevissimo, na lei n.º 3 adicional á mesma Constituição, lei cuja execução constituiu-se com aquella transferencia realizada a 12 de dezembro de 1897”.

Durante o periodo de maior intensidade da construcção da nova capital, publiquei, no ESTADO DE MINAS, a seguinte chronica :

“Ella que emerge, risonha e esplendida, do solo fecundado pelo trabalho, essa nova cidade, essa encantadora Minas,⁽¹⁾ futuro prazo dado de tudo quar-

(1) Nome primitivo da nova capital.

to de selecto em talento, em formosura e em riqueza houver espalhado por este immenso territorio mineiro.

Os que de lá vêm, desso magico *Bello Horizonte*, contam maravilhas do modo por que se vae transformando o humilde logarejo em cidade elegante, de ruas amplamente abertas e cheias de casas construidas com todo o apuro da architectura moderna. A doce quietude que, durante mais de um seculo, pairou somnolentemente sobre a ignorada e mursa aldeia que se chamou *Curral-d'El-Rei*, foi substituida pelo horborinto do formigueiro humano a se agitar esburfido e incensavel, eternamente irpelido pelo acrado aguilhão da necessidade.

Aos poucos, mas continuamente, como que ao toque miraculoso de uma vara magica invisivel, vae surgindo essa nova cidade, essa encantadora *Minas*.

Entretanto (doloroso contraste!), na mesma proporção em que a nova capital começa a pompar o seu esplendor, vae o Ouro Preto entrando em declive rapido, e, cansado, exaurido, vae-se mergulhando no coma pavoroso que precede a morte.

Ha uma pagina bellissima de Thomaz Ribeiro, na qual conta o poeta a historia de um velho castello desamurado, em cujas ruinas gastas brotou, tenaz e vigorosa, a hera, *filha do muro*. Prendendo uma raiz a cada canto, agitando uma vergonça entre cada fenda, enroscando-se em derredor de cada muro, convertendo os rebentões melindrosos em braços possantes, levantou as paredes que se achavam penduradas sobre o abysmo, amparou as barbacaas, apurou as torres desconjunctadas e com os nós intrincados das hastes entrelaçadas ligou pilares abutidos e meio desabados.

“E o castello hospitaleiro
já sem medo ao paroxismo,
vive, vê, verá sobranceiro

as profundezas do abysmo ;
 que a hera robustecida
 de lembrada e generosa,
 dá vida a quem lhe deu vida,
 força, a quem lhe deu vigor”.

Relendo esta pagina de uma ternura tão suggestiva, puz-me a considerar se ou ruina imminente que ameaça esta cidade, si nas sombras de abandono e solidão que já se vão accumulando sobre seus arruinados aleutis, restará á laizera algum alento na piedade e na lembrança de quantos aqui viveram, de quantos aqui amaram, de quantos aqui soffraram. E em meu espirito radiou-se a crença consoladora de que não se converterá em ermo silencioso e triste a velha cidade que, em tempos idos, foi a almenára que nos illuminou o caminho da liberdade”.

Não se despovoadrá de todo o antigo lar, onde aquelles que vieram antes de nós se aquereram ao novo solar, de cuja irradiação ainda vivemos.

Muito embora se erga, e sob os melhores auspícios, essa nova cidade, para onde se transportará o nucleo de nossa vida politica, será aqui o templo augusto onde nunca deixarão de celebrar-se os ritos immemoriaes da religião da saudade.

As doces recordações de um passado que será invocada a cada momento (porque não se abrem soluções de continuidade nas tradições de um povo), hão de amparar o velho Ouro Preto, impedindo-lhe a queda e despertando-o desse coma pavoroso que precede a morte.

Ainda que seja necessario que tudo morra para que tudo viva, tu não morrerás, porque passas a existir na saudade, e a saudade é eterna, como o disseram os conhecedores do coração humano.

§ 14.º

A 23 de outubro de 1897, por uma madrugada nevoenta e fria, parti de Ouro Preto, com minha família (ainda bem pequena, aliás: mulher e tres filhos) para Belo Horizonte, que ainda não estava inteiramente construida.

Experimentei grande emoção ao encontrar, á minha espera, na Estação de Ouro Preto, para se despedirem de mim, meus alumnos do Externato do Gymnasio Mineiro, um dos quaes me fez um discurso que me sensibilizou profundamente.

Com o coração transbordante de saudades e com a alma cheia de esperanças, deixei, nessa madrugada nevoenta e fria, a cidade hospitaleira e amiga, onde transcorreram os quatorze melhores annos de minha vida.

Quando se pôz em movimento o trem que me conduzia para novas terras e para vida nova, senti o trazo de immensa tristeza. É que, como o auctor de *Madame Bovary*, em relação á cidade onde elle passára a mocidade, eu podia, tambem, dizer, em relação a Ouro Preto: "Ah! j'ai y bien aimé, bien rêvé et bu pas mal de petits verres avec des gens maintenant morts".

CAPITULO VII

Em Bello Horizonte

(1897 - 1913)

SOMMARIO : § 1.º - Chegada a Bello Horizonte. — § 2.º - Deslumbramento. — § 3.º - Artigo de Gudesten Pires sobre Bello Horizonte. — § 4.º - Pharmacia "Aurelio Pres". — § 5.º - Fallecimento de meu pae. — § 6.º - José Braga. — § 7.º - Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia. — § 8.º - Visita a Ouro Preto. — § 9.º - MERTING a favor da fundação da Faculdade de Medicina. — § 10.º - Na Reitoria do Externato do Gymnasio Mineiro. — § 11.º - Escola Normal da Capital. — § 12.º - Orientação pedagogica — § 13.º - João Pischiro da Silva. — § 14.º - Mudança de Bello Horizonte para o Rio de Janeiro. — § 15.º - Lançamento da pedra fundamental do edificio da Faculdade de Medicina.

"Bello Horizonte é uma cidade de rara formosura, na sua forma de taça voltada para o céu, em sua vasta área é esperada a população que tem de vir e que, cedo ou tarde, ha de vir mesmo. Sente-se confusamente, mas sente-se, na expansão indelicta das cousas, que um grande futuro está reservado áquella cidade.

Professor GEORGE DUMAS, da Universidade parisiense da Sorbonne.

§ 1.º

Chegámos a Bello Horizonte no mesmo dia em que deixáramos o Ouro Preto (23 de outubro de 1897).

Chovia... A casa que me fôra doada, como professor do Gymnasio, estava inacabada, faltando-lhe as vi-

draças, as venezianas e a pintura; não obstante, ahí pernoitámos, em colchões humedecidos pela chuva, no trajecto da Estação a essa residencia; nem *bonds* nem carros de praça, que nos facilitassem a locomoção, de sorte que tivemos de palmilhar um lamaçal pegajoso e incommodo; não havia, ainda, luz electrica; nossa mobilia só chegou no dia seguinte; ainda não estavam abertas a mór parte das ruas que hoje se estendem da Praça Ruy Barbosa, onde está a Estação, ao Bairro dos Funcionarios, onde iam residir, de modo que a communicação entre aquelle bairro e o centro da cidade era feita em trilhas irregularmente abertas por entre a mattaria que ainda occupava grande área da cidade; as saudades, que nos acompanhavam, de cousas e de pessoas que haviamos deixado; o desconmodo da installação; a perspectiva do desconhecido, sempre amedrontadora para os corações timoratos, — tudo isto foi parte para que fôsse desfavoravel a primeira impressão, que colhemos, da nova cidade.

§ 2.º

No dia seguinte, porém, cessada a chuva da vespera, e havendo despontado um sol amigo e aquecedor, — quando, em companhia de meu filho mais velho, Gudesteu, sahimos, pela manhã, ao chegarmos, por atalhos sinuosos, á Praça da Liberdade, ainda completamente núa de arvores, de flores e de casas, á excepção dos quatro primeiros edificios publicos, que deslumbramento!..

Experimentámos o mesmo assombro que salteou a Olavo Bilac, quando aqui esteve pela primeira vez, em 1894, e que elle rememorou naquelle inspirado discurso, de 1916, *Aos Estudantes Mineiros*, nos seguintes termos:

“Na manhã seguinte ao da minha chegada a esta zona mineira, ha vinte e dous annos, subi no Acaba Mundo, por uma vereda agreste, que colleu-

va entre os caminhos de Lagôa Seca e Santa Cruz. Cheguei a mil metros de altura, e fiztei os olhos da paisagem barbara e magestosa. A um lado, empinava-se a montanha alcantilada, vestida de selvas. De outro lado, estendia-se o valle; e, depois do valle, outra serra, e outros valles sem conta, e outras serras sem numero, serras e serras azuladas, espumando em neblinas, como vagalhões de um oceano sem termo...

O infinito enclua os meus olhos, e entontecia-me. E comprehendí, então, a felicidade do epitheto geographic desta localidade".

§ 3.º

Creio que foi a sumptuosidade do espectaculo presenciado naquella nossa primeira manhã de Bello Horizonte, que, gravando-se-lhe na retina de menino de sete annos, inspirou, annos depois, áquelle meu filho, já adulto, a pagina que o mesmo publicou, em um jornal da época, e da qual transcreve aqui alguns trechos, pedindo aos que fõrem pacs perdoarem-me a vaidadezinba paterna:

".....
Bello Horizonte é uma cidade phantastica, com essa amplidão sem fim, com sua luminosidade gloriosa, que estonteia e offusca.

.....
As auroras e os crepusculos dão aqui ao céu tons indefiniveis de uma belleza grandiosa. Quando o sol se annuncia, velado ainda pela mancha escura da Serra da Piedade, toda a faixa do céu que fica para o nascente longinquo, se enrubesc, em um vermelho violento, de sangue vivo.

Pouco depois, o pincaro negro da Piedade destaca-se, em uma aureola refulgente: as montanhas cir-

cunvizinhas reflectem, nos seus reconvavos, esses primeiros raios alvigeiros que apagam as ultimas estrellas.

Vem, então, uma dessas manhãs gloriosas do Bello Horizonte: todo o immenso amphitheatro formado pelos montanhas que, ao longo, circundam a cidade, rebullia em um faiscamento estonteante, em uma incomparavel orgia de luz.

Si o espirito sonhador de Goethe tivesse conhecido o luar phantastico desta cidade, seu genio vibratil engendraria um poema de sonho, reunindo o sentimentalismo de *Werther* aos mysterios de *Pansto*.

Em sitios como este é que as religiões devem elevar os seus templos a celebrar os seus cultos. Aqui o espirito humano pôde elevar-se acima de si mesmo, p. de attingir nos dominios superiores do pensamento, pondo-se em contacto com a divindade.

Deante do esplendor da natureza, prodiga e fecunda a personalidade humana apega-se, confundindo-se com a totalidade dos seres. É por isso que os habitantes dos planaltos têm a melancolia indefinivel das nostalgias.

Eles não se podem subtrahir á obsessão da natureza que os rodeia, que os envolve, que se identifica com elles, que annulla a sua individualidade no concerto unanime de todas as vias, que pulsam em um mesmo rythmo.

Nós, os que vivemos presos no encantamento luminoso desta "cidade vergel", tornamo-nos pantheistas, adoradores da Natureza, de que somos uma parte o cujo dominio absorvente sentimos em nossas emoções, em nossa voz, em todos os nossos actos, nos mais intimos sentimentos que nos agitam.

Quando quedamos na admiração extatica de uma manhã de apothose, na contemp'ção silenciosa dos

crepusculos de belleza inexprimivel, quando sentimos, pela visão do céo estrellado, a vertigem do infinito, em todas essas attitudes de surpresa ou do enlevo, adoramos, em uma prece muda, a Natureza creadora, o universo desconhecido e obscuro de mysterios. . .”

§ 4.º

O que determinou minha vinda para Bello Horizonte, antes da mudança, para esta cidade, do Externato do Gymnasio Mineiro, de que eu era professor, foi o desejo que tinha, e que realizei, de estabelecer aqui uma pharmacia.

De facto, a 11 de novembro de 1897, inaugurei a Pharmacia “Aurelio Pires”, á rua Claudio Manoel, a qual mantive, com alternativas de lucros e de prejuizos, por espaço de seis annos, isto é, até outubro de 1903.

Naquella occasião, havia, em Bello Horizonte, apenas quatro pharmacias, a saber: a Pharmacia Abreu (a mais antiga de todas, á rua da Bahia, e que ainda existe); a Pharmacia Ribeiro, á mesma rua; a Pharmacia Seabra, á rua S. Paulo, e a Pharmacia Guilhermino, á rua Claudio Manoel. A minha, portanto, foi a quinta pharmacia aqui estabelecida. Medicos, havia os tres seguintes: drs. Cicero Ferreira, Salvador Pinto e Olyntho Meirelles.

Não me deixou saudades o exercicio da profissão pharmaceutica: o contacto diario com o soffrimento humano; a servidão moral a que se vive submettido; a parte commercial, sempre desagradavel pela materialidade da mesma; as ingratidões soffridas — tudo isto deixa na alma da gente o traço de uma grande angustia.

Em todo o caso, não me arrependo de haver sido pharmaceutico, pois diz-me a consciencia que contribui,

de alguma fórma, si não para curar padecimentos, ao menos para allivial-os e para consolar aos padecentes, de accôrdo com a bem conhecida phrase que define a triplíce missão da medicina; — “*Guérir quelquefois, soulager souvent, consoler toujours.*”

§ 5.º

Estando eu em Belo Horizonte ha menos de um anno, desabou sobre o meu lar um grande infortunio; falleceu aqui, a 27 de julho de 1898, meu pae que, já bastante doente, se transferira, havia poucos dias, para esta cidade.

Devo-lhe muito daquillo que hoje sou, pois foi meu primeiro professor e guia na vida. Recommendo a meus filhos o culto da memoria de seu avô, que foi um homem integro, de character firme e coração affectuoso.

Quando, pela ultima vez, contemplei sua face emaciada e soffredora, occorreram-me os seguintes versos da obra de Garrett, que elle mesmo me dera a ler, em vida :

“
 Eu não te verei mais, rugosa face
 Do venerando velho,
 Que da existencia na verêda ingreme
 As principas pisadas
 Me endireitou no trilho da justiça!
 Orphão de tal amigo,
 Terei de ir só avante, ondê é mais ardua,
 Mais difficil a estrada!

A proposito do fallecimento de meu pae, José Braga, sub-redactor do *Minas-Geraes*, publicou, nesse jornal, uma sentida chronica, da qual fazem parte os seguintes trechos.

“Mais um conterraneo distincto, respeitado e querido dos que o conheciam de perto, e idolatrado por numerosos entes que lhe eram caros, acaba de emprender a tenebrosa viagem com destino ás regiões mysteriosas do *undiscovered country*.

Refiro-me ao bordeso e honrado velho, desembargador Aurelio A. Pires de Figueiredo Camargo, contra quem a morte se arremessou, traiçoeira e rapida, prostrando-o de subito como si a impacientassem a serenidade de animo e a resignação de estoico, ou de catholico convicto, com que elle supportava os dolorosos soffrimentos que o affligiam de continuo, enchendo de negras apprehensões o espirito dos que o cercavam de constantes carinhos e cuidados.

Entretanto, a ninguem assaltára ainda o presentimento de que estivesse tão proximo o desenlace fatal, que, aliás, parece a adiado, em vista das melhoras que se accentuavam, tornando mais francas e frequentes as expansões a que costumava entregar-se o enfermo, dando largas a seu genio alegre e prazenteiro.

Levantando-se pela manhã, despreoccupado de idéas tristes, como de ordinario se apresentava, o illustre mineiro, a quem a Magistratura do Estado devia tantos e tão assignalados serviços, sentiu-se subitamente incommodado, e reclinando-se sobre o leito, ficou como que adormecido, as feições inalteradas, a fronte serena e calma, sem uma contracção que denunciasse o terror ou a angustia indefinivel da morte.

Immobilizára-o para sempre o assombroso phenomeno morbido que a sciencia designa sob a denominação de *syncope cardiaca*, vindo assim a morrer pelo coração quem, como o venerando patriarcha d'Os Maias, “tanto pelo coração vivêra”.

Quem escreve estas linhas não ignora os extremos de amor que elle votava a seus dignos filhos que lh'o retribuíram fartamente, illuminando-lhe de estas alegrias os dias tristonhos da velhice e proporcionando-lhe todo o conforto nas horas amargas do soffrimento.

....."

§ 6.º

José Braga, auctor dos trechos supra, fôra redactor e um dos proprietarios de folha sexagenaria — O PIAU-ROZ, de Juiz de Fôra, no longinquo periodo de 1890 — 1892.

Os da geração que assistiram aos primordios da vida republicana no Brasil, conservam ainda profundamente gravada na retentiva aquella figura erecta, elevada, de pensativa fronte nazarena, emmoldurada por negra cabelleira revolta, e banhada pelos tons doridos de algo de soffredor.

Apezar da precariedade de sua saude, eivada, desde cedo, pela cruel molestia que o matou ainda moço, José Braga desdobrava uma energia pasmosa, pensando, lendo, estudando, escrevendo, trabalhando.

Redactor do O PIANGI, naquella pbase febril de luctas intensas que caracterisaram os primeiros tempos da implantação e da organização do regimen republicano entre nós; sub-redactor do *Minas-Geraes*, de 1894 a 1898, o mallogrado jornalista mineiro escrevia, com talento, com graça e com criterio, o artigo doutrinario, o noticiario ligeiro, a chronica magnifica, o *suelto* esfusante, a critica literaria

De seu precioso espolio literario, além dos trabalhos jornalisticos que ficaram, esparsos, nas collecções dos jornaes que redigiu e em que collaborou, fazem parte dous

romances recebidos com merecidos elogios pela critica da época: *Historia Intima* (1895) e a *A Catastrophe* (1897).

§ 7.º

A 1.º de outubro de 1899, fundou-se, nesta capital, uma Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia, a respeito da qual publiquei, em um jornal da época, a 9 de setembro de 1919 (vinte annos depois) a seguinte chronica, que reproduzo aqui, pelo interesse historico que encerra :

"No dia primeiro de outubro do anno de mil oitocentos e noventa e nove, á uma hora da tarde, em uma das salas do *Grande Hotel* da cidade de Minas, (1) reuniram-se os srs. Drs. Olyntho Meirelles, Salvador Pinto, Cicero Ferroira, João Pinheiro de Campos e os pharmaceuticos Guilhermino da Nascimento, D. Maria das Neves, Theodoro de Abreu e Aurelio Pires, para o fim de fundarem uma sociedade tendente a promover os interesses das respectivas classes".

São essas as primeiras palavras da primeira acta da primeira sessão, da *Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia*, fundada na ex-cidade de Minas (hoje Bello Horizonte), ha vinte annos passados.

Na segunda sessão, realizada a oito do mesmo mez e anno, compareceram mais os medicos José Spinelli, José Pedro Diamond e Virgilio Bluring, e os pharmaceuticos Luiz Gomes Ribeiro, Boaventura Rodrigues da Costa, Theophilo Lage, Giacomo Cavuoti e Antonio Cesario de Lima.

De janeiro de 1900 a 1.º de agosto de 1902 (data da ultima sessão realizada, que foi a 27.ª), entraram para a mesma *Sociedade* os seguintes profissionais :

(1) Nome primitivo da nova capital.

Benjamin Moss, João de Miranda Lima, Gonçalves Ferreira, José Serrano, Joaquim Sepulveda o Cornelio Vaz de Mello (medicos); Francisco Bhering, José Furtado de Mendonça e Francisco Jacob (pharmaceuticos); Austen Drummond, Nicolau Martins Esteves e João Alves (cirurgiões-dentistas).

Reproduzo fielmente estes dados estatísticos, extrahidos com maximo rigor do livro de actas da referida *Sociedade*, que tenho em meu poder, para verificar-se quão limitado era, em nossa Capital, até ha dezoete annos passados, o numero daquelles que se dedicavam ao exercicio da humanitaria arte de curar.

Vinte e oito, no todo (13 medicos, 12 pharmaceuticos e 3 cirurgiões-dentistas), pois todos elles, creio, se inscreveram como socios dessa primeira aggreminção scientifica, aqui organizada.

Hoje, qualquer dessas tres classes sobrepuja, em numero, o total das mesmas, existente aqui, no anno, não muito remoto, de 1902.

Dahi pôde inferir-se a celeridade do augmento da população da Capital mineira, a qual mantém, actualmente, um corpo medico-pharmaco-odontologico que erga, approximadamente, em uma centena, ou seja o triplo, pouco mais ou menos, do que existia áquella data.

Não é, entretanto, como simples elemento de estatistica que trago, hoje, á baila aquella proveitosa e util instituição, da qual tive a honra de ser o primeiro secretario, e em cujo seio se versaram interessantissimos assumptos relativos á hygiene, á cirurgia, á clinica medica e á pharmacia.

Ao desaparecer, depois de urna existencia de quasi tres annos, arrastada no escoamento universal das corras, que constitue o mais doloroso dos males da vida, — a *Sociedade de Medicina, Cirurgia e Phar-*

macia deixou, todavia, em germinação, uma idéa grandiosa, que, nove annos depois, desabrochou em esplendida flor de civilização.

Refiro-me á fundação de nossa actual *Faculdade de Medicina*.

Foram os membros dessa instituição, Drs. José Pedro Drummond, Salvador Pinto, Olyntho Meirelles, Cicero Ferreira, Virgínio Bhering e Benjamin Moss, que, em reunião particular, effectuada a 2 de julho de 1902, pela primeira vez, nesta capital, ventilaram a idéa da criação, aqui, de uma Faculdade que ministrasse o ensino medico.

A 15 desse mesmo mez, tal plano foi largamente debatido na *Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia*, a qual se collocou, então, á frente desse generoso movimento que, só nove annos mais tarde, como disse, se traduziu em realidade.

A 5 de março de 1911, um outro instituto scientifico, aqui fundado, a *Associação Medico-Cirurgica de Minas*, creou definitivamente a *Faculdade de Medicina de Belo Horizonte*, cujas aulas se abriram a 8 de abril de 1912.

O que tem sido esse instituto de ensino superior — crystallização de velhas aspirações do povo mineiro, expoente de seu espirito de iniciativa, resultante de esforços diuturnos de muitas gerações, muitos de cujos representantes não lograram vê-lo, por lhes haver a morte fechado os olhos; o que tem sido a *Faculdade de Medicina de Belo Horizonte*, dizem-n'o, *ore rotundo*, as duas luzidas turmas de medicos e as cinco grupus turmas de pharmaceuticos, que salidas de seu seio, já se espalharam pela vastidão do territorio nacional, *ad civis servandos...*"

§ 8.º

Em fevereiro de 1902, por ocasião do anniversario da morte de minha mãe, fui a Ouro Preto, em visita ao tumulo da mesma.

A impressão que me deixou tal visita, registrei-a em chronica que aqui reproduzo :

“Um dever piedoso, — a visita a um tumulo de um ante querido, cujo desaparecimento ha dez annos deploro, — levou-me, a semana passada, á velha capital mineira, da qual, ha bem tempo, me ausentei, com o coração oppresso neta magua funda que punge a quem deixa, talvez para sempre, o logar onde lhe transeorreu, descuídosa e feliz, a vida de moço.

Em fins de 1897, quando a fôrça incoercível dos factes consummados nos impelliu, a mim e a tantos outros, a levarmos alhures os nossos penates, deixando apagados os velhos lares onde nos aquecemos no doce calor de tradições que eram o nosso orgulho e de esperanças que eram o nosso enlevo — em fins de 1897 agitava-se o Ouro Preto na azáfama da mudança da séde do governo. Um a arteillar ininterrupto de caixões que se pregavam; um talar ensurdecedor de carroções que se moviam a custo pelas ruas ladeantes, peçados de moveis engrandados: a plataforma da Estação atulhada de burruangas de velhos archivos; o vozer confuso de *carregadores* e *carroceiros*; despedidas feitas ás pressas em plena rua; o atropello de continuos embarques, — tudo isto comunicava movimento e vida á cidade, que se ia, dest'arte, despojando de seus filhos directos e daqueles que v'vinha á sombra anuga da sua hosp'italidade carinhosa, no seio dessas magestosas muralhas graniticas.

Agora, porém, quatro annos depois, quando os rebates da saudade me chamaram de novo áquelles sitios inolvidandos, que nunca mais se me apagaram da retina, que differença desoladora!

A' hora meridiana, em que meus cansados pés pousavam no claro pavimento da *Estação*, um silencio vasto e uma vasta tristeza envolviam a cidade, outr' ora tão cheia do borborinho da vida, tão palpitante do estuar do trabalho. Lá em cima, na alpestre grimpá que domina a cidade, a *Egreja de S. Francisco de Paula*, branca como a innocencia e firme como a fé, levantava ainda para as alturas suas brancas torres, como braços que se abrem para o cahir. Cá em baixo, porém, nas ruas caladas, onde raros transeuntes se cruzavam, tediosos e cabisbaixos, se me deparavam, a cada passo, signaes visiveis de abandono e desleixo que conduzem á ruína.

Subito, uma nota sonora e prolongada se espallhou pelo ar dormente, despertando ecos apagados de tempos já idos. Era a voz potente e magestosa do grande sino da *Egreja do Carmo*, que vibrava sollemnemente, desferindo, de sua boca de bronze, esse grito suggestivo que convida as almas a se ovolarem para essas regiões mysteriosas e descejaças, até as quaes não chega a acção destruidora do tempo e da morte.

Esse grito, penetrando-me o espirito, varreu, como uma lufada rija, as brumas das recordações em que me acabava mergulhado, e me convidou a cumprir a tarefa dolorosa que conduziu meus passos á velha capital mineira.

Dirigi-me, pois, ao pequeno cemiterio contiguo a essa egreja, na qual tantas gerações se têm guardado da eterna dôr da vida.

Renuncio a descrever a emoção com que penetrei naquella estreito recinto que offereceu o derradeiro leito áquella cuja sombra bemfazeja ainda me illumina as verdades tenebrosas da existencia.

Cumprido esse dever sagrado de amor filial, fui revér, ainda uma vez, outros sitios saudosos aos quaes se prendem reminiscencias de tempos que se foram, e onde se acham esparsos, aqui e alli, fragmentos rôtos e quasi apagados, das paginas mais formosas do livro de minhas illusões.

No dia seguinte, por uma nevoenta e aspera madrugada, com o espirito pevoado pelas sombras do passado, e com o coração alanceado pela mesma saudade amarga, com que, ha quatro annos passados, trilhei aquellas mesmas ruas, em demanda do nova morada — retomei o caminho da *Estação*.

O mesmo vasto silencio da vespera e uma tristeza mais fonda reinavam por toda a parte.

Quando, porém, o silvo da locomotiva deu signal de partida, uma estrella solitaria scintillou nas alturas, varando, a custo, a espessa camada de brumas que envolviam o espaço. E á minha alma combatida e predisposta a coisas mysteriosas, pareceu que aquella luz solitaria que rebrilhava lá em cima, era o espirito bemfazejo de minha mãe que baixava a mim, communicando-me alento para regressar á vida e á dor..."

§ 9.º

Realizou-se, em Belo Horizonte, a 10 de julho de 1902, um *meeting* concorridissimo, a fim de expôr-se aos poderes publicos a necessidade de fundação de uma Escola de Medicina, na mesma cidade.

Pronunciei, nessa reunião, o discurso que se segue, o qual sabiu publicarlo no *Commercio de Minas*, do dia 13 daquelle mez, como se vê da transcripção abaixo :

FACULDADE DE MEDICINA

Publicamos hoje, na integra, o discurso pro-nunciado pelo illustre professor Aurelio Pires, na manifestação popular em favor da criação da Faculdade Livre de Medicina, o qual foi stenographado pelo academico Salomão de Vasconcellos :

O SR. AURELIO PIRES: — Meus senhores ! Bem poucas vezes uma reunião publica tem-se revestido de caracter tão eloquente como a que hoje se realiza. Quando a alma popular vibra tão intensamente, é que a idéa que a impelle é elevada e concretiza nas aspirações da collectividade.

O sentimento que ora nos inspira e a cujo influxo obedecemos com enthusiasmo tão sincero e tão geral, é da ordem daquelles que avassallam as consciencias, conquistam os corações, arrebatam os espiritos, destroem as resistencias, superam os obstaculos, para, afinal, pompear: as glorias do seu triumpho no sol rútilo e purissimo das causas vencedoras (*Muito bem !*)

Senhores ! Desde longa data, a patria mineira acentua uma aspiração sublime: — a de fechar o circulo dentro do qual se encerram os grandes problemas do saber humano. Uma longa solução de continuidade tem, até hoje, impedido que se approximem as extremidades da grandissima curva que circumscreve a vasta zona luminosa, á conquista da qual os espiritos se atiram, sedentos e vorazes, no afan de quem padeco fome e sede de verdade.

Para satisfazerem, em parte, a essa dupla necessidade incoercivel, multissimos dos nossos patrios têm corrido a regiões inhospitas e ingratas; e dezenas — que digo eu? — e centenas d'elles lá têm fiendo, devorados pelo Minotauro terrivel, cujo ha-

lito pestífero nos tem crestado tantas esperanças em flôr, cujos pés impiedosos têm esmagado talentos tão robustos, promessas tão bem fundadas ! (*Muito bem !*)

É tempo de erguermos bem alto o nosso grito de angustia ; de atroarmos, com o rumor das grandes aguas, todo este vasto territorio mineiro. É que este grito repercute por todas estas quebradas, e que esses clamores abalem todos os corações, dizendo-lhes, em nome dos que se foram e em nome dos que hão de vir, a grande, a inadiável, a imperiosa necessidade que sentimos de uma Faculdade de Medicina em nosso Estado (*Muito bem !*)

Sim ! devemos e podemos tel-a (*apoiados*), e havemos de tel-a. (*Apoiados*). Invernos de tel-a, porque a idéa da sua criação já se radicou profundamente em todos os espiritos, já sabiu do dominio das concepções abstractas, já transbordou dos cerebros dos que a alentavam, e veio para a praça publica, porque ella é uma necessidade publica. (*Muito bem ! Palmes*).

Nem se diga, senhores, com uma modestia que seria irrisoria, si não fôra perfida, que nos faltam os elementos indispensaveis para a fundação da mesma. Nem se diga que não possuímos aqui campo bastante vasto onde se possa aprender "a sciencia que ensina a prolongar a vida, combatendo as molestias e protegendo a saude". Essa evasiva tem apenas servido para procrastinar a solução desse problema, que ha de ser resolvido, uma vez que nelle se concentrem esforços persistentes e vontade firme.

O povo mineiro, senhores, é generoso e patriota ; elle sempre tem sabido amparar as grandes iniciativas. Pois bem ; façamos mais um apello a essa generosidade nunca desmentida, a esse impulso do amor ao progresso ; dirijamo-nos ao nosso Estado, por meio de subscrições populares, e, em breve, se

erguerá, pomposo e magnifico, o templo da sciencia, para cuja construcção vamos todos trabalhar. (*Apoiados ; muito bem !*)

Senhores, o fallecido dr. Francisco de Castro, que foi e será sempre uma gloria da medicina brasileira (*apoiados*), disse, um dia, em uma das suas mais notaveis peças oratorias: 'O desenvolvimento das sciencias não conta maior tropêço que esse que lhe contrapõe o espirito rotineiro. Elle é a encarnação da inercia, a glorificação do marasmo, a apologia das aspirações retrogradadas, o symbolo da opposição á lucta cerebral na concurrencia moderna'.

Guiados por esse espirito tão lucido, reajamos tambem contra a rotina que nos enerva o espirito e atrophia nossos mais caros ideaes.

Vamos daqui, ligados todos pela solidariedade de uma necessidade comunum, animados do mesmo espirito e das mesmas esperanças, sollicitar, para a fundação da Faculdade de Medicina Mineira, o apoio de quantos possam patrocina-la com o prestigio de seu nome, com o poder de sua penna, com o valor de sua palavra.

E é tão segura a certeza que tenho de que todos esses esforços irão de germinar, florir e fructificar, que, desde já, vos convido a erguermos um viva, repassado de todo o enthusiasmo das convicções sinceras:

VIVA A AUTONOMIA INTELLECTUAL DO ESTADO DE MINAS GERAES!!

(*Muito bem ! Muito bem ! Vivas e estrepitosos applausos cobrem as ultimas palavras do orador, sendo este vivamente felicitado e abraçado por muitas pessoas do povo e medicos presentes*).

(Do COMMERCIO DE MINAS, de 13 de julho de 1902).

§ 10.º

A 16 de fevereiro de 1906, fui nomeado pelo presidente do Estado, dr. Francisco Antonio de Salles, reitor do Externato do Gymnasio e desempenhei essa commissão até 14 de janeiro seguinte.

Deixei esse cargo e o de professor de Portuguez daquelle instituto, por haver sido nomeado director e professor da Escola Normal de Bello Horizonte, como se verá adiante.

Como desempenhei as funcções que me foram confiadas no Gymnasio, dil-o a noticia seguinte :

EXTERNATO DO GYMNASIO MINEIRO

Conforme foi annuciado, realizou-se hontem a sessão de congregação dos lentes desse instituto. Seu fim principal era a eleição das commissões examinadoras, que devem funcionar na presente epoca de exames; mas a sessão, a que compareceram quasi todos os lentes, revestiu-se de desusada solemnidade, visto que o reitor ia se despedir de seus collegas por ter tomado posse de director e lente da Escola Normal. De facto, o discurso proferido pelo sr. Aurelio Pires, despedindo-se de seus collegas e do Externato, onde por espaço de 16 annos, isto é, desde a sua fundação, cumpriu, com rigorosa assiduidade, criterio e competencia, todas as funcções, que lhe foram confiadas, foi cheio de saudades e affeições sineeras.

O sr. dr. Rodolpho Jacob, incumbido pelos seus collegas, depois de falar lougamente sobre os raras dotes de espirito, illustração e provada competencia do lente de portuguez e ex-reitor do Externato, leu a seguinte moção :

“Propomos que, na acta dos trabalhos da congregação do hoje, seja consignado o grande pesar de que se acham possuídos os lentes e professores deste estabelecimento pela retirada do seu reitor, e que somente pôde ser suavizado pela nossa persuasão de que esse illustre collega irá prestar, em posto de igual responsabilidade, os mesmos serviços dedicados, que sempre prestou a este Gynnasio. O nosso pesar augmenta ainda quando pensamos que não parte sómente o chefe integro e exacto no cumprimento de deveres, mas o collega lhano e cortez e o amigo affectuoso e fiel.

Bello Horizonte, 15 de janeiro de 1907. (Assignados). — Rodolpho Jacob, Benjamin Flores, F. Mendes Pimentel, Joaquim Francisco de Paula, Gabriel Corrêa Rabello, dr. Virgínio Bæring, Boaventura da Costa, Francisco Amedée Perét, Afranio de Mello Franco, F. de Jaeger, Neutel Brant”.

O sr. Aurelio Pires, depois de agradecer commovidissimo, pediu permissão para se retirar, convidando o vice-reitor, sr. Amedée Perét a assumir a presidencia. Este pondo a moção a votos, declarou ter sido ella unanimemente approvada.

O sr. dr. Mendes Pimentel propoz que fosse tirada uma copia desse documento, afim de ser offercida á exma. sra. d. Maria Olyntia de Sá Pires, virtuosa esposa do seu illustre collega, por uma commissão encarregada de acompanhal-o até a sua residencia. Satisfeito esse pedido, a Congregação resolveu ir collectivamente acompanhal-o, sendo o secretario do Externato portador da justa e merecida moção.

O lente de mechanica e astronomia e substituto de geometria, dr. Dominguez Rodrigues Vieira, conforme participou em officio, não pode comparecer á sessão por motivos de incommodos de saude.

(De MINAS GERAES, de 16 de janeiro de 1907).

§ 11.º

O Dr. João Pinheiro da Silva que, ao assumir o governo de Minas, a 7 de setembro de 1906, trouxe um vasto programma de renovação de costumes politicos, de costumes sociais e de costumes pedagogicos; o dr. João Pinheiro, pouco mais de tres mezes depois de empunhar o timão do Estado, creou, por decreto n.º 1.963, de 16 de dezembro de 1906, a Escola Normal da Capital, filha primogenita de sua administração, que se iniciava de modo tão novo e tão desusado.

A 29 daquelle mez e anno, tive a surpresa desvanecedora de ser nomeado por elle, director daquella Escola, recentemente creada, e seu professor de Geographia, Historia e Educação moral e civica. Senti-me altamente honrado com a escolha, porque, si a amizade de João Pinheiro, por si só, já nobilitava a quem a possuia, a sua confiança era um brazão para quem a merecia.

A Escola Normal da Capital, hoje chamada Escola Normal Modelo, tinha um curso de tres annos, e seus primeiros professores nomeados por decreto de 29 de dezembro de 1906, foram os seguintes :

- 1.ª cadeira (portuguez e francez) — Arthur Joviano ;
- 2.ª cadeira (arithmetic, geographia e escripturação mercantil) — Egydio Soares ;
- 3.ª cadeira (geographia, historia, educação moral e civica) — Aurelio Pires ;
- 4.ª cadeira (noções geraes de physica, chimica, historia natural e hygiene) — Francisco de Paula de Magalhães Gomes ;
- 5.ª cadeira (musica) — d. Branca Thereza de Carvalho Vasconcellos ;
- 6.ª cadeira (desenho) Antonio Corrêa e Castro ;
Costura e trabalhos de agulha — D. Cecilia de Santa Cecilia.

Funcionou, durante os annos de 1907 e 1908, em um predio de aluguel, sito á rua Tymbiras n.º 1.505, entre a Avenida João Pinheiro e a rua da Bahia. Em fevereiro de 1909, transferiu-se para o pavimento inferior do edificio da *Relação*, onde esteve funcioando o *Forum*, o qual, logo depois, inteiramente occupado pela Escola, tem sido augmentado por mais de uma vez, e, hoje, integralmente modificado e ampliado, constitue um dos mais vistosos palacios da cidade.

No primeiro anno de seu funcionamento (1907), teve a Escola Normal a matricula de 110 alumnas.

A primeira turma de normalistas que receberam o respectivo grau, em sessão solemne, realizada a 23 de janeiro de 1909, foi constituida das seis seguintes moças: Alice de Assis Tavares, Antonia de Oliveira Andrade, Berenice Vianna Martins, Judith Ferreira, Maria da Conceição Lima e Maria Emilia da Fonseca Pontes.

No anno actual (1931), em que a nossa Escola Normal completará seus floridos vinte e cinco annos de existencia, depois de haver começado a funcionar em uma casa de aluguel, e possuidora hoje do palacio sumptuoso que merece — é justo que a actual geração de normalistas, como o fizeram as gerações anteriores, estenda suas mãos carregadas de benções para o tumulo solitario do sagrado cemiterio de Caeté, onde repousam as cinzas do varão insigne que foi o fundador de tão fecundo viveiro de professoras.

§ 12.º

A 30 de junho de 1907, ao inaugurar-se um gremio literario fundado pelas alumnas da Escola Normal — fiz, a pedido das mesmas, uma conferencia a que dei o titulo — *Missão do professorado no seio da sociedade*.

A proposito de tal conferencia, como, anteriormente, a proposito do programma que formulei para o meu

curso de historia, fui atacado, em certa imprensa, pela orientação; imprimida no ensino normal.

Mezes depois, por occasião de uma data intima, minhas alumnas me deram a honra de ir, incorporadas, á minha casa, afim de me affirmarem seu apreço e sua estima. Prevalecendo-me do ensejo, produzi a defesa de meu procedimento, como orientador de sua educação pedagogica, no seguinte discurso :

“Minhas senhoras,

Desta vez, vossa generosidade vos illudiu . . .

Nem eu sou o que de mim pensaes, nem possuo os prealendos que a magnanimidade do coração de vossa talentosa oradora me attribuiu.

Sou, apenas, um homem bem intencionado, que se esforça por bem cumprir os deveres que lhe são impostos. Nada mais. . .

Em um momento de minha vida, vi-me, inopinadamente, investido de funções que repato tão altas, que já mais ousei collocar nelas a msta. de minhas aspirações.

Um governo liberal e novo, que trazia como lema de sua bandeira a educação do povo sob novos moldes e debaixo de nova orientação, julgou-me digno de collaborar nessa grande obra meritoria e bella. A mim, me foi distribuida a tarefa, tanto mais honrosa, quanto mais delicada, de encaminhar a educação daquellas que serão amanhã as educadoras do povo.

Já agora, confesso que, no primeiro momento, me senti atordado com o honroso convite que o meu illustre amigo, e digno sr. Secretario do Interior, teve a bondade de dirigir me, em nome do sr. presidente do Estado : julguei a tarefa onerosa demais para hombros tão frageis. Custou-me algumas vigílias a accitação de tal cargo. Mas, desde o primeiro dia em que

me puz em actividade para a organização do nossa Escola, senti-me tão fortemente amparado pelos poderes do Estado e pela confiança publica; vi-me cercado de auxiliares tão dedicados e tão preveetos; vieram a meu encontro elementos tão preciosos; obriguei no semblante de todas vós, que vinheis fazer aqui vossas inscripções, um augeio tão sincero e tão ardente, de aprender, — que todas as difficuldades se aplainaram, como por encanto, e, graças á acção conjuncta e energica de todos esses valiosos elementos, a Escola Normal da Capital, em um anno, apenas, de funcionamento, é o que todos nós estamos vendo: um instituto de ensino que honra o nosso Estado, pela solidez de seus processos de ensino, pela assiduidade de professores e alumnas, pelo brilho de seus exames e pela austeridade de seus julgamentos. Póssô, desvanecido, proclama-lo neste instante, sem falsa modestia, porque sou, apenas, o écho da opinião publica, e porque esse resultado auspicioso em nada é devido a mim, si não a todos vós, mestres e alumnas, pelo esforço e cultura dos primeiros, e pela intelligencia e capacidade de aprender, das segundas.

Ao vosso obscuro director, mihas senhoras, foi, um dia, atirada a pécha de perturbador de vossas consciencias. Disseram que eu vos pregava doutrinas subversivas que viriam crestar em vossas almas a flôr azul do ideal. Uma imprensa que me não comprehendia bem o pensamento, ou que o falseou propositadamente, chegou, mesmo, a affirmar que eu pretendia, sacrilegamente, riscar do vosso espirito a idéa de Deus.

Não, mihas senhoras. Não ha nada que eu respeite com mais veneração do que as convicções sinceras; longe de mim a idéa negregada de abafar uma só crença consoladora no espirito de quem quer que

seja, quanto mais no vosso, por cuja educação moral sou, em parte, responsável. Ninguém, mais do que eu, reconheço as excellencias do ideal christão, e ninguém proclama com mais ardor a necessidade do resurgimento do mesmo.

O que fiz, o que tenho feito, e continuarei a fazer, é o cumprimento de um dever de probidade profissional: o de procurar pôr-vos ao corrente dos problemas que agitam a alma moderna, afim de dissipar, em vossos espiritos, umas tantas chiméras metaphysicas que têm mantido a alma humana mergulhada na meia luz crepuscular, de onde não se pôde ter a visão nitida das cousas da vida.

Nossa Escola, pois, nunca será uma escola do atheismos. Nella poder-se-á invocar livremente o nome de Deus, mas do Deus das consciencias livres, do Deus de amor, do Deus de tolerancia, do Deus da bondade, que nos proporciona dons tão preciosos, como este que estou gosando no actual momento.

Minhas senhoras. Quando eu exercia o magisterio fôr da Escola Normal, mais de uma vez tive occasião de sentir palpitar, junto ao meu, corações juvenis, como o vosso; mais de uma vez, minha alma se inflammou ao contacto das almas sadias, das almas fortes, das almas ardentes dos moços.

Entretanto, a emoção da hora presente sobrevive, em intensidade, a quantas tenho experimentado em momentos identicos.

Ha, na manifestação com que me honraes, alguma cousa de grandioso e de inédito. Eu enxergo em vós a alma da patria mineira, que se levanta, de seu glorioso passado, para novas luctas e para novas largas conquistas. A vós será confiada, amanhã, a educação dos fillos do povo, aos quaes tereis de ensinar, não somente o que elles devem saber, mas,

tambem, o que devem pensar, o que devem querer, o que devem amar.

Considero-me immensamente feliz por fazer parte de um instituto donde partirão, em breve, as missionarias desse novo Evangelho.

Ao terminar, declaro-vos que me é sumamente grato e consolador, quando o sol de minha mocidade começa a arrefecer, sentir a alma docemente aquecida pelo doce calor de vossa bondade e de vosso affecto, e synthetise todos os sentimentos que me tumultuam no peito, dizendo-vos com o coração a transbordar de gratidão: Mil graças a todas e a cada uma de vós que me trouxestes, hoje, o conforto de vosso applauso e o viatico de vossa estima! . "

§ 13.º

A 25 de outubro de 1908, em meio, ainda, do periodo de seu governo, e era plena exuberancia de sua actividade enminoda, falleceu, aos quarenta e seis annos de idade, o grande estadista João Pinheiro da Silva.

Elle vinha apostolando o culto sincero da liberdade, as excellencias da paz, o amor da justiça, a conciliação dos partidos politicos, a pratica do bem e a tolerancia mutua.

Como estadista, um de seus biographos disse, com acerto e justiça, que João Pinheiro não foi sómente um remodelador de serviços; foi, essencialmente, com sua palavra convencedora e com a sinceridade de seu exemplo, um remodelador de habitos. Achou a rotina agricola e teve a gloria de testemunhar a feição progressiva que os processos mechanicos da lavoura e o ensino tecnico vão imprimindo á vontade e á iniciativa dos agricultores de seu Estado; achou a emulação das forças vitaes dos municipios accionada pela paixão subalterna do man-

do vão e poude vel-a orientada pelo estímulo fecundo do que consegue para a propria terra, no dominio das utilidades praticas, o beneficio maior; achou a revidação partidaria e deixou o convencimento politico no sentido rigoroso de construção.

Annunciou e procurou realizar a promissora mudança da nefasta e deprimente politica de pessoas pela util e nobilitante politica de cousas. Vivamente empenhado na reconstituição economica e financeira do Estado, esforçou-se por encaminhar as actividades para o terreno fecundo da agricultura e das industrias. Deu feição nova ao ensino primario, remodelando-o e desenvolvendo-o. Timbrou em elevar a justiça, tornando-a pratica, facil e barata, conforme sua propria expressão.

Eis porque a noticia de sua morte repercutiu por toda a vastidão do Brasil, como a de um desastre nacional.

Num largo descortino de estadista omni-vidente mostrou-nos como Minas, pela sua configuração geographica, está destinada a servir de mediador plastico entre as diversas zonas da Federação Brasileira. "As nossas fronteiras (são palavras suas), de toda parte ligando-nos ao Norte como ao Sul, a Este e a Oeste, não nos permitem nenhum isolamento, e os bons como os maus dias da Patria, como os de qualquer Estado irmão, actuam intensamente sobre o coração mineiro, capaz da reciprocidade da estima".

De diversos escriptos meus, em que prestei á sua memoria inolvidanda a oblatã de minha admiração agradecida, destaco o seguinte, publicado, ha dezeseite annos, no JORNAL DO COMMERCIO, do Rio, porque elle encerra dous documentos da lavra do saudoso estadista, de grande oportunidade, no momento actual.

Eil-o :

JOÃO PINHEIRO DA SILVA

Os mortos carecem momentaneamente ser despertados no recesso do túmulo, para que acordem por si na concorrência desigual que lhes fazem os vivos.

Estas palavras proferidas, ha dezseis annos, pelo mallogrado Professor Francisco de Castro, em relação a Torres Homem, o pontífice da medicina brasileira, têm pleno cabimento no dia de hoje, — data nefasta que relembra o desaparecimento, do scenario da vida, do eminente estadista mineiro e incomparavel administrador João Pinheiro da Silva.

Faz hoje cinco annos que a mão impiedosa da morte apagou para sempre aquella grande luz, enmudeceu aquella palavra poderosa, paralyzou aquelle coração magnanimo.

Entretanto, a estupefacção e o assombro que o desabar daquelle vulto magestoso produziu no espirito de seus patriotas ainda perduram, intensificados pela saudade immensa que cresce, dia a dia, no coração dos que o amavam.

E' que João Pinheiro, — conforme eu já tive occasião de dizer, — excedia em muito a craveira commum, podendo, sem hyperbole, ser considerado um desses grandes homens representativos que Carlyle comparou á fagulha que corta o espaço e baixa scintillando sobre a massa inerte e indifferente dos outros homens, inflammando-a e fazendo-a deflagrar a seu contacto incandescente, como se inflamma o detona, torcida do combustível, a materia comburente.

Amado profundamente a verdade, desde seus mais verdes annos, — a essa virtude excelsa consagrou todas as energias do sua alma peregrina, todos os impulsos de seu coração insubmisso.

Dotado de um espirito altamente liberal e de amplissima descortino, impugnou a intolerancia, sob qualquer fórma que se apresentasse, e propugnou a liberdade, fosse qual fosse a sua especie.

São dignos de leitura meditada e assidua, da parte de governantes e governados, esses dous documentos admiraveis, capacissimos, qualquer delles, de firmar a reputação de um administrador á altura da civilização actual, e nos quaes são proclamados com convicção communicativa e defendidos com grande largueza de vistas, os magnos principios de ampla liberdade espirital e de uma bem entendida liberdade profissional.

Destas mesmas columnas, por occasião do fallecimento de João Pinheiro, o JORNAL DO COMMERCIO divulgou as duas famosas peças, notaveis ambas no fundo e na fórma.

Motivou a primeira uma carta que o então Chefo de Policia do Estado de Minas e actual dignissimo Juiz de Direito da comarca de Bello Horizonte dirigio, em Setembro de 1907, a João Pinheiro, Presidente do mesmo Estado, consultando-lhe se uma companhia de um dos batalhões da Brigada Policial podia formar em continencia em frente á Igreja de Santa Epligenia, por occasião de uma festa religiosa.

A resposta dada, na singeleza de suas expressões e na elevação de seus conceitos, constitue um verdadeiro catecismo de tolerancia religiosa, que convém ser reproduzido, para que o leiam e embobem o seu espirito na luz purissima que delle emana, os moços de hoje, que, á época de sua publicação, ainda não tinham o espirito amadurecido para a reflexão.

Est-a :

"Illmo. e Exm. collega e amigo, Dr. Olavo do Andrade. — Em resposta á carta de V. Ex. de hoje, devo ponderar :

Nossa Constituição estabelece a separação da Igreja e do Estado e consagra a ampla liberdade espiritual, principio basico do dogma republicano.

A lei fundamental do regimen, em texto expresso, veda ao Presidente do Estado de Minas consentir que a Força Publica prestigie um culto, seja este embora o culto catholico, que é o da maioria do povo mineiro.

O pleno exercicio da liberdade espiritual não desprestigia nenhuma religião : assim o entenderam os legisladores constituintes, que elaboraram o pacto fundamental de 24 de Fevereiro. — elles mesmos também catholicos em sua maioria.

Entenderam, na conformidade do ideal republicano, que o prestigio e a força de um culto residem na convicção dos que o professam, devendo o seu proselytismo ser feito pelos meios pacificos e efficazes da intelligencia, livremente exercitos pela palavra e pela escripta e, principalmente, pelo exemplo de um procedimento moralizado, demonstrando, assim, a sinceridade do crente, em relação aos principios que professa.

Em nome da paz, os republicanos adoptaram o principio da inteira liberdade espiritual, eliminando a intolerancia religiosa e evitando, assim, a peor das lutas, oppressora das consciencias, sempre perigosa e, cedo ou tarde, odiosa para todos.

O argumento que se costuma invocar — o ser catholico a maioria do nosso povo, — não procede desde que o consideremos de um ponto de vista mais alto, na universalidade das nações christãs ou do mundo ateiro, sendo a liberdade espiritual a unica solução possivel.

Ha, com effeito, paizes em que o catholicismo constitue a maioria, e o nosso, felizmente, é um delles.

Outros ha, porém, em que os catholicos se acham em minoria e, em muitos, em fracção reduzidissima.

Parece, pois, justo que elles, que não são maioria em toda a parte, dêem e pratiquem a liberdade onde dominam, para que a possam reclamar e obter onde são dominados.

Não foi pelo prestigio da força e, muito menos, pelo amparo official que a propria religião catholica venceu, triumphando á perseguição dos Cesares.

Hoje, por maioria de razão, a sua fé e a sua força não devem depender do prestigio official, que é nenhum em materia de consciencia e de convicção.

E, demais, a função essencial da força armada, nos povos policiados, é a manutenção da ordem publica.

Ora na hypothese de um conflicto, a proposito de acto religioso, por motivo de crenças divergentes, não poderia ella, ligada a um dos cultos, cumprir o seu dever.

Traduzindo o pensamento republicano, a Constituição federal, em seu art. 72, paragrapho 7.º, determina :

— Nenhum culto ou igreja terá relações de dependencia ou alliança com o Governo da União ou dos Estados, — dispositivo este repetido na Constituição mineira, art. 3.º, paragrapho 3.º.

Ante a lei constitucional expressa, não pôde ser deferida a licença solicitada para que uma companhia de um dos batalhões da Brigada fórme em frente á capella de Santa Eplúgenia, por occasião da festa religiosa que alli se vae realizar.

Protestando a minha alta estima, sou de V. Ex., amigo obrigado e coliga — *João Pinheiro.*

Essa é, certamente, a genuína doutrina republicana, que recusa fazer da Igreja uma função do Estado e quer a emancipação recíproca dos dois poderes, a separação das duas jurisdições, a independência das duas autoridades.

Um dos espiritos mais luminosos da pleiade de publicistas brasileiros firmou, a esse respeito, a verdadeira e única interpretação aceitável, quando, numa estupenda visão de agonia, doutrinou que, se a magistratura da igreja inteiramente se resume em incansável milícia de propaganda espiritual, então, por amor do principio de liberdade implantado por Deus na rocha das consciências, deve abdicar toda e qualquer ligação temporal. Para estender a sua soberania até aos confins da vontade, ultimo termo da evolução mental, para subjugar os corações, ha de a religião exercer as suas forças subimes no terreno da pureza e da tolerancia, ha de respeitar a linguagem da razão, ainda nas suas hesitações, nas suas contradicções, nos seus desvarios. O espirito religioso logo deixa de o ser, desde que se desenvolve na escola da opinião official, no circulo das praxes administrativas, em nome e sob a custodia da lei civil, sera essa espontaneidade e naturalidade donde lhe vêm o poderio irrevocavel, o qu'ate divino.

A liberdade espiri tual não foi o unico dogma que João Pinheiro apostolou.

A liberdade profissional, tambem, teve nelle um de seus mais prestantes arautos.

Referindo-me á liberdade profissional, é bem de ver que não alludo á desbregada licença que o clero catanismo ousado e petulante, apoiado nessa mal comprehendida *Lei Organica do Ensino*, pretende invocar para empinar o collo intumescido de arrogancia e de insolencia.

A liberdade profissional pregada por João Pinheiro é a que se alicerça no *merito pessoal, affirmando-se na livre concorrência, accito, mas não imposto.*

Historicemos, porém, o caso:

O Congresso Legislativo Mineiro, em 1906, votou a lei n. 40, dispondo que, a partir de Julho desso anno, não seriam mais concedidas provisões de advogado, no Estado de Minas.

Ao espirito fundamentalmente republicano de João Pinheiro repugnou esse fechamento violento das portas da advocacia aos estudiosos que não tinham a seu favor a investidura academica.

E o seu protesto contra a descabida coacção, elle o vasou em um menoravel *seto* já publicado, ha cinco annos, nestas columnas, como *um dos mais formosos documentos de pureza inquebrantavel dos principios republicanos do genial administrador mineiro.*

Relaciono-o:

“O presente projecto de lei não consulta o bem publico.

O advogado provisionado, no mecanismo juridico, tem sua principal razão de ser no facto de não poderem todos os cidadãos ter sempre facilmente um homem formado para a defesa de seus direitos, e, nas comarcas — os pobres, ou longinquoas, — os direitos e deveres juridicos dos mais desafortunados tambem carecem do mesmo amparo da lei, o que os mais felizes obtêm nas outras.

As necessidades sociaes, pois, inmemorialmente crearam semelhante patrono. Ellas permanecem as mesmas, e a solução dada pelos usos e costumes é, por isso, *uti* e legitima.

Filho de iniciativa particular muito louvavel e do esforço proprio muito honrado o saber juridico dos não formados em direito tem ascendido até Lo-

ção ou Rebouças, e não se dirá que estes nomes tenham deslustrado as bellas letras juridicas.

O candidato a advogado provisionado, não tendo em seu favor a presumpção permanente da capacidade jurídica, é obrigado a exames, confiados pela lei vigente no mais alto tribunal da organização jurídica mineira, e, no que é possível prever-se, dentro da contingencia humana, ante tal tribunal fóra absurdo esperar ou temer máo resultado nos exames, fího da incapacidade ou pouca inteireza dos julgadores.

Menos providente quanto ás suas consequencias é a solução lembrada pelo projecto em questão, entregando o exame a multiplos tribunaes de nomeação do Governo, e, com tal processo, tornando possível a substituição das razões moraes pelas razões politicas da protecção não garantidoras do legitimo merecimento.

O projecto, além disto, é contra o espirito da lei constitucional em um dos seus dogmas sagrados para o principio republicano, — o da liberdade profissional.

Neste caso particular, o privilegio pretendido estabelece uma conexão que não tem por si razões naturaes, porque seria estabelecido em favor dos titulados que representam longos estudos preparatorios, cursos completos de academias, dirigidos por professores competentes contra os que nada disto têm em seu favor. Aos muito incompetentes sómente aproveitarin.

Accresce ainda que, pela lei vigente, os provisionados só podem funcionar quando no respectivo fóro os bachareis formados não attingem o numero julgado necessario pela Relação, todos os annos, em vista do movimento do mesmo fóro.

A lei constitucional estabelece, no artigo 26, paragrapho 1.º, que para ser Deputado ou Senador basta "estar na posse dos direitos de cidadão brasileiro e ser alistavel como eleitor".

De modo que nem uma condição legal mais, a não ser a de saber lêr e escrever estando no gozo dos direitos politicos, é exigida para a de todas, a mais alta função, — que é a de fazer a lei: as outras condições para a alta investidura estabelecem-as livremente a confiança publica.

Ora, sendo a applicação e defesa da lei, sem duvida alguma, mais facil do que a sua propria elaboração, restringir e difficultar a livre escolha dos patronos juridicos é offender esse preceito legal.

Em affirmação clara elle se nos depara no art. 72, paragrapho 24, quando a lei basica estatue ser "garantido o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial", estabelecendo assim um dogma republicano fundamental. Delle é i'ha a unica distincção natural da sociedade, que é a do merito pessoal, affirmando-se na livre concorrência, acceto, mas não imposto.

Com estes fundamentos, pois, nego a sancção ao projecto de lei. Palacio da Presidencia do Estado de Minas-Germes, em Belo Horizonte, 3 de Outubro de 1906. - - *João Pinheiro da Silva*".

Vê-se dahi como o grande estadista mineiro logrou penetrar na essencia daquelle preceito profundo, emanado da pena de um dos nossos mais disertos e mais reflectidos escriptores, segundo o qual cabe ao estadista crear leis, organizar instituições, produzir reformas opportunas; mas para que medrem as reformas, as instituições floresçã, e imperem as leis onde impera a razão, não bastam os mecanismos da acção official: a função do politico tem que fundirse no officio do philosopho, tem que manipular as

idéas geraes do momento historico, desenvolver tendencias, remodelar costumes, consolidar as estruturas moraes do paiz, actuar na vontade dos homens com o peso dos principios naturaes, a força irresistivel das cousas.

Esses dous documentos já de si bastavam para fornecer a medida da capacidade administrativa do eminente brasileiro extinto e para deixar vislumbra-rem a que cimos deveria elle ascender se a morte não viesse tão prematura e tão inopportunamente cortar o fio de uma existencia tão cara e tão rica em promessas.

Poder-se-ha avaliar a extensão de nossa perda, si se reflectir que João Pinheiro, além do mais, soube bem comprehender essa complexa tarefa de dirigir um Estado, definida, a 20 de Outubro de 1908, por seu biographo neste *Jornal*, isto é, procurou prover a tudo, cuidar do solo e do ensino, desenvolver a industria, moralizar os costumes e melhorar as finanças, esforçando-se com engenho por estabelecer um regimen salutar de trabalho, de produção, de economia, de ordem e de aperfeiçoamento.

E agora dizei-me si haverá para um povo dor maior do que a dor do perder um thesouro tão raro e tão precioso como esse.

Mas uma dor assim, — disse-o Francisco Sá, da tribuna do Senado Federal, — uma dor que se nutre dessas lembranças e que se alimenta desta saudade, não ha de ser uma dor estéril...

AGNELLO PIRES...

25 de Outubro de 1913.

(Do JORNAL DO COMMERCIO, do Rio de Janeiro, de 28 de Outubro de 1913).

§ 14.º

A 8 de setembro de 1910, fui nomeado pelo presidente da Republica, dr. Nilo Peçanha, director de Secção da Secretaria de Estado da Viação e Obras Publicas, com séde no Rio de Janeiro.

Como consequencia dessa nomeação, mudámo-nos de Bello Horizonte para o Rio de Janeiro a 21 de Setembro daquelle anno e lá permanecemos até 1.º de março de 1913, por haver-me aposentado naquelle cargo, a 14 de fevereiro anterior, contando-se, para isso, o tempo de serviço que prestei ao Estado de Minas.

§ 15.º

Estando eu, ainda, no Rio, reccebi a seguinte carta de meu grande e fallecido amigo dr. Cicero Ferreira :

"Bello Horizonte, 26 de julho de 1911.

Aurelio.

Affectuosas visitas.

Como você deve ter visto, pelas noticias dos jornaes, pretendemos lançar a pedra fundamental do edificio da Escola de Medicina no dia 30 deste, o ser-nos-ia bastante agradável que você viesse assistir á celebração solenne de um facto que foi sempre um dos seus mais queridos sonhos.

Venha se faz um esforço e venha.

Saudades nossas a todós os seus e um abraço

Do velho amigo

Cicero".

A minha resposta foi esta :

"Carissimo dr. Cicero.

Vae fazer agora treze annos que, por uma dessas nossas manhãs nostalgicas do setemorn, assisti ao lançamento da primeira pedra da Santa Casa de Misericórdia de Bello Horizonte, — cerimonia essa promovida pelo medico humanitario e emprehendedor que se chama Cicero Ferreira. A Santa Casa de nossa Capital é, hoje, um estabelecimento modelar, — motivo de desvanecimento para seu abnegado e modesto fundador, e attestado vivo das excellencias da caridosa alma mineira.

Amanhã (30 de julho), realiza-se o lançamento da pedra fundamental da Escola de Medicina de Bello Horizonte, tambem sob os auspícios do mesmo espirito organizador, sob o presidio da mesma alma energica e bõa, do bom amigo dr. Cicero. Que será a Escola de Medicina, d'amanhã a treze annos? Fecundo seminario de medicos educados na escola austera do dever, nutridos pelas sãs doutrinas e pelos fortes principios, que lhes vocularão, pela palavra e pelo exemplo, seu optimo director e seus zelosos professores, — animados todos, mestres e alumnos, do mesmo espirito de culto ardente á sciencia e de amor profundo ao proximo.

São estes, meu excellento amigo dr. Cicero, os votos, — estas são as previsões da quem, lastimando não poder corresponder á gentileza do seu generoso convite para tao grande festa, — abraça-o com emogão e affecto, felicita a seus illustres auxiliares, e congratula-se com o nosso Estado, pelo notavel acontecimento de amanhã.

Aurelio Pires.

Rio, 29 do julho de 1911".

As cartas acima referem-se ao notavel acontecimento, para os annos da cultura de Bello Horizonte, da fundação da respectiva Faculdade de Medicina, pela Associação Medico-Cirurgica de Minas, a 11 de março de 1911.

Ainda em Bello Horizonte

(1913 - 1930)

SUMARIO: § 1.º - Volta a Bello Horizonte. — § 2.º - Fundação da Faculdade de Medicina. — § 3.º - Nomeação para a cadeira de Toxicologia do curso pharmaceutico. — § 4.º - Transferencia para a cadeira de Pharmacologia do referido curso. — § 5.º - Cathedatico do Pharmacologia do curso medico. — § 6.º - Primeira turma de pharmaceuticos. — § 7.º - Primeira turma de Medicos. — § 8.º - Olavo Bilac. — § 9.º - Cicero Ferreira. — § 10.º - Antonio Olyntho dos Santos Pires. — § 11.º - No Archivo Publico Mineiro. — § 12.º - Fallecimento de d. Agostinha dos Santos Sá. — § 13.º - Creação da Universidade do Minas Geraes. — § 14.º - Regresso á barbaria.

Incipit vita nova
DANTE ALIGHIERI.

§ 1.º

Havendo eu obtido, em fevereiro de 1913, a minha aposentadoria no cargo federal que exercia no Rio, regresssei a Bello Horizonte em abril daquelle mesmo anno.

Durante os dous annos e meio de minha ausencia, a capital mineira desenvolveu-se prodigiosamente: sua população cresceu de modo consideravel e, como consequencia, as construcções augmentaram, parallelamente; os meios de transporte melhoraram muitissimo, havendo subido o numero de *bonds* e de automoveis, os cinemas e

as casas de diversões duplicaram ; o commercio adquiriu um surto assombroso ; triplicaram as casas de ensino, tanto publicas, como particulares, sendo nessa occasião que se fundou a Faculdade de Medicina de Bello Horizonte.

§ 2.º

Fundado, pois, esse instituto de ensino a 11 de março de 1911, como eu disse no capitulo anterior, foram es seus primeiros Estatutos approvados a 3 de maio do referido anno, sendo eleito director do mesmo o dr. Cicero Ferreira, Vice-Director o dr. Cornelio Vaz de Mello, e secretario-thesoureiro o dr. João Baptista de Freitas.

Essa directoria tomou posse a 25 de junho seguinte.

Os primeiros Estatutos da Faculdade trazem a assignatura dos seguintes medicos fundadores do instituto :

Dr. Cicero Ferreira. — Dr. Cornelio Vaz de Mello.
 Dr. Olyntho Meirelles. — Dr. Zoroastro Alvarenga.
 — Dr. Hugo Werneck. — Dr. Antonio Aleixo. — Dr. Eduardo Borges da Costa. — Dr. Samuel Libanio. — Dr. Alfredo Balena. — Dr. Octavio Machado, relator.

As nomeações dos primeiros professores foram as seguintes :

Cadeira de Anatomia medico-cirurgica, operações e aparelhos, — dr. Cornelio Vaz de Mello.

Cadeira de Hygiene, — Dr. Zoroastro Alvarenga.

Cadeira de Medicina legal, — dr. Cicero Ferreira.

Cadeira de Clinica Cirurgica, — dr. Eduardo Borges da Costa.

Cadeira de Clinica Medica, — dr. Alfredo Balena.

Cadeira de Gynecologia e Obstetricia, — dr. Hugo Werneck.

Cadeira de Clinica pediatrica, — dr. Octavio Machado.

Cadeira de Molestias nervosas, — dr. Samuel Libanio.

Cadeira de Clinica dermatologica e syphiligraphica, — dr. Antonio Aleixo.

Cadeira de Microbiologia, — dr. Ezequiel Dias.

Cadeira de Clinica de olhos, garganta, nariz e ouvidos, — dr. Honorato Alves.

Cadeira de Pharmacologia, — dr. Olyntho Meirelles.

A Faculdade, cujas aulas se abriram a 8 de abril de 1912, funcionou, a principio, provisoriamente, em um dos pavimentos do Palaeete Thibau, hoje Casa Guanabara, á Avenida Affonso Penna, esquina da rua Espirito Santo.

No primeiro anno de seu funcionamento, matricularam-se 113 alumnos, sendo 104 no curso medico, 6 no de pharmacia e 3 no de odontologia.

§ 3.º

A 25 de março de 1913, sob proposta dos professores Octavio Machado, Olyntho Meirelles e Eduardo Borges da Costa, fui nomeado, por unanimidade de votos da respectiva Congregação, professor de Toxicologia do curso de pharmacia anexo á Faculdade. Tomei posse dessa cadeira a 20 de abril do mesmo anno.

A 28 de abril do referido anno de 1913, fui convidado pelo respectivo director, para reger, interinamente, a cadeira de Pharmacologia daquelle curso de pharmacia, durante o impedimento do cathedratico dr. Olyntho Meirelles. Dei minha primeira aula de Pharmacologia a 30 de abril de 1913.

§ 4.º

A 11 de abril de 1915, fui transferido, da Cadeira de Toxicologia para a de Pharmacologia. Tomei posse dessa cadeira, que eu já regia, interinamente, a 3 de junho de 1915.

§ 5.º

A 31 de dezembro de 1916, por proposta assignada pelos professores Alfredo Balena, David Rabello, Pimenta Bueno, Antonio Alcixo, Borges da Costa, Francisco Magalhães, Olyntho Meirelles, Marques Lisboa e Hugo Werneck, fui nomeado professor Cathedrático de Pharmacologia do curso medico, e, a 14 de janeiro de 1917, tomei posse dessa Cadeira, na qual me tenho mantido, — interinamente, a principio, e effectivamente, depois, — por espaço de dezoito annos.

§ 6.º

A 10 de janeiro de 1915, receberam o respectivo grau as tres primeiras pharmaceuticas formadas pela Faculdade de Medicina, as quaes são as seguintes: Dhalia de Andrade Mello, Isabel Amador Alvarez da Silva e Maria José de Castro.

§ 7.º

A 24 de março de 1918, meu filho Olavo fez seu ultimo exame do curso medico da mesma Faculdade, fazendo parte da primeira turma de medicos formados por essa Faculdade, a qual foi composta dos dezenove seguintes ex-alumnos: Casemiro Laborne Tavares, Dario

Gonçalves de Souza, Francisco de Arêa Leão, Gumerindo do Couto e Silva, Honorico Nunes de Oliveira, Irineu Xavier Lisboa, João Affonso Moreira, José Argemiro de Moura, José Camillo de Castro Silva, Lincoln Nogueira Machado, Luiz Gonzaga de Moura, Luiz Orsini de Castro, Manuel Taurino do Carmo, Mario Del Giudice, Olavo de Sá Pires, Pedro Versiani dos Anjos, Plinio de Moraes, Rivadavia Versiani Murta de Gusmão e Soter Ramos do Couto.

§ 8.º

A 29 de dezembro de 1918, soffri uma grande abalo com a noticia do fallecimento, nesse dia, no Rio de Janeiro, do poeta excelso e insigne homem de letras, Olavo Bilac, a quem reputo um dos mestres de meu espirito, e pelo qual sentia uma estima fraternal.

Conheci-o em Ouro Preto, no anno de 1893, por occasião das tertúlias que se realizavam, nessa época, na casa gasalhosa do grande e inesquecido Affonso Arinos, cuja mão fidalga me approximou do mesmo.

Tinha Bilac, nesse tempo, vinte e oito annos, estando, portanto, em pleno fastigio da mocidade e a caminho da gloria, que já lhe acenava com seu sorriso divino e enganador.

Vinte e tres annos depois, em 1916, estivemos juntos, aqui, em Bello Horizonte, por occasião das conferencias que aqui veio fazer, sobre o escoteirismo em nome da *Liga de Defesa Nacional*. Foram noites athenienses, aquellas em que elle nos encantou com seus maravilhosos discursos sobre a missão que aqui o trouxe.

Dous annos depois, elle morria, enchendo de magua os corações dos que o amavam e cobrindo de luto pesadissimo a literatura nacional.

Quando, em 1919, foi publicado seu livro postumo *Tarde*, — dediquei-lhe uma chronica, de que fazem par-

te os trechos que se seguem, nos quaes se rememora o que era o querido poeta, quando o conheci :

"

Era Bilac um mancebo esbelto e magnifico, de uma sympathia envolvente e de uma força de attracção irresistivel. E que voz ! Ampla, sonora e crystalina, cantante, avelludada e quente, possuindo, quando recitava versos de seu dono, ou de outrem, modulações que se fixavam, para todo sempre, no ouvido encantado e no coração dos que o escutavam.

A força de expressão, a emphase, o calor, o enthusiasmo com que, em certa noite de muita neblina e de frio agudo, elle nos recitou, em casa de Arinos, a bella traducção que Raymundo Corrêa fizera da poesia de Victor Hugo. — *A epopéa do leão*, — foram, para mim, uma delicia espiritual, tão intensa e tão penetrante, que, ainda hoje, volvidos vinte e seis annos, conservo, no fundo da alma, gravado, como num phonographo, o timbre maravilhoso com que nos arrebatou.

A leitura, agora, de suas ultimas poesias reviveu, numa saudosa evocação, ante meus olhos tristes, a bizarra figura varonil do poeta querido, e despertou-me, no ouvido, o som daquella voz, que nem o tempo, nem mesmo a morte conseguiram apagar.

Tarde!... E' um grande consolo para os que ficaram a certeza contida na affirmacção daquelle outro seu irmão de letras, segundo a qual é um erro suppor-se que, no crepusculo momentaneo, bruxoleia o sol esvaído, pois é o reconhecer que se prepara sob a névoa crepuscular.

O proprio Bilac exprimiu a intuicção de sua immortalidade nos seguintes versos do soneto — *Estuario* — da pagina 187.

*'Morre o infeliz, que unicamente encerra
A propria dor, estrangulada em si...
Mas vive a Vida que em meus versos erra;
Vive o consolo que dei aqui:
Vive a piedade que espalhei na terra...
Assim, não morrerei, porque soffri!'*

Não morrerá! Seu nome, amparado pelo prestigio miraculoso do genio, ficará pairando acima, muito acima desse limitado espaço de sete palmos de côva, que elle mesmo achava pequeno de mais para a enormidade do nosso orgulho, mas grande de inaniçã para a insignificancia do nosso valor real...'

Dous dias depois da morte de Bilac, publiquei a seguinte chronica sobre tão infausto acontecimento:

OLAVO BILAC

"Tenho viva saudade dos dias que vivi em Bello Horizonte. Tenho dentro da alma aquellas arvores, aquellas crianças, aquellas almas cleitas que me aca-riçaram".

Foi assim que Olavo Bilac, o grande encantador de almas hontem entrado no tumulo, me escreveu, quando, ha dous annos, regressar ao Rio, depois de nos haver proporcionado horas de indizivel enlévo, momentos de arrebatador enthusiasmo patriotico.

Agora, que seu espirito de luz emigrou para outras regiões mais luminosas, onde continuam a viver os que cultívam a flor divina da arte; agora que seu féretro, como o do Mestre amado Machado de Assis, segundo elle mesmo ach-o contou em uma chronica lapidar, foi para o cemitarío, arrastado numa

ouda de amor, oscillando sobre o vasto coração palpitante do Rio do Janeiro, — terra do seu amor e do seu orgulho, — com que dolorosa ternura evôco aquella formosa quadra do esculptural soneto em que elle celebrou sua velhice incipiente ;

“Venha o inverno, depois do outono benfeitor !
 Feliz porque nasci, feliz porque envelheço,
 Hei de ter, no meu fim, a gloria do começo :
 Não me verão chorar, no dia em que me fôr...”

Sim ! Não chorou, de certo. E, sem que a morte o amedrontasse, cubiu beijando o galho em que foi flor e fructo, hordizando a sazão em que amadureceu.

A existencia altivola de Bilac foi, num afluir de azas gigantescas, um vôo cada vez mais potente e mais seguro para a gloria e para a pericuição. Ungido, por aclamação unanime, príncipe reinante na dynastia dos poetas brasileiros ; chronista impeccavel, em cujas paginas uma risonha ironia anda a par de uma doce e suave piedade humana ; orador ardente e empolgante, — sua obra magnificamente ciuzelada perdurará como uma das mais altas e das mais raras expressões da lingua que falamos.

Sua velhice, cujo começo, — como eu disse, — elle celebrou em versos immortaes, pôde comparar-se á luz de uma tarde de verão, dessas que só se vêem em nosso firmamento, e que elle mesmo, o sublime corista da prosa portugueza, o symphonista incomparavel do verso, nos desereveu, aquella linguagem cantante e musical — luz que não quer morrer, luz que se agarra desesperadamente a tudo : expellida das fumas, apega-se nos valles ; reclusada das reclusas, segura-se nos pincaes das serras ; espancada dos montes pela noite que cresce, refugia-se nas nuvens ; e já a treva cobriu toda a terra, e ainda essa luz, recal-

estrangeira e teimosa, tingo vagamente o céu todo povoado de estrellas...

Meu pobre, meu grande amigo! viveste nobremente, preencheste com dignidade os teus dias! Ante-hontem, no Congresso Nacional, chamaram-te "fonte militante de amor". Feliz expressão! Vives-te amando e, — tu mesmo o disseste, — quem muito amou, não perdeu o seu tempo...

30 - XII - 1918.

ATRELIO PIRES'.

§ 9.º

O anno de 1920 é tristemente assignalado, na historia da Faculdade de Medicina de Bello Horizonte, pelo fallecimento, a 14 de agosto, de Cicero Ferreira, isto é, daquella que, desde a fundação da mesma, vinha consagrando-lhe alma, vida, intelligencia e coração.

Principal fundador da Faculdade, seu primeiro director, reeclito por cinco vezes consecutivas seu professor de Medicina legal, o desaparecimento dessa figura luminar importa em perda incalculavel para a mesma.

A mim, em particular, tal desaparecimento causou irreparavel desfalque ao meu patrimonio moral, pois a amizade que nos ligava tinha raizes tão fundas, que estas gotejaram sangue quando a morte as arrancou. Experimentei, então, todo o amargor da phrase latina: *Amicum perdere est damnum maximum*.

O Centro Academico da Faculdade de Medicina realizou, a 17 de agosto de 1924, uma sessão solemne, commemorativa do quarto anniversario do passamento do pranteado fundador dessa Faculdade. Pronunciei, em tal sessão, o discurso seguinte:

“Senhores e senhoras.

Reza uma lenda hindú que o demónio, certa vez, querendo tentar a Budha, se introduziu no corpo de um milháfre e poz-se a perseguir uma pomba que passava. Esta, para evitar a morte, apertou o vôo e acolheu-se ao seio do ascéta. O milháfre chegou-se, então, a Budha e propoz-lhe este dilemma :

Um de nós dois, pomba ou milháfre, deve morrer ; ou ella ás minhas garras, ou eu ás garras da fôrma. Si és, como se conta, justo e piedoso, e si concordes que nenhum de nós pereça, dá-me, de tua carne, um pedaço que seja equivalente á presa a que tenho direito, e de que tu me privas”. Refere a lenda que o santo inclinou a cabeça, dando solemne signal de seu assentimento, e, tomando de uma espada, e de uma balança, collocou a pomba na concha esquerda, e, na direita, o equivalente da carne que cortára, de uma de suas côxas.

Mas a balança não se moveu ; e Budha, impassivel, sorriu ; cortou outro pedaço, juntou ao primeiro, e a balança ainda não se moveu. Novas mutilações e identico resultado. As duas conchas diz-se-iam indifferentes á lei da gravidade. Por ultimo, reconhecendo a inutilidade da operação, o santo lançou-se inteiro no prato da balança que cedeu, e, dest’arte, satisfez o compromisso que assumira.

A lieção era tremenda. O espirito infernal afastou-se, corrido de vergonha, porque, até áquelle instante, ignorava que um factor havia superior a todos os factores da santidade : esse factor era o sacrificio ; não parcial, como supunha, mas total, completo, sem reservas e sem restricções. . .

O sacrificio ! A renuncia ! — eisahi, meus senhores, a realidade por excellencia, a unica realidade plena, o unico culto digno do unico Deus. Cessasse,

um só instante, esse culto, esse holocausto ao egoismo nas aras do ideal, o, immediatamente, — disse o philosopho — toda a vida moral se suspenderia; no instante seguinte, ter-se-ia dissolvido. O mundo moral só subsiste por esta renuncia. Ella enche de integridade o coração dos heroes, de constancia a vontade dos justos, de unção a alma dos santos. Ella dá aos simples a candura e a graça, dá aos humildes a dedicação sem alardes, — a uns e outros o perfume da virtude que so ignora. Ella é a inspiradora secreta da grande arte como do grande pensamento. Essa pouca justiça que consegue penetrar neste mundo de lucta, cegueira e egoismo, vem toda dahi, porque só alli tem a sua raiz profunda. Superior ao destino, vencedora da fatalidade, mais profunda do que toda sciencia e toda especulação — só ella torna patente o intimo segredo das cousas e é, em si mesma, a unica verdade evidente, o unico saber sem invidias e obscuridades. Ella vence, até mesmo, a morte, porque faz comprehender a significação do exito final e apreciar quanto elle vale...

Pois, bom! Aquelle cuja memoria querida nos reúne hoje nesta festa de amor, de saudade e de justiça, foi um exemplo cabal, frisante, completo, vivo dessa renuncia.

Si não, vejamos.

Por uma coincidência notavel, faz, justamente hoje, trinta annos que Cicero Ferreira começou a prestar serviços a esta capital, pois a 17 de agosto de 1894, entrava elle em exercicio do cargo de Primeiro Escripturario da Commissão Constructora de Bello Horizonte. Principiou, nesse dia, pela subalternidade da função que ia exercer, sua grande obra de renuncia de si proprio, de abnegação, de desinteresse e de sacrificio. Aquelle que viera exercer aqui um cargo aparentemente tão subalterno, era o mesmo que,

na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando estudante, conquistara sempre os primeiros premios, no d'zer ve idico do actual Pontifice Maximo da Medicina brasileira, o professor Miguel Couto, seu companheiro de turma.

Uma das maiores glorias desta casa, que, para nosso mal, foi, tambem, prematuramente ceifada pela mão descaroavel da morte, o professor Alvaro Ribeiro de Barros, ha quatro annos, aqui nesta mesma sala, num panegyrico que ficou celebre pela sobriedade hellenica, pelo classicismo escorreto, pela grande força evocatriz, e cuja impressão ainda persiste, profunda, na alma e no coração dos que o ouviram, — o professor Alvaro de Barros mostrou-nos, com justiça e com verdade, como Cicero Ferreira sempre superior aos cargos que desempenhava, foi, desde a fundação desta capital, uma intelligencia poderosa ao serviço da collectividade, uma virtude em acção, um traço de luz que uia e orientava as administrações que se succediam, podendo-se dizer, sem contestação admissivel, que muitas das instituições de que hoje Bello Horizonte se ufana, ou não existiviam, ou não seriam dignas de nota, sem a acção constructora e preservadora do nosso querido morto.

Eis, em rapidissima resenha, a confirmação deste asserto :

Extincta a Commissão Constructora da Capital, passou Cicero Ferreira a ser medico da Prefeitura; exerceu, em seguida, o cargo de Director da Hygiene Municipal, em cujo desampenho elaborou, de seu proprio punho, os Regulamentos da Policia Sanitaria, do Matadouro, das Installações Sanitarias, do Cemiterio, do Theatro Municipal; organizou o projecto de Hygiene do Estado; fundou a Sociedade Litteraria de Bello Horizonte, cuja bibliotheca, por doação feita á Prefeitura, constituiu o nucleo de nossa

Bibliotheca Municipal; organizou o primeiro Laboratório de Analyses Chimicas, que tem esta cidade; contribuiu para a installação, aqui, da Filial do Instituto Oswaldo Cruz; planejou e obteve que o governo mandasse construir, o Hospital, que hoje tem o seu nome para o isolamento dos acomettidos de doenças infecto-contagiosas; fundou a Sociedade Humanitaria de Belo Horizonte, da qual surgiu a actual Santa Casa de Misericordia; organizou e dirigiu o serviço de propaganda e valorização do Café mineiro...

Tudo isto, meus senhores, era feito com animo lirico de vaidade nos intervallos da labuta e do afan de uma das maiores clinicas, a qual era exercida, diariamente, a pé, em pontes diversas da cidade nascente, ao sol, á chuva, ao vento, onde quer que o soffrimento humano exigisse a sua presença bemfazeja. Com tudo isto rainhida a pratica de culmas virtudes obscuras de caridade, de bondade, de amor aos pequenos e nos desvalidos, as quaes virtudes davam um encanto de piedade doce á austera vida do administrador. Ah! Só quem transpôz o limiar de sua porta, só quem o viu numa reveladora intimidade, pôde, devêras, fazer uma ideia justa dos thesouros sentimentaes daquelle divino coração! Dessa casa, depois de algumas horas da sua companhia, sahia-se com o espirito edificado pela sua palavra lusingante e magica de apostolo, sahia-se com a alma banhada na agua lustral do exemplo daquelle vida simples, tão modesta na apparencia, tão bella, contudo, na sua bondade piedosa, tão inatingivel na elevação do pensamento e de emotividade poetica!

A ultima obra de Cicero Ferreira, resumo e symbolo de todas as outras, o monumento *oere perennius regalique situ pyramidum altius*, que ha de perdurar, para perpetuar o seu nome, é esta casa de ensito.

Fazendo, um dia, a apologia do *querer*, o mallogrado poeta-philosopho Anthero do Quental escreveu que a tempera da vontade, a energia com que affirma os seus altos fins, a paixão com que os ama e tende, inmutavelmente, para elles, isso é que é util e essencial. O fôco e centro de toda grandeza é esse: é ali que a intelligencia se apura, se avigora e chega, porventura, ao genio, não pelo seu poder proprio, mas na proporção daquella amor que a inspira e fecunda.

O grande Newton a alguém que se extasiava diante de seu genio, respondia: "*o genio é a paciência*". E de outra vez: "*quanto fiz, consegui-o, simplesmente, querendo sempre a mesma coisa e pensando sempre nella*". Definição profunda e até sublime. O genio é a paciência, a vontade constante, a constante attenção; por outras palavras: o genio é o amor, porque o amor é tudo isto, ou implica tudo isto. Quem ama verdadeiramente, quer e páde. Amemos e queiramos: o resto virá por si e nos será dado de sobra.

Filha, portanto, do amor de Cicero Ferreira, e havendo esta Faculdade surgido do nada, do chaos que reinava, a principio, antes do "*fiat*" fecundante de sua vontade, — ouçamos como o seu eloquente paregyrista descreve a sua criação: "*Cicero Ferreira viveu, constantemente, dentro deste sonho, influido-lhe a propria vida, instante a instante. E a nevoa se foi condensando e tomando forma; os fios invisiveis das sympathias e das vontades se entrelaçaram em volta d'elle, e a realidade aqui está: é este edificio, desde a sua primeira pedra; é esta organização, assim a material como a subjectiva; somos todos nós, seus obscuros companheiros; serão os que nos sucederem; será tudo o que houver aqui, enquanto esta Escola existir! Tudo aqui o ha de acclamar como o maior e o melhor dos nossos. E "si os sacerdotes emnudecerem, bradarão as pedras do templo!"*"

Meus senhores.

Fundada em março de 1911, tinha esta Faculdade sete annos de funcionamento, quando, em outubro de 1918, irrompeu em Belo Horizonte a pandemia da *grippe hespanhola*, que vinha enchendo o mundo de consternação, de lucto e de dôr. Pois bem. Dentro de vinte e quatro horas, sob a direcção apostolar de Cicero Ferreira (o qual, seja dito de passagem, possuia um dom singular de profesyfismo), auxiliado por professores, alumnos, pessoal administrativo, persons extranhas e senhoras do escol social, — transformou-se a mesina, miraculosamente, em bem installado hospital, que recebeu logo, em suas enfermarias, 420 doentes. Durante um mez, por estes nossos vastos salões, habitados, até então, á voz serena e ensinadora dos professores e á alegria ruidosa e gárrula dos moços, só se ouviam gemidos plangentes, gritos de desespero, estertôres de moribundos. Durante um mez, a morte estendeu por sobre esta casa sua negra aza sinistra, serdo, afinal, rebassada pela dedicação de uns, pela sciencia de outros, pela caridade de todos, empenhados na realisação da bella divisa "*Ad cives servandos*".

Foi esta uma das paginas mais fulgurantes dos annos desta casa e da vida do seu extraordinario Director. Ao escrevel-o, elle o fez com aquella mesma irradição de superioridade, a mesma exalação de calor, a mesma intensidade de poder galvanico, que dizem haver sido, tambem, o apaução do Oswaldo Cruz, e graças ás quaes, no cabo de poucas horas, como eu disse, todo aquelle pessoal, toda aquella administração, todo aquelle serviço se movia, como um só homem, como um instrumento inteiro e vivo, como os seus proprios nervos e musculos, debaixo da acção de sua vontade creadora.

Entretanto, si, como estacs vendo, era forte o espirito desse homem extraordinario, que trazia, em si, aquelle deus interior, o *En Theon*, dos gregos, a carne era fraca, enfermigo era o corpo.

Conta-se que aquelle homem incomparavel e maravilhoso que foi S. Francisco de Assis, quando, novo ainda, se achou quebrado, extenuado e quasi cego, em virtude das muitas penitencias e jejuns, reconheceu que tinha errado e disse esta phrase notavel: "Reconheço que pequei muito contra meu pobre irmão corpo". O mesmo se poderia dizer de Cicero Ferreira: tanto se deu, tanto se sacrificou, tanto se esbanjou, em beneficio de seus irmãos, que se esqueceu de seu irmão mais proximo, de seu irmão corpo.

E foi: uma grande pena, foi uma grande dor, foi uma grande calamidade, porque elle era uma luz brilhante, cujos raios se projectavam a grande distancia, e poderiam ter allumado espaços ainda mergulhados na escuridão; mas tal luz ardia numa lampada fendida, que deixava derramar o oleo precioso que alimentava.

Meus senhores. Antes de sua voz emmudecer para sempre, deixou Cicero Ferreira a seus companheiros de lucta, nesta casa, os seguintes conceitos que se encontram em seu ultimo relatorio dirigido á congregação desta Faculdade, a 31 de dezembro de 1919:

"A vida que presidia ao nascimento desta Faculdade, agorou-lhe uma vida de combates e lutas, e assim tem sido; mas é na guerra que se retemperam as forças.

Os dias sombrios não são de durar sempre; tudo passa, e nos genios maleficos não succeder os beneficos. Tenhamos fé, essa fé que animava os apóstolos, o que tem sido, até hoje, o nosso mais forte baluarte.

Despeço-me de meus distinctos collegas e precarios amigos, e faço os melhores votos para que auras benéficas movimentem a barguinda confiada aos novos timoneiros, em torno dos quizes devemos todos fazer corpo, como si todos fossemos um. E' assim que se vence na vida; é da solidariedade que surge a força, e é a boa harmonia que conquista o acatamento social. Lembremo-nos sempre destas verdades..."

Como védes deste testamento, herdou-nos o nosso caro, o nosso pranteado Director espiritual um legado valioso, contido nestas tres palavras: "Fé, Solidariedade e Harmonia". Sejam elas, portanto, para professores, para alumnos, para todos desta casa, a couraça do triplice bronze, com a qual havemos de vencer. Resida as mesmas, perennemente, em nossos cuidados e em nossos corações, como na concha arrancada das profundezas oceanicas, resôa a voz mysteriosa, a voz longinqua do mar, do infinito, do eterno mar insondavel! ...

§ 10.º

Falleceu, em Bello Horizonte, a 25 de fevereiro de 1925, meu irmão Antonio Olyntho dos Santos Pires, o qual elegára a esta cidade, gravemente enfermo, a 10 de janeiro do mesmo anno.

Ao voltar do Cemiterio do Bomfim, onde fomos sepultal-o no dia seguinte, acudia-me, incessantemente, ao espirito, a phrase dolorida de Machado de Assis: "Foi-se a melhor parte de minha vida, e aqui estou só no mundo".

De quasi duas centenas de cartas suas, que conservo, releio sempre os trechos principaes, por mim annotados, lembrando-me sempre o que disse o padre Manoel

Bernardes: "Já que me negou sua voz e vista, consolarei minha saudade com ler pe'os seus escriptos".

A leitura de taes cartas é, para mim, um banho de saudades, do qual minha alma emerge mais conformada com o triste gôso a que se referiu Joseph de Maistre, quando disse: "*Ah! comme mon coeur jouit tristement lorsque mes yeux parcourent les lignes tracées par un être qui n'existe plus! Voici ses caractères, c'est son coeur qui conduisait sa main, c'est à moi qu'il écrivait cette lettre, et celle lettre est tout ce qui me reste de lui!*"

São dessas cartas os trechos seguintes:

"O dom que sempre agradeço á Providencia é o de me encher a alma de optimismo e o rosto de sincera alegria e bom humor para supportar as tristezas e o desanimo da hora presente".

Carta de 12 de Setembro de 1915.

"Quando revolvo minhas cartas vellias, parece que entro num cemiterio: — quanta gente que já se foi!... e que saudades de todos elles!..."

Carta de 15 de Maio de 1916.

"Temos tido hoje um dia maravilhoso, — luz diaphana, atmosphera leve e fresca, sol benigno e brilhante, céu azul e limpo.

É um desses dias que os angio-saxonios aliás nuncos entendidos do que os latinos em cousas do amor, appellidaram: *lovely day!* desses dias que nos fazem apegar-nos á vida, em que se respira sciva vital e tem-se o pensamento nortecado para cousas alegres e elevadas.

Fago idéa de que Vocês terão tambem disto ali, no menos as manhãs e as tardes, — esses crepúsculos inagunáveis que ali se observam, com o *Pico da*

Piedade no horizonte e a ermidazinha banhada do sol cadente — branca e poetica !”

Carta de 10 de maio de 1916.

“Nós outros, sentimentaes, como somos, temos uma saudade doce, relembrando soffrimentos e luctas passadas, porque mais nos avigoram para as do presente.

E’ o que tenho feito ultimamente, pondo-me muito em contacto com o passado, pela leitura de cartas velhas”.

Carta de 15 de maio de 1916.

“— : é melhor sonhar do que espojar-se na lama ! Tenho passado estes dias mergulhado num mundo de recordações, e não sei como posso conservar o espirito equilibrado, encontrando-me a todo momento com sombras, com a lembrança de companheiros que já se foram, — uns desiludidos e amargurados, outros sonhando ainda, como nós !”

Carta de 20 de novembro de 1916.

“Veja que vida levo eu aqui. Todos os dias sonho com a vida bucólica de nossas montanhas, onde se vive mais innocente e ingenuamente, até diluir-se de todo, na indifferença por estas cousas de civilização e de movimento commercial e industrial. Quão longe ficam essas montanhas queridas onde vão se hater os meus suspiros de erudades !”

Carta de 13 de setembro de 1917.

“Estou collaborando, com grande prazer, na grande obra do “Dicionario Historico e Geographico do Brasil”, que o nosso Instituto Historico pretende publicar por occasião das festas da independencia, em 1922. E’ obra de grande folego, e, por isso, desejo deixar nella assignalada a minha passagem por este valle de lagrimas.

Tomou a mim a descripção do systema orographico do Brasil, e vou mandando, desde já, alguma contribuição, começando pelas serras de Minas, como é natural. Já escrevi tudo o que sei o que li sobre a *Piedade*. Estou escrevendo sobre o *Caraça*, - o que deverei levar na proxima reunião”.

Carta de 16 de Abril de 1918.

“E isto misturado de saudades, de saudades devéras, — de Vocês, — dos parentes, — dos amigos, — das serras, — dos carapós, — da vida tranquilla e suave que ali Vocês desfructam... Não digo que o turbilhão, em que vivo, me entibie e esmoreça, mas me faz sentir saudades de outros tempos... mais socegados, ... talvez mais felizes e... em todo o caso, mais proximos daquella risoula mocidade, que fruimos, todos juntos, marchando resolutamente para o futuro ignoto, quasi como aquelles Girondinos que marchavam, de braço dado, cantando a *Marselheza*, a caminho da Guillotina”.

Carta de 5 de julho de 1918.

“Você sabe que custei muito a deixar Minas; e só dahi vim para “poder viver”, quando os iconoclastas da ferrenha politica mineira começaram a cercar minha actividade, na esperanza de me deixarem a pão e laranja, para me submeter ao incondicionalismo, que era o seu lemma. Poucos conhecem bem essa triste historia, porque eu sou visceralmente avêso a me queixar dos males que me são feitos e que me *dóem*; mas Você que acompanhou a minha vida de perto, ali, devia ter apanhado o fio que conduzia minhas acções.

A politica me havia collocado em posição melindrosissima ali; tinha em tôrno de mim amigos decididos que iam sacrificar-se por minha causa; e,

pesando o mal que a elles poderia vir e os sacrificios pessoas que me eram exigidos, preferi sacrificar-me sózinho. E, caladinho, dali sahi e vim procurar minha vida longe desses politicos que se haviam apoderado da situação, para se vingarem de republicanos que elles não toleravam, nem toleram! ... Mas, vou me alongando nesse terreno ingrato, onde não gosto de entrar, para não ter que repetir o *Infandum, Regina, jubes renovare dolorem...*"

Carta de 23 de julho de 1919.

"... a resignação é uma das poucas virtudes que me ficou, dos ensinamentos de nossas rezas na infancia: "seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu".

Carta de 29 de janeiro de 1920.

"No meio das attribuições que aqui, a todo momento, me assaltam, suspiro saudades da tranquillidade amiga, de que gosei, nos poucos dias que ali passei. Sorrio, ás vezes, como uma casinha modesta, na *Serra*, cercada de jardim e permitindo a vista se estender por esse horizonte interminado, salpicado pelas casas da cidade. Outras vezes, penso em retirar-me mais tranquillo, e me vem á mente a *Serra da Piedade*, onde o unico sussurro que se ouve é o do vento cantando no beiral dos telhados humidos e velhas. O barulho asphyxiante desta luta sem tréguas, no meio da qual nos achamos, leva a imaginação aos sitios tranquillos, nos quaes a vida parece um prolongamento da natureza".

Carta de 1.º de março de 1921.

Basta, porém... De tudo isto, que ali fica e de outros desabafos que deixo de transcrever, por começar a minguar-me o espaço, — verifica-se que Antonio Olyn-

tho, longe de sua amada Minas, tinha a mente e o coração voltados para esta Minas, onde, sentindo-se morrer, veio procurar o canto solitario e tranquillo do repouso final.

"Como o viajor que, da fallaz miragem,
Volta, desenganado, ao lar tranquillo,
E procura, naquelle ultimo asylo,
Nem evocar memorias da viagem".

Aliás, mostrei isto mesmo, no ligeiro perfil que, delle, incluí na minha galeria de *Mestres de outr'ora*, e que aqui transcrevo :

ANTONIO OLYNTHO DOS SANTOS PIRES

"E' o meu objecto tão sobejamento meu, tão minha foi, ou foi isto eu mesmo, a pessoa cujo elogio aguardeas, que o fiz, e d'elle se me figura, de certo modo, o mesmo que fazer eu o meu panegyrico".

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. — Elogio historico de Augusto Frederico de Castilho.

Foi este que, depois de haver sido meu socio dos folguedos da infancia, pois nascemos do mesmo ventre, bebemos o mesmo leite materno e crescemos debaixo do mesmo tecto; foi este que me completou, em 1851, em Ouro Preto, as noções de arithmetica, que me valeram minha approvação em exame dessa materia.

Tinha elle, então, vinte e um annos, e eu dezo-nove.

Como vai longe tudo isto!...

Tres annos depois, em 1854, entrava elle, como professor, na Escola de Minas daquela cidade, onde, em 1852, recebera o respectivo grau, — auctorizado da regencia interina da cadeira de mathematica, pas-

sando, no anno seguinte, para a de agrimensura, topographia e cosmographia, encicira esta em que se effectivou, em 1888, por meio de concurso, a que se submetteu, e na qual se jubilou em 1914.

C que foi seu ensino, naquella instituto, — diga-o o seu biographo e successor naquella endeira, o projecto professor Fausto Alves de Brito :

“Antonio Olynto era um exemplo raro desses homens nos quaes nada empana o brilho das qualidades caracteristicas do espirito de escul, e que, em curto convivio embóra, nos paterlham seu valor na grandeza d'alma, nobreza de coração e elevação intellectual.

Raro, muy raro n.esmo, se encontra, em um homem, conjuncto de attributos tão nobres, fazendo-so tão felizmente sobresahir uns aos outros, de modo a fazer daquelle que, pela primeira vez, o vé, um amigo e admirador.

.....

Honrou e dignificou a nobre e difficil missão do magisterio, para a qual não lle faltava nem um dos requisitos dos verdadeiros mestres”.

Não foi tão somente como professor que Antonio Olynto se distinguia.

Para tirar a esta minha affirmativa qualquer civa de suspeição, — trancado para aqui o que se encontra nos *Annacs da Escola de Minas* do Ouro Preto, n. 21 de 1925, paginas 3-7, subscripto pelo professor Alves de Brito, acima referido, a respeito da vida publica de Antonio Olynto, exterior á Escola, a qual, diz elle, “constitue a mais bella fé de officio de um benemerito servidor da Patria” .

“Foi um dos próceres da propaganda republicana em nosso Estado, tendo sido encar-

regado, no advento da Republica, de receber a administração da Provincia das mãos do ultimo presidente do regimen monarchico, o barão de Ibituruna.

Fundado o novo regimen, não arrefeceu o seu ardor de republicano e patriota, concorrendo do modo mais efficiente para sua consolidação, como batalhador incansavel e ardoroso, no Congresso Constituinte, para onde o mandára o povo, e, na imprensa, fundando e dirigindo, em Ouro Preto, o jornal que denominou O ESTADO DE MINAS.

“Em successivas legislaturas, representou o povo mineiro, no Congresso Nacional, até 1894.

“Para nós, que vivemos na Escola de Minas, e para aquelles que amam Ouro Preto, seria ingratitude não lembrar aqui a attitude nobilissima que, então, não obstante a sua solidão com o governo, assumiu Antonio Olyntho na questão da mudança da séde da Escola, mudança que o governo pretendia fazer, sem consultar ao Congresso nem ouvir a Congregação, por um simples aviso ministerial! Nos “Annuaes do Congresso”, encontram-se os brilhantes discursos com que elle justificou um requerimento de pedido de informações ao governo sobre o assumpto. Com a eloquencia que todos lhe conheciam, fez-se elle, então, o defensor dos interesses da Escola e mostrou o mais acrysolado amor á cidade de Ouro Preto, que, dizia elle, “é o relicario de nossas mais grãas recordações históricas”, — e que elle não podia conceber “transformada em um deserto, porque seria uma deshonra para a Republica, si seus poderes publicos contrabuisse, de qualquer

fôrma, para que aquella gloriosa cidade chegasse a esse estado lustimavel”.

“Em 1894, foi-lhe confiada a pasta da Viação, no governo Prudente de Moraes. Como era de esperar, estava convencido de que o nosso progresso dependia, principalmente, de vias de communicação, e foi com verdadeiro carinho, com o mais elevado e intelligente criterio, que tratou, especialmente, desse maguo problema, sem, ao mesmo tempo, esquecer de outros, para cuja solução empregou esforços, no sentido do possivel.

“Em 1904, foi-lhe dada a missão de representar o nosso paiz, na Exposição de S. Luiz, nos Estados Unidos.

“Em 1907, superintendia os serviços das Obras Contra as Seccas.

“Por occasião da Exposição Nacional de 1908, foi, ainda, ás suas qualidades inconfundiveis de organizador, que o governo confiou a incumbencia de presidir á Commissão Directora do certamen.

“Em 1909, exercia o cargo de Director Geral dos Telegraphos.

“Em 1910, representou o Brasil no Congresso Ferro-Viario Sul-Americano, realizado em Buenos-Ayres.

“Em 1921, é encarregado de dirigir a grande Exposição Internacional commemorativa do Centenario de nossa Independencia.

“Representou, ainda, o Brasil, como embaixador especial, na posse do presidente Senrato, em 1923, na Republica do Uruguay.

.....

"Grande foi a sua contribuição em Memórias, artigos e notícias científicas. Foi auctor da primeira *Memoria historica sobre a Escola de Minas*, e publicou, entre outros, os seguintes trabalhos: *Minação e riquezas mineiras*; *Relatorio sobre irrigação e poços artesianos nos Estados Unidos e na Algeria*; *Noticia dos estudos e obras contra os effeitos das Seccas*; *Speltologia brasileira* e diversos relatorios e monographias lidos no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que era socio benemerito, além de um seu numero de artigos e notas esparços em publicações e jornacs estrangeiros e nacionaes".

.....

Como as aves daquela floresta encantada, do celebre poeta polaco, as quaes, si por acaso longe se achavam, quando sentiam que a morte se approximava, voavam e iam morrer á sombra das arvores que haviam abrigado o ninho onde haviam nascido, — assim Antonio Olyntho, sentindo que estava perto o termo de sua afanosa existencia, deixou os esplendores do Rio de Janeiro, onde, havia annos, residia, e velu para a sua amada e saudosa Minas, chegando a Bello Horizonte a 10 de janeiro de 1925, com a garra da morte cravada no organismo deprauperado e exausto, podendo-se-lhe applicar, então, o verso, tão repassado de desalento, do poeta dos *Ipês*:

"Volto, exanime e triste, á bella encosta,
A' abra feliz de onde parti criança,
E frago a minha vida desarvorada,
Sem a flammula verde da esperanza.

Um mez e meio depois, a 25 de fevereiro seguinte, com uma serenidade sto.ca, adormeceu para sem-

pre, sentindo cantar-lhe aos ouvidos, que, em breve, se fechariam, de vez, aos sons e aos ruídos da vida, a doce musica que lhe embaiara, em Ouro Preto, a mocidade longinqua, e que, no sub-delirio, lhe voltava, com existencia, do sub-consciente, á retentiva enfraquecida o quasi apagada. . .

Meu pobre irmão! Meu incomparavel amigo!
Como a vida me parece, agora, vazia o escura, sem a tua companhia e sem o clarão de tua animadora presença!

Guardadas as proporções, poderei repetir as palavras de Francesco, um dos personagens do livro de Dmitry de Merejkowsky, — *A Ressurreição dos Deuses*, — quando, noticiando aos irmãos do Leonardo da Vinci a morte desse, em Florença, escrevem o seguinte:

"Não sei como exprimir-lhes a dor que me causou a morte daquelle que era, para mim, mais do que um irmão. Por mais que viva, he' de chorar por elle, porque tinha, por mim, um amor terno e profundo. Além todo o mundo, penso, ha de lamentar a perda de um homem como elle, e que a natureza não saberá mais crear".

Junho - 1928.

§ 11.º

A 11 de janeiro de 1927, fui nomeado pelo presidente do Estado de Minas, dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada — director interino do Archivo Publico Mineiro.

Permaneci na interinidade desse cargo por espaço de tres annos e sete mezes, isto é, de 13 de janeiro daquelle anno a 11 de agosto de 1930.

Essa repartição, creada pela lei n.º 126, de 11 de junho de 1925, é um repositório preciosíssimo de manuscritos, de papeis e de collecções de jornaes, relativos á historia mineira, desde os tempos colonicaes até hoje.

Durante o tempo em que superintendi o Archivo, sempre que eu penetrava nos amplos salões em que se acham methodicamente catalogados os documentos historicos que comprovam as luctas e os esforços das diversas gerações que contribuíram para a formação, a organização e o desenvolvimento de nosso Estado, — acudia-me ao espirito aquella phrase que se encontra no frontispicio de uma velha bibliotheca: *Hic mortui vivunt, pendunt oracula muti.*

Sob minha direcção e redacção foram publicados os tres ultimos volumes da *Revista do Archivo Publico Mineiro*, sob n.ºs XXI, XXII e XXIII, relativos aos annos de 1927, 1928 e 1929.

Deixo manifesto, nesta pagina, o meu desvanecido agradecimento ao ex-presidente do Estado, o exmo. sr. dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, pelo duplo motivo de me haver honrado com a nomeação para o cargo a que acabo de referir-me, e pela alta prova de confiança que dispensou a meu filho Gudesteu de Sá Pires, chamando-o para seu secretario das Finanças, durante o tempo de sua fecunda e proveitosa administração.

§ 12.º

No fim desse anno de 1927, a 30 de dezembro, meu lar cobriu-se, novamente, de crépe, com o fallecimento da santa e bondosa criatura, que era d. Agostinha dos Santos Sá, minha tia materna e minha sogra. Tal fallecimento deixou-nos mergulhados em grande dôr.

Dotada de paciência, de abnegação e de caridade christãs, soube conquistar o amor de quantos della se approximavam, porque era manso de coração, e o Evangelho assegura que esses, os mansos, possuirão a terra.

§ 13.º

Os estabelecimentos de ensino superior de Bello Horizonte, apesar da dedicação apostolar e dos esforços inauditos de seus directores e de seus professores, levavam vida precaria e incerta, por serem escassos os recursos pecuniarios de que dispunham, dependentes, em grande parte, de subvenções aleatórias e insufficientes.

Atendendo á premencia do caso, e tendo em vista que o Estado de Minas já se achava em condições de realizar o sonho dos Inconfidentes, da creação de uma Universidade, o então presidente, dr. Antonio Carlos, dotado de visão larga e lucida, — afim de commemorar, condignamente, a data de 11 de agosto de 1927, que é a do centenario da creação dos cursos juridicos, no Brasil, enviou ao Congresso Mineiro, então reunido, a seguinte mensagem e o seguinte projecto :

“Senhores Membros do Congresso Legislativo do Estado de Minas Geraes :

Realizando idéas expostas no manifesto que dirigi aos mineiros antes da minha elevação á presidencia do Estado e na recente mensagem que vos apresentei, ao serem installados os trabalhos da actual legislatura, ouso submeter ao vosso estudo o projecto em que lanço as bases para a constituição da Universidade de Minas Geraes.

As linhas principais do plano que esbocei definem-se pela formação do patrimonio pecuniario da instituição e pela criação do Conselho Universitario, com o que acredito assegurar ás escolas de ensino superior, existentes nesta Capital, bem maiores possibilidades de vida e florescimento do que aquellas que hves têm permitindo os seus fracos recursos até agora ao seu alcance.

Com esta minha iniciativa, creio ir ao encontro de uma das imposições da consciencia mineira, qual a da existencia efficiente e prosperidade segura de institutos que, votados ao ensino superior, estejam na altura das aspirações civilizadoras e progressistas do povo de Minas Geraes.

Apraz-me assignalar, que eu vos concito ao estudo e á solução de tão relevante assumpto, — o qual relembra um dos ideaes dos heróes da Conjuração Mineira, -- no justo momento em que se celebra o centenário do grande feito que foi a criação dos cursos juridicos em nossa patria, de tal arte me sendo facultado concorrer para o maior realce de tão gloriosa data.

Apresento-vos os protestos do meu mais alto apreço".

Projecto.

Art. Fica o Presidente do Estado, desde já, auctorizado a constituir patrimonios, cujos rendimentos, respectivamente, de 200:000\$, 300:000\$ e 600:000\$, auxiliem a manutenção da Faculdade de Direito, da Escola de Engenharia e da Faculdade de Medicina, todas com séde na Capital do Estado.

Paragrapto unico. Para esse fim, poderá de-

cretar a emissão de apolices da dívida publica mineira, ou fazer operações de credito

Art. Cada patrimonio terá existencia propria; reverterá porém, ao Estado si o instituto, a cuja manutenção se destine, si extinguir, si fôr destituido da regalia do equiparação aos congêneres federaes, ou si não se submeter ás prescripções desta lei e do regulamento que para sua execução fôr expedido.

Art. Os tres institutos de ensino superior se reunirão para constituir a Universidade do Minas Geraes, conservando a autonomia didactica e administrativa de que gosam, com as restricções constantes desta lei. Serão á Universidade incorporados outros que se venham a fundar e que completem o ensino superior no Estado; a constituição de novos patrimonios ficará dependendo de auctorização legislativa.

Art. A Universidade de Minas Geraes será administrada por um reitor e pelo Conselho Universitario. O reitor será de livre nomeação do Presidente do Estado; e, si a escolha recair em membro da Congregaçáo de algum dos institutos, servirá gratuitamente. O Conselho Universitario se comporá, sob a presidencia do reitor, dos directores dos institutos e de tres leites eleitos, annualmente, pela congregação de cada um delles.

Art. As attribuições do reitor e do Conselho Universitario serão definidas em regulamento.

Ao Conselho competirá o exame e approvaçáo dos orçamentos e das contas annuaes das Faculdades e Escolas, cabendo ao reitor, além do seu voto de qualidade, o direito de voto quando

verifique que a despesa orçada, ou effectuada, não tem a destinação do patrimonio creado por esta lei.

Art. A Universidade terá uma secretaria dirigida por um secretario auxiliado pelos funcionarios que o Conselho, sob proposta do reitor, julgar necessarios, e cujos vencimentos serão por aquelle fixados.

Os institutos componentes da Universidade concorrerão, em partes egues, para as despezas do pessoal da secretaria e para as do seu expediente.

Art. Publicado o regulamento, o Secretario do Interior convidará os institutos a habilitarem os respectivos directores a assignarem termo de accitação dos patrimonios sob as condições constantes desta lei e do regulamento.

Art. A presente lei entrará em vigor desde a data da sua publicação".

Tendo transitado, com ligeiras modificções, em meos de um mez, pelos trez turnos regimentaes, tanto na Camara como no Senado, e havendo logrado approvação unanime, em todos elles, — foi esse projecto, que recebêra, na Camara, o numero 19, convertido em lei, a qual é do teor seguinte :

"Lei n. 956, de 7 de setembro de 1927.

Crêa a Universidade de Minas Geraes.

O povo do Estado do Minas Geraes, por seus representantes, decretou, e eu, em seu nome, sancionei a seguinte lei :

Art. 1.º Fica o Presidente do Estado, desde já, auctorizado a constituir patrimonios, cujos

rendimentos, respectivamente, de 200:000\$000, 350:000\$000, 600:000\$000 e 50:000\$000, auxiliará a manutenção da Faculdade de Direito, da Escola de Engenharia, da Faculdade de Medicina e da Escola de Odontologia e Pharmacia de Belo Horizonte, todas com sede na Capital do Estado.

Paraphratico unico. Para esse fim poderá decretar a emissão de apolices da divida publica mineira ou fazer outras operações de credito.

Art. 2.º Cada patrimonio terá existencia propria; reverterá, porém, ao Estado, si o instituto, a cuja manutenção se destine, se extinguir, si perder o reconhecimento federal, ou se não se submeter ás prescripções desta lei e do regulamento que para sua execução fór expedido.

Art. 3.º Os quatro institutos de ensino superior se reunirão para constituir a Universidade de Minas Geraes, conservando a autonomia didactica e administrativa de que gozam, com as restricções constantes desta lei. Serão á Universidade incorporados outros que, mediante lei, sejam considerados no caso de merecer incorporação e que completem o ensino superior no Estado, mas a constituição de novos patrimonios ficará dependendo de auctorização legislativa.

Art. 4.º A Universidade de Minas Geraes será administrada por um reitor e pelo Conselho Universitario. O reitor será de livre nomeação do Presidente do Estado; e, si a escolha recahir em membro da congregação de algum dos institutos, servirá gratuitamente. O Conselho Universitario se compoará, sob a presidencia do reitor, dos directores dos institutos

e de tres lentes electos annualmente pela congregação de cada um delles.

Art. 5.º As attribuições do reitor e do Conselho Universitario serão definidas em regulamento.

Paragrapho unico. Ao Conselho competirá exame e approvação dos orçamentos e das contas annuaes das Faculdades e Escolas, cabendo ao reitor, além do seu voto de qualidade, o direito de veto, quando verifique que a despesa orçada, ou effectuada, não tem a destinação do patrimonio creado por esta lei.

Art. 6.º A Universidade terá uma secretaria dirigida por um secretario, auxiliado pelos funcionarios que o Conselho, sob proposta do reitor, julgar necessarios e cujos vencimentos serão por aquelle fixados

Paragrapho unico. Os institutos componentes da Universidade concorrerão, em partes eguaes, para as despesas do pessoal da secretaria e para as do seu expediente.

Art. 7.º Publicada o regulamento, o Secretario do Interior convidará os institutos para habilitarem os respectivos directores a assignarem termo de accepção dos patrimonios sob as condições constantes desta lei e do regulamento.

Art. 8.º A presente lei entrará em vigor desde a data da sua publicação.

Art. 9.º Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

Os Secretarios de Estado dos Negoeios do Interior e das Finanças a façam imprimir, publicar e correr.

Dada no Palacio da Presidencia do Estado de Minas Geraes, em Bello Horizonte, 7 de setembro de 1927. ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA. *Francisco Luiz da Silva Campos, Gudesteu de Sd Pires.*

Sellada e publicada nesta Secretaria do Interior do Estado de Minas Geraes, em Bello Horizonte, aos sete de setembro de 1927. — O Director, *Arthur Eugenio Furtado.*

A lei acima foi sancionada com maxima solemnidade, no dia em que se commemorava o primeiro anniversario da administração do sr. Presidente Antonio Carlos.

Por decreto de 10 de novembro de 1927, foi nomeado Reitor da Universidade o notavel professor e juriconsulto, dr. Francisco Mendes Pimentel, o qual tomou posse do cargo a 15 do mesmo mez, no acto da installação sollemne daquella.

A 24 desse mesmo mez e anno, reunia-se, pela primeira vez, em sessão, o Conselho Universitario, sob a presidencia do Reitor, acima mencionado, servindo de secretario o bacharel Camillo Mendes Pimentel, e com o comparecimento dos respectivos membros: professores Estevão Pinto, Raphael Magalhães, Tito Fulgencio e Barcellos Corrêa e estudante Plinio Lemos, pela Faculdade de Direito de Minas-Geraes; professores Hugo Werneck, Aurelio Pires, Mello Teixeira e Borges da Costa e estudante Arthur Reis, pela Faculdade de Medicina de Bello Horizonte; professores Arthur Guimarães,

Lucio José dos Santos e Agnello de Macedo e estudante Candido Hollanda de Lima, pela Escola de Engenharia de Bello Horizonte; professores João Ladeira, Elias de Paula Andrade, Theophilo da Costa Lage e Washington Pires e estudante Ivo Pellegrino, pela Escola de Odontologia e Pharmacia.

Durante seus tres primeiros annos de funcionamento, conseguiu a Universidade de Minas-Geraes impôr-se á confiança publica e gaugear a sympathia, o respeito e a admiração de suas congengeres, pela competencia, pela dedicação e pela tenacidade de propositos e de esforços de seus componentes. Graças á iniciativa creadora de seu provector Reitor fundára-se o Gremio dos Amigos da Universidade e a Associação Universitaria, achando-se em via de proxima realização a construcção da Cidade Universitaria e da Casa do Estudante; o governo federal concedera-lhe autonomia didactica; — tudo, enfim, augurava o mais brilhante exito ao instituto nascente, quando...

§ 14.º

Quando, a 18 de novembro de 1930, a séde provisoria da Universidade, que é a Faculdade de Direito, foi theatro de uma scena de selvageria tão brutal e tão insolita, tão destoante da indole, de ordinario, pacata e morigerada, dos estudantes mineiros, que, contada, difficilmente se acreditaria em sua realidade.

O Conselho Universitario, em sessão effectuada nesse dia, resolvêra, por maioria de votos, contrariar uma pretensão dos universitarios, a qual lhe parecêra aberrante dos credits e do bom nome da Universidade.

Proclamado esse resultado, seguiu se explosão violenta da parte da assistencia, desrespeitosa e aggressiva, contra os membros do Conselho, sendo-lhes atirados

ovos, batatas e bananas. Houve raneção natural, da parte dos filhos do Reitor. Estabeleceram-se, então, balburdia e confusão indescriptiveis, em meio das quaes ouviram-se detonações de tiros, e, durante tres longas horas, foi o edificio alvo de scenas vandalicas, permanecendo, em seu interior, prisioneiros da desordem, os membros do Conselho Universitario, composto de velhos professores, encaucceidos no serviço do magisterio.

Para avaliar-se a extensão do conflicto, e para vergonha eterna de seus promotores, transcrevem-se, aqui, os pontos principaes do auto de exame pericial, feito na Faculdade de Direito, e assignado pelos peritos nomeados Francisco Richard e Alvimar Carneiro de Rezende, engenheiros civis, e as testemunhas Luiz de Araujo e Angelo Dagosto :

Quesito 3.º Apresenta o edificio danno em sua parte interna, externa e adjacente?

Resposta : Sim.

Quesito 4.º Quaes, de que natureza e de que modo foram produzidos?

Resposta : os damnos são : paredes damnificadas, todas as vidraças quebradas, janellas desmanteladas, alguns soalhos damnificados, quadros estragados, moveis e janellas queimadas, gramado e plantas estragados. Foram produzidos por fogo e por seccentos a setecentos projectis seguintes : ovos, bananas, cacos de telhas, pedras de calçamento do passeio e da rua, seixos rolados, parallelepipedos, balas de revolver, estacs de roseira e pedaços de bancos.

Quesito 6.º Correram risco de lesões corporaes as pessoas que se achavam no interior do predio depre-

dado, attendendo-se ao modo e instrumentos utilizados para a depredação?

Resposta: Sim.

Quesito 7.º Houve tentativa de incendio do edificio?

Resposta: Sim.

Quesito 8.º Onde teve inicio o fogo e qual o modo de seu alicamento?

Resposta: Foi atado fogo por meio de gasolina ou alcool nos caixilhos e almofadas das janellas, nos bancos e cadeiras das salas do primeiro pavimento dando para a rua Guajajaras.

Quesito 9.º Quaes os danos causados por aquella fórma de destruição empregada?

Resposta: Diversos caixilhos e postigos, alguns bancos e cadeiras ficaram parcialmente carbonizados. Em alguns logares, o soalho tambem soffreu pelo fogo.

Quesito 10.º Observam os peritos vestigios de projectis de armas de fogo no predio examinado, quer em sua parte interna ou externa?

Resposta: Sim.

Quesito 11.º Onde estão localizados?

Resposta: Estao localizados de accordo com os croquis juntos. (Tacs croquis assignalam dezeseete balas).

Quesito 12.º Qual a natureza e calibre destes projectis?

Resposta: As balas que viram são de revolvers calibre 32 e 38.

.....”

Que differença da mentalidade dos estudantes de meu tempo, quando se julgavam contrariados em seus desejos, quasi sempre desarrazonados ! . . .

Publiquei, a tal proposito, uma chronica, que aqui transcrevo, datada de 13 de dezembro de 1919.

Ella :

"Foiu a 5 de corrente, como sabem, no Rio de Janeiro, por occasião dos exames de preparatorios a que se está procedendo no Collegio Pedro 2.^o uma revolta, uma assuada, um motim, ou que melhor nome tenham, de estudantes, contra as bancas examinadoras de francez e de historia natural.

Tal desaguisado, que encheu, por momentos, a tranquilla casa de Minerva, com o fragor bellaz e o retintin das armas de Marte, foi provocado segundo allegam os rapazes, pelo excesso de rigor no julgamento das provas, ou pela ignorancia acintosa dos examinadores, conforme affirmam os professores.

Seja, porém, como for, o facto é que, graças á brandura natural da indole brasileira, tudo, em breve, se acalmou, só tendo havido violencias contra os vidros e os móveis do Collegio.

Esse acontecimento, noticiado por alguns órgãos da imprensa carioca em locais com titulos e sub-titulos berrantes, havendo, mesmo, um delles que epigraphou seu commentario com o alarmante distico — *O Collegio Pedro 2.^o em pé de guerra* ; esse acontecimento nada mais é do que a reproducção eterna do eterno conflicto entre a rebeldia ingenita e irreflectida, a irreverencia estouvada e, por vezes, joecsa, dos moços, e a austeridade, algum tanto necessarina, e o auctoritarismo, ás vezes excessivo, dos velhos.

Quando eu começava a ser estudante (nessa o digo, em vez de quando eu era estudante, porque ainda me considero tal, apesar — ai de mim ! — de já desbo-

tado pelas primeiras neves da idade); nos meus primeiros tempos de estudante, tive occasião de assistir a uma dessas muitas estraladas, cujos écos, já muitíssimo adormecidos, porventura ainda resoam pelas quebradas das serranias historicas que muram a nossa velha e saudosa ex-capital.

Tei, em 1881, no *Lyceu Mineiro*, de Ouro Preto.

Procedia-se ao exame de latim, que empallidecia de terror as gerações que procederam á minha e algumas das que a seguiram.

Os examinadores dessa lingua, chefiados pelo professor da materia, no *Lyceu*, tinham como lemma a conhecida phrase *Turpe est nescire latiné* (é vergonha não saber latim), que Juvenal dizia a seus conterraneos, quando a lingua de Cícero se corrompia juntamente com a nacionalidade.

O rigor, portanto, em tal exame, era extremo: exigia-se a versão, para o latim, de um trecho classico, portuguez; a urna fatidica encerrava pontos relativos a trechos de toda a obra de Horacio, de Virgilio e de Tito Livio; o examinando era obrigado a medir os versos latinos, dando-lhes a respectiva discriminação e mencionando todas as figuras poeticas empregadas. A porcentagem das reprovações era, bem se vê, de 70 por 100.

Ora, aconteceu que, naquelle remoto anno de 1881, as cousas, segundo o criterio, tão fragil e tão erroneo, dos da minha geração, haviam chegado ao auge. Era necessaria uma reacção, e esta se deu violenta, descommedida, brutal, insolente, grosseira e insultuosa: pasquins impressos, acrosticos contendo, entre elufias e reméques, os nomes respeitaveis dos examinadores, epigrammas acrimonosos, escriptos em latim correcto e em latim macarronico, — tudo isto distribuido furtivamente, á noite, pelos corredores das casas, por estudantes com barbas postigas o

chapéus desabados, envoltos em negras capas roçagantes, de conspiradores.

Sobrelevando a taes cousas, — tal como agora, no Rio, — furibundas cartas anonymas ao director e aos professores do *Lycée*, ameaçando-lhes fazer-se a casa voar pelos ares, a bombas de dynamite.

Foi mistér a intervenção da policia: um pelotão de soldados, com armas embaladas, postou-se em frente ao estabelecimento. Cochichavam-se cousas pavorosas; havia fulgores sinistros nos olhares.

Sob tal atmosphera trepidante e pávida, começaram-se, nesse dia, os exames. Fazia parte da turma a ser examinada uma joven patricia, creio que de S. João d'El-Rey, de raro preparo e de não menos rara belleza.

A sala regorgitava de espectadores: professores, estudantes, curiosos, autoridades policiaes.

O exame foi esplendido. Quando se proclamou o resultado do mesmo approvando-a com distincção, estrugiu uma salva de palmas atrozadora, sincera, infundavel... E (ó milagres do fulgor do talento, do prestigio da belleza e da generosidade dos moços!) toda aquella mocidade, ainda ha pouco escenta de vingança e tumentes de odio, levada, agora, por um tocante impulso irreprimivel de confraternização e de reconciliação, cobria de variegada chuva de pétalas de flores a collega distincta e os proprios examinadores, que tinham sabido galardoar o merito, e a quem, pouco antes, haviam ameaçado com a morte affrontosa pela dynamite.

Que formoso folhetim commovente escreveu, nesse dia, a tal respeito, no jornal que, então, redigia em Ouro Preto, o eminente decano de nossas jornalista, o venerando patriarcha das lettras mineiras, o graúdo e querido Diogo de Vasconcellos!

Decididamente, quem tem razão em matéria de briga de estudantes, é o subtil auctor d'*A Cidade e as Serras*, quando, em um de seus *Bilhetes de Paris*, disse que aquelles, geralmente, têm a revolta muito facil, mas muito curta. E, desde que os barulhos são feitos unicamente por estudantes, a ordem renasce de repente, quando, uma madrugada, elles se sentem esfalfados de tanto bêrro e de tanto encontrão, e recolhem-se á casa para mudar de roupa e de enthusiasmo¹⁷.

O que ha, porém, de mais doloroso, de mais grave e de mais lamentavel, no conflicto de 18 de novembro ultimo, é que houve a capitis diminuição da perda da autonomia didactica da Universidade de Minas-Geraes, ficando a mesma privada da assistencia, das luzes, do esforço intelligente e abnegado de seu primeiro Reitor, o qual, com razão, desgostoso e amargurado, se demittiu do cargo que tanto nobilitára, retirando-se de Belo Horizonte.

Tal conflicto, acreditamos, foi um eclipse funesto no céu, ordinariamente limpido, da vida escolar mineira. Como todo eclipse, porém, esse será de curta duração.

Terminando sua monumental *Historia Romana*, disse Th. Mommsen que a aurora só reaparece depois que a noite cobria o mundo com suas sombras e depois de haver terminado o seu curso.

Entre nós, em boa hora, a noite, com seus sobresaltos, seus pesadelos, seus imprevistos e suas emboscadas, já passou.

A aurora vac repontar...

CONCLUSÃO

Nix erketai — (A noite vem).

Entro hoje em meu septuagesimo anno de existencia...

Muito tenho vivido, pois, e muito tenho soffrido, porque muito tenho amado.

Este livro é, ainda, um filho deste muito amor.

Procurei levantar, por um momento, com o sôpro da saudade, o pó em que já se converteram muitas das diversas gerações de que tenho feito parte, e que, desapparecendo, antes de mim, me deixaram na situação dolorosa daquelle personagem da novella oceana, para o qual o mundo parecia um immenso montão de ruínas, onde sua alma solitaria, como um exilado que erra por entre columnas tombadas, gemia sem descontinuar...

Dentro em breve, este punhado de cinza que constitue o meu arcabouço se terá, tambem, dissipado, como pó impalpavel, no turbilhão dos mundos.

Não quiz, porém, desapparecer, sem haver contado, aos que me succederem, o que foram e o que fizeram alguns homens de meu tempo. E' bem certo que o fogo vital que, um dia, os animou, sumiu-se sob o atêrro dos annos; mas, "como um facho bemfazejo, que passa invisivelmente, de mão em mão, de uma para outra época, revive e está presente na chamma actual".

Quanto a mim, approximar-me-ei, serenamente, do descanso supremo, que ahí vem, abençoando a vida, que me deu quanto me podia ter dado.

Não me illudo, absolutamente, a respeito do destino reservado a este pobre livro, feito, aliás, com meu sangue, de accôrdo com o preceito de Nietzsche: "Esereve com sangue, e aprenderás que o sangue é espirito".

Bem sei que minha obra minguada, com meu nome, como tudo mais, desaparecerá no esquecimento universal. Entretanto, apropriando-me das palavras de Pierre Loti, no prefácio de seu livro *Prime jeunesse*, direi aos que me lêrem :

“Je prie ceux qui jetteront les yeux sur ce livre, de l'excuser, comme la tentative désespérée d'un de leurs frères qui va sombrer demain dans l'abîme et voudrait, au moins pour un temps, sauver ses plus chers souvenirs”.

Bello Horizonte, 23 de março de 1931.

AURELIO PIRES

POSTFACIO

- I — *O ultimo perfil de Mestres de Outrora.*
- II — *O Enterro de Mestre Aurelio — por Affonso Ari-
nos de Mello Franco.*
- III — *O Elogio do Professor Aurelio Pires, na Uni-
versidade de Minas Geraes, pelo Professor Mello
Teixeira.*

O ultimo perfil de Mestres de Outrora

CAETANO DE AZEREDO COUTINHO

Aurelio Pires

(Esp. para FOLHA DE MINAS)

In ore suo, post mortem, sicut in ore Platonis
melificabunt apes. (Em sua bocca, depois de morto,
como na bocca de Platão, as abelhas fabricarão o seu
mel). — Leopoldo Pereira.

A anciã cidade mineira de Sabará foi, em tempos idos, séde de intenso movimento intellectual. Minerva teve alli mais de um templo, em cujas aras ardia constante incenso votivo á deusa da Sabedoria. Antes que os trilhos da estrada de ferro a puzessem em contacto directo com o resto do mundo (extranho paradoxo!), floresceram, no burgo de Borba Gato e da estupenda epopéa de pedra do "Alcjadinho", notaveis collegios de ensino secundario, conhecidos e celebrizados pelos nomes de seus fundadores: "Collegio Deutor Symphronio, Collegio Dona Veronica (para meninas), Collegio Septimo de Paula Rocha, Collegio Caetano...

E' do fundador deste ultimo que venho falar nesta pagina incolor, de evocação de uma figura, cuja bene-merencia deve ser lembrada, e cujo nome não pode ficar sepultado, para sempre, no olvido onde desaparecem os homens e as obras dos homens.

Quem visse, deslizando, como uma sombra, pelas ruas ladeirantas de Sabará, a figura de Mestre Cactano, sempre trajado de preto, com seu amplo chapéu de abas largas, seus modos canhestros, sua modestia encolhida e arisca; quem visse aquelle homem de barba intonsa emoldurando um rosto onde bri'hava um olhar cheio de doçura, e onde se abria uma bocca sempre cheia de sorrisos; quem assim o visse, mal cuidára que naquella figura que se esgueirava como uma sombra, se occultava um profundo conhecedor do vernaculo, arguto interprete de Camões e um apaixonado cultor da lingua de Cícero, cuja complicada syntaxe arrevezada lhe era mais que familiar.

Elle certo, não era, de modo algum, da cathegoria daquelles mestres que Carlyle debuxou com côres tão vivas quão reaes, e que, ha poucos dias ainda, "Propercio" (evidentemente, um pseudonymo) citou no JOURNAL DO BRASILEIRO, isto é, "uma machina de mover verbos", sem a chama de combustão da alma, sem essas energias mysteriosas da vida que communicam o espirito com o espirito e accendem o pensamento ao fogo do pensamento.

Não! Seus discipulos sobreviventes que ahí estão, em numero incontavel, poderão attestar como, até em seus ultimos dias, elle soube "accender o pensamento ao fogo do pensamento".

Quando, ha annos, falleceu Souza Martins, esse extraordinario docente da "Escola Medica de Lisboa", um outro medico e professor de grande nomeada, como elle, Julio de Mattos, dissertando sobre o mesmo, estabeleceu, com muita justeza, a distincção entre o "professor" e o "mestre" propriamente dito, — distincção que, mais de uma vez, eu tenho repetido, tão verdadeira e expressiva a julguei sempre. E' a seguinte:

— Saber muito, — disse elle, — conhecer na sua historia e nas suas ultimas acquisições a sciencia ensinada; ter um profundo sentimento das difficuldades que ella

reserva aos que começam ; utilizar com igual facilidade os recursos da analyse e da synthese, — taes são as preciosas e raras qualidades, indispensaveis ao professor. Mas, no mestre, outras têm de integrar-se ainda, exceptionaes, essas, e absolutamente inacessiveis ao esforço da vontade : taes são a originalidade especulativa, que suggestiona os espiritos e bruceamente illumina horizontes novos da sciencia ; a critica iniciadora, que resulta de uma systematização pessoal de doutrinas ; a eloquencia que é a espontanea identificação da palavra com a idéa ; emfim, abraçando e dominando tudo, um profundo e vasto amor da mocidade. Porque, si as relações entre o “professor” e o “alumno” se interrompera e se suspendem, transpostas as aulas, as do “mestre” com o “discipulo” são incessantes e suppõem uma affinidade intellectual que a natureza humana difficilmente comporta sem uma larga base affectiva.

Pois bem ; Mestre Caetano possuía “esse profundo e vasto amor da mocidade, essa larga base affectiva”, os quaes o tornavam por sua vez tão querido de seus antigos discipulos, que estes, num tocante gesto de amor e de piedade filial, fizeram erigir-lhe um tumulo, — tão modesto como foi modesta sua vida, — no Cemiterio do Bomfim, em Bello Horizonte, onde, a esta hora, elle dorme o doce somno que o Ecclesiastes garantiu aos que bem trabalhavam : “Dulcis est somnus operanti”.

Na lapide desse tumulo (si ainda se usassem epitaphios em latim), poder-se-iam gravar aquelles versos tão formosos e tão expressivos, donde se evola um tão doce perfume virgiliano e pagão, e que foram encontrados — dizem — na lousa de um tumulo ignorado de ignorada aldeia italiana :

Quisquis es, opiliove bonus, bona vel caprimulga,
Siste pecus, ceneri munera ferque sacro ;
Da violas tumulo, spargat dulcissima vina.
Cantharus, et tepido lacte madescat humus”.

(Quem quer que sejas, — bom pastor de ovelhas, ou boa cabreira, — detem o teu rebanho e traze offerenda a esta cinza sagrada, cobre este tumulo de violetas e teu cantaro derrame sobre o mesmo os mais doces vinhos, e humedeça a terra com o leite morno).

Carta que me foi enviada, ha tres dias, de Belo Horizonte, me informou que o Instituto Historico de Ouro Preto vai promover a collocação de uma placa commemorativa na Casa de Sabará onde Mestre Caetano iniciou a vida de magisterio, que elle soube dignificar durante sessenta e tres annos de labor honesto, fecundo e benemerito. Resolução consoladora! Homenagem merecida! Consagração opportuna!...

Rio, 6 de abril de 1936.

(Da "Folha de Minas," de 12 de Abril de 1936).

O ENTERRO DE MESTRE AURELIO

Rio, 25, Fevereiro, 1937.

A tarde carioca estava macia, leve, e a tonalidade cor de rosa do ar emprestava qualquer coisa de virginal nos tumulos floridos.

Sentia-se a urgente necessidade de um Casimiro, que viesse comparar as campas a berços de anjos loiros, ou a thalamos em que repousassem as pallidas Ophelias suspirosas.

Todos nós estavamos casimirianos, mas sem a febre vespéral, e era absolutamente innegavel, indisfarçavel mesmo, o nosso bem estar.

Tambem para que disfarçal-o? Era justo, era humano que nos sentissemos assim tão bem, no enterro de Mestre Aurelio.

Eramos um grupo reduzido de amigos, que nos juntavamos naquella ultima festa em torno do melhor homem de Minas Geraes.

O respeito pela grave cerimonia, o pezar pela grande perda não se abastardavam com o bulicio e a espectacularidade dos luxuosos prestitos funerarios, nem com a exhibição nevropatha dos tragicos desesperos daquelles que não sabem comprehender o recato e a diguidade da morte. Nosso respeito e nosso pezar se fundiam em ternura.

Ternura pelas barbas, pelos olhos candidos de Mestre Aurelio, pela sua vida pura de erudito de provincia, pelo seu coração cheio da poesia dos mundos.

Ternura pelo funcionario publico que passeava entre as rosas, de braço dado com a saudade, a sua ultima companheira.

Ternura pelo moço das serenatas de Diamantina e de Ouro Preto, cuja voz, emudecida, iria ecoar agora do outro lado, no paiz cujos ruidos não ouvimos, acompanhando o côro das outras vozes, caladas ha tanto tempo.

Ternura pelo professor da sciencia da vida.

Os poucos amigos marcham passo a passo, acompanhando Mestre Aurelio na sua mudança para a ultima casa.

Era como um passeio um pouco triste, um caminhar pausado sob as folhagens amenas, entremecado de conversas simples, francas e tranquillias.

A tarde era uma tarde de igreja de Minas. Decididamente os nossos velhos templos tinham cedido um pouco de suas côres em homenagem a Mestre Aurelio. O céu enfeitado de pequeninas nuvens estava azul e branco, como o manto de Nossa Senhora de Sabará. A Vir-

gem Santa tinha espalhado o seu manto sobre as nossas cabeças. Mas havia franjas vermelho-ouro, tiradas indiscutivelmente ás paredes da matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto.

Mestre Aurelio passa entre as arvores e os passaros e biliteiam á marcha compassada dos poucos amigos que o homenageado, antes de morrer, tinha mandado convidar para aquella festa intima.

A aragem que agora sopra, confidenciando segredos que só os mortos entendem, deve vir de Bello Horizonte, das ruas silenciosas do Bairro dos Funcionarios, com aquellas varandas onde os aposentados tocam flauta de chapéu na cabeça, ás 6 da tarde, depois do jantar.

Mas não, a brisa vem de mais longe talvez. Vem da Diamantina natal, das suas areias brancas, dos beirões dos seus telhados, e embalou levemente os pesados sinos adormecidos.

Mestre Aurelio segue devagar o seu passeio, como convem aos velhos poetas latinistas. Aproximamo-nos do fim. Aqui está a entrada da casa nova, morada simples e acolhedora como as outras que teve.

Agora nos despedimos do amigo cansado que se vai recolher. Não perturbemos o seu socego. Si a vida de Mestre Aurelio nos reconcilia com a vida, o espectáculo de sua morte nos faz amavel a ideia da morte.

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

(“Boletim de Ariel” de Novembro - 1937).

Elogio do professor Aurelio Pires

Na aula inaugural de pharmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas, que rege internamente, o professor Mello Teixeira rendeu expressiva e carinhosa homenagem á memoria do professor Aurelio Pires, cuja morte ainda prantamos, e que tão nobremente soube enriquecer o patrimonio de cultura da gente mineira e servir á causa do ensino superior em nossa terra.

Reverenciando a figura e a acção do saudoso mineiro, o professor Mello Teixeira fez-lhe o seguinte elogio, justo e significativo a quem muito collaborou para o desenvolvimento da civilização mineira :

“Reencetando a carreira do magisterio em meu Estado natal, donde as contingencias da vida me haviam afastado por espaço de dois annos e meio, julgo-me de veras venturoso e me ufano por fazel-o em um instituto de ensino superior que, apesar de novissimo, já pode considerar-se um padrão de gloria da iniciativa mineira, attestado eloquente da união e da tenacidade da classe medica de Belo Horizonte, e motivo de applausos e de benções á actual administração publica desta terra, que o amparou em seus primeiros passos e vae auxiliando-o com a sua carinhosa solicitude.

Comprehendereis facilmente a emoção com que me approximo desta cathedra, si souberdes que, no ideal da fundação de uma Faculdade de Medicina em Minas, eu consagrei grande parte das aspirações de minha mocida-

de, começando tal ideal a sorrir-me ha mais de vinte annos, quando eu era ainda estudante na velha e conceituada Escola de Pharmacia de Ouro Preto.

Vendo, agora, esse meu anelo de moço corporificado aqui, na nova Capital de nosso Estado, destinada a ser um dos mais pujantes centros intellectuaes de nossa patria; e, — o que é mais — tendo tido a altissima honra de vir a ser um dos collaboradores desta grande obra, — é com a alma cheia de suaves recordações do passado, com o coração alentado por gratas esperanças no futuro, e com a mente compenetrada das graves responsabilidades que assumo no presente, que venho hoje recommençar convosco meus novos estudos sobre Pharmacologia”.

Foi assim, com essas palavras eloquentes e propheticas, que, a 30 de abril de 1913, — já se vão 24 annos, Aurelio Pires iniciou, nesta Faculdade, a sua aula inaugural do curso de Pharmacologia de que foi o primeiro e insubstituivel cathedratico.

Essa voz que por tantos annos a cito, aqui, neste recinto, convincte e sabia, falou a numerosas gerações de estudantes, na luminosa tarefa de ensinar, essa voz magnifica de mestre e de artista acaba de emmudecer, definitivamente. . .

Não mais resoará aqui, para o nutrimento de nossa intelligencia e para o encanto dos nossos ouvidos. . .

Muda e extincta está, para sempre, essa voz. Mas as suas resonancias aqui perduraram sempre, como sempre a recordação d'elle ha de perdurar, palpitante, luminosa e viva, em nossos corações e nesta Casa, seu grande sonho, de que foi o mais antigo e estrenuo idealizador e de que era um dos maiores ornamentos.

Mas a vida continua. . . tem de continuar. Alguem deve succeder na fila ao que tombou. Cabe-me a difficil e pesada tarefa.

Ao recebê-la, em caracter provisório, por imperativo da Congregação, sopesei bem o encargo de substituir

interinamente ao velho mestre que a doença e a idade já tinham afastado da cathedra. Elle era, porém, ainda entre os vivos. A missão de substituí-lo poderia atemorizar-me o espirito, pelo receio da responsabilidade; mas não me amergurava o coração.

Entretanto, quiz o destino, imprevisto e vario, que Aurelio Pires tombasse, inopinadamente, antes do inicio deste curso.

E, assim, é com os olhos marecados de lagrimas que vimos para esta aula inaugural do presente anno lectivo, sob a dolorosissima impressão do desaparecimento do grande Mestre e amigo, cuja morte tarja de luto e de tristeza o nosso primeiro contacto na cadeira de Pharmacologia, que elle por tantos annos illuminou.

Reviver-lhe aqui, hoje, a memoria e a figura inconfundivel e magnifica numa resurreição vivificada pelo culto da nossa immensa saudade e pelo preito de justo e sincero louvor ás suas peregrinas virtudes de homem e de mestre -- será sem duvida, meus caros discipulos, a melhor e a mais devida maneira, embora seja a mais commovente, de iniciar o nosso curso de Pharmacologia.

E' praxe, nas aulas inauguraes, começar o professor por dar uma synthese da disciplina que lhe cumpre leccionar, salientando, em traços largos, a importancia e a belleza da materia que ensina.

Para destacar e engrandecer a belleza e a importancia do estudo da Pharmacologia não encontraria eu, neste instante, caminho mais suggestivo do que falar-vos sobre um dos seus mais brillantes cultores em nosso meio e um dos seus mais auctorizados mestres.

E que thema mais suggestivo e suavissimo do que este, de retracar o perfil de Aurelio Pires, cuja vida defluiu por entre os homens e as cousas em fulgurações de intelligencia e scintillações de bondade?

Nascido em Serro, berço privilegiado que tem dado a Minas tantas intelligencias illustres, não poderia Au-

relío Pires desmentir as tradições nataes nem á poucar a estirpe de que descendia e á qual elle e mais outros irmãos, pelos dotes do talento e da cultura, iriam accrescer novos brilhos e novos braços.

No velho e tradicional Seminario da Diamantina lendaria, começou a accumular o seu cabedal de cultura, em severos principios de estudo, que iria concluir posteriormente no Lyceu Mineiro de Ouro Preto, onde completou o curso de humanidades.

A'quelle tempo, com uma intelligencia de escol, avida de saber, sob os severos methodos de estudos de um seminario de austera fama, bem se pode avaliar que estrutura humanista traria Aurelio Pires para a vida publica e para as conquistas da intelligencia.

Foi esse solido abstracto de humanidades e de instrucção classica fertilizando uma mentalidade privilegiada, foi esse lastro de cultura, adensada, dilatada, aprimorada pelo estudo diuturno e infatigado que definiu a personalidade de Aurelio Pires, como um valor mental na collectividade, e que o destinaria ao triumpho na vida publica qualquer que fásse o sector que escolhesse.

Por pendor natural, elegeu a Medicina.

Aos 17 annos matriculava-se na Faculdade do Rio de Janeiro.

Ahi, em pleno segundo anno, adoeceu gravemente. Teve de interromper os estudos e retornou a Minas. A molestia cruelmente vinha destruir-lhe o grande ideal de sua vocação. Não podendo viver na Capital da Republica, onde existia uma das duas unicas faculdades medicas do paiz, teve de suffocar definitivamente a sua aspiração profissional. Estará ahi, certamente, a razão maior que fez de Aurelio Pires o pioneiro mais incançavel e devotado da fundação em Minas de uma escola de Medicina, desde os tempos de Ouro Preto, e que o tornou, ao lado de outros motivos relevantissimos, o mais

extremado defensor e propagandista da installação desta Faculdade, que lhe deve tanto de sua existencia.

De novo em Ouro Preto e refeito de saude começou a carreira que sempre seria a sua vocação fundamental — a de professor.

Abriu cursos de portuguez, inglez e latim. Por concurso brilhante conquista um logar de amanuense na antiga Thesouraria de Fazenda. Fundado o Collegio Mineiro de Ouro Preto foi convidado a reger a cadeira de Portuguez. Integrava-se, assim, no seu apostolado de professor.

Intelligencia aberta a todos os problemas, os de ordem politica e social não lhe poderiam ser indifferentes. A esse tempo o ideal republicano no Brasil tomava vulto e empolgava a mocidade. Na terra que primeiro sonhara a liberdade patria, a idéa da republica alastrava-se victoriosa.

A sensibilidade mental de Aurelio Pires não podia deixar de syntonizar-se com essa esplendida aspiração politica.

E ao lado de João Pinheiro, de Antonio Olyntho, seu illustre irmão, Aurelio, em pról do ideal republicano terça as suas primeiras armas no O MOVIMENTO, orgão de propaganda republicana, estreando, assim, no jornalismo, que seria dahi por diante um dos melhores scenarios onde a sua entera e o polymorphismo de seu talento iriam rebrilhar em galas inimitaveis.

Proclamada a Republica, Aurelio Pires, pelos serviços á causa, pelas amizades que desfructava, pelas altas qualidades de espirito e de character, teria garantido ao sol que despontava o logar que lhe era devido. Mas o seu temperamento não se coadunava com o clima perfido da politica partidaria.

A sua sensibilidade não se adaptaria aos seus manejos. Refugiou-se no ambiente placido e consola-

dor do estudo e dos livros, na cultura continuada e fecunda da mocidade que o cercava, avida do seu ensino.

Continuaria a sua destinação vocacional: ser professor, ser o que foi durante toda a sua brilhante existência — mestre. Mestre dos moços. Mestre pelo talento, pela cultura, pelo caracter, e pelo coração. Como Sophocles, achava a sabedoria preferível á fortuna.

Foi então nomeado lente cathedratico de portuguez do Externato do Gymnasio Mineiro, por acto do governo Bias Fortes.

Já então casado, matricula-se na Escola de Pharmacia de Ouro Preto, onde após curso brilhantissimo tirou o diploma de Bacharel em Sciencias Chemicas e Pharmaceuticas, defendendo these de grande merito sobre o leite e o seu papel na alimentação.

Foi Aurelio Pires um dos mais efficientes colaboradores da grande reforma de instrucção publica em Minas, ideaça e realizada por João Pinheiro que, fundando a Escola Normal Modelo de Belle Horizonte, o nomeou para seu primeiro Director e lente de Geographia e Historia Universal.

Mais tarde era nomeado por Weneeslau Braz reitor do Gymnasio Mineiro, ao qual imprimiu directrizes que notabilizaram sua administração.

Em 1909, Nilo Peçanha vem buscar a Minas Aurelio Pires, nomeando-o para alto cargo no Ministerio de Viação, posto em que se aposentou; para então volver de novo a Belle Horizonte, onde se achava, quando o então presidente Antonio Carlos o escolhe para director do Archivo Publico Mineiro.

Fundada a Faculdade de Medicina, Aurelio Pires que se achava então na Capital da Republica, foi convidado para cathedratico de Pharmacologia, cujo curso iniciou em 1913 e que regeu ininterruptamente até 1933.

Depois de 20 annos successivos de magisterio brilhantissimo nesta cadeira, onde a sua figura de mestre

culminou sempre na admiração, na estima, no respeito dos seus innumerados discipulos e na amizade e alta deferencia dos seus collegas de Congregação, Aurelio Pires, assoberbado de annos de ensino e já depauperado pela molestia, viu-se forçado a abandonar a cathedra que tanto estremecia pelo repouso confortador depois de tantas e tão bem travadas pelejas.

Mas a morte, a sinistra rondante, não lhe quiz permittir longo repouso provisório. Em pouco, para nosso mal e maior tristeza, arrebatou-o, ha dias, para o repouso definitivo...

Ahi, nestes lanceos rapidos, a vida do homem, a travéz das escalas fortuitas que o destino traça, para todos nós, entre o berço que cria e o tumulo que devora.

Em Aurelio Pires a vida não foi esse zig-zaguear ao léo da sorte e á mercê das circumstancias, como a dos fracos e dos indefinidos. Foi uma ascensão meditada e sempre luminosa, segura e firme, porque abroquelada em dotes naturaes de fina e excepcional estrutura, aprimorados e cultivados por aturado esforço no rectilíneo sentido de um caracter.

Intelligencia e bondade foram os polos do seu perfil humano.

Taes caracteristicos definiam em traços fortes a sua individualidade. E foram esses attributos que delle fizeram, em todas as situações da vida, e em todas as manifestações do eu a figura apostoiar do mestre.

Foi esse o vinculo marcante, definidor da sua personalidade.

Ser o professor, ser o mestre, era tão característico nelle, que, em Minas, a linguagem da amizade, da ternura e da admiração, quando a elle se referia synthetizava-o na expressão suggestiva: Mestre Aurelio.

Mestre Aurelio... mestre de saber e de cultura; mestre de bondade e de caracter; mestre de maneiras e elegancia mental; mestre de sympathy e de suavidade.

É o physico e os naturas ademanes casavam-se, á maravilha, com o seu suave contorno moral.

Era de vel-o, a figura serena e sem asperezas, sempre aprumada no andar firme, de passos silenciosos, como a querer passar despresentido e quasi humilde. A cabeça erecta, não de quem desafia, mas no gesto de quem fita a altura, sob a prata brilhante dos bastos cabellos brancos. O rosto alongado na pera nevosa e no desenho levemente aquilino do nariz lembrava um perfil florentino, donde resumbrava um ar de placidez e de suavidade encantadores. Na doçura da face, os olhos pequenos rebrilhavam e moviam-se irrequietos, como a mostrar que sob aquella mascara sempre serena e tranquilla, ainda ardia em fortes lampejos o fogo da intelligencia.

A completar essa harmonia physica, o apuro limpo do vestuario. Com esse exterior attrahente e cordial — as maneiras acolhedoras e fidalgas; os gestos suaves e naturaes.

A fala mansa e persuasiva, sabia-lhe fluente, numa delicadeza espontanea de expressão. Não tinha arestas nem depressões. Affavel sempre; sempre tolerante e paciente. Quer no trato dos discipulos como no commercio dos homens. Nunca se lhe via um gesto de impaciencia, uma attitude desharmonica, um impeto de raiva ou uma expressão contudente. A sua palestra, colorida e seductora, trahia, naturalmente, despretenhosamente, o rico filão de sua profunda cultura e era um encantador desfiar de lembranças, de conhecimentos solidos sobre as cousas e os homens, proprios só de quem tinha muito visto, muito lido e muito meditado.

Sendo assim, Aurelio Pires era e foi um acorrentador de amizades e de sympathias. Tendo uma personalidade definida e destacada por meritos invulgares, possuia, porém, o rarissimo condão de não desportar animosidades nem crear antipathias.

“Mestre de suavidade”, foi por alguém, ainda ha pouco, cognominado.

Epitheto, realmente, adequado ao seu perfil de homem.

Esse harmoniosissimo contorno moral é ainda a linha dominante que caracteriza o perfil intellectual de Aurelio Pires, quer nas expressões de consciencia de sua personalidade, quer nas suas variadissimas producções mentaes.

Por dom natural, que o esforço de estudo e de cultura tinha desenvolvido, possuia Aurelio Pires uma intelligencia incommum, multifacetada, como os crystacs raros, onde a luz do talento se decompõe em mil variedades scirtilas.

Por qualquer face que se analyse o polygono mental de Aurelio Pires, deslumbra sempre as fulgurações do seu espirito.

Mestre humanista, dotado de uma fina sensibilidade natural, elle deveria ser, como o foi realmente, um elegante e suavissimo manejador da linguagem de que possuia todos os segredos e que floreteava como acabado artista.

Era um completo artifice da palavra: da palavra escripta e da palavra falada.

Escriptor, jornalista, orador, elle o foi dos de mais fino quilate.

Se o estylo é o homem — nunca, ninguém, mais do que Aurelio Pires, no que escreveu e no que falou, comprovou esse asserto.

O seu estylo attico, sem arestas, nem dissonancias enervantes, fluia com a doçura de uma lymphá sob sombras amenas, exteriorizando sempre na suavidade enlevadora da phrase musical, a harmonia perenne do seu mundo interior. A cada passo, o artista do estylo deixava, com graça e com a proposito, revelar-se o enamorado da cultura greco-latina, o que imprimia aos seus escriptos uma nota sempre impressiva.

Ao influxo certamente do seu temperamento enternecido da belleza e da bondade, não resistiu ao desejo de traduzir do inglez aquelle suavissimo e delicioso poema de Longfellow — Evangelina — todo entrefecido num estylo reçumante de harmonias.

E' trabalho que, evidenciando conhecimentos solidos da lingua ingleza, revela de par a belleza estylistica do seu autor.

Jornalista, desde a sua estréa no O MOVIMENTO, elle nunca o deixou de ser, na nobre accepção do termo. Enquanto viveu, jamais deixou de frequentar as columnas dos periodicos, tanto os de Minas, como os da Capital do paiz, numa collaboração disputadissima.

Alguns de seus trabalhos escriptos para os jornacs, mais tarde os enfeixou em livro.

A maioria, porém, jaz dispersa nas paginas ephemerass dos diarios, á espera que mão piedosa, que não faltará, os reuna em volume. São todos elles assumptos tratados com cuidado de linguagem e elegancia de maneiras, que fazem dessas paginas um enlevo para o espirito, porque focalizam sempre factos e homens em circumstancias dignas de registro, pelos ensinamentos que encerram e pela elevação com que os themas são desenvolvidos.

Obra de imprensa igualmente são os seus "Mestres de Outr'ora", que mais tarde colligiu num dos volumes do "Archivo Publico Mineiro", obra esta a que deu vida fulgurante e que deveria ser continuada.

"Mestres de Outr'ora" são uma galeria de perfis de velhos mestres e sabedores mineiros, que Aurelio Pires, em louçanias de linguagem, retraca em largas e scintillantes palhetadas, em que revela admiraveis qualidades de biographo.

Do seu estylo e primor de linguagem nesse genero dou-vos aqui pequena mostra nesta citação que vos leio referente ao professor Eduardo Machado de Castro:

“Era alto, espadado, moreno de olhos grandes e vivos, testa ampla, bocca francamente rasgada, onde alvejavam duas fileiras de dentes de um esmalte impecavel, que tornavam mais claro seu riso bonacheirão e amigo; — a face gordanchuda e fresca e o clertado corpanzil taurino do Líllica, lembravam o todo anafado e prospero de um conego de prebenda inteira”.

Um perfil á agua forte.

Num outro estado, sobre Estevam Lobo Leite Pereira, releiamos este magnifico trecho: ... “Ha cinco annos uma fatalidade torva apogou-lhe, de modo violento e tragico, a estrella de seu destino. Em uma das mais apraziveis praias de banho do Rio de Janeiro, Estevam Lobo pereceu afogado.

“Mostraram-me o logar onde se desenrolou a catastrophe que fez atufar-se nas vagas perfidas aquella grande luz que ainda não havia dado todo o seu brilho.

“Era ao cair da tarde. Ondas querencosas beijavam mansamente naquelle momento, a orla da praia alvacentas: mas, das profundidades longinquas do oceano, subia um som melancolico e plangente, como immenso soluço doloroso. Era a grande voz do remorso do gigante devorador de vidas, pensei eu... E afastei-me, revolvendo na mente os versos do poeta francez:

“La mer, qui engloutit tant d'espoirs e tant d'amours,
La mer se plaint encore, la mer se plaint toujours...”

E' o aquarelista mimoso e suavissimo a debuxar em leite e mel um motivo emocional.

Orador, elle o foi soberanamente, soberbamente. Possuia tudo para o ser dos mais perfeitos e seductores: physico, cultura, imaginação, estylo e eloquencia.

Sim, não a rhetorica, mas a eloquencia, aquella que Ruy dizia ser “o privilegio divino da palavra, na sua expressão mais fina, mais natural e mais bella. E' a evidencia alada, a inspiração resplandecente, a commoção

electrizada, a verdade em erupção, em cachoeira ou em oceano com as transferencias da onda, as surpresas do vento, os reflexos do céu e os descortinos do horizonte”.

Certo a eloquencia de Aurelio não teria as vozes da tempestade, nem o estrepito das cachoeiras. Não era esse o seu temperamento.

A sua eloquencia era suave, quasi sempre circumatizada em todas as gammas da harmonia. A fluencia da sua oratoria magnifica tinha inimitaveis bellezas de estylo e imagens.

Foi a seu tempo o orador mais querido, e acontecimento de vulto, em prelios de intelligencia e de cultura, aqui, quasi não houve, em que a voz de Aurelio Pires não fosse solicitada.

A oratoria foi uma de suas armas preferidas para os objectivos que almentava em prol das realizações em que laborava. Seus discursos, modicarios, em ourivesaria fina de estylo, são dignos de figurar em anthologias, como mostra de eloquencia erudita em elegancia de fórma, vestindo belleza e frescura de imagens.

Foram numerosos; e sempre do mais caprichado labor. Proferiu-os aqui nesta casa em celebrações solennes. Era o nosso orador preferido. Proferiu-os no Instituto H. e Geographico de Minas Geraes de que foi excelso Presidente e a que deu, em sua gestão, um brilho que jamais teve.

Muitos delles, muitas conferencias suas ecoam ainda em nossos ouvidos na musicalidade dos seus periodos, na elevação dos conceitos e na formosura das imagens.

A conferencia sobre Oswaldo Cruz; o discurso sobre o seu grande amigo Cicero Ferreira, por occasião do 4.º anniversario do seu passamento; a conferencia sobre Tiradentes, pronunciada no Instituto Historico e Geographico de Minas, entre muitos outros, devem ser mencionados por estarem ainda palpitantes na retentiva dos que tiveram o gozo intellectual de ouvi-lo.

Revivamos, nesta hora de evocação e de saudade, um trecho verdadeiramente modelar de eloquencia, da peroração da formosa conferencia sobre Tiradentes proferida por Aurelio Pires.

"Senhores. Toda esta ronda de mortos que acabei de perpassar, por um momento, diante da vossa imaginação; toda essa multidão como a que foi evocada no livro citado, de Julio Dantas, ruge, alastra, lateja, como um só coração, bramindo, cantando, chorando, o nome de Minas. São milhares de braços escuros que se levantam, erguidos pelo mesmo sonho, convulsos do mesmo amor, crispados pelo mesmo odio, — toda a maré negra, sagrada, ululante, virginal, do povo, cortando como uma rajada, como um turbilhão, como uma tempestade, o extase dourado do poente. A mesma vibração, o mesmo grito de patria sae das entranhas da terra, levanta em cachões as espumas de nossas cachoeiras; soluça como o vento das florestas; humedece de lagrimas os olhos das proprias féras. Em cada pedra de muralha, em cada crista de fraguado, em cada lage de tumulo, ha uma voz que brada, ha um coração que sangra, ha uma memoria que ruge. E desses gritos de Patria, destes farrapos de grandeza, dessas memorias de seculos, dessa poeira para sempre morta, — quanta bravura, quanta energia, quanta fé refflorirá, eternamente viva!

"No retorno universal dos tempos e das almas, os mortos resurgirão dentro de nós, a alma da raça, purificada e liberta, renascera, estuará em torrentes de poder e de força, — e Minas, em vez de supplicar uma cruz para morrer, gritará por umas azas para voar.

Algo de demosthenico, meus senhores, de ruybarboseano, nesta peroração electrizante...

Era assim o orador.

Artista da palavra pela sensibilidade de temperamento e pelas solicitações de sua cultura, o seu tropismo

mental não se limitou sempre ás regiões douradas e incbriantes da arte.

Professor de pharmacologia, elle não se cingiu á já sufficiente tarefa de transmitir conhecimentos aos seus discipulos, nas magnificas preleções e aulas que lhes dava. Condensou o seu saber e a sua experiencia em livro que ainda hoje é divulgado e adoptado pela sua valia entre os estudantes da materia em cursos superiores de nosso paiz.

Realmente, o seu "Compendio de Pharmacia Galenica" que escreveu para seus discipulos, já hoje em segunda edição, consubstancia com methodo, com auctoridade, naquella linguagem castiça e corrente do seu auctor, noções actualizadas da materia, com pontos de vista originaes, e é no genero um dos melhozes manuaes da bibliographia nacional.

Não é nem podia ser obra original. Representa elle, como declara no prefacio, "o fructo de sete annos de estudo e de magisterio na Faculdade de Medicina de Bello Horizonte" e apoiando-se na maxima de Cattaneo confessa modestamente: "si a poucos espiritos é dado descobrir verdades novas, todos podem vulgarizal-as e facilitar-lhes o desenvolvimento".

Muito de proposito deixei para o final deste toco esboço da personalidade de Aurelio Pires, que ora, commovido, vos delineio, a acção infatigavel, apaixonada e dedicada que elle por largos annos desenvolveu para a fundação de uma faculdade de medicina em Minas Geraes.

Essa idéa brotou em Minas desde os tempos da Inconfidencia. Foi, posteriormente, agitada innumeraz vezes, em administrações diversas, sem lograr o menor exito.

Podeis acompanhar-lhe a longa e tortuosa evolução na "Memoria Historica" sobre o ensino medico em Minas Geraes, que com o espirito benedictino e esmiuçador de

historiographo escreveu o proprio Aurelio Pires, em successivos numeros da "Revista do Archivo Publico Mineiro".

Essas paginas de pacientes pesquisas constituem para todos nós mais um dos valiosissimos serviços que Aurelio Pires prestou á nossa Faculdade.

Ahi, data por data, evento por evento, estão methodizados e expostos com clareza não só toda a prehistoria do ensino medico e universitario em Minas, como toda a chronica viva desta Faculdade, desde sua fundação até 1927, época da installação da U. M. G.

Na fartissima documentação alli colligida, vislumbra-se o destemor e o impeto com que desde 1902 Aurelio Pires se empenhou na fundação de uma faculdade de medicina nesta Capital, idéa que, aliás, defendia desde Ouro Preto.

A proposito da noticia estampada no MINAS GERAES sobre a reunião promovida pelos drs. José Pedro Drummond, Salvador Pinto, Cicero Ferreira, Benjamin Moss Olyntho Meirelles e Virginio Bhering para tratar da fundação de uma Faculdade Livre de Medicina em Bello Horizonte — Aurelio Pires pelo O COMMERCIO DE MINAS, de 6 de junho lançou mão da penna para defesa da idéa.

Dahi por deante, em artigos de jornaes, em reuniões, em meetings não mais esmoreceu, dando todo o entusiasmo de sua intelligencia á grande aspiração.

E quando, em definitivo surto, a velha idéa conseguia vicejar novamente em 1910, empolgando não só o meio medico, como o governo e todas as classes sociais, até se tornar realidade aos 5 de março de 1911, foi ainda Aurelio Pires, pela palavra e pela penna quem continuou a ser o "Cid" da arrojada iniciativa.

Sobem a dezenas os artigos de defesa e de polemica escriptos por Aurelio Pires, na propaganda desse ideal de que se fizera estremo paladino, tanto na imprensa local como na do Rio de Janeiro, onde numerosos jornaes e pessoas de escol — entre estas o proprio Alberto Torres

— combatiam o que classificavam de descabida pretensão de fundar-se uma escola medica em Bello Horizonte.

Foi uma peleja incessante em ataques cerrados a que Aurelio Pires, sempre na brecha, ripostava com argumentos convincentes e calorosos já sob seu proprio nome, já sob os pseudonymos de Averrhoes, Berzelius, Alvicenas e varios outros.

Dá testemunho dessa actuação de Aurelio Pires na defesa do grande Ideal da classe medica mineira, o seguinte officio subscripto por Cicero Ferreira, Borges da Costa e Octavio Machado, a elle dirigido aos 15 de março de 1921, nestes termos concebido :

“Temos o prazer de apresentar a v. exc. em nome da Ass. Med. - Cirurgica de Minas, que tomou a si o encargo de fundar aqui uma F. de M. os mais sinceros e justos agradecimentos pela defesa tão habilmente feita por v. exc. aos ataques da imprensa dahi. Quando a Associação resolveu, por iniciativa do seu presidente, levar avante essa idéa, só o fez depois de pesar todas as difficuldades a vencer e de lhes achar os meios efficazes de correcção.

Não precisamos agora dizer-lhe quanto é viavel esta velha aspiração dos mineiros, por ser v. exc. conhecedor do assumpto, pedimos, entretanto, que continue a nos não deixar sem defesa ali, não interrompendo a serie dos seis interessantissimos artigos, na certeza de que v. exc. prestará a Minas um valiosissimo serviço”.

A esse documento, deu Aurelio Pires resposta immediata, da qual destaco os trechos seguintes :

“No plano da fundação de uma Escola de Medicina em Minas, a minha contribuição tem sido a de minha fé, que me acompanha ha quasi vinte annos”. (20 annos l vêde bem) “sem ter experimentado ainda um só dia de esmorecimento. É esta fé — ardente, profunda, inabalavel — que tem impulsionado a minha penna e communica-

do calor á minha palavra. E' sob a egide desta fé que havemos de vencer..."

Bellas e luminosas palavras...

Naquelle coração magnanimo, onde, em éstos magnificos, a bondade pompeou sempre, como nota predominante, tambem a fé num ideal não morria nunca e conseguia renascente perdurar por vinte longos annos.

Um homem dessa estrutura moral, dessa força de espirito, tinha de vencer e havia de destacar-se na moldura kaleidoscópica da vida, como uma figura de excepção.

Aurelio Pires, pelas suas attitudes na vida, pelo polymorphismo da sua intelligencia, pelos dotes do seu espirito de eleição e pureza de character concretiza bem, no alto sentido, o conceito carlyleano que affirma "não conheço nenhum homem verdadeiramente grande, que não contivesse em si todas as especies de homem".

Aurelio Pires é desse numero. A sua memoria não se apagará cedo da saudade de seus coevos. Mestre de cultura e de bondade, elle reviverá acrysolado, na lembrança das numerosas gerações de moços que ensinou.

Aqui nesta casa e nesta cadeira a sua sombra illuminada pairará sempre presente, como um nume tutelar, consolador e amigo.

Morto? Não. Não morre quem palpita na recordação carinhosa dos que lhe sobrevivera.

Não morre nunca quem, superiormente, fez da vida uma nobre e espontanea vocação de intelligencia e bondade.

Mestre Aurelio... grande Mestre, milagroso Mestre, que mesmo depois de morto, nos proporciona ainda a mais sabia e a mais luminosa das lições — a lição da sua grande vida...

Mestre Aurélio entre as rosas

PEDRO NAVA

Na doce tarde burocrática,
o jardim pontual está cheio do riso das rosas
e há uma solemnidade estática
no ar que parou...

Que parou para escutar os passos
de Mestre Aurélio que vem do Arquivo
e vai descendo para a casa propícia
na rua onde as placas azuis
trazem o nome do poeta estrangulado. (*)

Mestre Aurélio não vê as rosas
nem as águas,
não olha o céu, não olha as árvores,
seus olhos estão cheios de outros céus, de outros arcs
das águas claras das grupiadas
da cidade fina de Diamantina...

Há cinquenta anos
as casas da cidade da Chaca da Silva
já eram velhas,
mas o sangue velho
dos Pires,

(*) Aurélio Pires morava, em Belo Horizonte, na rua Cláudio Manoel.

dos Sás
dos Camargos,
vibrava no coração novo em fôlha
do poeta Aurélio Pires.

E seu coração batia rápido
no mesmo ritmo
do coração do poeta João Kubitschek
do coração do poeta Mata Machado
do coração do poeta Aureliano Lessa,
— dos corações que pararam
dos poetas que morreram...

E os corações dos tres poetas que morreram
vieram bater surdamente
no coração do poeta que viveu,
que ficou batendo
tão só
tão bom
tão bom
tão só.

Mestre Aurélio passa sózinho entre as rosas
acompanhado de três sombras silenciosas.
Só seus olhos vêem estas sombras
porque estão cansados do presente.
Mestre Aurélio está cansado no presente
de carregar o fardo cheio do passado...

Há cincoenta anos as casas de Ouro Preto
já eram velhas, já estavam pretas
mas ainda eram pretas as sobrancelhas
e era preta a cabeleira
do farmacêutico Aurélio Pires.
E eram vermelhas quentes sonoras
casadas á voz das flautas
as quatro vozes de quatro vates.